

UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

***PROJETO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL EM ALMODÔVAR:  
DO DIAGNÓSTICO ÀS ESTRATÉGIAS***

**Ricardo da Palma António**

**Trabalho de Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Educação Social**

**Efetuada sob a orientação de:**

**Joaquim do Arco**

**2015**

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

***PROJETO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL EM ALMODÔVAR:  
DO DIAGNÓSTICO ÀS ESTRATÉGIAS***

**Ricardo da Palma António**

**Trabalho de Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Educação Social**

**Efetuada sob a orientação de:**

**Joaquim do Arco**

**2015**

***PROJETO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL EM ALMODÔVAR:  
DO DIAGNÓSTICO ÀS ESTRATÉGIAS***

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA DE TRABALHO**

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluídas.

ASSINATURA

---

Copyright Ricardo da Palma António

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser criado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor.

*“Há uma força motriz mais poderosa que o vapor, a eletricidade e a energia atômica:  
A Vontade!”*  
Albert Einstein

## **AGRADECIMENTOS**

A materialização deste estudo só foi possível graças ao apoio, paciência e aceitação de várias pessoas, e entidades, a quem quero deixar os meus sinceros agradecimentos:

Em primeira instância, cumpre-me agradecer ao Professor Joaquim do Arco pelo privilégio em ter admitido orientar este trabalho de Projeto, pela sua disponibilidade, opiniões, espírito crítico e reflexivo, pela sua indiscutível sapiência e entrega à Educação Social, pelo contributo e elucidação sobre o papel do Educador Social nas comunidades e nos processos de desenvolvimento local e sobretudo pelo acompanhamento sempre presente ao longo da minha vida académica e desta investigação.

Sendo este um trabalho subordinado à temática do desenvolvimento local, também não poderia deixar de prestar o meu tributo ao Professor Doutor António Fragoso, pela competência demonstrada enquanto professor da Licenciatura e professor e diretor do Mestrado em Educação Social, pelo seu conhecimento sobre o tema e pelas sábias críticas e observações (que mais se definem como contribuições) que viabilizaram a condução com maior clareza deste trabalho.

À minha família, pelo reconhecimento do esforço e dedicação que dei a este estudo e pela compreensão do tempo que passou sem mim; à minha `cara-metade`, Rita, pelo modo paciente como suportou todas as alterações de vida, pela forma como me incentivou e apoiou nos momentos mais difíceis, pela paciência e compreensão e acima de tudo pelo amor e pelo suporte constante ao longo dos tempos; ao meu grande amigo Luís Farrajota, pelos constantes incentivos, aconselhamentos, amizade de uma vida e com quem partilho os bons e maus momentos; ao meu amigo *Joca* por ter acreditado em mim e no projeto e pela amizade construída; ao meu amigo Vítor Vinagre, pela forma, mesmo que inconsciente, como me levou a não desistir e a terminar este percurso; a todos os meus colegas e amigos que possa ter prejudicado com as minhas ausências; e a todas as pessoas que colaboraram na investigação.

Um agradecimento especial às entidades e agências oficiais que contribuíram para a investigação - Centro de Emprego de Ourique e Centro de Emprego e Formação Profissional de Beja, CQEP de Almodôvar, Delegação Regional de Educação do Alentejo, Direção Geral do Planeamento e Gestão Financeira do Ministério da Educação e Ciência, CRIA-UAIG, demais individualidades e às várias associações e coletividades do concelho de Almodôvar pela disponibilidade, amabilidade e colaboração prestadas.

Uma palavra de consideração à entidade que acolheu esta investigação - Câmara Municipal de Almodôvar - pela abertura e disponibilidade demonstrada desde o início do projeto.

Por tudo isto, e pelo resultado obtido, acredito que este projeto, despretensioso, pragmático e aplicável, irá cumprir e satisfazer os intentos daqueles que se interessam pelo concelho de Almodôvar, apresentado a Educação Social, enquanto área científica, como um dos motores do desenvolvimento local.

Acima de tudo, desejo que este trabalho seja encarado como uma mais-valia para o município de Almodôvar, para o seu desenvolvimento e pela promoção da devida valorização territorial, cultural, social, educativa, económica e reconhecimento patrimonial.

## **RESUMO**

Ao longo dos anos, o tema do desenvolvimento local foi sofrendo transformações que, de uma forma ou de outra, tendem a deixar na *penumbra* uma definição concreta enquanto conceito. Este projeto, além da sua finalidade paradigmática inscrita nos princípios do desenvolvimento local e que pretende, também, contribuir para a definição do conceito de desenvolvimento local, resulta da recolha de dados sobre a comunidade de Almodôvar (entidades públicas e privadas, organizações e sociedade civil) e sobre as perceções que a mesma tem quanto ao seu território, de que forma as pessoas encaram o seu património, que potencialidades, recursos e oportunidades identificam, bem como as fragilidades, e como se envolvem (ou não) nos processos de desenvolvimento local. Deseja-se, acima de tudo, apresentar algumas considerações estratégicas e úteis para Almodôvar, apontando a promoção e aposta no trabalho em parceria, em rede, integrado e articulado com recursos endógenos, reforçado pelo exógenos, e na participação e capacitação da comunidade, como fatores fundamentais para o desenvolvimento deste território.

Pretende-se, também, apresentar ao município de Almodôvar e a toda a comunidade que a Educação Social é uma área científica dotada de profissionais especificamente preparados para desenvolver a sua ação em qualquer contexto, com capacidades de atuação ao nível dos territórios, da capacitação pessoal, comunitária e em prol da transformação social. A Educação Social, pela clara relação de complementaridade entre as áreas da educação e do social, pode, através de processos de investigação, ajudar a identificar problemas e promover a sua resolução partindo da própria comunidade.

Neste sentido, o compromisso deste projeto é, definitivamente, o de poder contribuir para que a comunidade do concelho de Almodôvar se autodesenvolva e capacite para que apreenda, identifique, participe e valorize a sua realidade, visando o efetivo desenvolvimento do seu território.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento Integrado; Economia; Cultura; Educação Social; Estratégias.

## **ABSTRACT**

Over the years, the subject of local development has undergone transformations that, in one way or another, tend to leave in the twilight a concrete definition as a concept. This project, in addition to its registered paradigmatic goal in local development principles and that also intends to contribute to the definition of the concept of local development, results of data collection in the Almodôvar community (public and private entities, organizations and civil society) and on the perceptions that it has about its territory, how people approach their assets, which capabilities, resources and opportunities identified and weaknesses, and how to engage (or not) in local development processes. It is aspired, above all, to present some strategic and useful considerations for Almodôvar, aiming the promotion and commitment to work in partnership, network, embedded and linked to endogenous and reinforced by exogenous resources, and in the participation and community empowerment, as fundamental factors for the development of this territory.

It is also intended to present to the municipality of Almodôvar and its community that Social Education is a scientific area with specifically trained professionals equipped to develop their action in any context, with operating capabilities at the level of territories, personal and community training and in favor of social transformation. Social Education, through its clear complementarily between education and social areas, can, through research processes, help to identify problems and promote their settlement out breaking from the community.

In this sense, the commitment of this project is definitely the of being able to contribute community of Almodôvar county to develop itself and empower it to seize, identify, participate and appreciate their reality, aiming the effective development of their territory.

**Keywords:** Integrated development; Economy; Culture; Social Education; Strategies.

## ÍNDICE

Agradecimentos.....	v
Resumo.....	vi
Abstract .....	vii
Introdução .....	1
Capítulo I - Enquadramento teórico .....	7
1.    Conceito de projeto em Educação Social.....	7
2.    O desenvolvimento e as suas dimensões .....	9
2.1.    Desenvolvimento VS crescimento económico.....	12
2.2.    Capital social e desenvolvimento .....	13
2.3.    Desenvolvimento comunitário.....	14
2.3.1. Animação Comunitária no contexto .....	16
2.3.2. O “caso” Portugal .....	17
2.4.    Desenvolvimento Local.....	18
3.    A evolução do conceito.....	21
3.1. <i>Empowerment</i> e participação comunitária.....	23
3.2.    Desenvolvimento local orientado para a comunidade e de base comunitária .....	25
4.    Cultura, economia, educação e desenvolvimento local – Que relações?.....	28
4.1.    Empreendedorismo e inovação.....	30
Capítulo II – Metodologia .....	33
5.    Delineamento do estudo.....	33
5.1.    Condução da investigação .....	35
5.2.    Fases estruturantes da investigação .....	36
6.    Abordagem, universo de estudo e participantes .....	38
6.1.    Fundamentação metodológica .....	38
6.1.1. Opções metodológicas: Que caminhos? .....	39
6.1.2. O Paradigma.....	39
6.1.3. O Método .....	40
6.2.    Técnicas de recolha e registo de dados.....	42
6.2.1. Pesquisa documental .....	42
6.2.2. Conversas informais VS Entrevistas informais .....	42
6.2.3. Observação participante e não participante .....	43
6.2.4. Notas e caderno/diário de campo .....	44

6.2.5. Inquérito por questionário .....	44
6.2.6. A entrevista .....	46
6.2.7. Os Inquéritos <i>On-Line</i> .....	47
6.3. Dados primários e secundários .....	48
7. Análise, interpretação e triangulação de dados .....	49
7.1. Análise de conteúdo das entrevistas .....	49
7.2. Triangulação metodológica .....	52
Capítulo III – Apresentação de dados e discussão e resultados .....	53
8. Contextualização do estudo .....	53
8.1. Apresentação de dados .....	55
8.2. Cruzamento de dados e interpretação resultados.....	61
8.3. Potencialidades e estrangulamentos .....	66
Capítulo IV - O projeto .....	68
9. Considerações estratégicas.....	68
9.1. Estrutura e dinâmicas do Projeto .....	72
Capítulo V – Conclusões.....	80
10. Apreciações finais .....	80
Referências Bibliográficas .....	87
Anexos.....	95
Anexo 1 - Caderno de Campo .....	96
Anexo 2 – Jornadas de desenvolvimento local.....	110
Anexo 3 – Grelha de Observação ‘Jornadas’ .....	111
Anexo 4 - Questionário.....	112
Anexo 5 – Questionário <i>On-line</i> .....	114
Anexo 6 - Cronograma .....	118
Anexo 7 – Desenho de investigação.....	119
Anexo 8 - Guião Entrevista E2.....	120
Anexo 9 - Guião Entrevista E3.....	121
Anexo 10 - Guião Entrevista E4.....	122
Anexo 11 - Guião Entrevista E5.....	123
Anexo 12 – Transcrição da entrevista exploratória ( <i>E1</i> ).....	124
Análise de conteúdo categorial – entrevista exploratória ( <i>E1</i> ) .....	132
Anexo 13 – Transcrição da entrevista <i>E2</i> .....	140
Análise de conteúdo categorial – entrevista <i>E2</i> .....	150

Anexo 14 – Transcrição da entrevista <i>E3</i> .....	160
Análise de conteúdo categorial – entrevista <i>E3</i> .....	169
Anexo 15 – Transcrição da entrevista <i>E4</i> .....	175
Análise de conteúdo categorial – entrevista <i>E4</i> .....	197
Anexo 16 – Transcrição da entrevista <i>E5</i> .....	211
Análise de conteúdo categorial – entrevista <i>E5</i> .....	226
Glossário das Entrevistas .....	237

### **ÍNDICE de ILUSTRAÇÕES**

Ilustração 2.1 - Análise SWOT (Relatório de Práticas II, 2012/2013) .....	33
Ilustração 2.2 - Análise SWOT Investigativa.....	34
Ilustração 2.3 - Fases estruturantes da investigação.....	36
Ilustração 2.4 - Ciclos da Investigação-Ação.....	41
Ilustração 3.5 - Tipologia das associações .....	60
Ilustração 3.6 - Localização da sede das associações.....	60
Ilustração 3.7 - Público-alvo das associações .....	60
Ilustração 3.8 – Perceção sobre as atividades da associação.....	60
Ilustração 3.9 – Perceção da interação interassociativa por parte das associações .....	64
Ilustração 3.10 - Opinião das associações sobre espaço cultural, económico e socioeducativo, único.....	65
Ilustração 3.11 - Opinião das coletividades sobre espaço único para associações do concelho .....	65

### **ÍNDICE de ESQUEMAS**

Esquema 1.1 - Caraterísticas do Desenvolvimento .....	11
Esquema 2.2 - Esquematização metodológica .....	39
Esquema 2.3 - Processo simplificado de análise de conteúdo .....	51
Esquema 4.4 - Organograma do Projeto DL .....	73

### **ÍNDICE de GRÁFICOS**

Gráfico 3.1 - Participação populacional, por freguesia, nos Questionários .....	56
Gráfico 3.2 - Situação profissional dos participantes por Freguesia .....	57
Gráfico 3.3 - Profissão dos participantes por Freguesia.....	57
Gráfico 3.4 - Tipos de apoio à empregabilidade percecionados pelos participantes .....	58

Gráfico 3.5 - Perceção dos participantes sobre o apoio da Autarquia ao nível da empregabilidade.....	58
Gráfico 3.6 - Perceção dos participantes sobre os apoios que devem/podem existir.....	58
Gráfico 3.7 - Necessidade de recorrer aos apoios .....	58
Gráfico 3.8 – Perceção sobre o apoio às associações por parte da autarquia (CMA).....	59
Gráfico 3.9 - Perceção sobre atividades educativas, por freguesia .....	59
Gráfico 3.10 - Atividade do questionário On-line.....	59
Gráfico 3.11 - Perceção da interação interassociativa por parte da população .....	64
Gráfico 3.12 - Opinião da população sobre espaço cultural, económico e socioeducativo, único.....	65
Gráfico 3.13 - Opinião da população sobre espaço único para associações do concelho .....	65

### **ÍNDICE de TABELAS**

Tabela 2.1 - Tabela-síntese de atividades formais .....	36
Tabela 3.2 - <i>Crosstabulation</i> género dos participantes - escolaridade dos participantes - nome da freguesia .....	56
Tabela 3.3 - Sinopse categorial comparativa de entrevistas.....	63

### **GLOSSÁRIO de SIGLAS e ACRÓNIMOS**

**CE** – Comissão Europeia

**CEFPO** – Centro de Emprego e Formação Profissional de Ourique

**CQEP** - Centro para a Qualificação e Ensino Profissional (de Almodôvar)

**CMA** – Câmara Municipal de Almodôvar

**DL** – Desenvolvimento Local

**DLBC** – Desenvolvimento Local de Base Comunitária

**DLOC** – Desenvolvimento Local Orientado para a Comunidade

**JFA** – Junta de Freguesia de Almodôvar

**JFA/SGP** – Junta de Freguesia de Almodôvar e Sr<sup>a</sup>. da Graça dos Padrões

**OTS** – Organizações do Terceiro Setor

**PENT** – Plano Estratégico Nacional do Turismo

**PIB** – Produto Interno Bruto

**PNUD** – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

**PO** – Programa Operacional

**PT 2020** – Portugal 2020 (Estratégia Europa 2020, da Comissão Europeia)

**SOMINCOR** – Sociedade Mineira Neves Corvo

## **INTRODUÇÃO**

Ao abordarmos o conceito de desenvolvimento local surgem-nos desde logo as questões do *porquê* e *para quê*? Por que é que continuamos a tentar intervir na vida das pessoas, dos grupos, das entidades, para que estas se emancipem, capacitem e acima de tudo participem ativamente na comunidade onde estão inseridas? Para quê investir em locais que o segmento populacional mais jovem abandona, por norma, e onde a população está envelhecida, dando origem a baixos recursos humanos, limitada nas atividades ocupacionais, com reduzida capacidade empresarial e de recursos naturais muito subaproveitados? As respostas a estas questões são sintetizadas nos objetivos basilares do desenvolvimento local, que se traduzem no melhoramento da qualidade de vida das pessoas, na promoção da fixação dos jovens, no reforço da identidade local, na valorização dos recursos humanos, naturais, culturais e patrimoniais e no estimular, animar e dinamizar a economia local.

Sendo o concelho de Almodôvar um município localizado no interior do país e que, pelas suas características, tende a que cada vez mais se torne num concelho envelhecido, embora transversal a todos os territórios do interior, com índices altos de isolamento, com empregos escassos, com pouca oferta educacional e formativa, e onde o êxodo se torna num fator de caráter permanente, julgou-se pertinente estruturar um projeto de desenvolvimento local que permita inverter algumas tendências e que contribua estrategicamente para a evolução deste município.

As dinâmicas (integradoras) que acarreta um projeto de desenvolvimento local, até no momento de crise que o país e o mundo atravessam, tendem a estimular o despertar de consciências para estas interações sociais e poderão ajudar a proporcionar e a elevar o conceito de solidariedade, voluntariado e entreajuda, criando uma maior proximidade entre as pessoas. Crê-se que é nas alturas de crise (política, económica e principalmente social) que os países atravessam que as populações mais se devem apoiar e unir como forma estratégica de contribuir para o seu desenvolvimento

Os processos do desenvolvimento local, com todas as suas abrangências, tendem a promover a intervenção entre a educação, o emprego, a cultura e as famílias e são apoiados e impulsionados por atividades concertadas e devidamente organizadas. Estas atividades predispõem-se a servir como ferramentas de auxílio a pessoas e comunidades a dar-lhes o *empowerment* e a fomentar a satisfação de competências pessoais que irão capacitar para a autonomia, autorrealização e autoestima e promover o desenvolvimento das relações sociais.

Crê-se que é criando sinergias e formando capacidades que promovam a coparticipação dos membros de uma comunidade para que as pessoas e entidades se unam e se tornem mais coesos que se promove o desenvolvimento local. Este inscreve-se numa grande diversidade de processos na organização dos territórios derivados de esforços conjuntos da população, dos seus líderes, dos agentes públicos e privados, onde o objetivo principal é a construção de um projeto de desenvolvimento integrado e que englobe diversas dimensões (económicas, sociais, culturais, etc.), visando a melhoria das condições de vida das pessoas e promovendo o bem-estar geral da comunidade.

Relativamente à pertinência, pressupostos e objeto de estudo, esta investigação deve-se, sobretudo:

- a) À forte ligação pessoal e sentimental do investigador com este território;
- b) Ao trabalho desenvolvido no decurso das práticas do 3º ano da licenciatura em Educação Social, e, sentindo que esse trabalho ficou a meio do percurso e que necessitaria de uma continuidade;
- c) E, acima de tudo, pelo especial interesse pessoal sobre a temática do desenvolvimento local.

Neste sentido, a seleção do tema resultou de uma proposta inicial de investigação efetuada ao atual executivo da Câmara Municipal de Almodôvar, proposta essa que se traduzia no estudo sobre a utilidade ou viabilidade de criação de um Centro de Dia no município, uma vez tratar-se de uma necessidade sentida pela comunidade. A sua discussão e estruturação foram partilhadas desde início com o município e resulta do trabalho empírico realizado no imediato, após proposta, tendo daí evoluído e conduzido aos objetivos e no caminho efetivo a tomar e que resultou neste projeto de investigação baseado no desenvolvimento local.

Algumas das metas nacionais e europeias relacionadas com o conceito de desenvolvimento local consistem em promover o trabalho em parceira, em comunhão e articulação de esforços, no trabalho em rede entre todos os atores locais, no desenvolver a participação comunitária em ações culturais, políticas, cívicas, sociais e económicas, e estas serão as metas deste projeto para que se contribua efetivamente para o desenvolvimento deste território.

Em termos sociais pretende-se que este trabalho de projeto forneça algumas indicações ao município, tendo em conta a melhoria das condições de vida da população de Almodôvar, pretendendo conhecer, com um olhar mais crítico, reflexivo e ativo a realidade da comunidade, além da sua identidade, as suas características a nível funcional e em termos de

ocupação. Foi, assim, na tentativa de perceber a organização social deste território que surgiu a questão de partida:

*Sentirá e identificará a comunidade de Almodôvar a necessidade de um projeto de desenvolvimento local?*

Contudo, e sendo certo que nada é estanque numa investigação em ciências sociais, foram surgindo questões acessórias que serviram de impulso ao objeto de estudo:

*De que forma se organiza esta comunidade? (Quem são os líderes locais? Como atuam neste território? Como se mobilizam? Como interagem?)*

*Que relações pessoais e coletivas existem nesta comunidade?*

*Quem são os principais atores sociais, políticos, económicos, culturais e educacionais deste território?*

*Que fragilidades e potencialidades são identificadas pela comunidade?*

*Como vê a população o seu território em termos socioeducativos, culturais e de empregabilidade?*

*Que articulação existe entre os setores cultural, económico e socioeducativo do concelho?*

*Que contributos estratégicos de desenvolvimento podem ser apontados para melhorar a qualidade de vida deste local?*

Tendo como objeto de estudo o território e os processos de desenvolvimento local do concelho de Almodôvar, esta investigação não se baseou apenas em fundamentos teóricos mas, essencialmente, empíricos, dada a práxis investigativa efetuada com a comunidade. Este empirismo, deriva sobretudo do trabalho de Práticas realizado no 3º ano da Licenciatura em Educação Social (2012/2013), resultante fundamentalmente da observação participante efetuada na e com a comunidade da Vila de Almodôvar, onde foram trabalhadas as dimensões do desenvolvimento participativo, da capacitação pessoal e coletiva, da capacidade crítica e reflexiva, da autonomia e do *empowerment*.

De uma forma geral, pretende-se com este trabalho de projeto identificar as práticas e dinâmicas sociais da comunidade do concelho de Almodôvar (pessoas, entidades, associações e empresas.); aferir a forma como as pessoas encaram a sua cultura (património histórico e imaterial, tradições, hábitos e costumes); apresentar de que forma as associações locais trabalham (ou não) em rede e quais os seus contributos no desenvolvimento do concelho; mostrar de que forma as entidades públicas e privadas, intra e extra-locais, são encaradas pela comunidade na questão da empregabilidade; de que forma a educação atua em todos os

segmentos populacionais do concelho; e ainda, que perceção tem a comunidade quanto à atuação e posição da Câmara Municipal quanto a estas dimensões (económicas, culturais e socioeducativas).

Do resultado da consulta efetuada à população do concelho de Almodôvar, representada nesta investigação por agentes e líderes locais, pela comunidade em si e no resultado das pesquisas documentais, observações e conversas informais, entrevistas e questionários realizados, apresentar-se-ão estratégias que podem aproximar, dinamizar e desenvolver a população nas suas dimensões culturais, económicas e socioeducativas e, logo, promover o desenvolvimento local.

Este projeto pretende, ainda, sinalizar um conjunto de indicadores que possam ser encarados como mais-valias pelo município de Almodôvar de forma a serem aplicados na comunidade no sentido do seu desenvolvimento económico, cultural e socioeducativo. Assim, foram traçados os seguintes objetivos:

#### **Geral A**

Identificar entidades, associações e atores potenciais de desenvolvimento local.

#### **Específicos**

*aa.* Perceber as principais dinâmicas participativas e atividades dos atores e entidades sociais, culturais, educativas e económicas do concelho de Almodôvar;

*ab.* Conhecer se essas dinâmicas e atividades têm contribuído para o desenvolvimento local;

*ac.* Obter dados capazes que permitam perceber de que forma os atores locais trabalham, ou não, de forma articulada e em parceria;

#### **Geral B**

Promover a capacitação comunitária.

#### **Específicos**

*ba.* Identificar recursos disponíveis, e não disponíveis, no campo de ação desta comunidade e território;

*bb.* Estimular para a criatividade, a inovação, o empreendedorismo e a transformação social desta comunidade;

**bc.** Capacitar a comunidade local para ações integradas, inclusivas, participativas e de resposta a novos desafios (econômicos, sociais, culturais, etc.).

### **Geral C**

Estruturar um projeto de desenvolvimento local que contribua para o crescimento do concelho de Almodôvar, num sentido lato.

### **Específicos**

**ca.** Perceber a aplicabilidade do plano/projeto pelos líderes locais;

**cb.** Identificar estratégias de desenvolvimento derivadas do estudo e da comunidade;

**cc.** Discutir os processos com entidades e atores locais;

**cd.** Apresentar publicamente o projeto.

Em termos estruturais, este trabalho de projeto foi organizado do modo considerado mais lógico, por forma a permitir uma fácil leitura e interpretação, sendo organizado em cinco capítulos, além da introdução:

I – Enquadramento teórico, onde é apresentada a abordagem ao objeto de estudo e toda a teorização relacionada com o conceito de projeto em Educação Social e toda a temática em torno do desenvolvimento local, com abordagens ao desenvolvimento e participação comunitária, assim como ao *empowerment*; à dicotomia, ou complementaridade, entre desenvolvimento e crescimento; à relação entre educação, cultura e economia; ao empreendedorismo e inovação; sendo apresentada ainda argumentações sobre o papel da Educação Social e do Educador Social no contexto;

II – Metodologia, onde é explicitada a contextualização e a opção metodológica tomada (paradigma, método e técnicas), bem como o delineamento do projeto e a análise de dados, sendo apresentada a forma utilizada da análise de conteúdo das entrevistas, interpretação e apresentação de dados;

III – Apresentação, discussão e interpretação de resultados e identificação de potencialidades e estrangulamentos sentidos;

IV – O Projeto: onde são apresentadas todas as considerações estratégicas, estruturação e dinâmicas do projeto;

V – Conclusão: com interpretações conclusivas e pistas de investigação futuras.

Assim, pretende-se que este estudo contribua (ainda) para a sensibilização da própria comunidade para encarar o desenvolvimento local como um fator intrínseco, cabendo a cada

pessoa ou grupo um papel ativo, de forma a contribuir para a evolução, crescimento e melhoria da qualidade de vida das pessoas e do concelho de Almodôvar. Esta investigação, conduzida pela essência da Educação Social enquanto área promotora da transformação social e da mudança pessoal e coletiva, tem como finalidade apontar estratégias que sirvam de *fio condutor* para a participação ativa de toda a comunidade e que contribua para o seu desenvolvimento cultural, económico, político, social e educativo.

## **CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1. CONCEITO DE PROJETO EM EDUCAÇÃO SOCIAL**

A conceção de projeto em Educação Social vai no sentido claro de compreender para mudar, fundada, essencialmente, numa postura investigativa, sendo que esta “(...) atitude investigativa é a base para o ser humano se colocar em projeto e que aqui se encontra o recurso fundamental à mudança e à inovação educativa” (Mendonça, 2002, p.21).

Contudo, por vezes a realidade de cada contexto torna-se dissemelhante e complexa, o que implica tentar percebê-la no sentido de saber o que existe e quais as lacunas; como é encarada essa realidade pelas próprias pessoas; que opções são verificadas para resolução dos problemas encontrados; e o que é necessário para promover uma aproximação entre o que existe e o que se ambiciona (Cembranos, Montesinos & Bustelo, 2001). Estas foram algumas das preocupações sentidas no início deste projeto, sendo que desde sempre procurou-se reforçar a relação de confiança e proximidade com a comunidade de Almodôvar e com os vários atores locais e extra-locais. Esta posição foi permitindo refletir sobre os problemas detetados e, assim, assumir um compromisso ético e moral em prol da transformação positiva, visando e contribuindo para o desenvolvimento desta comunidade.

Este trabalho de projeto, como já referido, tem na sua génese os princípios da Educação Social, seguidos pelas linhas de pensamento de Carvalho e Baptista (2004). Estes autores definem projeto como uma intervenção planeada, institucionalmente confinada ou aplicada com e na comunidade, onde “(...) os educadores não estão sozinhos, a sua prática pedagógica obedece a um determinado projecto que, articulando diferentes níveis de mediação, determina e enquadra as relações interpessoais (...)”(p.70). No seguimento deste pensamento, Ander-Egg (1989, citado em Pérez-Serrano, 2008) entende que

(...) a construção de um projecto consiste na organização de um conjunto de acções e actividades realizáveis, onde implica o uso de recursos humanos, financeiros e técnicos, numa determinada área ou sector, com o objectivo que certas metas ou objectivos que sejam alcançáveis. (p.19)

A educação é uma dimensão importantíssima nos projetos de desenvolvimento local e, neste sentido, a Educação Social enquanto área científico-pedagógica pode ter um papel preponderante neste contexto. As suas capacidades estratégicas vão no sentido de promover o desenvolvimento humano: na melhoria da qualidade de vida das pessoas tendo por base a igualdade de oportunidades, ajudando a criar uma distribuição mais igualitária dos benefícios do desenvolvimento (Griffin & McKinley, 1994); de melhorar o desenvolvimento social: tendo em conta todas as pessoas e onde o seu desenvolvimento garantirá a equidade, a mobilidade e a coesão social, a participação, o *empowerment*, a diversidade cultural e o desenvolvimento institucional (Serageldin, 1995); e de garantir o desenvolvimento sustentável: não só numa perspetiva ambiental como também focado nas pessoas que vivem hoje e as que viverão no futuro, implicando uma contribuição adequada para a manutenção do crescimento e do capital, bem como o uso eficiente dos recursos naturais (Sachs, 1993). Estas capacidades apontam a que, cada vez mais, a Educação Social se torne numa ferramenta útil na manutenção de um desenvolvimento e crescimento mais sustentáveis, capazes de suprir as suas necessidades imediatas, de descobrir ou despertar as suas vocações locais e de desenvolver as suas potencialidades específicas sem comprometer gerações futuras.

A Educação social procura contribuir para a mudança, procura dinamizar e animar as culturas, assegurar a participação ativa de todos os cidadãos, lutar contra a exclusão e a discriminação, e defender os direitos humanos. Logo, aparece como uma nova estratégia e de promoção comunitária, pois torna-se importante desenvolver iniciativas que fomentem o desenvolvimento humano, a participação e a transformação social. Através da articulação entre a área da educação e do trabalho social, a educação social pode intervir junto da população, na medida em que pretende ir ao encontro das necessidades, interesses e potencialidades de pessoas e grupos com quem desempenha o seu trabalho, com uma ação sociopedagógica que impulse a consciencialização dos indivíduos, motivando-os a participarem ativamente para o seu próprio desenvolvimento. A Educação Social pode ser entendida de diferentes pontos de vista, sendo um deles visto como didático do social, ou seja, é vista como tendo um papel de intervenção sociocomunitária face aos problemas existentes na sociedade, e entende-se como a ajuda ao desenvolvimento social dos indivíduos com o objetivo de este viver corretamente com os aspetos sociais da sua vida a nível pessoal, comunitário, cívico e político (Quintana, 1944). Trabalha com e para todos, sendo esta verdadeira matriz da Educação Social, onde ajuda os indivíduos a ganharem autoconfiança e competências para poderem enfrentar de uma outra maneira os problemas com que se deparam, autonomizando-os, levando-os a romper com a solidão e o isolamento, criando e

organizando espaços para o convívio e interação com os outros. É uma área de educação que permite explorar novas estratégias que promovem a mudança/transformação social da realidade e que contribui para o melhoramento da qualidade de vida social. As suas principais dimensões são no plano do conhecimento: para ter capacidades de entender os fenómenos sociais; no plano de ação: criando atividades e envolvimento das pessoas, dando-lhes sentimentos de autoconfiança e capacitando-as para enfrentar os problemas; e no plano da relação: com intenção de intervir na vida de outras pessoas, procurando influenciar positivamente o seu percurso de desenvolvimento e promovendo a interação e convivência entre todos, gerando melhorias nas relações sociais e contribuindo para a melhoria de vida das pessoas (Haro, 1998).

## **2. O DESENVOLVIMENTO E AS SUAS DIMENSÕES**

Ao conceito preponderante de desenvolvimento está verdadeiramente *entranhada* a ideia de desenvolvimento económico, muito marcado em “(...) décadas anteriores, hoje substituída no discurso dominante por crescimento” (Oliveira, 2001, p.11). Esta noção de desenvolvimento, direta e faturalmente relacionada à conceção de modernidade, concebida a partir do século XX (neste século não se falava em desenvolvimento mas sim em progresso), é decisivamente marcada pela evolução das sociedades europeias ocidentais e do capitalismo industrial (Burity, 2007).

A Revolução Industrial (a revolução agrícola, a revolução comercial, a revolução dos transportes e das vias de comunicação e a revolução tecnológica) e a Revolução Francesa (revolução cultural e filosófica, a revolução religiosa, a revolução científica e a revolução política) marcaram decididamente o nascimento do conceito de desenvolvimento e que, segundo Amaro (2003), se destacaram os seguintes fatores influentes na sua definição:

- i) Independência das antigas colónias europeias;
- ii) A resolução dos “problemas e vícios do subdesenvolvimento”;
- iii) Os desafios da reconstrução Europeia;
- iv) As exigências do confronto Leste/Oeste;
- v) A afirmação do keynesianismo, como novo paradigma da ciência económica;
- vi) As novas afirmações idealistas saídas da II Guerra Mundial. (pp.40-41)

O autor refere ainda que a modernização, enquanto conceção definida pela substituição das estruturas antiquadas e tradicionais do subdesenvolvimento pelas lógicas modernas, avançadas e liberais do desenvolvimento, é outro dos fatores ligado ao desenvolvimento e que

rompe com a ideia de que o crescimento económico era a (quase) única condição imprescindível ao desenvolvimento e ao bem-estar das pessoas. Aponta ainda que a modernização teve um impacto decisivo nas questões económicas, sociais e políticas do desenvolvimento dos primórdios após a segunda Guerra Mundial, bem como na viragem e procura dos novos conceitos de desenvolvimento.

Num sentido lato, o desenvolvimento pode ser encarado como um processo com características das mais variadas dimensões, sendo certo que a sua preocupação central deve ser o ser humano e tudo o que, de uma forma geral, pode provocar a melhoria das suas condições de vida. Segundo Matos (2000), tornou-se necessário apontar que o crescimento económico, enquanto elemento indubitavelmente ligado ao desenvolvimento, toma um sentido cada vez mais limitado e contrapõe-se, logo, ao desenvolvimento que abarca o crescimento económico propriamente dito e as suas naturais repercussões sobre o bem-estar das pessoas e o próprio sistema social.

Na perspetiva de Amaro (2003) surgiram, como resultado da modernização, seis novos conceitos ligados ao desenvolvimento assentes numa perspetiva multidimensional e interdisciplinar:

- 1) Desenvolvimento sustentável, com um cariz ambiental;
- 2) Desenvolvimento participativo, tendo como focos as pessoas e as comunidades;
- 3) Desenvolvimento humano;
- 4) Desenvolvimento social, correspondentes à afirmação dos direitos humanos;
- 5) Desenvolvimento integrado, enquanto conceito transversal a todos os outros;
- 6) Desenvolvimento local. (p.55-56)

Baseado nos princípios da coesão social, da participação, da democracia, do envolvimento comunitário, o desenvolvimento começa assim a ser visto como uma forma de emancipação das pessoas e não apenas o crescimento económico como condição razoável para o desenvolvimento (Reis, 2012). Para o autor, apesar do reconhecimento da forte contribuição que o crescimento teve para o desenvolvimento, verifica-se uma forte dicotomia quanto às suas metodologias. “Não basta crescer, torna-se necessário desenvolver, e este Desenvolvimento deve ser auto-sustentado, ou seja, sendo o desenvolvimento um processo contínuo e dinâmico, este, deverá ser capaz de se auto alimentar” (p.156).

Os processos de desenvolvimento não dependem unicamente do crescimento económico de uma região, dependem também da capacidade que essa região tem em desenvolver-se e conceber políticas, projetos e programas para acompanhar variados setores da sociedade

(Haddad, 2009). Neste sentido, Vachon (1993, citado em Ferreira, 2003) sustenta-se em três princípios fundamentais:

- i) O desenvolvimento não resulta apenas da função nem do valor económico das actividades de organização social dos indivíduos;
- ii) O desenvolvimento não releva somente dos grandes sistemas macro-económicos e das instituições centralizadas, estando também largamente ligado às micro-iniciativas, que não se limitam ao domínio económico;
- iii) A pessoa e a colectividade onde está inserida constituem a força motriz do desenvolvimento, através da capacidade dos indivíduos de agirem enquanto cidadãos, contrariando a visão sobrevalorizada das possibilidades tecnológicas. (pp.435-436)

Schallenger (2003) refere que a forte afirmação do idealismo da globalização e a incerteza social futura apontam para uma compreensão do conceito de desenvolvimento de forma inter e transdisciplinar, tendo implicações na necessidade de apreender nas diversas estruturas sociais a inteligência coletiva e os laços de solidariedade ativa que estimulam os diferentes processos de desenvolvimento local. Logo, coloca a pessoa humana como figura central do processo que, articulando-se com as diferentes organizações sociais locais e ao interagir com as mesmas e com o meio que as rodeia, constroem, de forma complementar, a sua maneira de ser. “O desenvolvimento é, pois, um processo coletivo de mudança social, verificado em elementos socioculturais, políticos e económicos territorializados.” (Schallenger, 2003, p.10)

Paolo (2003) vai mais longe e apresenta um modelo de desenvolvimento ligado a várias características:



Esquema 1.1 - Características do Desenvolvimento (adaptado de Paolo, 2003, p.21)

Atualmente, não obstante a ausência de uma definição geral e concreta de desenvolvimento, existe, no entanto, alguma unanimidade quanto ao facto de se verificarem elementos de ligação entre este e outros conceitos constantemente utilizados de forma indiscriminada na literatura, tais como o bem-estar e qualidade de vida (Moreira, 2009). O desenvolvimento é, assim, “(...) a diverse and multifaceted process of predominantly positive change in the quality of life for individuals and society in both material and non-material respects” (Simon, 2003, citado em Moreira, 2009, p.3).

## **2.1. DESENVOLVIMENTO VS CRESCIMENTO ECONÓMICO**

Entre os conceitos de desenvolvimento e crescimento económico foram-se estabelecendo relações tão fortes e estreitas que, por vezes, torna-se difícil distingui-los. Desenvolvimento pressupõe crescimento, a partir de um determinado momento, tendo subjacente a ideia de progresso (Diniz, 2010). O crescimento e o desenvolvimento complementam-se até ao ponto em que a economia perde a sua capacidade de adaptação a novas condições. Há uma sintonia entre os dois conceitos no início do processo sendo, desde logo, impossível pensar-se em desenvolvimento sem crescimento económico uma vez que qualquer alteração tem subjacente uma mudança e enquanto determinada economia não conseguir produzir mais do que consome, através do seu crescimento, torna-se inexequível a canalização de excedentes (Kindel-berger, 1976, citado em Diniz, 2010).

As ciências económicas têm como grande objetivo o crescimento e a valorização material. Contudo, nunca poderão descurar nem perder de vista o homem e a sua realidade envolvente (Stiglitz, 2002). Lopes (2006), acrescenta que “Só o altruísmo pode garantir a sobrevivência do processo de globalização como processo de desenvolvimento” (p.20). Souza (2009), recorrendo-se do pensamento de Adam Smith, propõe uma teoria de crescimento e desenvolvimento que ainda nos dias de hoje tem a sua importância, apontando que a expansão dos mercados tem influência direta no aumento do emprego e dos rendimentos. O próprio Adam Smith preocupou-se em identificar os critérios de classificação de formação de riqueza, e nesse âmbito, no ano de 1776, desenvolveu a obra, «A riqueza das nações», sendo aí elucidativo o objetivo de Smith em atribuir o desenvolvimento e o bem-estar de uma nação ao que é proveniente da divisão do trabalho, visto que “(...) é o principal fator para o surgimento de novos investimentos; logo, aumento no número de empregos: o capital, a tecnologia e população são complementares; os salários sobem e os lucros não caem” (Souza, 2009, p.26).

Porém, convém não nos esquecermos que atualmente encontramos-nos num período em que o desenvolvimento humano é uma característica tendente à extensão de opções que as pessoas dispõem para o processo de desenvolvimento e, logo, “(...) um bom crescimento económico é o que promove um desenvolvimento em todas as dimensões” (Paolo, p.43).

## **2.2. CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO**

O capital social, numa vertente sociológica, foi defendido em 1916 por Lydia Hanifan como o conjunto de elementos atingíveis e que as pessoas mais valorizam no seu dia-a-dia: a convivência, a simpatia, a solidariedade, as relações entre pessoas e a família. Bourdieu (1980) vem acrescentar que o capital social tem duas características elementares: a primeira, apontando-o como um recurso que tem ligações com a pertença a grupos e redes sociais, isto é, o volume do capital social que cada indivíduo possui depende da dimensão da sua rede de relações, mas também do volume de capital económico, cultural e simbólico de cada pessoa com quem esse indivíduo se relaciona. A segunda é que o capital social não se inscreve somente como característica de um grupo mas sim como uma qualidade resultante das interações entre todos os atores. O mesmo autor vem apontar o capital social como a interação e a ajuda mútua estabelecida por redes de relações, as quais são determinantes benéficos para o indivíduo ou para a sua classe social.

No mesmo sentido, Coleman (1988), partilhando da teoria de Bourdieu, vem defender que o capital social pode constituir-se como um recurso disponível para as redes de relações sociais e para cada ator social e que pode ser utilizado pelos próprios para atingirem determinados fins. O permanente interesse de Coleman (1990) no conceito de capital social consiste no facto do mesmo defender que este recurso permite aos atores sociais comprometerem-se em ações coletivas e que são estas, baseadas em relações de lealdade, confiança e capazes de gerar e concretizar expectativas, que se tornam recursos de capital úteis para os indivíduos. Estas ações coletivas, reforçadas e argumentadas por Fukuyama (1995) como capacidades de cooperação social, dependem de hábitos, costumes e tradições já existentes e que podem ser encontradas no *stock* de capital social de uma comunidade, capital social este construído coletivamente e resultante das interações entre indivíduos. Para este autor o capital social significa confiança, na medida em que “(...) o bem-estar de uma nação, bem como a sua capacidade de competir, é condicionada a uma única e abrangente característica cultural: o nível de confiança inerente à sociedade” (Fukuyama, 1995, p.21).

É, assim, nesta dimensão de *Rede*, de confiança, de partilha e com finalidade de estimular e capacitar a comunidade de Almodôvar para uma maior coesão social e no estreitamento de relações, que foram delineadas as linhas orientadoras deste projeto. O estreitar de relações interpessoais e sociais, baseadas na confiança, na ajuda mútua, nas redes sociais de compromisso cívico que incitam a prática geral da reciprocidade numa sociedade carregada de *stocks* significativos de capital social, tendem a promover o bem-estar das pessoas e, logo, o desenvolvimento da comunidade (Putnam, 1995).

A presença de princípios fundamentais como o despertar da participação ativa e da consciência crítica, procurando desenvolver as capacidades do indivíduo e da comunidade, fomentam o desenvolvimento comunitário em prol do bem-estar, de modo a envolver as próprias pessoas e entidades da comunidade e proporcionar um contributo para a resolução dos problemas existentes. O processo participativo no desenvolvimento promove não só a satisfação das necessidades das pessoas, mas também os seus processos de cidadania e de capacidades, assim como o reforço de competências e de *empowerment* (Amaro, 2009). É, por isso, “(...) um processo de aprendizagem social, centrado em dinâmicas coletivas em torno aos problemas de um determinado território e que poderia apontar à emancipação gradual das populações” (Fragoso, 2005b, p.25).

É, assim, baseado em dinâmicas coletivas, capacitando pessoas e organizações para que saiam das suas *quatro paredes* e colaborem ativamente com outras iniciativas, que se pode verificar algum impacto social nos territórios, visando a mudança social efetiva e o seu desenvolvimento (Monteiro, 2008).

### **2.3. DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

A origem do desenvolvimento comunitário aparece com os movimentos dos operários fabris do séc. XIX, que de forma organizada e com o auxílio da população agrária iniciavam as mais variadas atividades, como o cooperativismo, a ajuda mútua, de todas as formas, da população, a educação popular e instrução comunitária agrícola (Rezsohazy, 1988). Este movimento associativo mostrou a função ativa dos grupos sociais na forma como encaravam os seus problemas comunitários e como assumiram a sua resolução e direção. Tal como afirma Rezsohazy

(...) o Desarrollo Comunitário es una acción coordinada y sistemática que, en respuesta a las necesidades o a la demanda social, trata organizar el progreso global de una

comunidad territorial de una población-objetivo, com la participación de los interesados. (1988, p.18)

Logo, é-nos difícil abordar o tema do desenvolvimento local sem que reflitamos sobre o desenvolvimento comunitário. Segundo Ander-Egg (2003), os modelos e princípios metodológicos subjacentes aos conceitos de desenvolvimento constroem a sua ação na base comunitária. Este autor caracteriza o desenvolvimento comunitário como “(...) técnica social de promoção do homem e de mobilização de recursos humanos e institucionais (...)” (Ander-Egg 1980, p.69), que implica a participação ativa das pessoas no que toca a questões das suas comunidades e que dessa forma participada e democrática melhorem os seus níveis de vida.

Tido como um desafio constante, como alicerce da democracia participativa e como espaço de construção de cidadania ativa, o desenvolvimento comunitário revê na comunidade o *nervo central* para estruturação de alternativas de desenvolvimento territorial de forma sustentável e com capacidades de criar sinergias criadoras de envolvimento das populações (Viveiros, 2008).

Holdcroft (1978) definiu o desenvolvimento comunitário como sendo um

(...) processo, método, programa, instituição, e/ou movimento que: a) envolve toda a base da comunidade na solução dos seus próprios problemas, b) promove o ensino e insiste no uso de processos democráticos para a (re)solução de problemas comuns à comunidade, e c) estimula e facilita a transferência de tecnologias para que a comunidade possa solucionar, de forma efectiva, os seus problemas comuns. Unir esforços para resolver, de forma democrática e científica, os problemas comuns da comunidade foi visto como sendo um dos elementos essenciais ao desenvolvimento comunitário. (p.10)

Alguns princípios fulcrais do desenvolvimento local ou comunitário encontram correspondência no documento «*Desenvolvimento de Comunidade e Serviços Conexos*» das Nações Unidas, de 1956, onde o desenvolvimento de iniciativas direcionadas para a economia doméstica, tratando-se de um modo de educação informal das famílias rurais, e outras de educação para a saúde, para a capacidade produtiva e bem-estar da comunidade, são alguns dos serviços. O desenvolvimento local, emergente da crise dos anos 70 do séc. XX, apesar de em termos históricos nas décadas de 50 a 70 já existirem algumas ações pontuais de desenvolvimento comunitário, tal como tem sido exposto, considera-se um fenómeno de origem ocidental com peculiar incidência na Europa no pós II Guerra Mundial. A sua conceção abrange as mais variadas dimensões, tais como espaciais, económicas, sociais, culturais e políticas, e podem produzir um progresso sólido e durável que não se reduz a taxa

de crescimento do PIB. Com origem a partir dos trabalhos realizados no terreno pelos técnicos das organizações internacionais e não-governamentais (Nações Unidas) e na tentativa de desenvolver estratégias de desenvolvimento comunitário, cria-se nos anos oitenta uma nova forma teórica e prática de desenvolvimento centrado nas comunidades locais, pensado enquanto conceito de proximidade e de cidadania local (Amaro, 2009).

### **2.3.1. ANIMAÇÃO COMUNITÁRIA NO CONTEXTO**

A Animação, na perspetiva de Viveiros (2008), acontece nos processos de desenvolvimento da comunidade através de um conjunto de iniciativas, desde que se verifique o envolvimento ativo e comprometido dos grupos sociais nas práticas de ação comunitária.

Ander-Egg (2003) reforça esta perspetiva ao defender que

Una comunidad es una agrupación o conjunto de personas que habitan un espacio geográfico delimitado y dilimitable, cuyos miembros tienen conciencia de pertenencia o de identificación con algún símbolo local y que interaccionan entre sí más intensamente que en otro contexto, operando en redes de comunicación, intereses y apoyo mutuo, con el propósito de alcanzar determinados objetivos, satisfacer necesidades, resolver problemas o desempeñar funciones sociales relevantes a nivel local. (p.25)

No seguimento da conceção de Ander-Egg (2003) sobre desenvolvimento comunitário e local, e, uma vez que falamos de animação, educação para o desenvolvimento e participação, o desafio atual não deve limitar-se em transmitir conhecimentos a partir de um programa conjeturado com conteúdos elaborados à margem da participação das pessoas e da sua realidade, dos seus saberes e experiências, mas sim num currículo aberto. Considerando a utilização da animação comunitária como abordagem interventiva adequada perante o contexto estudado, objetivos, e, atendendo ao considerável índice de envelhecimento da comunidade, Hervy (2001, citado em Jacob, 2007), reitera isso mesmo quando afirma que “A importância da animação social das pessoas mais velhas é facilitar a sua inserção na sociedade, a sua participação na vida social e, sobretudo, permitir-lhes desempenhar um papel, inclusive reactivar papéis sociais” (p.6).

Animar o desenvolvimento comunitário é educar para os valores do *local*, sensibilizar para o papel que cada indivíduo pode cumprir para o bem comum e

(...) deve privilegiar novas formas de olhar a realidade na perspectiva das gentes, trabalhar com elas um conjunto de competências, valores e princípios desde as suas

raízes culturais, no sentido da valorização da auto-estima e da cultura, elemento central da ideia de comunidade”. (Viveiros, 2008, p.8)

A animação comunitária assume-se, assim, como modelo de rutura das desigualdades sociais e desenvolve a capacidade de participação e de associativismo e de melhorar as relações humanas da comunidade. Num claro propósito de educar para intervir, e, munindo-nos do pensamento de Paulo Freire (1983), a animação comunitária tende a provocar mudanças reais nas relações das pessoas e na sua autonomia, no trabalho, na educação e na saúde, que as leve a ter os meios para fazer uma reflexão constante sobre a sua vida e decidir conscientemente sobre ela.

### **2.3.2. O “CASO” PORTUGAL**

As primeiras ações de desenvolvimento comunitário em Portugal ocorreram na década de 70, sendo o conceito fundamentado na teoria da investigadora Manuela Silva (1964), a qual expõe a participação das pessoas/comunidade como fator fundamental em todas as fases do processo de desenvolvimento. Avocando-se como uma técnica, o desenvolvimento comunitário assume implicações extensivas a uma diversidade de situações e não se limita apenas aos casos das regiões menos desenvolvidas. Mesmo nos países que hoje são chamados de desenvolvidos, quer do ponto de vista económico quer social, houve regiões que não alcançaram ou acompanharam a evolução do fenómeno do crescimento. E essa é uma realidade transcrita no território português, sendo que “(...) o desenvolvimento comunitário deverá provocar a reintegração das zonas não evoluídas no ritmo geral do desenvolvimento nacional e assim corrigir (...) as actuais assimetrias regionais verificadas” (Silva, 1964, p.502).

Contudo, somente a partir da década de 80 e baseado no paradigma «*territorialista*», assente em pressupostos de integração territorial de desenvolvimento e que rompe com o modelo «*funcionalista*», assente em pressupostos de difusão espacial do desenvolvimento (Henriques, 1990) e com as respostas da sociedade civil, o desenvolvimento local começou a ganhar importância.

O paradigma funcionalista de desenvolvimento fundamenta-se na ideia estritamente económica da teoria neoclássica, que admite como pressupostos a incapacidade da população em satisfazer as suas próprias necessidades ou gerar o próprio bem-estar de forma autónoma e com recursos próprios (Henriques, 1990). Com isto, e como refere Amaro (1991), levanta-se a questão das populações serem pobres de espírito e que por isso necessitam de um educador

definido pela espacialização fordista de visão centralizadora e estimulada pelo princípio do desenvolvimento a partir de cima para baixo (*bottom-down*).

De forma gradual e progressiva, o funcionalismo foi sendo substituído pelo paradigma territorialista, motivando alguma controvérsia sobre o tema do desenvolvimento. É, no entanto, baseada no paradigma territorialista, com uma visão direcionada de baixo para cima (*bottom-up*) e que pretende ultrapassar os desequilíbrios regionais através do apelo não só a fatores externos mas, também, baseada nos próprios recursos dos territórios (Vázquez-Barquero, 1995). Durston (2000) vem reforçar esta teoria no campo do desenvolvimento local baseando as suas *investidas* nos hábitos e costumes da população especificamente em si, tratando, tanto pelo lado do *empowerment*, como do acervo cultural, histórico e comportamental de um povo que possui toda uma experiência de vida e que deve ser considerada na construção de um desenvolvimento local e participativo, *bottom-up*, em todos os processos decisórios. Confrontando ambos os paradigmas, o funcionalista privilegia a *função* em detrimento do *território* enquanto o territorialista pretende atingir a estabilidade entre as duas concepções uma vez existirem potencialidades nesta última que levam a uma relação aberta com o exterior e que, por isso, tende a promover o desenvolvimento (Reis, s.d.).

A problemática existente entre estas duas perspectivas, assente num tipo de espacialização e que parte da concepção do espaço como lugar de inscrição das tendências económicas, esteve na base da evolução de uma teoria orientadora das políticas públicas de promoção do desenvolvimento regional, com o pressuposto das desigualdades regionais quando estas começaram a surgir como um problema político à escala interna das nações, bem como com o propósito da promoção do desenvolvimento à escala mundial, quando os processos de descolonização aumentaram a visibilidade dos desequilíbrios universais (Amaro, 2003).

#### **2.4. DESENVOLVIMENTO LOCAL**

O desenvolvimento local é um processo para as pessoas... não para algumas mas para todas e onde quer que vivam. É um processo de transformação da realidade sustentado na capacitação das pessoas, que devem ter uma participação ativa nos processos do seu próprio desenvolvimento, para o exercício de uma cidadania ativa e transformadora da vida individual e em comunidade (Lopes, 2006). Caracteriza-se por ser um processo de melhoria das condições culturais, económicas, educativas e sociais das populações, através de intervenções

comunitárias e onde se valoriza o saber das pessoas e os recursos locais. Alberto Melo (1998) considera que o desenvolvimento local é “(...) uma vontade comum de melhorar o quotidiano; essa vontade é feita de confiança nos recursos próprios e na capacidade de os combinar de forma racional para a construção de um melhor futuro” (p.5). Fragoso (2005a), reforça a perspetiva de Melo a defender que o desenvolvimento local tem como objetivos mais elementares “(...) o aumentar a melhoria da qualidade de vida das pessoas, dos seus níveis de autoconfiança e organização” (p.64).

O melhoramento dos efeitos de aglomeração populacional, o cumprimento de programas de criação de emprego e receita, o auxílio à modernização do setor empresarial, o empenho em elevar o nível de qualificações e de competências da população, a estruturação do território por um conjunto de organizações e de serviços, a criação de instrumentos institucionais visando adaptar as mudanças e antecipar os problemas e desafios, são alguns dos elementos desejáveis no processo do desenvolvimento local (Fauré, 2005).

Neste sentido, Amiguinho (2005) destaca as atividades de compromisso social, as atividades de bricolage, o envolvimento progressivo e participativo dos atores sociais locais, a auto-organização, a promoção para a cidadania, a criação de parcerias e gestão partilhada de capacidades como características determinantes no processo de desenvolvimento local.

O desenvolvimento local opera-se, como tem sido exposto, com a participação da comunidade e deverá surgir do resultado do diagnóstico efetuado e da realidade social, pretendendo corresponder às expectativas e minimizar as necessidades identificadas como mais urgentes.

Este desafio deverá assentar num processo sustentado nos recursos endógenos do território e partilhado pela comunidade e na aposta da educação contínua e geradora de um desenvolvimento cultural, social e económico (Viveiros, 2008). Baseia-se ainda na divisa «*pensar global, agir local*»<sup>1</sup>, onde as soluções deverão ser encontradas a partir da realidade social e com ações “(...) participadas, integradoras e valorizadoras das gentes e dos recursos comunitários” (Viveiros, 2008, p.5).

Desenvolvido, como já referido, particularmente na década de 80 com a evolução da globalização e no contexto do neoliberalismo, é, segundo Fragoso (2005b), nesta época que as pessoas começam a ser envolvidas nas ações de desenvolvimento da própria comunidade, apoiando-se nos problemas e carências da mesma, e é também a partir desta década que é

---

<sup>1</sup> Recorrendo à analogia das questões ambientais, focadas por Ulrich Beck, com objetivos na procura por aproximação entre pessoas, colaboração, solidariedade e participação.

determinado o processo de aprendizagem social focalizado no dinamismo coletivo da população local e que leva à evolução gradual dessa população.

Como vem sendo referido, é no período da década de 80 que em toda a Europa se começam a desenvolver novos métodos inovadores de investir na valorização e emancipação das pessoas, baseada nas suas responsabilidades conjuntas enquanto seres integrados aos seus territórios. Inspirado numa multiplicidade de práticas que remontam às primeiras formas de afirmação desconcentrada da sociedade, economia e território, em elementos históricos da mudança social no contexto do colonialismo interno e externo de países europeus e dos EUA, o nascimento do desenvolvimento local na Europa tem como base de referência a França, após as leis de descentralização de 1981 (ANIMAR, 2003).

Segundo Amaro (2000), para se poder falar em desenvolvimento local há que ter em conta nove elementos:

(...) processo de transformação (...); É centrado numa comunidade, (...); O local enquanto resultado de uma construção de identidades (...); Parte da existência de necessidades não satisfeitas (...); Assume uma lógica integrada (...); Foca-se no trabalho em parceria (...); O impacto por toda a comunidade (...); E actua segundo uma diversidade de caminhos (...); entender o Desenvolvimento Local como um cruzamento de uma reflexão teórica com testemunhos. (pp.166-167)

Arroyo (2006) apresenta o seu paradigma de desenvolvimento local enquanto processo com enfoque nos territórios e nas suas características fundamentais. Este autor expõe que as fases necessárias para que o desenvolvimento local resulte de forma eficaz inscrevem-se na divisa da participação empenhada da população, ou seja, no *empowerment* tal como Friedmann (1996) o definiu e enquanto fator essencial no processo de mudança e que se pode formar a nível local através de ações participadas da própria comunidade. Na mesma perspetiva, Barreiro (2000) enfatiza a ação participada e interessada dos atores sociais locais enquadrada numa política descentralizada, mas que, apesar de território e desenvolvimento local se ajustarem e se complementarem, existem claras distinções entre ambos.

Nas suas características essenciais, o desenvolvimento local, contempla valores como autonomia, democracia, dignidade das pessoas, solidariedade, igualdade, respeito pelo meio-ambiente (Boiser, 1999); baseia-se na realidade local; operacionaliza-se com a participação da população; tenta responder e colmatar as necessidades locais e sustenta-se nos recursos endógenos (Polése, 1998). É, por isso, considerado como processo emancipatório e que deve ser acompanhado de um projeto socioeducativo consistente. Esse processo emancipatório leva a população, através da sua participação ativa, à identificação de necessidades e problemas e

ao despoletar de interesses correntes, fomentando o envolvimento comum na tomada de decisões e na análise dos recursos dessa comunidade, através da própria organização, direção, gestão e controlo desse mesmo processo. É nestes moldes que a população identifica os seus problemas e os tenta resolver, promove a mudança e transformação social, age e estimula a articulação entre os agentes locais e as dimensões do educativo, cultural, social e económico, e com as entidades externas ao local.

### **3. A EVOLUÇÃO DO CONCEITO**

De todas as definições apresentadas e fundamentadas ao longo do questão do desenvolvimento local, verifica-se que o conceito de desenvolvimento encontra-se envolvido em vários indicadores, tais como território, local, social, económico, sustentável, participado, humano, etc. etc.. Logo, é-nos permitido afirmar que o desenvolvimento é um processo que abrange todas as dimensões da vida de uma comunidade e das suas relações e tecidos sociais e constitui-se por

(...) movimentos sociais de cidadania porque decorrem de exercícios de participação diversos, nos mais variados sectores e níveis de vida das nações, com vista ao aprofundamento democrático e à construção, mais do que uma ideia, de uma práxis societária que promova melhores níveis de satisfação das necessidades fundamentais das pessoas através de um melhor aproveitamento dos recursos locais, de uma cada vez mais justa distribuição dos rendimentos, de um equilíbrio com a natureza e da promoção de novos acessos à educação. (Sarmiento & Oliveira, 2003, p.14)

A estes movimentos, segundo Santos (2001), compreendem, assim, processos de *reterritorialização* consolidados por iniciativas locais que “(...) visam criar ou manter espaços de sociabilidades de pequena escala, comunitários, assentes em relações face-a-face, orientados para a auto-sustentabilidade e regidos por lógicas cooperativas e participativas” (p.77).

Partindo da teoria de Amaro (2003) quanto ao conceito de desenvolvimento baseado em perspectivas «*multidimensionais*» e «*interdisciplinares*», permite-nos, hoje, não discordar completamente da sua teoria mas apresentar uma visão atual de complementaridade entre todos os conceitos de desenvolvimento por si apresentados (sustentável, participativo, humano, social, integrado e local) e mostrar que todos eles estão interligados e são partes complementares do que hoje se compreende como desenvolvimento local.

Atualmente, o desenvolvimento local deve entender-se como sustentável, que se apoia na utilização correta dos recursos e com consciências dos seus limites como contributo do desenvolvimento económico de um território, país ou região, de forma a garantir o futuro humano neste planeta no sentido de um futuro ilimitado (Davis, 2008). Este apelo, à escala global, para a adequada gestão ambiental e gestão sustentável dos recursos visa alertar para as decisões que quando tomadas em qualquer parte do mundo podem atingir as pessoas de outras regiões, exigindo, por isso, medidas expectáveis à promoção de condições que apoiem o desenvolvimento e para benefício de todos (Fraga, Mota & Dinis, 2005).

O desenvolvimento sustentável, segundo Sachs (2009), é um processo que melhora as condições de vida das comunidades humanas e como tal é indissociável do humano e do social, na medida em que as pessoas são, ou deveriam ser, o foco central do desenvolvimento.

(...) desenvolvimento humano é um processo de alargamento das escolhas e das oportunidades dos indivíduos, de expansão das liberdades humanas, de valorização das capacidades dos indivíduos, que lhes permitam levar uma vida longa e saudável, adquirir conhecimento, ter acesso aos recursos necessários para um nível de vida digno, enquanto os preservam para as gerações futuras, com igualdade de oportunidades e em segurança. (Moreira, 2009, p.7)

A estes fatores humanos e sociais acresce não só a satisfação das necessidades económicas e financeiras como também as necessidades mais elementares das pessoas como a saúde e o bem-estar e baseadas na cidadania e na participação comunitária democrática (Amaro, 2001).

Como refere Lopes (2002), o desenvolvimento é desenvolvimento regional, social, humano, local e tem de ser sustentável, caso contrário não o podemos considerar como desenvolvimento. Neste sentido, o desenvolvimento local, quer-se como conceito que entende a liberdade social, num sentido amplo, que inclui as capacidades essenciais como evitar a fome, a mortalidade prematura e a liberdade ligada à educação, à cultura e à participação política, social e económica (Sen, 1999).

É por todos estes conceitos e fundamentos elencados que o desenvolvimento local se deve inscrever numa perspetiva integrada: que envolva pessoas e entidades (internas e externas) e que aproxime o desenvolvimento humano (melhoria das condições de vida das pessoas) ao desenvolvimento social (*empowerment*); que envolva o crescimento económico (riqueza da população) ao desenvolvimento sustentável (otimização de recursos) e é partindo

de iniciativas das próprias pessoas (participação comunitária) que o mesmo deve ser entendido.

Em género de síntese, o desenvolvimento local deve ter um carácter endógeno e integrado mas articulado com processos, entidades e atores exógenos, fundamentado nas necessidades, interesses e participação das pessoas; com características que tendam a promover o controlo dos processos ao nível das decisões, recursos e proveitos por parte dos interessados; estabelecido como um processo coletivo e verdadeiramente educativo; e essencialmente focado na mudança enquanto fator central e que na ausência desta nunca poderemos falar em desenvolvimento (Fragoso, 2005a).

### **3.1. EMPOWERMENT E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA**

Sendo certo que este ponto daria para a criação de um só artigo, entendeu-se relevante tecer algumas considerações em torno desta temática uma vez que sem vontade, sem querer e sem crer, e, logo, sem a participação de todos os agentes e atores comunitários não se faz desenvolvimento local.

O *empowerment* é visto por Pinto (2001) como

Um processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder – psicológico, sócio-cultural, político e económico – que permite a estes sujeitos aumentar a eficácia do exercício da sua cidadania. (p.247)

Logo, o desenvolvimento das capacidades de participação nas pessoas tende a aumentar as atitudes de cidadania que irão resultar em ações positivas no tecido comunitário.

Ninacs (2003) aponta para a constituição da participação das pessoas em duas fases. A primeira fase consiste numa componente de índole psicológica, que permite às pessoas desde o direito ao silêncio ao poder da palavra, ao ter capacidades de se fazerem ouvir e ter o poder de decisão, e cuja essência deste poder inscreve-se, fundamentalmente, na capacidade de ser parte integrante do processo de tomada de decisão. A segunda fase, e característica fundamental da participação, é, essencialmente, de natureza prática e funda-se nas capacidades em contribuir responsabilmente com as suas participações, com atitudes ou ações lógicas e racionais e que assumam compromissos perante os seus atos.

Esta evolução das capacidades participativas das pessoas irá, naturalmente, permitir o aumento de comportamentos de cidadania ativa e contribuir positivamente para a mudança do

contexto comunitário em que se inserem. No entanto, talvez um dos maiores desafios que se colocam às comunidades atualmente é o desenvolvimento de uma cultura participativa. Segundo Barroso (1998), a participação comunitária não se pode *reduzir* apenas a momentos específicos e concretos, antes pelo contrário. A cultura participativa deverá ser encarada como uma forma de estar na vida em sociedade e deve ser interiorizada como um processo permanente e que deve promover um equilíbrio constante entre as diferentes forças ou entre os diferentes intervenientes no processo social. Cada vez mais, a participação é uma responsabilidade repartida por toda a comunidade, e não apenas por uma pessoa, e requer que se reflita e desperte para que seja encarada como um ponto de viragem e de estratégia nesta época de crise, levando a crer que possui funções motivadoras, pedagógicas, sociais, políticas e culturais, uma vez que são as próprias pessoas da comunidade que melhor conhecem os seus problemas e as mais interessadas em sair da situação em que se encontram. São essas mesmas pessoas que, ao refletirem sobre esses desafios ou problemas que as rodeiam, as leva a que se vejam como sujeitos, que se valorizem, se organizem e acima de tudo que ganhem capacidade de espírito crítico e que lhes permitirá lutar pelos seus direitos, não somente como um ser adaptado mas sim integrado à realidade (Freire, 1980).

A participação das pessoas está intimamente ligada ao processo de conscientização, tal como foi definido por Paulo Freire (1987). Todos os resultados conseguidos através desta participação fazem com que as próprias pessoas sintam que é possível transformar a sociedade que as rodeia e toda a sua realidade social. Esta conscientização, alargando os horizontes e permitindo que as pessoas enfrentem desafios e os tomem como alavanca de dinamização, autonomia, capacitação, espírito crítico e reflexivo, irá emancipar esta comunidade e fazer com que exista uma maior potencialidade e competitividade saudável entre todos, reforçando as suas próprias capacidades, que irão não só impulsionar como potenciar o desenvolvimento local. Obedecendo a uma lógica humanista, e de acordo com uma distinção clara de Paulo Freire (1998), leva a que a educação permita contrariar as perspetivas redutoras que apresentam as pessoas como meros *recursos humanos* ou como meros *beneficiários do desenvolvimento*, valorizando-as como sujeitos capazes de participar. O verdadeiro desenvolvimento inscreve-se na construção das condições de vida social através das próprias ações das pessoas, logo, no processo do desenvolvimento local é necessário o reconhecimento da pluralidade das potencialidades humanas (Frantz, 2003).

Vázquez-Barquero (2007), no seu discurso resultante da discussão ativa com outros autores sobre o local, a questão da globalização, o sistema produtivo e os mercados, sustenta a sua teoria de desenvolvimento baseada nas iniciativas que partem de todos os atores sociais

locais, agentes económicos, os quais tomadores de decisão no local e para o local, do meio envolvente e da convivência entre todos, como marcos importantes no processo de dinamização desse desenvolvimento. Portanto, e seguindo o pensamento deste autor, pretende-se que o modelo aqui apresentado mostre que a envolvimento no processo de construção do local assente da participação de todos os atores sociais e baseada nos princípios da confiança, reciprocidade e cooperação, nas potencialidades, na aposta da descentralização do poder local e na melhoria da qualidade de vida da população, seja vista como influência potenciadora do desenvolvimento local.

### **3.2. DESENVOLVIMENTO LOCAL ORIENTADO PARA A COMUNIDADE E DE BASE COMUNITÁRIA**

Sendo o concelho de Almodôvar, como vem sendo referido, predominantemente rural, e considerado pela UE como um território integrado numa região menos desenvolvida, torna-se imprescindível abordar o tema das políticas nacionais e europeias referentes à matéria do desenvolvimento de territórios com estas características.

É a partir da década de 90 que a noção de desenvolvimento e a prática de projetos de desenvolvimento local sofrem profundas transformações. Durante os últimos 20 anos a abordagem do programa LEADER<sup>2</sup> quanto ao desenvolvimento local orientado para a comunidade (DLOC) – baseada na experiência de uma iniciativa financiada pelos Fundos Estruturais da União Europeia, projetada para ajudar os agentes rurais a terem em conta o potencial a longo prazo da sua região – mostrou-se um instrumento ativo e eficaz no desempenho de políticas de desenvolvimento. Este programa (LEADER), sobre o qual a UE tem mantido o apoio desde 1991, tornou-se um elemento importante na política de desenvolvimento rural com um elevado nível de aceitação em toda a Europa.

As políticas europeias, ou acordos de parceria estabelecidos entre a UE e Portugal, nomeadamente no documento que prevê o DLOC<sup>3</sup>, enquadrado na atual legislação *Política de Coesão 2014-2020*, de Abril de 2014, preveem um conjunto de normas fundamentais sobre o desenvolvimento local, nesta *nova* vertente direcionada para a comunidade ou de base comunitária.

---

<sup>2</sup> O programa LEADER fundamenta-se, essencialmente, nas ligações entre a economia rural e as ações de desenvolvimento.

<sup>3</sup> Ficha informativa da CE, disponível em: [ec.europa.eu/regional\\_policy/sources/docgener/.../community\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/regional_policy/sources/docgener/.../community_pt.pdf)

O programa europeu Portugal 2020 é uma dessas políticas da UE, adotado entre Portugal e a Comissão Europeia<sup>4</sup>, e que reúne a atuação dos cinco Fundos Europeus Estruturais e de Investimento – FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional), FC (Fundo de Coesão), FSE (Fundo Social Europeu), FEADER (Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural) e FEAMP (Fundo Europeu para os Assuntos Marítimos e das Pescas) – no qual se definem os princípios de programação que consagram a política de desenvolvimento económico, social e territorial para promover entre 2014 e 2020 em Portugal.

O DLOC é uma ferramenta específica a ser utilizada ao nível sub-regional, em complemento a outros apoios ao desenvolvimento a nível local e deve mobilizar e envolver comunidades e organizações locais para que contribuam para a concretização das metas da Estratégia Europa 2020 para o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, fomentando a coesão territorial e alcançando objetivos políticos específicos.

Segundo consta na *ficha informativa*, os principais objetivos da proposta da Comissão Europeia visam simplificar e desenvolver a utilização do DLOC como uma ferramenta de desenvolvimento, que irão desde o incentivar as comunidades locais a apostar em abordagens integradas participativas sempre que exista a necessidade de dar resposta a desafios territoriais e locais que impliquem uma alteração estrutural; ao apoiar a governação em vários níveis, abrindo caminho à total participação das comunidades locais no desenvolvimento da implementação de objetivos da UE em todas as áreas; ao originar capacidades comunitárias e incentivar a inovação e a inovação social, o empreendedorismo e a capacidade de mudança estimulando o desenvolvimento e a descoberta de potencial inexplorado no âmbito das comunidades e dos territórios; e ao promover a propriedade comunitária aumentando a participação das comunidades e aumentar o sentido de envolvimento e património que possa aumentar a eficácia das políticas da UE.

Os elementos constituintes do DLOC consistem em:

- **Grupos de ação local**, devem ser compostos por representantes dos interesses socioeconómicos públicos e privados locais, como empresários e respetivas associações, autoridades locais, associações rurais ou de vizinhos, grupos de cidadãos (como minorias, terceira idade, homens/mulheres, jovens, empresários, etc.), organizações comunitárias e voluntárias, etc. A sociedade civil e os parceiros do setor privado devem

---

<sup>4</sup> Decisão de Execução da CE, de 30-07-2014, disponível em:  
[https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/docs/C\\_2014\\_5513\\_PT\\_ACTE\\_f.pdf](https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/docs/C_2014_5513_PT_ACTE_f.pdf)

deter um mínimo de 50 % do poder de decisão e nenhum grupo de interesse individual deve ter mais de 49 % dos votos.

▪ **Estratégias de desenvolvimento local**, têm de ser coerentes com os programas relevantes dos Fundos do QEC pelos quais são apoiadas. Devem definir a área e a população abrangidas pela estratégia, incluir uma análise das necessidades e do potencial de desenvolvimento da área, incluindo uma análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats – [pontos positivos, pontos negativos, oportunidades e ameaças]); e descrever os objetivos e o carácter integrado e inovador da estratégia, incluindo metas de concretização ou resultados. As estratégias também devem incluir um plano de ação que demonstre a forma como os objetivos são traduzidos em projetos concretos, acordos de gestão e acompanhamento, bem como um plano financeiro.

▪ **A área e a população de cobertura** de uma determinada estratégia local devem ser coerentes, definidas e oferecer suficiente massa crítica para a sua eficaz implementação. Cabe aos grupos de ação local a definição das áreas e da população efetivas a serem abrangidas pelas suas estratégias, embora tenham de obedecer aos critérios estabelecidos pela Comissão através de um ato delegado. A título de referência, as disposições do período 2007-2013 relativas à cobertura populacional segundo o programa LEADER apontam para uma população mínima de 10 000 e máxima de 150 000. A população média no que diz respeito aos programas URBAN II financiados pelo FEDER no período 2000-2006 era de, aproximadamente, 30 000 habitantes. (CE, p.3.)

Com isto, é criado o Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC), terminologia utilizada pela Comissão Europeia para descrever uma abordagem que rompe a tradicional política de desenvolvimento «descendente», ou se quisermos, funcionalista, já referida anteriormente e segundo as perspetivas de Henriques (1990), Amaro (1991) e Reis (s.d.) como a abordagem que aponta a população como incapaz de se autossustentar e de criar o seu próprio bem-estar autonomamente e com recursos próprios. Neste âmbito do DLBC, a comunidade local lidera os processos e concebe parcerias de forma a produzir efetiva e eficazmente uma estratégia de desenvolvimento integrado, sendo esta estratégia capaz de reconhecer e aproveitar as potencialidades sociais, ambientais e económicos da própria comunidade e não focar-se apenas na compensação dos seus problemas.

A característica que distingue o DLBC dos anteriores programas é o facto de as estratégias serem concebidas e os projetos selecionados pelas entidades locais, cujas necessidades ou desafios são identificados pelas próprias pessoas afetadas, tornando-as parceiras ativas dos processos de desenvolvimento, invertendo as abordagens mais clássicas

de considerar as pessoas como meros beneficiários passivos e sem qualquer envolvimento na coprodução de políticas de desenvolvimento (UE, 2014).

Como se pode verificar, as atuais políticas de desenvolvimento local vão ao encontro da gênese deste projeto: um desenvolvimento local de base comunitária, baseado nos problemas diagnosticados pela própria comunidade, sustentado pelos recursos identificados pela mesma e apoiados por um paradigma integrador e participativo.

#### **4. CULTURA, ECONOMIA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL – QUE RELAÇÕES?**

O dinamismo das sociedades é marcado pela diversidade cultural, pela interação, por hábitos e comportamentos sociais, culturais e políticos dos indivíduos, sendo a cultura entendida como “(...) aspecto da realidade social (...) que diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (Santos, 1996, p.8). Esta teorização de Santos leva-nos, assim, a refletir sobre o conceito de cultura que não se limita à caracterização do que é interiorizado por um povo como um culto, mas também para se referir a manifestações mais localizadas. Localizadas não significa isoladas, pois nenhuma cultura é autónoma, antes pelo contrário, mas mantêm relações com a sociedade integrante e como tal, e sendo esta a *matriz* deste projeto – a materialização das relações de forma integrada na comunidade de Almodôvar – não nos poderíamos abster de abordar esta dimensão (cultural).

Gohn (2001) partilha do mesmo paradigma teórico ao afirmar que “(...) a cultura sempre aparece associada a processos de mudança e transformação social, como mola propulsora de mudanças sociais” (p.30). Contudo, ao falar-se em mudanças sociais e culturais, é importante balizar para as duas maneiras em que se podem apresentar. Algumas mudanças são resultantes de fatores externos ou do contato com outros grupos sociais e culturais, e, outras, conforme já referido, são produtos da dinâmica interna da própria sociedade, grupo ou instituição, pois, no dia-a-dia, os sujeitos vão-se formando e também produzindo novos comportamentos e, assim, recriando a cultura geral. Saliente-se, portanto, que a cultura é algo ativo, intimamente relacionada às mudanças sociais e encarada como produto coletivo da vida humana, como dimensão do processo social em constante mudança.

Assim, não se pode entender a cultura como algo pronto, estático, pois, ao mesmo tempo, ela é regulada e condiciona uma sociedade que, por sua vez, está em constante mutação. Acredita-se que a cultura é expressa somente como uma reprodução mais vasta das

sociedades, mas que pode também ser analisada a partir de agrupamentos e das suas diversidades culturais, o que permite afirmar que é através do processo de socialização que os indivíduos vão apreendendo os principais pressupostos, surgidos das suas perceções, de determinada cultura (Cuche, 2002).

Porém, e não obstante a importância que a cultura tem para as sociedades, entende Lipovetsky (2010) que a definição de cultura sofreu vincadas transformações, viradas para o capitalismo, onde a sua industrialização lhe confere o *estatuto* de instrumento impulsor de crescimento económico e é neste entendimento que se torna inevitável as suas ligações. Esta simbiose, apontada por Lipovetsky, tende a criar alguma resistência na sociedade em termos de aceitação, atendendo que uma das primeiras questões que surgem quando se abordam as duas dimensões simultaneamente é sobre o peso em termos económicos das atividades culturais e o seu impacto no espaço económico (Tolila, 2007). Todavia, esta visão somente deverá ser admitida por parte de quem não reconhece a relevância da cultura para a economia e o contributo de ambas para o desenvolvimento de uma região ou de um país. A cultura, no seu sentido mais nobre, além de relevante para si própria, é pertinente no espaço económico uma vez que não se trata apenas de uma enorme dimensão simbólica mas sim uma dimensão que ganhou lugar nos mercados, apoiada pela evolução tecnológica e pela indústria de entretenimento, que se reflete em duas importantes pré-condições para o pleno usufruto de bens culturais e que foram popularizadas e alargadas às massas: a disponibilidade de tempo de lazer e a satisfação das necessidades básicas (Lipovetsky, 2010).

É na estreita relação entre a cultura e a economia que o desenvolvimento se inscreve, baseado numa visão que não se limita apenas à economia de mercado e que os aspetos culturais são determinantes para a evolução das sociedades (Furtado, 2000). Neste caso concreto, e uma vez que falamos em desenvolvimento local, este está definitivamente marcado pela cultura do contexto em que está situado (Milani, 2003), tendo essa cultura o seu papel decisivo nas estratégias e projetos de desenvolvimento (Burity, 2007).

Contudo, todas as considerações anteriores em redor da cultura e da economia não nos podem levar a abandonar a dimensão educativa de todo este processo. Tal como nos afirma Carneiro (1994) “(...) uma nação desenvolvida é, assim, aquela que conjuga um Estado consciente da sua sustentabilidade e uma sociedade munida dos mecanismos de auto-regulação suficientes para acarinhar o crescimento das liberdades fundamentais em cuja ordem se inscreve, inequivocamente, a de ensino” (p.9).

A aposta na educação aumenta a autoconfiança das pessoas, permitindo-lhes o acesso a melhores empregos, à participação no debate público, a exigir cuidados de saúde, segurança

social e outros direitos que lhes assistam (Relatório do Desenvolvimento Humano - PNUD, 2013). Logo, é-nos permitido considerar que a educação constitui-se como uma condição cada vez mais necessária a uma sociedade exigente em termos de conhecimento (Azevedo, 1998). Deve ser compreendida como *motor de desenvolvimento*, quer pelas capacidades de gerar dinâmicas sociais a nível local ao estabelecer parcerias e interações resultante de práticas educativas, quer na valorização de políticas educativas como resposta à difícil e complexa gestão derivada da centralização educativa e que não permite a melhor resposta às necessidades locais (Costa, Dias & Ventura, 2005).

Já Jacques Delors, em 1996, no Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, coordenado por si, referia-se à Educação como fator fundamental no desenvolvimento, tanto das pessoas como das sociedades, apontando a Educação como uma via possível de resposta aos problemas sociais que hoje se debatem (como a pobreza, a exclusão social, etc.) e capaz de conduzir a um desenvolvimento humano mais justo e harmonioso.

#### **4.1. EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO**

Pelo caráter ativo, dinâmico e transformador deste projeto, onde se ambiciona gerar um conjunto de atitudes válidas com impactos positivos e que permitam criar novas formas de organização e soluções que melhorem a sociedade, tornou-se fulcral abordar o tema do empreendedorismo.

O empreendedorismo, num sentido ativo, arrojado e diligente e que se pretende apontar como um dos pontos marcantes deste trabalho, aprofundámos o conhecimento através de pensamentos teóricos contemporâneos, que compreendem o empreendedorismo como orientação para o desempenho e que está relacionado com a exploração de oportunidades rentáveis, tal com defendem Shane e Venkataraman (2000). Para estes autores, e no âmbito da investigação académica, o termo empreendedorismo pode ser definido como a “(...) análise de como, por quem e com que efeitos, as oportunidades para criar bens e serviços futuros são descobertas, avaliadas e exploradas” (p.218), devendo estas oportunidades ser encaradas como atividades que impliquem um investimento de recursos escassos mas confiadas num retorno futuro (Austin, Stevenson, Howard & Wei-Skillern, 2006).

Nesta linha de pensamento, Baptista, Teixeira e Portela (2008) acrescentam ao conceito de empreendedorismo as componentes oportunidade e necessidade. Estamos perante um processo de empreendedorismo de oportunidade quando os indivíduos que têm maior capital

social conseguem alcançar uma determinada oportunidade de negócio que se prevê lucrativa e acreditam alcançar com maior facilidade os seus objetivos pessoais e económicos. Já o empreendedorismo por necessidade ocorre quando os indivíduos se deparam sem alternativas favoráveis (falta de rendimentos por se encontrarem desempregados ou em empregos inadequados) para subsistir e optam por criar estratégias para ultrapassar essas situações, nomeadamente a criação do próprio emprego, apesar de dependerem (essencialmente) de estímulos de cariz económico.

Tendo em conta que o que se pretende com este trabalho é identificar e definir estratégias transformadoras e inovadoras e que visem melhorar a qualidade de vida das pessoas, é-nos impossível dissociar a inovação como parte fundamental do empreendedorismo, sendo a inovação indissociável do empreendedorismo na medida em que as políticas de desenvolvimento focadas na inovação tendem a valorizar capacidades dinâmicas que irão possibilitar uma otimização dos recursos nos territórios (Sotarauta, 2004). Tal como referem Hisrich e Peters (2004) “Empreendedorismo é o processo de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e independência económica e pessoal” (p.29). Abordar a questão da inovação remete-nos para a introdução de novos métodos produtivos, que visam a criação de diferentes bens e produtos, para a renovação e modernização de métodos de organização e gestão ou ainda à abertura de novos mercados de produtos (Schumpeter, 1934, citado em Vázquez-Barquero, 2001). Logo, é com atitudes inovadoras que os territórios alteram o *status*, onde o território como ator substitui o território como contexto, com introdução de estratégias dos seus atores e dos seus envolvimento e participações, refletindo-se efetivamente no seu desenvolvimento (Lapointe, 2011). Deste processo de desenvolvimento territorial, através de ações inovadoras, emergirá naturalmente o trabalho em rede e em parceria (Mulgan, Tucker & Sanders, 2007).

Enquadrado no binómio empreendedorismo/inovação, o empreendedorismo social, enquanto processo de inovação social e transversal a qualquer setor de atividade, estabelece-se como um instrumento de intervenção direcionado para se chegar a resultados com impactos sociais que estimulem a mudança (Alvord, Brown & Letts, 2004), sendo neste claro sentido que o Projeto de Desenvolvimento Local em Almodôvar deve ser encarado.

Segundo Parente (2014), somente em meados do ano 2000 se começa a fazer sentir em Portugal o conceito de empreendedorismo social, sendo certo que, e não obstante o caminho à

adaptação política europeia (*Estratégia para Europa 2020*) seja ainda emergente, as empresas sociais e a inovação social constituem-se atualmente como peças centrais.

Tal como Joseph Schumpeter definira, em 1942, no seu livro *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, o empreendedor (embora com um cariz meramente económico) é o indivíduo que restaura e revoluciona o processo criativo-destrutivo do capitalismo através da inovação, sendo esse indivíduo um agente de mudança. Seguindo este pensamento, o empreendedor social distingue-se pela capacidade de gerar novos serviços e de superior qualidade, sustentados na missão social, efeito da combinação entre inovação e novas dinâmicas organizacionais ou ainda centrado em novos mercados (Dart, 2004).

Acima de tudo, o empreendedor social está *classificado* como inovador social e agente de mudança (Bornstein, 2007) que, recorrendo a processos modernos e sustentáveis, cria profundas transformações nos contextos em que intervém (Nicholls & Cho, 2006).

## CAPÍTULO II – METODOLOGIA

### 5. DELINEAMENTO DO ESTUDO

Ao iniciar o estudo, e já na posse de alguns dados resultantes das observações participantes e não participantes, de conversas informais e de uma entrevista (exploratória), fatores testes deveras importantes para o início da investigação, os quais suportados pela análise SWOT do Relatório de Práticas II da licenciatura em Educação Social, tornaram-se mais claros os objetivos do projeto.

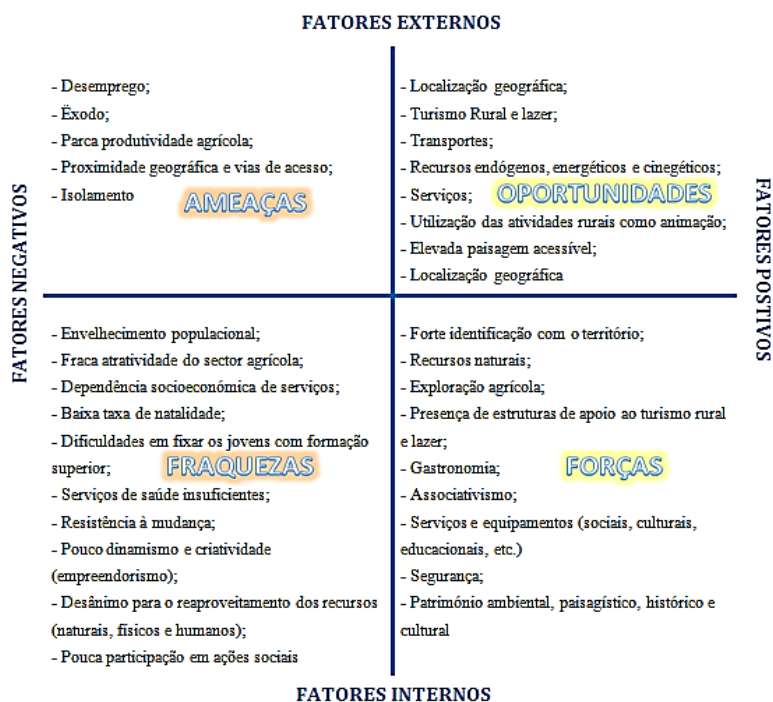


Ilustração 2.1 - Análise SWOT (Relatório de Práticas II, 2012/2013)

Esta análise SWOT serviu como ponto de partida ao objeto de estudo, permitindo que, naturalmente, surgisse a questão inicial:

*Sentirá e identificará a comunidade de Almodôvar a necessidade de um projeto de desenvolvimento local?*

Com base na questão de partida, foi iniciado o processo investigatório e exploradas as dimensões essenciais, permitindo assim efetuar-se um diagnóstico social da comunidade alvo

do estudo. Segundo Espinoza (citado por Pérez-Serrano, 2008), diagnóstico «(...) é o reconhecimento que se realiza, no próprio terreno em que se projecta a execução de uma acção determinada, dos sintomas ou signos reais e concretos de uma situação problemática» (p.29). Com efeito, um dos aspetos que devemos levar em consideração para a elaboração de diagnósticos sociais é o conhecimento de uma realidade para que, posteriormente, se possa passar à acção.

Assim, foi efetuada uma análise SWOT investigativa, tendo por base a anterior que serviu de diagnóstico ao território, a qual refinou algumas ideias e conceitos anteriores mas que também veio apontar novas linhas de investigação e pontos-chave a abordar.



Ilustração 2.2 - Análise SWOT Investigativa

Após análise descritiva, procurou-se identificar os fatores positivos e negativos, tendo em conta os fatores internos e externos. Desta análise foi detetado que, além dos problemas sentidos relacionados com o desemprego e que tendem a provocar o êxodo; o envelhecimento populacional e o isolamento; o pouco espírito resiliente; a dificuldade em promover a fixação de jovens qualificados e em cativar investidores e empresários; e um claro desânimo para o reaproveitamento dos recursos (naturais, físicos e humanos), tende, de uma forma direta, a servir de propulsor e condicionador de alguns dos restantes fatores.

Contudo, sendo o enfoque deste estudo as potencialidades do território e não as fragilidades, as quais se pretende contribuir para a sua minimização, e numa visão geral por esta região é de considerar que a mesma tem vários fatores que podem potenciar o seu desenvolvimento. A identificação da comunidade com o território e um forte sentimento de

pertença; a presença de estruturas de apoio ao turismo rural e lazer e espaços lúdicos, a riqueza do património histórico e cultural (cante alentejano, gastronomia, etc.), os recursos naturais, a paisagem, a cinegética, o forte empenho nos recursos energéticos naturais (energia solar e eólica), o movimento associativo, a segurança, a localização geográfica, serviços e equipamentos (sociais, culturais, educacionais, etc.), bem como alguma dinâmica social de algumas das coletividades/associações com capacidade empreendedora, quer em ações socioeconómicas quer em ações culturais e de solidariedade, são alguns dos indicadores favoráveis ao desenvolvimento e, logo, peças fundamentais do processo.

Para uma melhor perceção do estudo em causa, foi estruturado um quadro (anexo 6) que ilustra e sintetiza o desenho da investigação, que a balizou e fundamentou teoricamente, e que permitiu uma maior aproximação ao tema. Este desenho, além de permitir ao leitor uma perceção mais clara quanto ao objeto de estudo, permitiu-nos também aplicar as estratégias mais adequadas quer na consistência da investigação quer na fundamentação teórica utilizada na abordagem ao tema e de todas as variáveis identificadas (Fortin, 2000).

### **5.1. CONDUÇÃO DA INVESTIGAÇÃO**

Este estudo foi realizado do modo considerado mais útil e lógico, por forma a garantir uma recolha de dados viável, de fácil leitura e que conduzisse a interpretações relevantes. Além das conversas informais e observações espontâneas que foram sucedendo ao longo da investigação, e atendendo à diversidade metodológica utilizada, elaborou-se a seguinte tabela-síntese que permite efetuar uma leitura sintetizada das técnicas de investigação utilizadas (de um modo mais formal) na recolha de dados, bem como os seus participantes e objetivos definidos.

<b>Data / local</b>	<b>Técnica Metodológica</b>	<b>Participantes</b>	<b>Objetivo</b>
7-2-2014 / CMA	Entrevista livre	CMA (Vice presidente)	Entrevista de carácter exploratório, sem categorização de dimensões ou indicadores, e recolha de dados- <i>estímulo</i> à investigação.
31-3-2014 / CMA	Entrevista semi-estruturada	Responsável da Ação Social da CMA	Recolha de dados, através de guião semi-estruturado, categorizado com indicadores sociais, educativos e culturais.
31-3-2014 / JFA-SGP	Entrevista semi-estruturada	Presidente da União de Freguesias de Almodôvar e Sr <sup>a</sup> Graça dos Padrões	Recolha de dados, através de guião semi-estruturado categorizado por indicadores sociais, educativos, territoriais, culturais, de saúde, políticos e económicos.
29-5-2014 / CEFPPO	Entrevista semi-estruturada	IEFP – Centro de Emprego e Formação Profissional de Ourique (Responsável pela área de Almodôvar)	Recolha de dados, através de guião semi-estruturado, categorizado em indicadores sociais, formativos, económicos e políticos.

27-6-2014 / Fórum Cultural de Almodôvar	Observação direta participante e não participante	Representantes: Ministério da Educação e da Ciência; DGEstE Alentejo; Centro de Emprego de Beja; CRIA-UAlg; ESEC-UAlg; CMA	“I Jornadas de Desenvolvimento Local” - recolha de dados gerados através do contributo das entidades envolvidas e despertar a comunidade para as medidas políticas, económicas, sociais, educativas e formativas, e programas oficiais.
11-7-2014 / Escola EB, 2+3 de Almodôvar	Entrevista semi-estruturada	Coordenador do CQEP de Almodôvar	Recolha de dados, através de guião semi-estruturado, categorizado em indicadores educativos, formativos, económicos, políticos e sociais.
De 1-6-2014 a 26-9-2014	Inquérito por questionário	Habitantes de todas as freguesias do concelho (exceto da União de Freguesias de Almodôvar e Graça dos Padrões), maiores de 16 anos	Recolha de dados baseada na perceção da comunidade sobre dimensões sociais, educativas, económicas e culturais do concelho.
De 1-9-2014 a 1-12-2014	Inquérito <i>On-line</i>	Dirigentes das associações /coletividades do município, reconhecidas pela CMA	Recolha de dados baseada na perceção das associações e coletividades do concelho sobre as dimensões sociais, educativas, económicas e culturais.

Tabela 2.1 - Tabela-síntese de atividades formais

## 5.2. FASES ESTRUTURANTES DA INVESTIGAÇÃO

A estrutura deste estudo obedeceu ao modo defendido por Fortin (2000), que sustenta a sua teoria no delineamento de fases interligadas entre si.

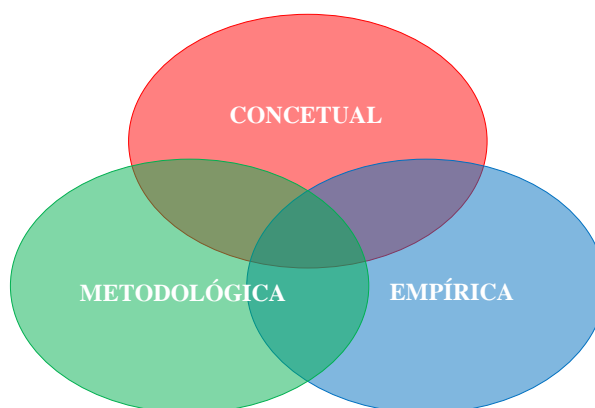


Ilustração 2.3 - Fases estruturantes da investigação

Na fase concetual foram traçadas as ideias que orientam a investigação, tendo em conta a necessidade da delimitação do domínio para que fosse viável a sua realização, sendo também a fase em que se procedeu a toda a seleção, revisão, análise da bibliografia e documentação indispensável para se conhecer e compreender os conteúdos e, assim, situar o objeto de estudo no contexto dos atuais conhecimentos. Esta fase compreendeu ainda a escolha do tema de estudo, onde a pertinência, o valor teórico e prático e as dimensões metodológicas aplicadas levaram ao quadro de referência apropriado, que permitiu definir o

paradigma de investigação e que conduziu às questões de abordagem ao campo de estudo e a uma melhor perceção quanto às potencialidade e estrangulamentos na recolha de dados.

Na fase metodológica elegeu-se um desenho de investigação que delineou a metodologia a aplicar: o paradigma sócio crítico, numa abordagem mista – qualitativa e quantitativa – investigação-ação e demais técnicas de recolha e de análise dos dados e que projetou o plano de obtenção de respostas às questões. O conceito de universo de estudo foi utilizado em detrimento do conceito de amostra, seguindo o raciocínio de Guerra (2006), uma vez que “(...) não tem muito sentido falar de amostragem, pois não se procura uma representatividade estatística” (p.40), sendo a recolha de dados (entidades locais e extra-locais, líderes locais, associações e comunidade em geral) selecionada de acordo com o entendimento do investigador. Foram definidas as variáveis cultural, socioeducativa e económica como dimensões-chave do estudo, o qual se baseou numa abordagem qualitativa, essencialmente, frequentemente designada por naturalista. Esta designação, tal como defendem Bogdan e Biklen (1994), deve-se ao facto do investigador incidir o seu estudo nos comportamentos naturais das pessoas, acompanhadas nos locais em que os fenómenos em estudo se desenrolaram de forma natural. Segundo Fortin (1999) “(...) a investigação qualitativa, preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspectos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade” (p.14). Esta interpretação qualitativa da realidade, complementada com dados quantitativos e que serviram de auxílio ao estudo e cuja análise foi efetuada com recurso à utilização da aplicação informática SPSS, permitiu o tratamento e cruzamento/triangulação de dados, que contribuiu para uma melhor interpretação e apresentação dos resultados.

Por fim, na fase empírica, que consistiu na operacionalização/execução das fases anteriores, recolheram-se, organizaram-se e trataram-se os dados em função do objeto de estudo, sendo utilizadas as mais variadas técnicas investigativas (pesquisa documental, observações, questionários; inquéritos *on-line*; conversas informais e entrevistas semiestruturadas, com gravação, transcrição e observação) e subsequente triangulação de dados, procedendo-se às suas interpretações, discussão e à oportuna devolução e comunicação dos resultados (entidade parceira do estudo e comunidade).

Contudo, e tendo esta investigação uma forte componente qualitativa, raramente se seguiu uma linha sequencial rígida e fixa. Algumas etapas aconteceram em simultâneo e de forma dinâmica e interativa, como por exemplo a formulação do problema de investigação; a identificação das questões para elaborar o conceito e a descrição do fenómeno; a escolha dos

métodos e técnicas de recolha de dados; a escolha do contexto social e do universo de estudo; a análise de dados; a reformulação interativa do problema e das questões, e/ou modificações conforme dados novos que foram surgindo.

## **6. ABORDAGEM, UNIVERSO DE ESTUDO E PARTICIPANTES**

A abordagem indutiva utilizada nesta investigação, segundo Flick (2005), permitiu fazer a correspondência entre a observação e a realidade e partiu da questão particular: «*Sentirá e identificará a comunidade de Almodôvar a necessidade de um projeto de Desenvolvimento Local?*», que conduziu a conclusões generalizadas.

Como já referido, foi utilizado o conceito de universo de estudo em detrimento do conceito de amostra, dado pretender-se produzir teoria, acima de tudo, e romper de certa forma com as metodologias hipotético-dedutivas (Guerra, 2006). A seleção dos participantes para as entrevistas foi efetuada de acordo com a teoria de Ruquoy (1997), atendendo que nas investigações qualitativas deverão ser inquiridas pessoas em número limitado, pelo que “(...) a questão da representatividade, num sentido estatístico do termo, não se coloca” (p.103). Logo, e de acordo com o autor, nesta investigação, o fator determinante da escolha dos participantes foi adequada aos objetivos definidos no projeto, partindo do princípio da variedade das pessoas inquiridas e com a garantia de que nada considerado importante foi esquecido, sendo, neste sentido, selecionado um número de inquiridos tendo em conta a sua representatividade, importância e adequação em relação ao tema da investigação. Porém, achou-se pertinente alargar o universo de estudo a toda a comunidade do concelho de Almodôvar, sem quaisquer limitações relacionadas com o número de participantes, pelo que foram elaborados e distribuídos inquéritos por questionário por todas as juntas de freguesia, sendo ainda disponibilizado um questionário *on-line* no sentido de serem inquiridos os representantes de todas as associações, por forma a permitir obter-se dados referentes às perceções gerais da comunidade.

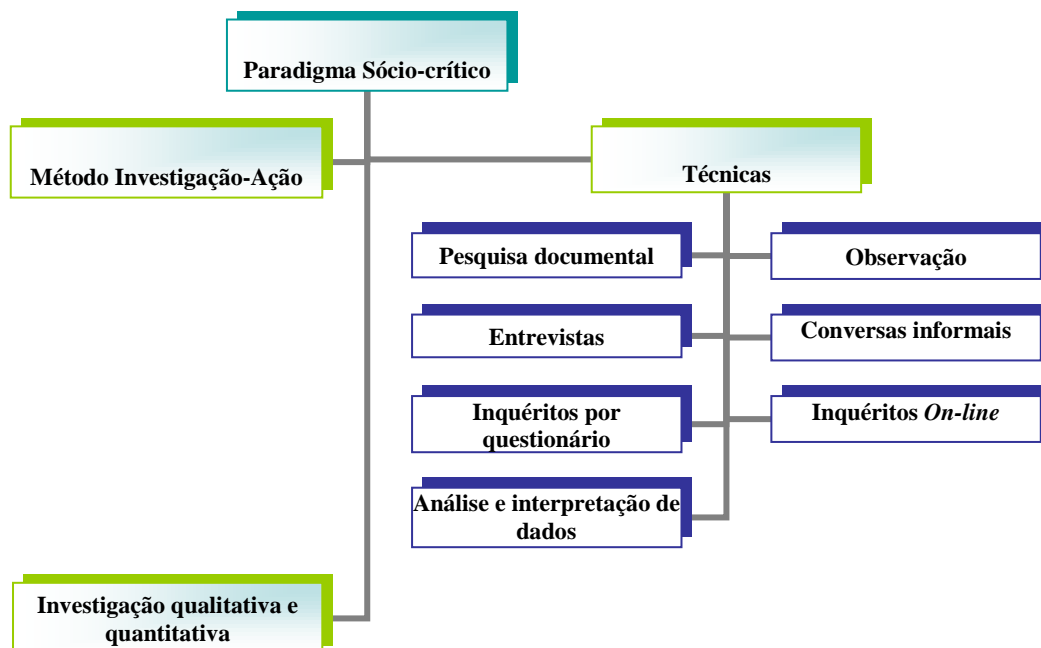
### **6.1. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA**

A metodologia é a disciplina que se ocupa dos métodos e das suas inter-relações e é necessária em qualquer trabalho em ciências sociais (Ander-Egg, 1987). Como tal, é imprescindível o recurso a métodos, técnicas e estratégias específicas consoante a problemática em estudo (Albarello, Digneffe, Maroy, Ruquoy & Saint-Georges, 1995).

Apesar da *panóplia* metodológica utilizada, o trabalho de investigação no campo é flexível e sem procedimentos rígidos, logo, a metodologia está constantemente a ser adaptada e redefinida consoante a evolução do estudo (Burgess, 1997).

### 6.1.1. OPÇÕES METODOLÓGICAS: QUE CAMINHOS?

Entre as várias opções metodológicas, optou-se pela metodologia que se considerou mais adequada a este projeto:



Esquema 2.2 - Esquematização metodológica

### 6.1.2. O PARADIGMA

Partindo do entendimento de Patton (1990) que compreende que os paradigmas de investigação são vistos como formas de descomplexar o mundo real mas, também, cada um deles, pelas suas particularidades e diferentes maneiras de entender o mundo, torna-os desde logo reconhecíveis e de certa forma questionáveis, pelo que, mostrou-se necessário iniciar esta investigação definindo o paradigma mais adequado à sua realização. Para Creswell (2010), os paradigmas são concepções filosóficas referentes a um conjunto de convicções básicas que estão presentes e conduzem uma investigação. Por sua vez, Coutinho (2011) reforça a compreensão de paradigma de investigação como todo o agregado de concepções comuns e de regras e valores reconhecidos por toda a comunidade científica numa dada

circunstância histórica, que cumpre os pressupostos de relacionar pontos de vista, unir ideias, identidades comuns e o de validar o estudo com juízos de interpretação e legitimidade.

Neste sentido, o paradigma sócio-crítico foi o paradigma que melhor se enquadrou nesta investigação, assumindo uma posição reflexiva quanto à problemática que se pretende investigar, distanciando-se dos fundamentos dos paradigmas positivista (com excesso de objetivismo, imparcialidade e com a preocupação, *apenas*, em explicar) e interpretativo (com tendências para a compreensão subjetiva), sem qualquer tentativa de transformação da realidade. Este paradigma levou o investigador a adotar uma postura mais questionadora, reflexiva e crítica, pretendendo não só conhecer e analisar o que o rodeia mas também a participar ativamente na (re)estruturação da realidade (Morales, 2003).

Por um lado, permitiu ainda, promover a *práxis* investigativa e a determinação do conjunto de ideias que permitiram atribuir significados ao estudo e daí constituir conhecimento e, por outro, focou-se também sobre o desenvolvimento do saber, levando a esclarecimentos objetivos que regularam a entrada a esse saber e que, assim, permitem atuar na mudança da realidade (Coutinho, 2005).

### **6.1.3. O MÉTODO**

É esta posição ativa do paradigma sócio-crítico, que conduziu a investigação a uma procura de soluções para o problema de estudo, que marca a sua diferença. Kurt Lewin, em 1946, no seu artigo intitulado «Action Research and Minority Problems», teorizou e concebeu a ideia de usar a pesquisa como forma de mudar a maneira como o investigador interage com o meio e de onde resultou a conceção «Investigação-Ação». É-nos contudo difícil perceber em concreto a sua origem uma vez que os investigadores sempre basearam os estudos na sua prática e na tentativa de a melhorar (Tripp, 2005). Porém, a conceção de Lewin foi reconhecida posteriormente por diversos autores e tida como a *metodologia rainha* do paradigma sócio-crítico dada a sua “(...) acção de nível realista sempre seguida por uma reflexão autocrítica objectiva e uma avaliação dos resultados” (Esteves, 1986, p.265) e definida desde então para descrever o trabalho que separa a investigação da ação necessária para resolver o problema.

A investigação-ação é, na sua essência, um processo contínuo e dinâmico, que se desenvolve em *movimentos espirais* e de onde sucede ação, observação, reflexão e nova ação, visando a compreensão da problemática e o contexto em que está inserida e que irá permitir atuar e transformar a realidade (Domingo, 1994).

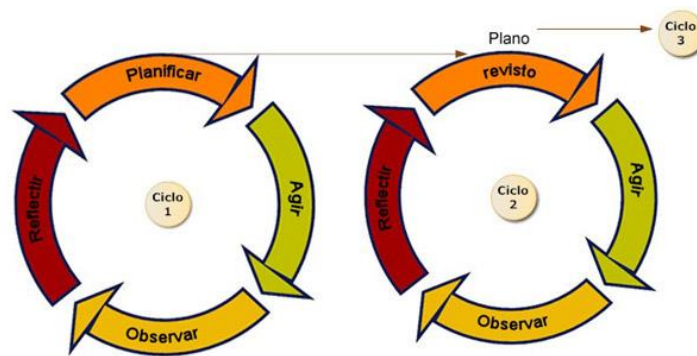


Ilustração 2.4 - Ciclos da Investigação-Ação

Como se pode observar na ilustração acima, um processo de Investigação-Ação é um processo dinâmico, sequencial e cíclico, que não se confina a um único ciclo e que, pela sua funcionalidade espiral, tal como defende Domingo (1994), desenvolve-se através dos resultados das práticas e tem como finalidade provocar mudanças e alcançar melhores resultados.

Apesar de apresentar características recursivas (com ações que tendem em repetir-se ao longo do estudo), participativas (onde todos os participantes adotam laços de cooperação) e reflexivas (cujo espírito crítico e reflexivo e respetivos resultados são de extrema importância na evolução da investigação), a Investigação-Ação apresenta perspetivas essencialmente qualitativas, centradas mais em idealismos do que em algarismos (Pring, 2000). Embora a sua utilização e triangulação em simultâneo na fase de recolhas de dados fosse reduzida, ambas se complementaram na fase de conclusão (Morse, 1991). No entanto, a investigação qualitativa procura contribuir para o estudo com uma mistura de ações de carácter lógico e intuitivo, capazes de entender e clarificar os fenómenos (Pope & Mays, 1995), levando a “(...) distinguir o enfoque qualitativo do quantitativo, mas não seria correcto afirmar que guardam relação de oposição” (p.42).

Contudo, a mera distinção técnica entre a investigação qualitativa e a quantitativa depende se apenas da opção do que se pretende investigar (Bryman, 1995). Atendendo que se recorreu a ambas as perspetivas no presente estudo e centradas no mesmo objetivo, o seu emprego visou a procura do conhecimento do contexto e o que motivou a sua aplicação foi o princípio de triangulação ou de validação convergente, complementando-se (Jick, 1979).

## **6.2. TÉCNICAS DE RECOLHA E REGISTO DE DADOS**

### **6.2.1. PESQUISA DOCUMENTAL**

Numa primeira fase deste estudo, e já na posse de dados importantes e que resultaram do trabalho de Práticas da Licenciatura em Educação Social, estudo esse fundado no desenvolvimento participativo, foi efetuada uma recolha de dados através de pesquisas documentais (de carácter não científico) e bibliográficas (do tema em estudo e reconhecidas cientificamente), a qual favoreceu a observação do processo de desenvolvimento dos indivíduos, de grupos, de conceitos, de saberes, de comportamentos, de crenças, de valores e de práticas (Cellard, 2008). Como refere Giddens (2002), a pesquisa documental constitui-se como uma “(...) pesquisa baseada na evidência empírica provinda do estudo de documentos, como os existentes em arquivos ou estatísticas oficiais” (p.707). Assim, além da fundamentação teórica que sustenta esta investigação, e resultante dessas pesquisas, foram também consultados vários documentos estatísticos atuais e documentos referentes ao concelho de Almodôvar (cartas educativas, diagnósticos sociais, etc.), de forma a permitir obter dados oficiais concretos e úteis ao estudo.

### **6.2.2. CONVERSAS INFORMAIS VS ENTREVISTAS INFORMAIS**

Silva (2004) entende que, apesar de serem apontadas algumas fragilidades metodológicas e críticas quanto às conversas informais, as quais até chegam a não ser consideradas como técnicas, a sua utilização não só pode ter vantagem em relação a outras técnicas como se mostram extremamente úteis no auxílio a estas e no desenvolvimento da investigação, permitindo obter uma maior aproximação ao contexto estudado. Este facto foi experienciado através das conversas realizadas com a população, nas diversas ocasiões em que se estabeleceram contatos entre investigador e comunidade, o que permitiu criar uma ligação mais estreita e, logo, obter dados importantes e que de outra forma não seria possível recolhê-los. Contudo, Costa (1986) distingue conversas informais de entrevistas informais no sentido de que as entrevistas informais impõem ao investigador uma preparação prévia para a realização das conversas. Estas, deixam de ser casuais e passam a ser conduzidas objetivamente pelo investigador e consistem na definição de temas/tópicos-chave e que levam aos resultados pretendidos. Logo, e dada a evolução da investigação que foi gerando temas pertinentes a explorar, as conversas informais foram sendo alvo de uma preparação prévia e

adequada à definição dos objetivos e do que se pretendia alcançar, atendendo que as mesmas foram essencialmente fulcrais no desenvolvimento dos aspetos a serem estudados (Silva, 2004). Neste sentido, recorreu-se ao caderno de campo para registo das conversas, que se tornou fundamental do decorrer do processo ao permitir sinalizar aspetos/temas abordados e informações essenciais (Duarte, 2002).

Porém, convém salientar que foram utilizados ambos os modos – conversas e entrevistas informais – uma vez que as conversas iniciais geradas com a comunidade, além de executadas casualmente e sem qualquer preparação, foram evoluindo e, logo, sendo conduzidas por indicadores que foram surgindo de acordo com o objetivo do estudo e que contribuíram para a definição final das dimensões-chave. Esta técnica originou uma maior eficácia de resultados em momentos de maior aglomeração populacional, tais como as festas, feiras e eventos no concelho e permitiram uma recolha de dados muito significativos e serviram para complementar a observação.

### **6.2.3. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E NÃO PARTICIPANTE**

A utilização da observação é uma das técnicas fundamentais e mais poderosas no processo de investigação em ciências sociais (Pérez-Serrano, 1994; Bell, 1997). Aplicado a um determinado contexto social, fazem parte da observação, entre outros, os cadernos de campo, os guias de observação e as notas de campo, (Burgess, 1997; Machado, 2004; Pérez-Serrano, 1994). Quivy e Campenhoudt (2008) referem que a observação direta “(...) é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados” (p.164) e procede-se diretamente à recolha de informação, onde devem estar presentes os indicadores pertinentes para o estudo em questão. Por outro lado, Machado (2004) refere que a observação direta, com a elaboração de notas de campo, permite o registo de dados da vida quotidiana das pessoas, cujos dados resultam de atitudes espontâneas e que permitem ao investigador fazer o registo dos acontecimentos, das percepções e intuições. Estes dados são geralmente redigidos de acordo com as informações sobre as pessoas e que posteriormente serve de auxílio na orientação do trabalho e durante o seu percurso (Burgess, 1997), permitindo obter um conhecimento mais amplo da situação (Ceballos, 1988).

Assim, para este estudo foi iniciada a observação direta não participante em janeiro de 2014 (ver cronograma - anexo 6), efetuada com elaboração de notas registadas no caderno de campo para posterior análise. Neste tipo de observação, o investigador é “(...) testemunha dos

comportamentos sociais dos indivíduos ou grupos nos próprios locais das suas actividades (...) sem lhes alterar o seu ritmo normal” (Peretz, 2000, p. 69).

Atendendo ao período extenso da investigação, e observando o facto de o investigador ter relações estreitas com a comunidade de Almodôvar, foi utilizada a observação participante na vida coletiva da comunidade (Gil, 1991; Quivy & Campenhoudt, 2008), tendo sempre em conta as questões políticas, sociais, culturais e educativas, uma vez que esta técnica apresenta as suas vantagens e desvantagens. As principais vantagens da observação participante remetem-nos para o facto de possibilitarem um acesso rápido à realidade social da comunidade e aceder a dados, pensamentos e ideias que a comunidade considera privados, permitindo assim atingir palavras de explicação que acompanham os comportamentos observados. Estas vantagens foram, acima de tudo, verificadas ao longo do estudo, permitindo chegar a dados que de outra forma eram inalcançáveis. Em contrapartida, foram verificadas algumas desvantagens, relacionadas com barreiras colocadas pela comunidade, nomeadamente ao nível da desconfiança e com atribuições a conotações político-partidárias, que apesar de não terem limitado a participação nem a investigação, criaram alguma resistência na recolha de alguns dados (Kluckhohn, 1946, citado em Gil, 1991).

#### **6.2.4. NOTAS E CADERNO/DIÁRIO DE CAMPO**

As notas de campo permitem a descrição escrita de tudo o que vê e ouve, através do seu registo *in-loco* das experiências efetuadas e que levam a reflexões do investigador (Bodgan & Biklen, 1994). Esta técnica permitiu, além do registo de alguns dados aquando das conversas e entrevistas informais, o registo de dados resultantes das conferências e colóquios relacionados com o desenvolvimento local e assistidos pelo investigador, tornando-se assim essencial no delineamento e construção do projeto. É, assim, uma importante ferramenta de trabalho e que permite ao investigador testar os seus critérios, valores e preconceitos de acordo com a realidade encontrada (Trindade, 1995) e efetuar posteriormente cruzamentos e triangulações daquilo que se viu e ouviu em variados momentos.

#### **6.2.5. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO**

Além do propósito de obter indicadores qualitativos, procurou-se, também, mensurar quantitativamente a participação da comunidade, assim como sua perceção sobre o concelho de Almodôvar nas suas dimensões individuais, políticas, culturais, económicas e socioeducativas. Como tal, recorreu-se à técnica de inquérito por questionário, seguidamente

designado apenas por questionário. Este questionário (anexo 4) foi canalizado para todas as juntas de freguesia do concelho de Almodôvar, exceto a sede de freguesia uma vez ter sido efetuada entrevista ao seu presidente, a fim da população de cada freguesia poder participar no estudo. Tal como defendem Quivy e Campenhoudt (2008), o inquérito por questionário consiste

(...) em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma solução, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores. (p.188)

Moreira (2007), entende que esta técnica de recolha de dados permite questionar direta e uniformemente as pessoas naturalmente envolvidas no fenómeno social em estudo, e, apesar de obedecer a uma padronização, pode abordar várias dimensões. Para o autor esta técnica deve ter algumas premissas na sua aplicação. O facto de as questões não influenciarem as respostas e a possibilidade dos inquiridos compararem as questões que tenderia a adulterar os dados, foram alguns dos aspetos tidos em conta. Quanto à clareza das questões, foi efetuado um pré-teste ao questionário, aplicado a uma amostra aleatória representativa (Lakatos & Marconi, 2003), tendo sido identificados apenas alguns erros ortográficos e alguma impercetibilidade de algumas questões, as quais foram resolvidas para exploração do questionário final. No que toca à partilha do documento por parte dos inquiridos, e que pudesse levar à comparação de respostas, foram tomadas medidas junto dos presidentes de cada junta de freguesia no sentido dos questionários serem preenchidos por uma funcionária da freguesia, ou pela sua supervisão, a fim de evitar essa atitude. Acredita-se, assim, que as respostas a estes questionários tenham sido efetuadas de uma forma séria, responsável e rigorosa, tais como a seriedade presente no estudo.

Este questionário foi estruturado apenas por duas partes:

I – identificação e caracterização social, com vista a recolher dados que levem a perceber as ocupações/profissões e escolaridade dos participantes e o segmento populacional de referência de cada freguesia;

II – Perceção dos participantes sobre o seu território e nas dimensões já abordadas.

Além da recolha de dados prevista nos questionários, e atendendo ao facto dos mesmos terem sido encaminhados para a sede de cada freguesia (juntas de freguesia) para que as pessoas que lá se dirigissem participassem no estudo, respondendo e preenchendo o mesmo, estes permitiram também apurar o *grau* de participação da população do concelho em ações externas.

Os dados apurados nos questionários foram tratados e analisados com o auxílio do *software* SPSS, o qual permitiu ilustrar e apresentar de forma esclarecedora os resultados do estudo.

#### **6.2.6. A ENTREVISTA**

Além das técnicas já descritas, e sendo a entrevista uma das técnicas de investigação qualitativa por excelência (Guerra, 2006), foram efetuadas cinco entrevistas a líderes locais e extra-locais, estes últimos com atividade em Almodôvar. A primeira, de carácter exploratório e efetuada ao Vice-Presidente da Câmara Municipal de Almodôvar (CMA), enquadrou-se na tipologia livre e teorizada por Ghiglione e Matalon (1992), onde o entrevistado, através das suas próprias palavras e código de referência foi respondendo às questões que lhe iam sendo colocadas. Essas questões, caracterizadas apenas por temas geradores e representadas pela sua ambivalência por forma a explorar todos os campos pretendidos. As entrevistas exploratórias, tal como defendem Quivy e Campenhoudt (2008), permitem elucidar “(...) certos aspectos do fenómeno estudado, nos quais o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo, e assim completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras” (p.67).

Esta forma livre de entrevistar tem alguns riscos e tem implícita uma não diretividade e, tal como defende Ruiz-Olabuenaga (1996), “(...) uma entrevista sem guião não conduz, frequentemente, a lugar algum” (p.168). Como tal, foi elaborado um *guião* composto apenas por tópicos e sem qualquer estruturação, por forma a garantir a abordagem às dimensões desejadas.

Foram também elaboradas entrevistas ao Presidente da União de Freguesias de Almodôvar e Sra. da Graça dos Padrões, à responsável pela área social da Câmara Municipal de Almodôvar, bem como a outras individualidades ligadas ao aparelho de Estado (Responsável do Centro de Emprego para a área de Almodôvar e Coordenador do Centro para a Qualificação e Ensino Profissional de Almodôvar), as quais foram delineadas seguindo a tipologia semiestruturada. Esta tipologia, face às características de abertura e flexibilidade, levou os entrevistados a fluírem o seu discurso naturalmente, permitindo-lhes fazer uma

leitura concreta quanto ao tema, sendo a condução da mesma apenas retomada pelo entrevistador quando existiram *desvios* do objeto de estudo (Quivy & Campenhoudt, 2008), possibilitando ainda validar algumas dúvidas suscitadas pelas informações recolhidas das conversas informais, observações e pesquisa documental.

A utilização desta técnica permitiu desenvolver intuitivamente ideias sobre a maneira como os participantes interpretam aspetos da sua vida e do meio envolvente (Bogdan & Biklen, 1994). A informação recolhida diretamente e resultante da interação *cara-a-cara* entre investigador e entrevistados foi fruto de “(...) uma interacção social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções, de normas e de valores implícitos, (...)” (Finger & Nóvoa, 1988, p.25). O papel do entrevistador no campo do conhecimento e o domínio e/ou familiaridade sobre o tema permitiu evitar confusões e, além disso, o colocar perguntas claras favoreceu respostas também claras e que conduziram aos objetivos da investigação (Boni & Quaresma, 2005), possibilitando que cada entrevista tenha sido efetuada apenas numa única vez. Não foi necessário recorrer ou reforçar as entrevistas realizadas atendendo à riqueza dos dados obtidos, tendo a forma de linguagem sido adaptada a cada entrevistado e mantida a aproximação e interação entre entrevistador e entrevistado (Jovchelovitch & Bauer, 2002).

Todas as entrevistas foram registadas através de um gravador áudio, sendo a utilização desta ferramenta extremamente útil em entrevistas, na medida em que evita ao entrevistador registar muitas notas durante o desenvolvimento, e que podem condicionar os entrevistados, e garante a manutenção dos dados por tempo indeterminado, o que possibilita posteriormente uma melhor análise (Bogdan & Biklen, 1994).

#### **6.2.7. OS INQUÉRITOS *ON-LINE***

A aplicação de metodologias de investigação em ciências sociais tem-se adaptado à evolução social global. Como defende Flick (2005), a investigação qualitativa tem vindo a sofrer alterações em termos tecnológicos, com reflexos nas distintas fases de uma investigação. E as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm tido maior utilização, e cada vez mais com maior preponderância, enquanto técnica de recolha de dados através dos participantes na investigação ou de pesquisas de fontes de dados (Saumure & Given, 2008). O uso do computador e da internet nas ciências sociais e humanas têm desempenhado um papel fundamental em investigações, sendo a utilização desta ferramenta fulcral na medida em que possibilita o acesso a públicos tidos como inacessíveis anteriormente, reduz custos (em deslocações, p.e.), permite diminuir tempo na recolha de

dados ao possibilitar uma localização rápida e utilizar a mais variada bibliografia existente nas bibliotecas *on-line* (Cohen, Manion, & Morrison, 2007).

Nesta ordem de ideias, e atendendo que no início desta investigação se pretendia dinamizar um (ou dois) *Focus Group* com um número representativo de associações culturais, desportivas, etnográficas e sociais do concelho de Almodôvar, e não tendo sido possível a sua realização por indisponibilidade das associações, o recurso à técnica dos inquéritos *on-line* tornou-se na forma mais viável de obtenção dos dados pretendidos. Um dos objetivos do projeto foi envolver toda a população, entidades e associações no processo de estudo, logo, foi criado um inquérito *on-line*<sup>5</sup>, em 01-09-2014, através da plataforma [www.survio.com](http://www.survio.com), canalizado via internet para todas as associações (culturais, desportivas, sociais, etc.) do concelho, o qual se deu por finalizado em 01-12-2014, tendo participado 19 das 36 associações/coletividades reconhecidas pela autarquia.

### **6.3. DADOS PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS**

Com uma recolha de dados primários (gerados pela investigação), através de observação participante e não participante, entrevistas, conversas informais e de notas de campo (Roesch, 1999), permitiu apurar informações qualitativas e aferir características socioeconómicas, culturais, educativas, organizacionais e dinâmicas populacionais da comunidade de Almodôvar.

Quanto aos dados secundários (já existentes), além de permitirem obter dados qualitativos, através das pesquisas documentais sobre as dimensões culturais, educativas, económicas, sociais e políticas, em documentos oficiais e páginas *web*, facilitaram a recolha de dados quantitativos resultantes da consulta de informação oficial estatística, institucional e de relatórios municipais, e que serviram para uma obtenção de dados mais fiáveis e ricos, sendo esta a organização metodológica e crítica das práticas de investigação (Almeida & Pinto, 1982).

Dentro desta recolha de dados primários (gerados pela investigação), e além da presença gradual e constante no quotidiano desta comunidade, foi dinamizada uma atividade em Almodôvar denominada 'I Jornadas de Desenvolvimento Local' (anexo 2). Esta atividade foi estruturada com o objetivo de, em primeiro lugar promover um encontro de entidades locais - câmara municipal, empresas e associações locais - e extra-locais - Ministério da Educação e da Ciência; Universidade do Algarve (UAAlg) e Centro Regional para a Inovação do Algarve

---

<sup>5</sup> Anexo 5.

(CRIA) da UAIG; Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares do Alentejo (DGEstE) - que permitisse quer uma aproximação ao projeto por parte de algumas entidades, associações e pessoas, quer uma recolha de dados rica e útil; em segundo lugar, para que fosse encarada pela comunidade como um momento de interesse e de partilha; e em terceiro lugar, que permitisse gerar interações favoráveis à *troca* de informações entre as instituições envolvidas e pessoas e entidades presentes.

Estas Jornadas resultaram das reuniões efetuadas com a Câmara Municipal (v. Anexo 1 - Notas de campo: atividade 11), sendo o registo de dados efetuado através de uma grelha de observação (anexo 3), que permitiu identificar vários indicadores e registar dados extremamente úteis, bem como aferir a adesão da população, a participação, o interesse e a interação.

## **7. ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E TRIANGULAÇÃO DE DADOS**

A análise de dados foi efetuada consoante se trataram de dados quantitativos e qualitativos. Isto é, quanto aos dados quantitativos, e como já foi referido, foram analisados os dados resultantes dos questionários (presenciais e *on-line*) através da aplicação informática de análise de dados SPSS. Os dados qualitativos resultantes da aplicação das restantes técnicas, essencialmente produto dos registos no caderno de campo, resultantes das observações e das conversas informais, e das gravações e transcrições das entrevistas individuais (livre e semiestruturadas) foram examinados através da análise de conteúdo, uma vez tratar-se de “(...) um procedimento clássico de análise do material escrito) (Flick, 2005, p. 193).

### **7.1. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS**

Atendendo que a análise de conteúdo assume algum grau de complexidade, dada a quantidade de dados que recolhidos, pretende-se esclarecer neste ponto a funcionalidade da sua aplicação. Esta análise de conteúdo é “(...) uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto” (Krippendorff, 1980, citado em Vala, 1986, p.103). Também Bardin (1979) refere que a análise de conteúdo não serve apenas para se proceder à descrição dos dados apurados, atendendo que não se pretende apenas reproduzir os conteúdos das mensagens através da técnica utilizada, mas sim apresentar algumas significações dessas mesmas mensagens e que se traduzam em conhecimento.

Deste modo, foi importante que a transcrição das entrevistas e os dados recolhidos reproduzissem o discurso narrado de uma forma fiel, tal como defende Paiva (2004),

(...) a fidelidade aos dados orais deve ser o objectivo de toda a transcrição. Queremos registar o que foi dito por um falante da forma como foi dito. Uma transcrição não é e não pode ser uma edição da fala do entrevistado. (p.136)

Para Carmo e Ferreira (1998), a análise de conteúdo é como “(...)uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação” (p.251).

Nesta investigação, a análise de conteúdo de cada entrevista foi realizada de acordo com as etapas fundamentais *desenhadas* por Bardin (1979). Numa primeira fase, denominada por pré-análise, foi realizada uma leitura exaustiva das informações recolhidas (*leitura flutuante*), as quais nos orientaram para as questões norteadoras, que, por seu lado, sugeriram a explicação do fenómeno observado. A escolha de índices que apontam para o objetivo geral da investigação, de acordo com o seu quadro teórico, fundamentam toda a abordagem. Na perspectiva de Bardin, a constituição do *corpus*, onde é definida toda a panóplia de fundamentos teóricos que entendemos realçar e seleccionar para serem submetidos à respetiva análise, definiu a organização da informação. Esta definição permitiu obter respostas de forma: *exaustiva*, em que se esgotou a comunicação na sua totalidade e não se omitiu qualquer dado; *representativa*, cuja amostra representou o universo; *homogénea*, em que os dados expuseram o tema e em que a técnica e a recolha dos dados foram uniformes; *pertinente*, cujos documentos adequaram-se quer ao conteúdo quer ao objetivo da entrevista; e *exclusiva*, cuja classificação da categoria correspondeu apenas a um único elemento.

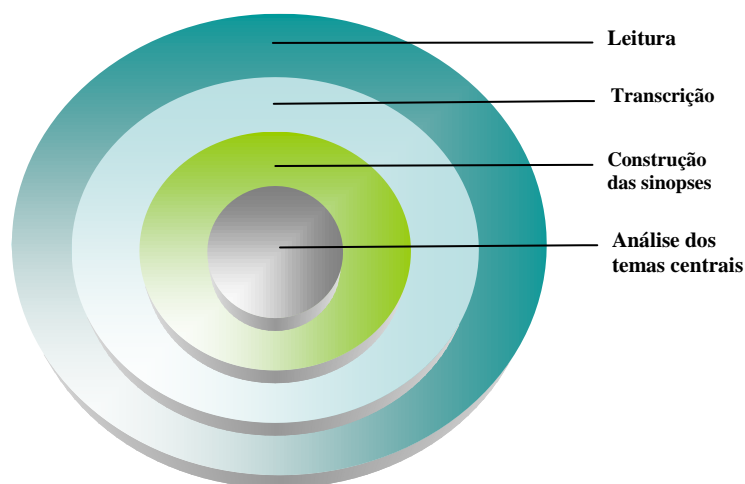
Com estes critérios, e seguindo a linha de pensamento de Silva e Pinto (1986), procurou-se a existência de padrões e regularidades existentes nos discursos de modo a preparar uma lista prévia de categorias de codificação, sendo que uma “(...) categoria é habitualmente composta por um termo chave que indica a significação central do conceito que se quer aprender, e de outros indicadores que descrevem o campo semântico do conceito” (pp.110-111).

A segunda fase, regressando à concetualização definida por Bardin (1979), que a define como a etapa da exploração do material, compreendida pelo processo de transformação sistemática dos dados e agrupados em unidades, consistiu na descrição correta das características importantes do conteúdo, o que implicou a já referida categorização (que apesar de não ser uma etapa obrigatória de toda a análise de conteúdo, a maioria dos seus

procedimentos organizam-se em redor deste processo). Com o objetivo de alcançar o fator central do texto em função das regras estabelecidas, partiu-se da análise de unidades de registo que surgiram como o momento da aplicação do que foi trabalhado na pré-análise, e que, segundo Carmo e Ferreira (1998),

(...) é o segmento mínimo de conteúdo que se considera necessário para poder proceder à análise, colocando-o numa dada categoria e de unidade de contexto que constitui o segmento mais longo de conteúdo que o investigador considera quando caracteriza uma unidade de registo, sendo a unidade de registo o mais curto. (pp.257)

Guerra (2006), seguindo a perspectiva de Bardin (1979), vem apontar quatro tipos de análise de conteúdo das entrevistas: Categorical; Enunciação; Avaliação e Expressão. Para esta investigação, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo categorial, baseada numa análise temática e descritiva, cujo processo de análise se esquematiza:



Esquema 2.3 - Processo simplificado de análise de conteúdo (adaptado de Guerra, 2006)

O tratamento dos resultados e a devida interpretação, tidos como a última fase proposta por Bardin (1979), ocorre após a posse de um *corpus* de informação trabalhado e organizado de acordo com os objetivos da investigação e das questões levantadas. Daí, foi possível tecer considerações e realizar interpretações de acordo com o quadro teórico definido.

Neste ponto importa referir que a existência de um quadro teórico de referência consistente, que permitiu abordar os aspetos e temas relevantes da investigação, e a experiência empírica do investigador, foram fatores determinantes do produto final (Bogdan & Biklen, 1994).

## **7.2. TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA**

A fim de potenciar a credibilidade da investigação, tal como defendem Lincoln e Guba (1985), foi efetuada uma triangulação metodológica. Esta triangulação, baseada na procura de uma interpretação sólida dos dados recolhidos (Denzin, 1978; Patton, 1999), foi realizada a partir dos dados recolhidos através das técnicas utilizadas. Não obstante a informação recolhida num trabalho destas dimensões ser geralmente abundante e, logo, difícil de tratar (Duarte, 2002), a sua interpretação seguiu uma estrutura de acordo com as dimensões/variáveis consideradas relevantes e que contribui para facilitar e concretizar a interpretação e redação de dados.

### CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO E RESULTADOS

#### 8. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Segundo o Anuário Estatístico da Região do Alentejo (AERA) do Instituto Nacional e Estatística (INE), referente ao ano 2013 (mais atual), o concelho de Almodôvar, localizado no distrito de Beja, é um concelho muito extenso, com uma área de 777,88 Km<sup>2</sup>, com uma população residente de 7199 habitantes (tendencialmente em decréscimo), dos quais apenas 1543 são correspondentes ao segmento populacional dos 0 aos 24 anos de idade; 3586 referentes à faixa etária dos 25 aos 64 anos e 3204 correspondentes ao segmento populacional mais idoso (65 ou mais anos), o que lhe confere o *estatuto de concelho envelhecido*.

«[...] é um concelho bastante idoso [...]» (E1)

«Temos um concelho bastante disperso, temos um concelho extremamente envelhecido [...]» (E2)

«[...] número de idosos que existem no concelho, que cada vez são mais [...]» (E3)

«[...] a população está envelhecida» (E4)

«[...] temos uma taxa de envelhecimento (...) que é exponencial.» (E5)

No mesmo relatório (AERA, 2013) pode verificar-se que este concelho apresenta uma densidade populacional de 9,3 indivíduos por km<sup>2</sup> (em média), dispersa pelas 6 freguesias de Aldeia dos Fernandes (536 habitantes), Santa Cruz (651 habitantes), união de freguesias de Gomes Aires e Sta. Clara a Nova (955 habitantes), Rosário (608 habitantes), São Barnabé (531 habitantes) e união de freguesias de Almodôvar e Senhora da Graça dos Padrões (4168 habitantes), cujo contexto se enquadra na tipologia territorial rural, dado o seu cariz agrícola por excelência. Almodôvar, talvez pela sua extensa área territorial, é o 4º município do distrito de Beja com o maior número de população isolada (com 1029 casos; sendo Beja a localidade com maior número: 1487, seguida de Serpa 1241 e Ourique 1046 pessoas isoladas).

*«[...]o isolamento então é um facto[...] há uma grande necessidade de ter atenção a esse problema que é o isolamento e a faixa etária das pessoas de idade que cada vez são mais.» E3*

Quanto a prestações sociais, este município, que apresenta ainda uma população em idade ativa (dos 15 aos 64 anos) na ordem dos 59,3%, tem 145 pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção (RSI) e 339 dependem do Subsídio de Desemprego. Possui uma taxa de crescimento efetivo negativa (-1,54%), uma taxa de emprego que se situa nos 12,8%, encontrando-se inscritos no Centro de Emprego de Ourique 484,6 pessoas (em média), com uma oferta de emprego deste centro na ordem dos 4,3 indivíduos (em média). No contexto educacional, Almodôvar apresenta 1155 alunos no ensino não superior (1º, 2º, 3º ciclos e ensino secundário), não sendo apurados dados referentes a alunos no ensino superior.

Culturalmente, Almodôvar é um concelho bastante rico. Quer pela preservação do Cante Alentejano, que se mantém bastante enraizado em todo o concelho, quer no que concerne ao vasto património histórico e arqueológico, dispondo de vários monumentos, pontes, igrejas e conventos edificadas, sendo de destacar a importância da estação arqueológica das Mesas do Castelinho, em Sta. Clara a Nova, assim como dos achados ligados à mais antiga escrita conhecida de Portugal, com mais de dois mil e quinhentos anos, e que pode ser apreciada no Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar – MESA.

A comunidade do concelho de Almodôvar não apresenta quaisquer barreiras, cuja espontaneidade e tranquilidade marcam a afinidade entre todas as pessoas e os comportamentos e vida quotidiana manifestam-se essencialmente nas atividades provindas do 2º setor (administração, construção civil, indústria, função pública, comércio e serviços) e que desenvolve em paralelo com a pequena agricultura.

É um concelho com uma tendência relativamente alta para o movimento associativo e de variadas dimensões: culturais e de promoção ao desenvolvimento local; artísticas e etnográficas; desportivas e sociais ou solidárias. No entanto, esta dinâmica voltada para o 3º setor, como resultado emergente da colaboração entre as políticas sociais do Estado e projetos da sociedade, que devem promover uma diversidade de organizações voluntárias, sem fins lucrativos e com o princípio da solidariedade, verifica-se muito ténue no tocante a iniciativas coletivas, sendo que somente as associações de cariz social e com funções de voluntariado e solidariedade mostram algum dinamismo e trabalho integrado e articulado em algumas atividades.

«[...] efetivamente o que se nota é que as associações trabalham de uma forma muito individual [...]» E1

«[...] Eu achei um número elevado (de associações - 36) [...] trabalho em rede não existe, neste momento não existe [...] cada associação ou freguesia dinamiza para si próprias. Trabalham mas para si [...]» E2

«[...] agora muitas das vezes, e não sei porquê, talvez não seja por mal, não se vê. Devia de haver mais união neste aspeto.» E3

Atendendo à importância das questões da empregabilidade nesta comunidade, e não obstante a proximidade geográfica com o grande empregador da região que é a Somincor (Sociedade Mineira Neves Corvo, S.A.), o que por si só poderia potenciar uma maior procura habitacional ao nível do concelho e que se traduzia no aumento de população residente que tenderia, naturalmente, a criar um maior ânimo do tecido socioeconómico, este município, em relação aos restantes municípios do distrito (num total de 13), não é de facto o concelho mais procurado para fixação e residência, cuja problemática identificada é efetivamente a baixa densidade populacional.

«[...] universo populacional reduzido, não é propriamente um concelho muito populoso [...]» E1

«[...] Os novos têm que ir à vida deles [...] Não é por culpa deles, é por culpa do sistema a nível nacional e têm que ir à procura de uma vida melhor [...]» E3

«[...] qual é o grande problema dos concelhos do interior? Pá é a grande perda de população!» E4

«[...] nós temos que perceber uma coisa, nós temos pouca população [...]» E5

Abordando superficialmente a dimensão multicultural, Almodôvar apresenta um total de 125 imigrantes residentes no concelho, em condições legais, dos quais 39 brasileiros, 10 ucranianos, 5 cabo-verdianos, 15 romenos, 1 guineense, 5 chineses e 5 do Reino Unido, verificando-se que a questão do multiculturalismo em Almodôvar é pouco significativa (AERA, 2013).

## **8.1. APRESENTAÇÃO DE DADOS**

Como já referido, foram utilizadas várias técnicas de recolha de dados. Além das conversas informais, registadas em caderno de campo, e das entrevistas, foi efetuada uma

consulta à população do concelho, sendo utilizados dois modelos de questionários (presenciais e via internet). Estes questionários revelaram-se, talvez, na experiência mais significativa de todo o processo. Em primeiro lugar pela dimensão da população abrangida e em segundo pelo grau de percentagem que permitiu obter-se quanto à participação da população.

Relativamente aos questionários efetuados através das Juntas de Freguesia, sugere-se uma leitura das seguintes tabelas e gráficos referentes aos dados recolhidos:

Nome da Freguesia	Género dos participantes	Escolaridade dos participantes						Total
		Sem escolaridade	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ensino Secundário	Licenciatura	
Gomes Aires/Sta. Clara	Masculino	0	0	0	0	2	0	2
	Feminino	0	0	0	3	7	2	12
	Total	0	0	0	3	9	2	14
Aldeia dos Fernandes	Masculino	0	2	1	1	5	0	9
	Feminino	0	1	3	3	3	0	10
	Total	0	3	4	4	8	0	19
Sta. Cruz	Masculino	1	0	0	5	0	0	6
	Feminino	1	2	3	3	5	0	14
	Total	2	2	3	8	5	0	20
Rosário	Masculino	0	0	0	1	1	0	2
	Feminino	0	0	0	1	3	0	4
	Total	0	0	0	2	4	0	6
<b>Total</b>	<b>Masculino</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>19</b>
	<b>Feminino</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>18</b>	<b>2</b>	<b>40</b>
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>5</b>	<b>7</b>	<b>17</b>	<b>26</b>	<b>2</b>	<b>59</b>

Tabela 3.2 - Crosstabulation Género dos participantes - Escolaridade dos participantes - Freguesia

De uma forma geral, podemos apontar que o maior número de participantes possui o ensino secundário e são maioritariamente do sexo feminino. Sendo este um projeto de educação social, onde um dos propósitos consistia, também, na quantificação participativa da comunidade em atividades ou estudos que visem o seu envolvimento natural, pode apontar-se que o grau de adesão foi reduzido, tendo sido obtidos apenas 59 questionários respondidos no total e uma das freguesias (S. Barnabé) não participou.

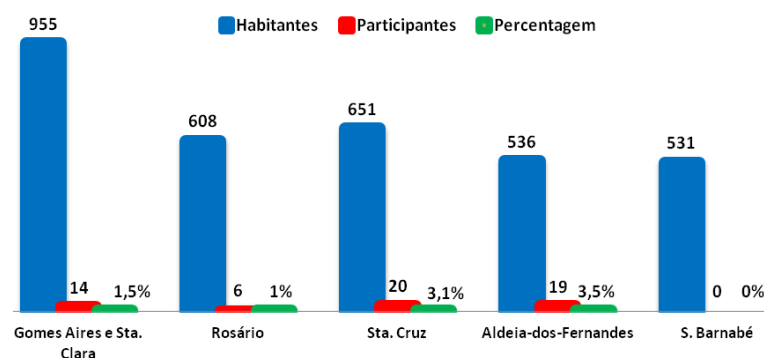
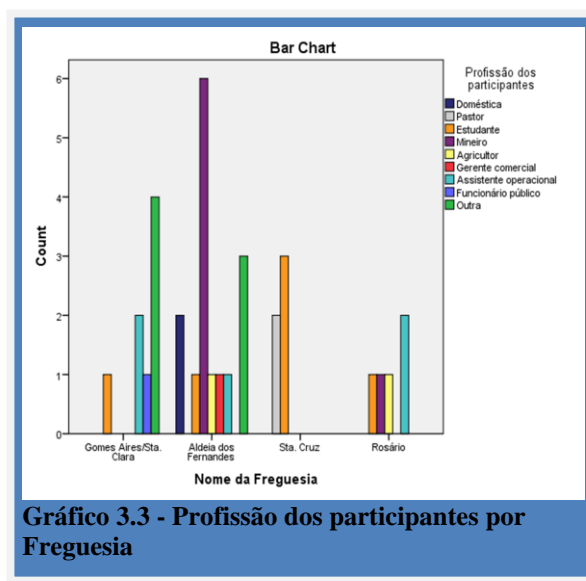
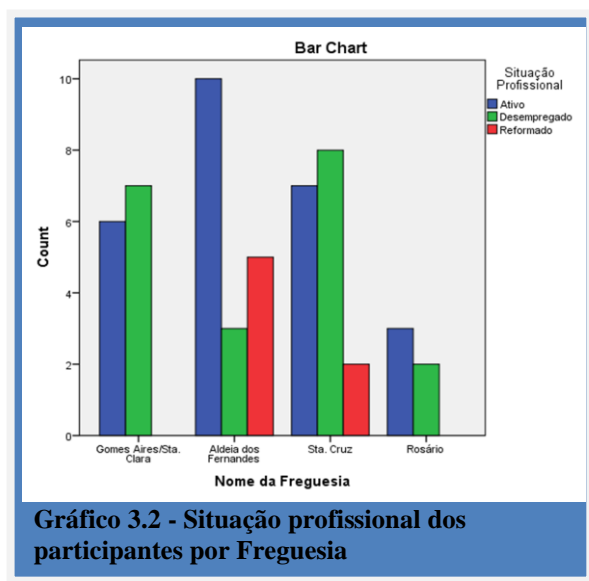


Gráfico 3.1 - Participação populacional, por freguesia, nos Questionários

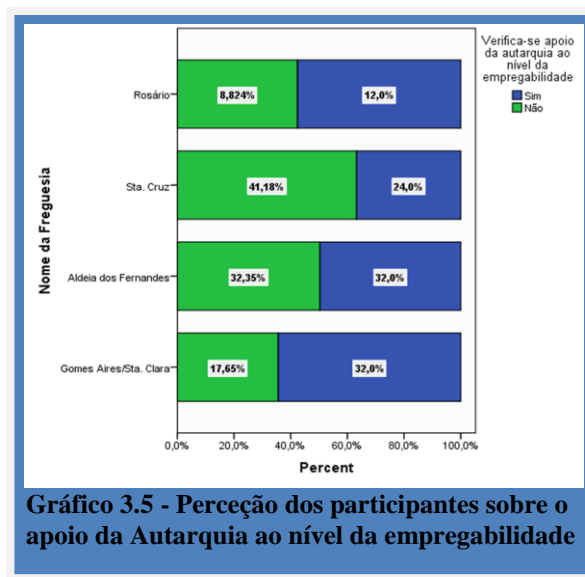
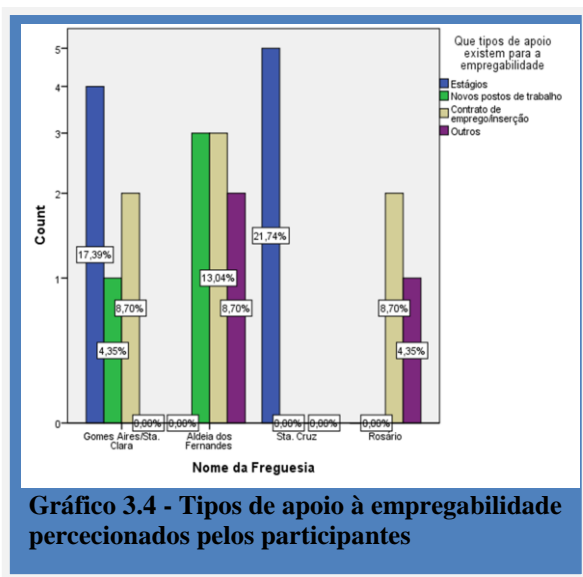
Dos dados recolhidos, permite-nos verificar que o desemprego é um indicador transversal a todas as freguesias do concelho, sendo a profissão de *mineiro* a atividade laborar mais vincada, seguida de *estudantes* e de *assistentes operacionais* (funcionários públicos)<sup>6</sup>. Contudo, a situação profissional dos participantes apresenta alguns valores consideráveis quanto à variável *Desemprego*, não obstante a taxa de desemprego do concelho não ser relativamente alta comparativamente à região do Alentejo e a todo o território nacional (Almodôvar = 12,8%; Alentejo = 16,9%; Portugal = 16,2%, AERA, 2013).



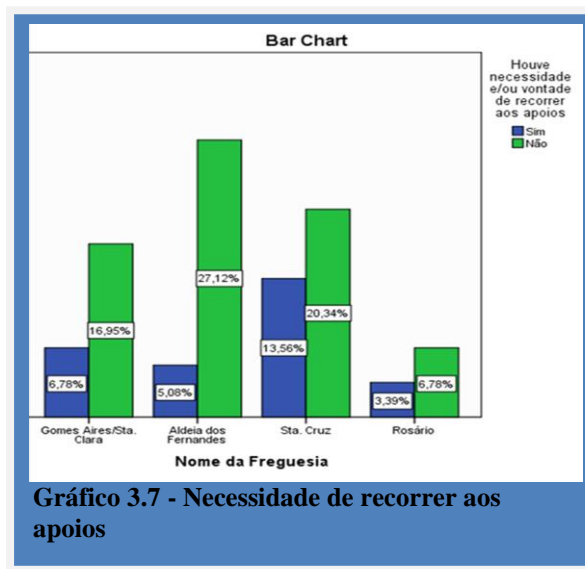
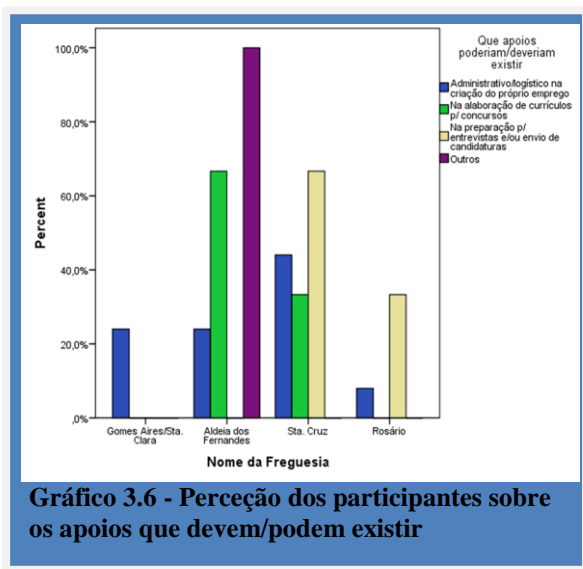
Quanto à perceção dos participantes sobre a atuação da autarquia ao nível da empregabilidade, da educação e do apoio associativo, foi verificado que, de uma forma geral, os participantes sentem que a autarquia serve os munícipes em questões de empregabilidade, apesar de se constatar alguns indicadores contrários. Quanto a tipos de apoios existentes para a empregabilidade, os *Estágios* e *Contrato de emprego/inserção* são os indicadores mais identificados pelos participantes.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> O indicador *Outra* (profissão) foi categorizada por critérios de diversidade laboral que não se encontravam pré-definidos, tais como: funcionário(a) de supermercado; comercial; gerente comercial; empregado(a) de balcão, entre outros.

<sup>7</sup> O indicador *Outros* na variável *Tipos de apoio à empregabilidade*, refere-se a apoios que não foram pré-definidos, tais como: Programas Ocupacionais ou Novos Postos de Trabalho.



Ainda no campo da empregabilidade, a maioria dos participantes não teve necessidade de recorrer aos apoios disponíveis pelo município, sendo que, além dos apoios identificados, foi sugerida a criação de apoios que servissem a população, nomeadamente apoio *Administrativo/logístico na criação do próprio emprego*; apoio *Na elaboração de currículos para concursos* e apoio *Na preparação para entrevistas e/ou envio de candidaturas*. O indicador *Outros*, apesar de sinalizado pelos participantes no questionário, não apresentava qualquer sugestão identificativa.



No domínio da educação<sup>8</sup>, 40,68% dos participantes entendem que não existem quaisquer atividades educativas nas freguesias, sendo que 27,12% têm a perceção de existirem atividades com idosos; 23,73% com crianças e 8,47% com adultos.

<sup>8</sup> São apresentados dados de uma forma geral (soma dos valores apurados em todas as freguesias).

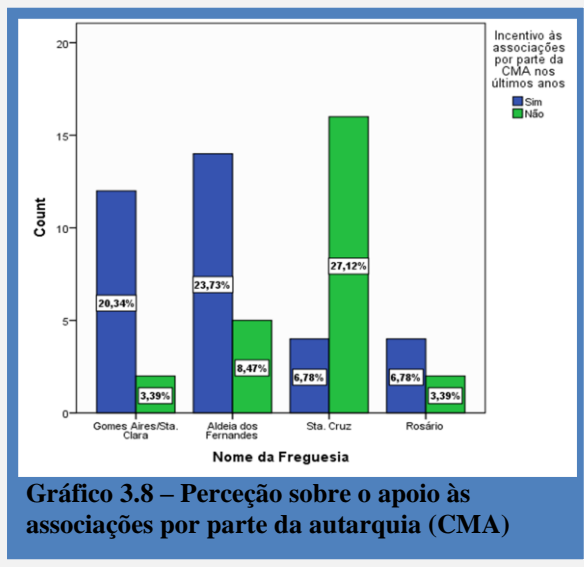


Gráfico 3.8 – Perceção sobre o apoio às associações por parte da autarquia (CMA)

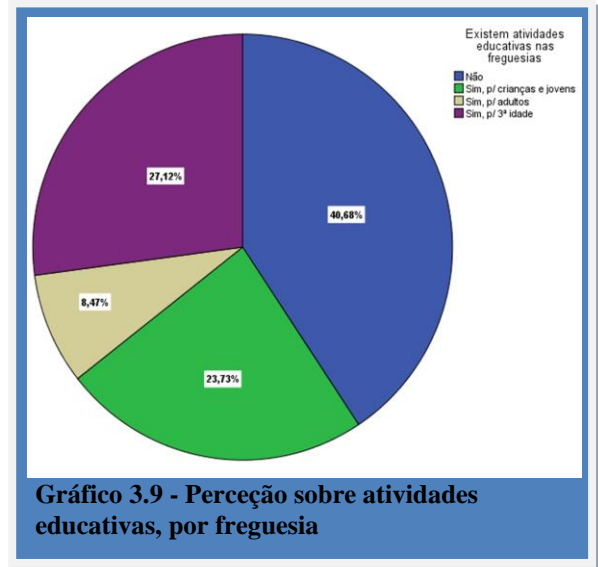


Gráfico 3.9 - Perceção sobre atividades educativas, por freguesia

Quanto à perceção dos participantes sobre o apoio da autarquia às associações locais, constata-se que na freguesia de Sta. Cruz a maioria dos participantes não identifica qualquer incentivo nos últimos anos (Gráfico 3.8).

No que concerne à participação das associações (questionário on-line), e atendendo que uma das finalidades do projeto foi envolver de toda a população (pessoas, entidades e associações) no processo de estudo, foi criado um inquérito *on-line*<sup>9</sup>, em 01-09-2014, canalizado via internet para todas as associações (culturais, desportivas, etnográficas, solidariedade social, etc.) do concelho, o qual se deu por finalizado em 01-12-2014, tendo participado 19 associações das 36 identificadas e reconhecidas pela autarquia.

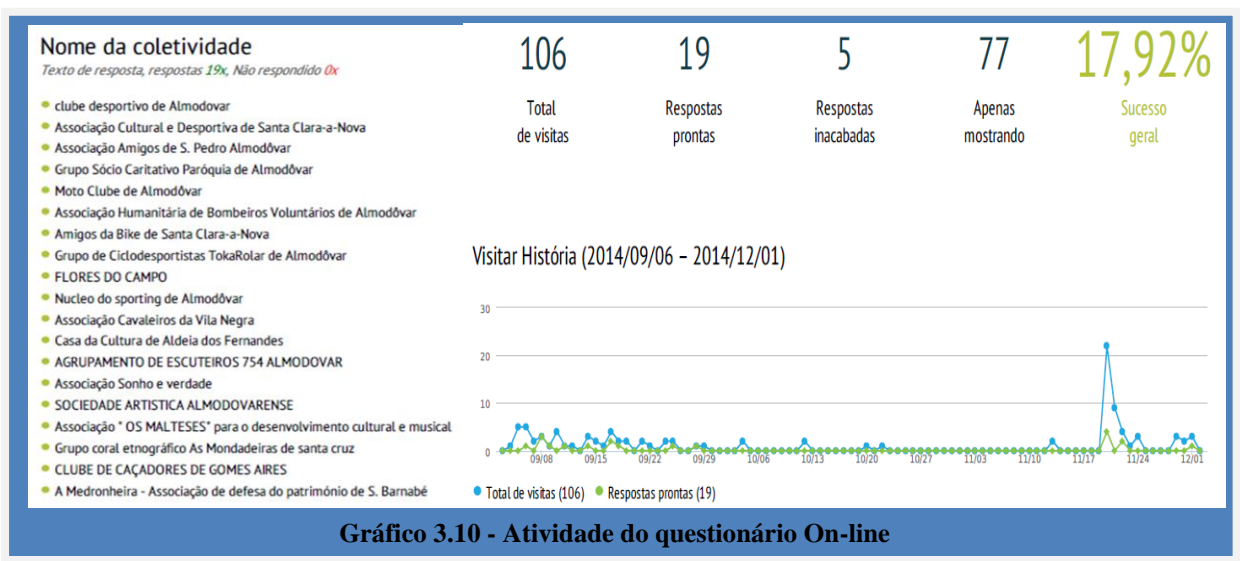
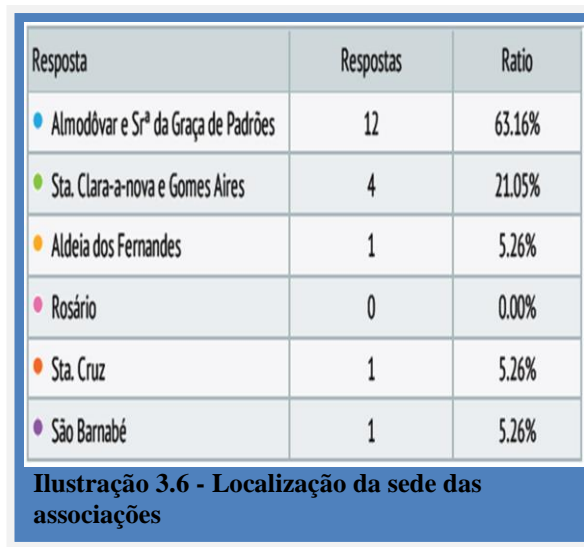
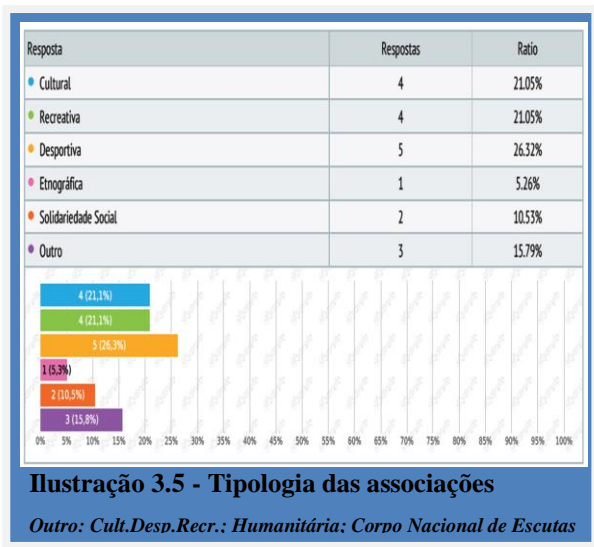


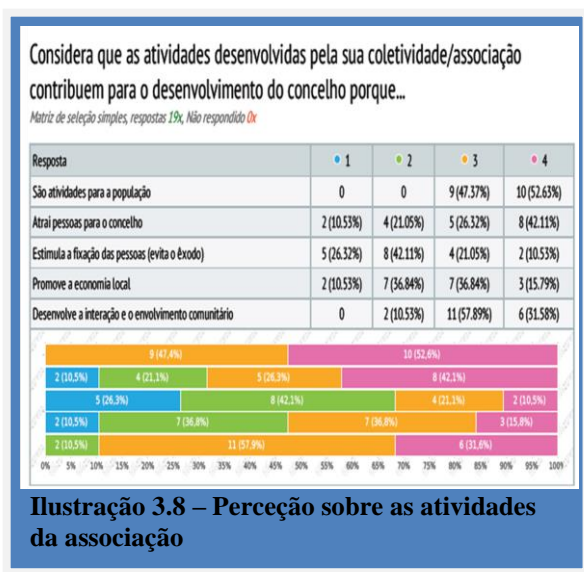
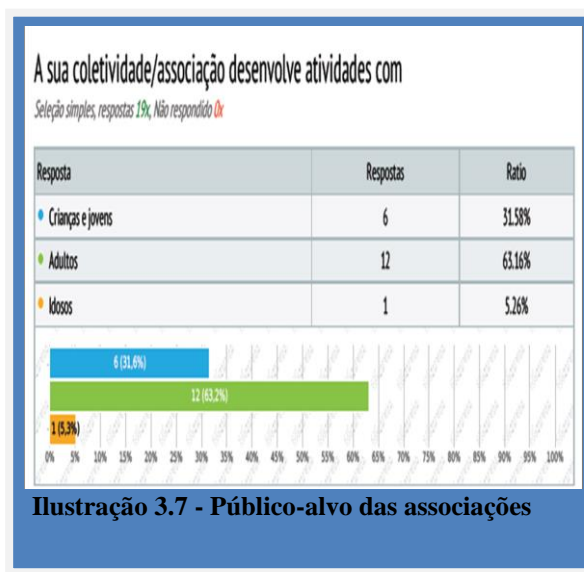
Gráfico 3.10 - Atividade do questionário On-line

<sup>9</sup> Ver anexo 5.

Das coletividades participantes, cujo maior número está localizado na sede de concelho – Almodôvar (12 casos), todas sem fins lucrativos, as associações de cariz desportivo são as mais representativas (5 casos), seguidas pelas culturais e pelas recreativas (ambas com 4 casos).



Quanto às atividades desenvolvidas, 12 das associações participantes entendem que desenvolvem atividades com adultos; 6 com crianças e jovens e apenas uma desenvolve atividades com idosos, sendo essas atividades sentidas pelas próprias associações como atividades pouco (47,37%) ou nada (52,63%) desenvolvidas para a população em geral; que promovem pouco ou razoavelmente a economia local (36,84%); que estimulam a fixação de pessoas (evitam o êxodo) razoavelmente (41,11%) e que em pouco (57,89%) ou nada (31,58%) desenvolvem a interação e o envolvimento comunitário.



## 8.2. CRUZAMENTO DE DADOS E INTERPRETAÇÃO RESULTADOS

De uma forma sintetizada, será exposta em seguida uma sinopse categorial comparativa de entrevistas, onde são apresentados os indicadores considerados mais relevantes e de acordo com as dimensões do projeto, por forma a permitir uma fácil leitura e interpretação e aferir-se denominadores comuns entre cada entrevistado.

ENTREVISTAS	E1 - exploratória CMA	E2 – ação social CMA	E3 – junta de freguesia ADV-SGP	E4 – IIEFP	E5 – CQEP	
CATEGORIAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Dinâmicas comunitárias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Movimento associativo vincado</li> <li>▪ Dinamismo social solidário</li> <li>▪ Voluntariado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Retorno de pessoas pós-aposentação</li> <li>▪ Dinamismo social solidário</li> <li>▪ Voluntariado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Retorno de pessoas pós-aposentação</li> <li>▪ Fixação de pessoas extra-locais (alguns casos)</li> <li>▪ Dinamismo social solidário</li> <li>▪ Voluntariado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Mobilidades populacionais acentuadas</li> <li>▪ População ativa e dinâmica</li> <li>▪ Retorno de jovens licenciados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Mobilidades de estudantes desfavorável</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Articulação institucionais e parcerias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Segurança Social (SS);</li> <li>▪ IIEFP</li> <li>▪ Empresas (públicas e privadas)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ IIEFP</li> <li>▪ SS</li> <li>▪ Empresas (públicas e privadas)</li> <li>▪ Comércio local (pouca representatividade)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Autarquia</li> <li>▪ IIEFP</li> <li>▪ SS</li> <li>▪ Empresas (públicas e privadas)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Autarquias</li> <li>▪ Empresas (públicas e privadas)</li> <li>▪ IPSS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Escolas limítrofes</li> <li>▪ Autarquias</li> <li>▪ IIEFP</li> <li>▪ CQEP's</li> <li>▪ Empresários locais</li> <li>▪ Empresas (públicas e privadas)</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Problemáticas (sociais, políticas, educacionais, culturais, demográficas, económicas...)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fluxo migratório desfavorável</li> <li>▪ Algum êxodo derivado da falta de emprego</li> <li>▪ Associações trabalham de forma muito individual (mau funcionamento em parceria das associações)</li> <li>▪ Pouca autonomia associativa/dependência financeira</li> <li>▪ Associações e população pouco dinâmicas (pouca iniciativa)</li> <li>▪ Concelho envelhecido</li> <li>▪ Progressivo afastamento entre jovens e idosos</li> <li>▪ Interesses dissonantes entre jovens e idosos</li> <li>▪ Distanciamento físico e emocional entre jovens e idosos</li> <li>▪ Quebra de laços afetivos por força do afastamento e por razões de emprego</li> <li>▪ Comunidade pouco participativa e interativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fluxo migratório desfavorável</li> <li>▪ Dispersão populacional/territorial</li> <li>▪ Concelho envelhecido</li> <li>▪ Baixa taxa de natalidade</li> <li>▪ Individualismo associativo (não fazem parcerias)</li> <li>▪ Associações e população pouco dinâmicas (pouca iniciativa)</li> <li>▪ Demasiada dependência das associações</li> <li>▪ Demasiado comodismo</li> <li>▪ Elevada quantidade de associações</li> <li>▪ Pouca oferta educacional/formativa</li> <li>▪ Pouca informação/divulgação à população</li> <li>▪ Pouca articulação entre empresas</li> <li>▪ Alguma resistência na articulação entre serviços</li> <li>▪ ATL's para as crianças pouco</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fluxo migratório desfavorável</li> <li>▪ Pouco dinamismo populacional</li> <li>▪ Envelhecimento populacional</li> <li>▪ Isolamento</li> <li>▪ Pouca informação/divulgação à população (não chega aos montes isolados)</li> <li>▪ Pouca divulgação dos recursos como fonte de atração turística</li> <li>▪ Poucos recursos e autonomia da Junta e demasiada burocracia sistémica</li> <li>▪ Formações profissionais inadequadas ao (escasso) mercado de trabalho</li> <li>▪ Políticas desajustadas na empregabilidade (precaridade)</li> <li>▪ Poucas medidas na fixação de jovens</li> <li>▪ Pouca aplicabilidade prática</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fluxo migratório desfavorável</li> <li>▪ Êxodo</li> <li>▪ Envelhecimento populacional</li> <li>▪ Desemprego</li> <li>▪ Taxa de natalidade baixa</li> <li>▪ Poucos recursos de trabalho</li> <li>▪ Pouca dinâmica do GADES</li> <li>▪ Parcas repostas para licenciados/qualificados</li> <li>▪ Vontade</li> <li>▪ Fraca relação Escola/Universidade</li> <li>▪ Empreendedorismo</li> <li>▪ Pouca resposta para qualificados/licenciados</li> <li>▪ Pessoas demasiado dependentes da autarquia</li> <li>▪ Falta de iniciativa/dinamismo por parte dos jovens licenciados</li> <li>▪ Desinteresse</li> <li>▪ Incapacidade de fixar jovens licenciados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Densidade populacional baixa</li> <li>▪ Êxodo</li> <li>▪ Envelhecimento populacional</li> <li>▪ Saída de estudantes</li> <li>▪ Reduzido nº de alunos</li> <li>▪ Proximidade com centro urbanos</li> <li>▪ Desvalorização da educação formal</li> <li>▪ Desinteresse pelo ensino formal</li> <li>▪ Rede de transportes deficitária</li> <li>▪ Diferenças educativas entre concelhos</li> <li>▪ Dificuldades económicas</li> </ul>

		dinâmicos e criativos			
<ul style="list-style-type: none"> <li>Potencialidades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Forte movimento associativo</li> <li><b>O Cante Alentejano como fator de identificação, interação e união populacional</b></li> <li>Alguns participação e interação</li> <li>Alguns dinamismo social solidário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Recursos naturais/endógenos</b></li> <li>Alguns participação e interação</li> <li>Alguns dinamismo social solidário</li> <li>Equipamentos e serviços</li> <li>Património histórico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Recursos naturais/endógenos</b></li> <li>Alguns participação e interação</li> <li>Alguns dinamismo social solidário</li> <li><b>O Cante Alentejano como fator de identificação, interação e união populacional</b></li> <li>A paisagem</li> <li>Património histórico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Alguns empreendedorismo e dinamismo</li> <li>Alguns empenho</li> <li>Proximidade e relacionamento entre instituições, autarquias e pessoas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Abandono escolar nulo</li> <li>Boas condições físicas e materiais</li> <li>Movimento associativo</li> <li>Reconhecimento formativo</li> <li><b>Equipamentos e serviços</b></li> <li><b>Boas relações institucionais</b></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Mercado de Trabalho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Somincor</li> <li>Câmara Municipal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Somincor</li> <li>Câmara Municipal</li> <li>Pingo Doce e Mini-Preço</li> <li>Empresários locais (pouca expressão)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Somincor</li> <li>Câmara Municipal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Somincor (Mina)</b></li> <li>Empresas ligadas à Mina</li> <li><b>Câmara Municipal</b></li> <li>Juntas de Freguesia</li> <li><b>IPSS – Fundação São Barnabé; Casa Paroquial de Sta. Clara, Lar do Rosário, CERCICOA</b></li> <li>Gabinetes de contabilidade</li> <li>Restauração e hotelaria</li> <li>Construção civil</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Somincor (Mina)</b></li> <li>Empresas ligadas à Mina</li> <li>Comércio local</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificação territorial e valorização patrimonial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Forte identificação territorial</li> <li>Parca valorização patrimonial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Parca valorização patrimonial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Forte identificação territorial</li> <li>Valorização patrimonial</li> <li>Comunidade paternalista</li> </ul>	<p>----/----</p>	<p>----/----</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Plano de Ação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Estimular parcerias entre associações</li> <li><b>Incentivar a realização de trabalhos conjuntos e em rede</b></li> <li>Desenvolver a responsabilidade social</li> <li><b>Incentivar o envolvimento e participação comunitária</b></li> <li>Promover a autonomia e autossustentabilidade de associativa</li> <li><b>Criação da incubadora de empresas</b></li> <li><b>Criação da Univ. Sénior</b></li> <li><b>Promover a valorização Cultural</b></li> <li>Rentabilizar recursos</li> <li>Promover a intergeracionalidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Criação da incubadora de empresas</b></li> <li><b>Criação da Univ. Sénior</b></li> <li><b>Incentivar a realização de trabalhos conjuntos e em rede</b></li> <li><b>Ações de sensibilização para a participação comunitária</b></li> <li>Dinamização e articulação associativa</li> <li><b>Sensibilização para valorização de recursos</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver estratégias no turismo</li> <li>Criação de uma Unidade de Cuidados Paliativos para idosos</li> <li>Apoio Social</li> <li>Estudo para detetar problemas</li> <li><b>Ações de sensibilização para a participação comunitária</b></li> <li>Ações de desenvolvimento de atividades práticas baseadas na experiência das pessoas (rendas, meias, etc.) – Univ. Sénior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aproximação a empresas e pessoas</li> <li>Seminários e workshops</li> <li>Sessões de esclarecimento a desempregados</li> <li>Formações direcionadas ao mercado de trabalho</li> <li>Visitas às empresas</li> <li>Dinamização e interação inter-institucional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Potenciar cursos mais atrativos</li> <li>Apostar me ofertas educativas e formativas mais variadas</li> <li>Cursos profissionais direcionados ao mercado de trabalho</li> <li>Cursos EFA</li> <li>Unidade de formação de curta duração</li> <li>Ensino recorrente por módulos capitalizáveis</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Sensibilização ao Projeto</b></li> <li>-Viabilidade</li> <li>-Aplicabilidade</li> <li>-Identificação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificação e agrado</li> <li>▪ Ideia muito interessante</li> <li>▪ <b>Resultados do estudo servirão de base para uma decisão futura</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Diagnóstico na base de futuras intervenções</b></li> <li>▪ <b>Toda a viabilidade e aplicabilidade</b></li> <li>▪ <b>Muito útil para a dinamização do GADES</b></li> <li>▪ Importante articular todos os eixos/dimensões (cultural, económica/socioeducativa)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Importante</b> para o meio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Importante</b></li> <li>▪ <b>Disponibilidade e apoio institucional</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Útil para dinamizar e complementar o que já existe</b></li> <li>▪ <b>Disponibilidade e apoio institucional</b></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Espaço Físico</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A estudar-se</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A estudar-se</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Centralização num dos montes com mais habitantes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Faz sentido centralizar num espaço único</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sem necessidade</li> </ul>

**Tabela 3.3 - Sinopse categorial comparativa de entrevistas**

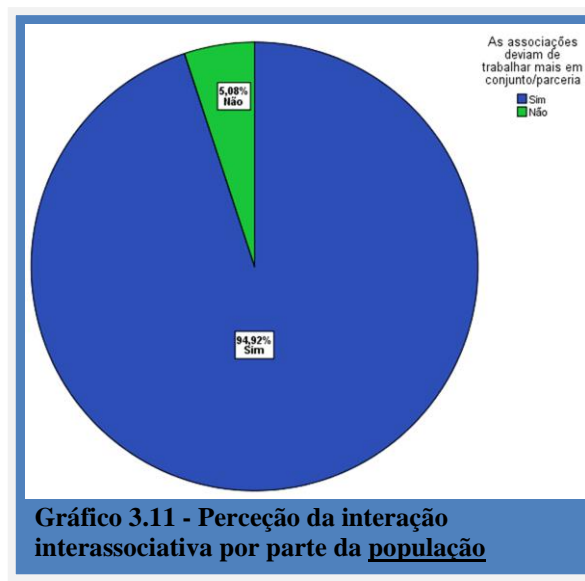
Resulta, assim, do cruzamento de dados das entrevistas realizadas, não obstante existirem dimensões distintas categorizadas, que ao nível da autarquia (Câmara Municipal, Ação Social e União de Freguesias) é reconhecido algum dinamismo do movimento associativo, embora com tendência para a individualização das associações e com alguma dependência (financeira, logística, física e material). Contudo, existem algumas atividades pontuais conjuntas, com maior relevância no campo do voluntariado e da solidariedade, que, através de processos educativos, podem tornar-se como fatores-alavanca à melhoria de relações, interação e trabalho conjunto entre as associações, bem como de capacitação individual e coletiva da comunidade e que leve a uma maior cooperação e participação.

Fatores como a baixa densidade populacional, o êxodo, o desemprego, o envelhecimento, a pouca oferta educativa e formativa e desadequada ao mercado de trabalho, a dificuldade de fixação de jovens e de atrair investidores, o parco trabalho em rede e a atitude nada resiliente da população foram também problemáticas comuns identificadas pelos entrevistados. Estas problemáticas, são facilmente desvalorizadas com as potencialidades e capacidades vistas nesta comunidade. A forte identificação territorial, os recursos naturais endógenos e paisagísticos, o património histórico e cultural, o relacionamento de proximidade existente entre instituições e entre estas e a comunidade e a boa localização geográfica, são potencialidades que devidamente sinalizadas, acompanhadas, dinamizadas e exploradas, irão contribuir, certamente, para o desenvolvimento deste território.

Assumindo total disponibilidade e apoio institucional, as entidades participantes apresentaram alguns projetos futuros, ou planos de ação, como a criação de serviços ou infraestruturas que irão promover o trabalho em rede e em parceria, a sensibilização e educação para o aproveitamento de recursos e valorização patrimonial, uma maior aproximação às empresas privadas e uma clara aposta na variedade educativa e formações

direcionadas ao mercado de trabalho, são bons indicadores que permitem estabelecer este projeto como um contributo extremamente positivo para o concelho de Almodôvar, o qual terá toda a viabilidade e aplicabilidade, não obstante a não assunção da criação do espaço físico único. Além de servir para impulsionar e complementar serviços já existentes, irá permitir melhorar relações e articulações institucionais, associativas e populacionais, irá despertar a consciências da comunidade e estimular dinâmicas inovadoras e empreendedoras.

A questão do trabalho conjunto entre associações foi identificado por todos os inquiridos (através dos questionários e das entrevistas), com uma problemática a solucionar.



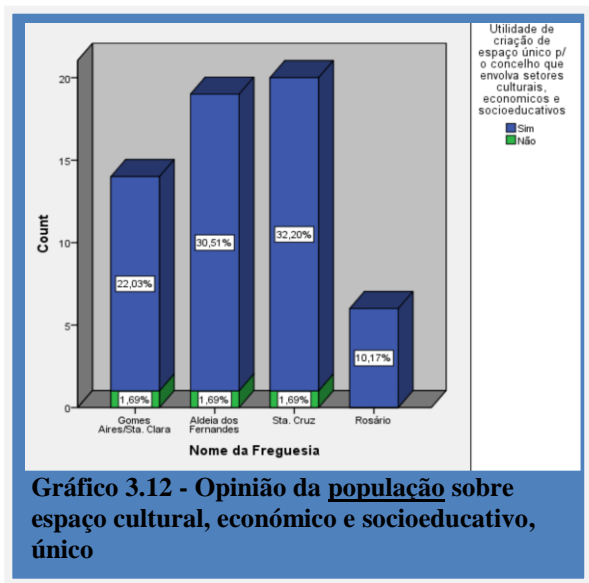
A mesma opinião mantém-se quanto ao espaço único, polivalente, que envolva os setores culturais, económicos e socioeducativos, embora não tenha sido reconhecido como viável pela maioria dos líderes locais (CMA; Ação Social; e CQEP), quando entrevistados.

«[...] embora não exista um espaço com as dimensões para um projeto desta natureza, eu acho que a intenção é até começar de alguma forma com um projeto piloto[...]» E1

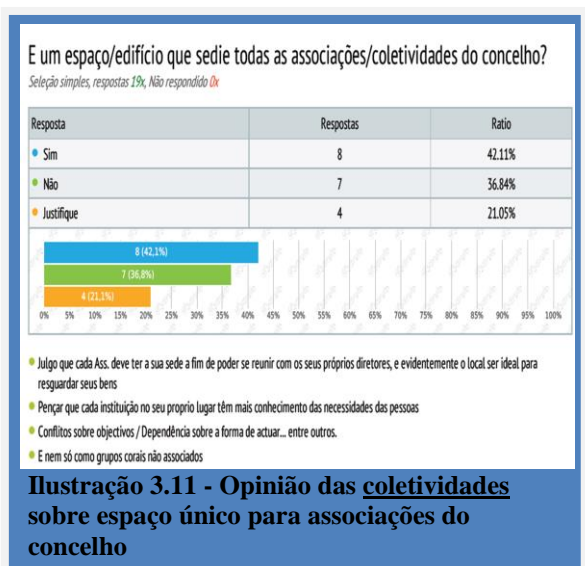
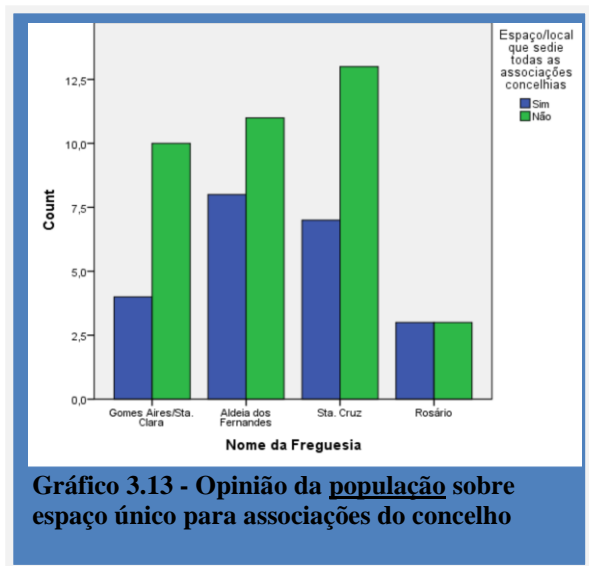
«[...] O espaço não é o mais importante neste momento, penso eu, desde que o projeto se consiga implementar ao nível da comunidade a questão do espaço muito provavelmente se irá resolver, ir-se-á tentar solucionar de alguma forma[...]» E2

«[...] Eu não vejo a absoluta necessidade física de criar um espaço único. A::: acho que um edifício estrutural é possível de o montar... se ele precisa de estar num espaço físico mesmo, talvez não haja essa necessidade [...]» E5

Porém, resultou da consulta à população e às associações/coletividades, que esse polo comum seria útil e traria benefícios à comunidade.



A perceção diverge ao ser abordada a questão da criação de um espaço único que sediasse todas as associações do concelho, onde responsáveis/dirigentes das coletividades se dividem entre o considerar útil e não entenderem qualquer utilidade nesse espaço (8 sim e 7 não), tal como a população em geral das freguesias que não verifica utilidade nesse espaço. Não obstante não se considerarem como elementos de análise a justificação das respostas, achou-se interessante apresentar os fatores como «(...) cada associação deve ter a sua sede a fim de se poder reunir com os seus próprios diretores (...)); «(...) cada instituição no seu próprio lugar têm mais conhecimento das necessidades das pessoas»; a questão dos «Conflitos sobre objetivos/Dependência sobre a forma de atuar...(...)», como os indicadores que mais se destacaram nas justificações apresentadas pelos dirigentes associativos.



### **8.3. POTENCIALIDADES E ESTRANGULAMENTOS**

Entendeu-se neste ponto tecer algumas considerações sobre as fragilidades e potencialidades desta investigação, sendo que todas as fragilidades e potencialidades identificadas foram, acima de tudo, como que o ADN deste projeto e tiveram uma função fulcral na sua prossecução e realização.

Efetuada uma avaliação diagnóstica quanto a estrangulamentos, é de referir algumas dificuldades na recolha de dados. Quer na consulta à população através dos questionários deixados nas juntas de freguesia, que, como vimos, teve uma fraca colaboração mas que permitiu perceber o grau de participação da comunidade (como se referiu era uma das pretensões do estudo) e através do questionário on-line que durante o período em que esteve ativo (cerca de 3 meses), e apesar de todas as associações e grupos do concelho, reconhecidos pela autarquia (36) terem sido contactadas e consultadas, somente foram obtidas 19 respostas ao inquérito realizado.

Fatores como a fraca participação comunitária no que toca a ações com temáticas pouco usuais no quotidiano desta comunidade – como no caso da atividade “I Jornadas de Desenvolvimento Local” que teve pouca adesão (reconhecendo a débil divulgação); as questões político-partidárias que tendem a fragmentar parcelas sociais e que, quando assumidas como dicotomias e não como princípios de verdadeira democracia e liberdade, em nada contribuem para a coesão social e bem-estar comum: «(...) *trabalhar em conjunto sem olhar a A, a B ou a C, ou é desta cor ou daquela cor e votou neste ou naquele, é dar todos as mãos e só assim é que se consegue ir prá frente (...)*» [E3]; questões ligadas ao associativismo, com pouca interação e colaboração entre associações: «(...) *número elevado (de associações)*» [E2]; «(...) *há muito individualismo por parte de cada uma das associações (...)*» [E1] e que tendem a prejudicar a união com reflexos nas relações pessoais; a distância geográfica entre o investigador e o território, pese embora exista uma relação pessoal e sentimental muito próxima, reforçada por presenças assíduas, que limitou algumas recolhas de dados - sobretudo na aplicação dos questionários à população das freguesias; e a pouca abertura populacional para questões/estudos científicos, foram as fragilidades mais sentidas durante a investigação.

Contudo, este projeto, e numa essência transformadora, baliza-se nas potencialidades e não nas fragilidades identificadas. Sendo reconhecidas algumas capacidades empreendedoras, resilientes e dinâmicas desta comunidade «(...) *dos 3 concelhos onde existe uma maior dinâmica, é este o termo, entre o ir trabalhar e depois volta e inscreve e assim aproveita*

*aquelas oportunidades todas, e entre Ourique e Castro, Almodôvar faz essa diferença. Diria que são desempregados mais ativos e dinâmicos (...), em Almodôvar as pessoas também são um bocado empreendedoras (...)*» [E4]; recorrendo ao facto de «(...) *ser uma comunidade um pouco participativa e interativa (...)*»[E2] e à forte identificação territorial, valorização cultural, *extasiada* com a atual elevação do Cante Alentejano como Património Cultural Imaterial da Humanidade (atribuído em Paris pela UNESCO, em 27 de novembro de 2014), que se mantém bem presente da vida dos Almodovarenses, são fatores considerados preponderantes para o desenvolvimento desta região.

No entanto, das maiores potencialidades dos territórios são os seus recursos humanos, as relações e as interações entre pessoas e grupos, sendo de extrema importância que esses recursos não se assumam unicamente como utentes de serviços, mas sim como atores e autores ativos das práticas de desenvolvimento local. O modelo de desenvolvimento local

caracteriza-se por um processo de melhoria das condições culturais, económicas, educativas e sociais das populações através de iniciativas de base comunitária, de valorização dos recursos humanos e materiais em ligação privilegiada com as populações locais e extra-locais e as instituições do território em zonas rurais ou urbanas, no litoral ou interior. (Viveiros, 2008, p.2)

E, neste sentido, caberá à comunidade participar ativamente nos caminhos e orientações que devem ser seguidos para que a aplicação dos processos de desenvolvimento local, baseada na realidade que os rodeia e acima de tudo na vontade, resulte e se traduza efetivamente num só processo integrado, inclusivo, coeso e que promova o bem-estar geral e a evolução social, cultural e educativa deste território.

## **CAPÍTULO IV - O PROJETO**

### **9. CONSIDERAÇÕES ESTRATÉGICAS**

Este projeto parte da análise efetuada ao concelho de Almodôvar, sendo as suas estratégias apontadas de acordo com os objetivos identificados, problemáticas sinalizadas, potencialidades verificadas e, acima de tudo, através das necessidades comunitárias diagnosticadas e sentidas. O envelhecimento populacional foi um dos fenómenos diagnosticados e bem patente neste território, apesar da sua transversalidade a todo o país. Os jovens, principalmente os adolescentes, procuram migrar para outros centros mais populosos à procura de outras oportunidades educativas e de emprego e sobretudo para se manterem mais atualizados. Todavia, o concelho de Almodôvar oferece aos seus residentes e visitantes todos os equipamentos necessários para uma adequada fixação populacional, não obstante tais equipamentos se verificaram na sua maioria na sede de concelho. O êxodo, principalmente por parte dos jovens, é bem exemplificativo do trabalho que há a fazer neste concelho que, como atrás foi referido, é dotado das mais diferenciadas infraestruturas e equipamentos, levando a que se possa afirmar que Almodôvar, além de concelho acolhedor, oferece as devidas condições para se constituir uma família, tendo por base as infraestruturas escolares, culturais, de saúde, de segurança, entre outros, que são necessários.

Contudo, os jovens, para se sentirem parte integrante da comunidade de Almodôvar, precisam de aumentar os seus níveis participativos, alavancados pelas instituições que têm a responsabilidade de promover esses níveis: Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, agências governamentais e associações locais. Se, por um lado, o envelhecimento de uma comunidade pode oferecer obstáculos à participação, como a resistência à mudança, a pouca motivação, o desinteresse, entre outros, também não é menos verdade que o sentido identitário da comunidade relativamente à terra e às suas origens poderá ser um vetor a analisar. Almodôvar, apesar de ser um concelho predominantemente rural, a sua população apresenta uma certa diversidade cultural. A influência da comunicação social, nomeadamente a televisão mas, principalmente, a influência dos familiares que migraram em direção aos

grandes centros, trazem consigo hábitos e estilos de vida que algumas vezes se tornam evidentes e marcantes na sua comunidade.

A aposta no capital social desta comunidade, tal como defendem Hanifan, Bourdieu, Coleman, Fukuyama e Putnam, com a construção de objetivos comuns e com algo com que as pessoas se identifiquem, tenderá também valer o propósito para o aumento dos níveis de união e participação comunitária. É na existência de uma relação de desenvolvimento local baseado numa economia de proximidade que permite aos atores locais a sua participação direta nos projetos de mobilização do capital social, que tende a culminar em impactos positivos ao nível do emprego sustentável e prestações de serviços com interesse para toda a comunidade (Noya, 2010).

Uma das valências dos territórios rurais é, indubitavelmente, o seu património paisagístico. E, neste sentido, os recursos naturais e paisagísticos são determinantes a serem explorados e numa clara aposta enquadrada na vertente turística no concelho de Almodôvar. O turismo natureza, cultural e de lazer é um dos “produtos inovadores” e potencialidade inerente deste território, que, como tal, deverá constituir-se como aposta nas políticas de desenvolvimento (PENT, 2012).

*«(...) no sábado à noite, teve aí o coro do teatro nacional D. Carlos, um coro que veio aí cantar à igreja, e as pessoas ficaram cá e no dia seguinte foram dar um passeio, correram aí a serra e gostaram muito...»(E3)*

Além disso, as relações de proximidade do concelho de Almodôvar, dada a sua boa localização geográfica, com os grandes centros urbanos do Alentejo e Algarve, podem trazer benefícios quer na dinamização territorial, com alternativas turísticas que sirvam como polo de atração e, logo, de estimulação do setor económico, quer as próprias pessoas da comunidade ao promover o empreendedorismo, numa clara participação-ação, estimulando atitudes criativas e dinâmicas e promovendo a fixação de pessoas.

O Alentejo é claramente identificado com um tradicional produto turístico, em que o principal mercado são as viagens de lazer, a gastronomia, os hábitos e tradições e o mais recente Património Histórico Cultural da Humanidade: o Cante Alentejano. Não obstante o desenvolvimento de produtos alternativos e complementares, este articula-se com a oferta regional (e nacional), como é assumido na estratégia nacional para o setor, que o apresenta como um produto tradicional a requalificar.

*«(...) é também a desenvolver! E também pode ser um polo de desenvolvimento local: o turismo em Almodôvar! Porque aqui, temos aqui tanta coisa: queijo, mel, o medronho, a*

*cortiça, sei lá, tudo isso tem que ser, tem de passar por aí para desenvolver isto! Desenvolver o conhecimento, dar a conhecer a outras pessoas, outras terras o que cá temos e que muitas das vezes tá esquecido!»[E3]*

Almodôvar tem efetivamente potencialidades a serem exploradas que visam desenvolver este território. De acordo com Brito (2006), o setor do turismo, apesar de a sua prática ter sofrido grandes alterações ao longo do tempo, é atualmente entendido como um latente meio de dinamização da economia, de modernização de infraestruturas e de criação de empregos e (re)qualificação operária, e logo, tem sido perspectivado como polo de atração do desenvolvimento socioeconómico. Quer pelas receitas obtidas quer por permitir a criação de relações de proximidade com outros setores de atividade como o agropecuário, a indústria, o comércio e os serviços e ainda por exigir uma atenção particular no que respeita aos meios natural e sociocultural.

O turismo pode contribuir para uma múltipla valorização, de âmbito sociocultural, económico e ambiental. Sociocultural, ao promover a divulgação da cultura popular, das práticas tradicionais e das formas de expressão artística ancestrais, fundamentadas na tradição oral e no costume e ameaçadas de perda, da preservação patrimonial, histórica e arquitectónica, bem como da promoção das formas artísticas emergentes. Económica, pela capacidade de incentivar e dinamizar actividades produtivas complementares, criando postos de trabalho e melhorando as condições de vida e de trabalho da população activa, mas também retendo divisas e valorizando o investimento produtivo, promovendo a revitalização do tecido empresarial. Ambiental, ao criar condições para que a preservação ambiental e a protecção de espécies se efective, através da criação de áreas protegidas e de reserva natural. (Brito, 2006, p.22)

Contudo, nesta atual perspectiva de desenvolvimento local integrado, deverá o poder local (autarquias) apostar numa atitude de carácter dinâmico e de coordenação, dada a organização em rede que a sociedade assume hoje. E neste caso concreto, o papel que a autarquia de Almodôvar deve adotar é esse mesmo, o de mediador, regulador e inclusivamente de liderança, sem que monopolize este último fator, rompendo assim com as formas tradicionais de administração e implementar novos métodos de governo e de administração (Menezes, 2001). Bilhim (2004) vem reforçar esta ideia da necessidade de reinventar as autarquias locais, levando a que sejam repensadas as estratégias adotadas no passado, atendendo aos novos desafios que surgem com a evolução social e que obriga aos líderes locais a pôr em causa os sistemas e organizações tradicionais.

Os desafios que os Municípios encontram atualmente, relacionados essencialmente com o aumento e relevância do terceiro setor, implicam a necessidade de estabelecer novos relacionamentos entre poder público e privado. Estes novos relacionamentos permitem uma maior abertura dos Municípios, que deixam de se fechar sobre si próprios, e cuja ação social supera o paradigma assistencialista característico. Perspetivas essencialmente integradoras, que visam o acompanhamento da evolução social, permitem ao poder local assumir uma posição aberta, assente em relações de partilha dotadas de horizontalidade, e levam a que “(...) mais do que simples fornecedores de bens e serviços públicos aos residentes, as Câmaras Municipais transformam-se, assim, em agentes de desenvolvimento «directos» (...)” (Melo, 2002, p.525).

#### As autarquias locais

(...) devem então assumir um papel catalisador das forças sociais da comunidade, para que as mesmas tenham uma participação activa na construção de um futuro melhor. Para tal será necessário por um lado, criar espaços de debate, crítica, criatividade onde os problemas locais sejam analisados com base no contributo/experiência dos vários intervenientes (...) mobilizando a comunidade à volta de um projecto comum. (Menezes, 2001, pp.45-46)

Neste sentido, e numa clara visão atual, torna-se fulcral que a CMA encontre *stakeholders*<sup>10</sup> dentro da comunidade para que, e em conjunto, se possam aplicar as estratégias planificadas. Isto é, sabendo quem são as pessoas ou grupos (associações) a quem se influencia com o trabalho, é de vital importância para pensar estrategicamente não só a comunicação da entidade como também todo o planeamento de atividades da instituição, a fim de promover programas sociais adequados com a realidade do universo em que se atua e poder oferecer produtos e serviços de acordo com o que se pretende.

O êxito destas estratégias está intimamente ligado à possibilidade que é dada aos atores sociais locais de apreender a realidade local, tornando-se parte integrante da mesma, acompanhar de perto os processos e executar e avaliar os resultados.

*«(...)o desenvolvimento local será aquilo que as pessoas queiram!» E4*

---

<sup>10</sup> Pessoas, grupos de influência ou de interesse ou associações que legitimam as ações de uma organização e que têm um papel direto ou indireto na gestão e resultados dessa mesma organização. Tal como definiu o filósofo Robert Edward Freeman, em 1984, na sua obra “*Strategic management: a stakeholders approach*”, *stakeholders* com interesses ou direitos similares promovem o trabalho em grupo e a coesão.

### **9.1. ESTRUTURA E DINÂMICAS DO PROJETO**

Este projeto baseia a sua estrutura e dinâmicas indo ao encontro das políticas previstas no Programa Operacional (PO) do Alentejo 2014-2020<sup>11</sup>, tem por base as políticas nacionais para a promoção do Desenvolvimento Local, fundamentado nos vetores do Crescimento Inteligente, Sustentável e Inclusivo, e assenta em três eixos-chave: Socioeducativo, Económico e Cultural. Dotado de eficiência - quanto ao uso de recursos, o impacto e a sustentabilidade da intervenção, adequando a relação entre a boa utilização dos recursos e as atividades e resultados; de eficácia - que irá permitir avaliar se o resultado das atividades culminam com os objetivos propostos; e de efetividade - quanto aos objetivos e estratégias, avaliando os benefícios ou mudanças resultantes do projeto e das suas ações de modo a garantir a sua continuidade na e pela comunidade, terá todas as possibilidades de tornar uma mais valia para esta comunidade.

Este projeto foi desenhado, inicialmente, para que a sua estrutura (dimensões/eixos e vetores) fosse inserida num edifício único – Centro Coordenador de Transportes – no sentido de se criar e dinamizar um centro pluridisciplinar e que envolvesse entidades públicas, empresas privadas, associações e coletividades do concelho, instituições de ensino e de formação, que aportasse um qualificado apoio ao desenvolvimento. Dinâmicas geradas através de empresas embrionárias (Incubadora de Empresas) aí sedeadas, que assumirão papéis ativos na intermediação entre elas e toda a comunidade; através da envolvimento natural entre as associações/coletividades que tenderão não só a estreitar e melhorar relações como promoveria a partilha, interação e espírito comunitário; e através de entidades formativas ou educativas que permitirão, além de revitalizar o espaço através de ações de formação, workshops, seminários, etc., irão, acima de tudo, educar para o trabalho em rede, em parceria, assumindo posturas corresponsáveis, integradoras e inclusivas.

*«(...) as pessoas gostam do espaço físico e que o mesmo não devia de servir só para festas pontuais e para “apanhar” autocarros mas que devia ser dada outra “vida” ao espaço, dando uso às salas vagas. Deram como exemplo as formações de antigamente.» (caderno de campo – atividade nº 2)*

*«Quando questionei algumas pessoas sobre o local ou espaço capaz de aglomerar todas as associações, a maior parte das pessoas entendeu não haver*

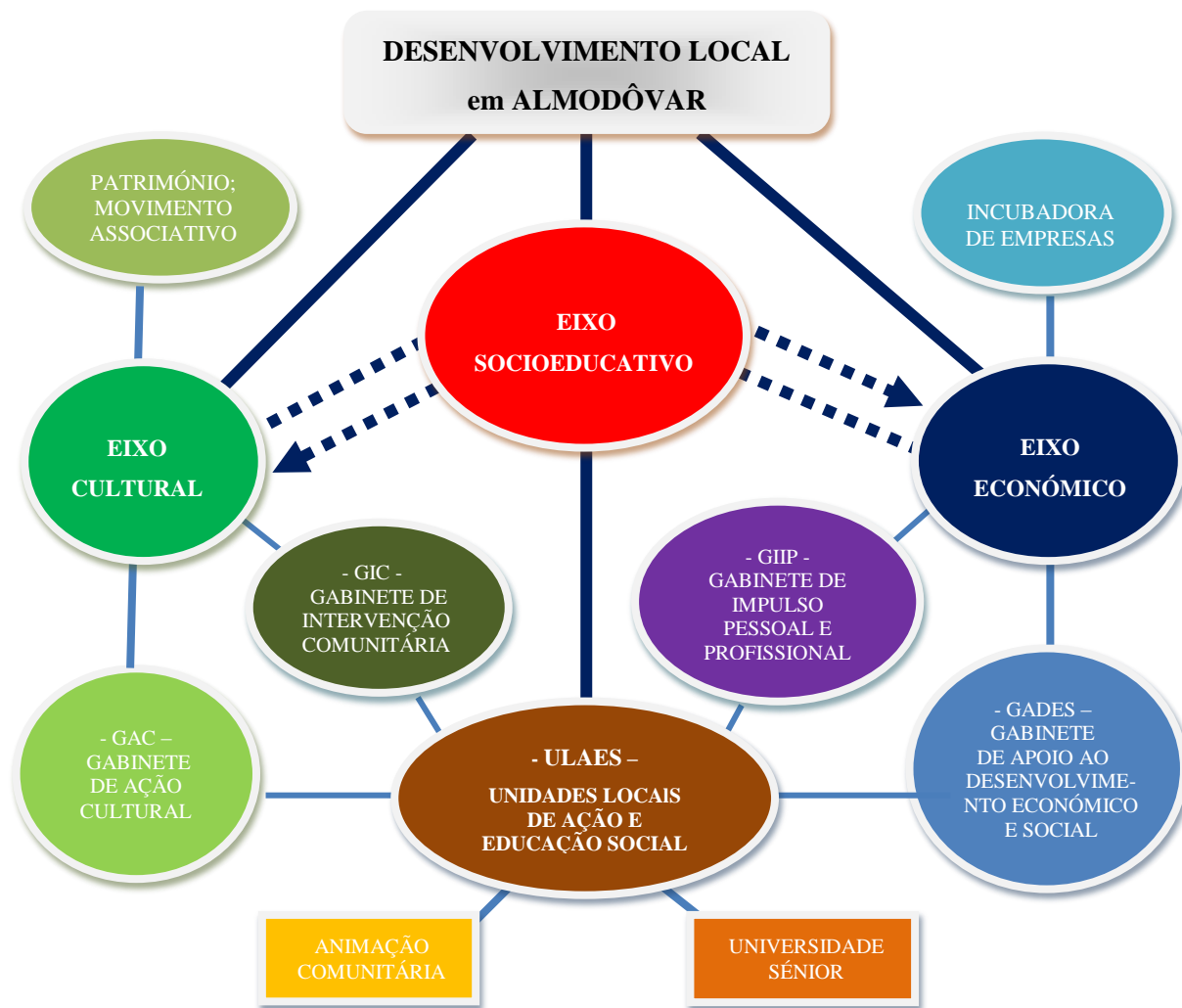
---

<sup>11</sup> Brochura do Programa Operacional do Alentejo 2014-2020 - Estratégia Portugal 2020 (Disponível em [https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Programas%20Operacionais/BROCHURAS%20PO/Brochura\\_Alentejo%202020.pdf](https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Programas%20Operacionais/BROCHURAS%20PO/Brochura_Alentejo%202020.pdf)).

*necessidade de construir um edifício propositadamente, apontando já existir um espaço com essas capacidades: o Centro Coordenador de Transportes.» (caderno de campo – atividade nº 3).*

Contudo, e como vimos ao longo deste trabalho, a questão do espaço único pluridisciplinar, ou polivalente, ou multiusos, apesar de ter sido identificado como útil por alguns dos participantes no estudo no que toca a questões educativas, culturais e económicas, o mesmo não teve a mesma aceitação por parte das associações e por uma parcela da população ao nível da aglomeração das associações (verificado através dos questionários). Neste sentido, atendendo que esta investigação se baseia nas necessidades sentidas, não se verifica a sua extensibilidade no que toca à criação deste espaço único, uma vez que a sua implementação implicaria a aceitação de toda a comunidade.

Assim, foi o este projeto estruturado de forma a permitir um enquadramento e articulação funcional entre todas as dimensões e vetores identificados – cultura, economia e (socio)educação – atores e líderes locais e comunidade em geral.



Esquema 4.4 - Organograma do Projeto DL

## **A. EIXO SOCIOEDUCATIVO**

### **1) ULAES (Unidades Locais de Ação e Educação Social)**

a) Estas ULAES têm como objetivo central contribuir para a melhoria do nível médio de qualificações da população do concelho de Almodôvar. Vai ao encontro do Eixo Estratégico 2 | Capital Humano, do PO do Alentejo 2014-2020, dirigindo as suas intervenções em vertentes como a promoção da igualdade de acesso à educação, a redução do abandono escolar precoce, a qualidade do sistema de educação/formação e o aumento das qualificações profissionais. Estas intervenções permitem uma maior afirmação deste território no campo do conhecimento e estimula a economia (e, logo, o **eixo económico**) no privilegiar da inovação e no emprego qualificado, promovendo um melhoramento nos ajustes entre a qualificação adequada e procurada pelo mercado de trabalho e ainda na melhoria das probabilidades ao nível da empregabilidade. A aposta neste domínio inscreve-se numa perspetiva integrada, levando a que as intervenções sejam apoiadas através de infraestruturas e equipamentos educativos e de formação profissional, em parceria com várias entidades indispensáveis à prossecução da qualidade da educação/formação (CQEP, IEFP, agências públicas e empresas privadas), possibilitando às pessoas desenvolver novas competências ou até mesmo reforçar as que já existem, tornando-as mais habilitadas, polivalentes e autónomas na sua vida pessoal e profissional, adequando-as ao contexto territorial.

Exemplificam-se algumas formações diagnosticadas:

- Formações como administrativos/as
- Formações como mineiros
- Formações como mecânicos/eletricistas industriais
- Formações como manobreadores de máquinas
- Formações sobre Empreendedorismo (aproveitar e estimular algum espírito empreendedor identificado na comunidade)
- Formação em Turismo (aproveitamento dos recursos naturais/endógenos; paisagem; fauna e flora; espaços e monumentos culturais e históricos, etc.)
- Formação em Restauração e Hotelaria
- Formação de Técnicos Comerciais

b) Tendo a Animação Comunitária (AC) e a Universidade Sénior como dimensões-chave, onde a vertente socioeducativa da AC pretende combater desigualdades sociais, desenvolver a capacidade de participação, a solidariedade e o associativismo e melhorar as relações humanas da comunidade e ainda para a responsabilidade coletiva, para a

autoestima e valorização do território como património, pretendendo ainda educar para o uso adequado dos recursos naturais, ambientais e para o desenvolvimento sustentável. Nestas ULAES serão desenvolvidos também ciclos de Workshops com temas diversificados (p.e. nas áreas das competências comunicacionais; alimentação e envelhecimento saudável, visitas, oficinas, revistas e jornais, grupos de música ou teatro, voluntariado, técnicas de animação, entre outras) e têm como objetivo despertar competências e interesses que poderão posteriormente ser aprofundadas no espaço de formação, em articulação com o **eixo económico**, essencialmente.

c) A Animação Comunitária (AC), sendo usada como estratégia dinâmica e como uma boa política de desenvolvimento comunitário, promove o *empowerment* e a participação ativa da comunidade, prevalecendo o sentimento de pertença territorial, patrimonial e de desenvolvimento. A AC, articulada com o **eixo cultural**, tem como campo fértil de atuação o fomento do associativismo, as atividades de voluntariado, as políticas de educação cívica e de pedagogia de consciência crítica, as iniciativas que promovem a identidade comunitária e a promoção do património cultural e natural, símbolo vivo da cultural local.

d) A Universidade Sénior, encarada como uma resposta socioeducativa que visa criar e dinamizar regularmente atividades sociais, culturais, educacionais e de convívio, preferencialmente para e pelos maiores de 55 anos e vista como um espaço privilegiado de inclusão e participação social dos mais velhos, que através das várias atividades desenvolvidas, leva a que os *seniores* se sintam úteis, ativos, participativos e integrados na comunidade em que vivem. Fundamenta-se no referencial teórico-metodológico *freiriano*, como uma conceção de educação, realizada por meio de processos contínuos e permanentes de educação não formal e informal, sem fins de certificação e no contexto da formação ao longo da vida e que possui a intencionalidade de transformar a realidade e como método de educação que valoriza os saberes, costumes e competências dessas pessoas e as suas realidades culturais na construção de novos saberes. Está implícito o desenvolvimento de um olhar crítico e reflexivo, que facilita o desenvolvimento da comunidade onde o educando sénior está inserido, pois estimula o diálogo e participação comunitária, possibilitando uma melhor leitura de realidade social, política e económica.

A Universidade Sénior, vocacionada para a ocupação de tempos livres das pessoas seniores que se sintam motivadas para a aprendizagem constante de diversas matérias teóricas e práticas, com dinâmicas educativas como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), o Inglês/Francês, o Português para a Vida, a Cidadania e Segurança, Saúde e Bem-

estar, Sexualidade na 3ª idade, Desporto, bem como a realização de atividades lúdicas baseadas nas heranças culturais (artes decorativas - renda e meias de renda, a malha, mantas de retalhos, costura, bordados, etc.) são temáticas socioeducativas que, ao serem aplicadas e pela sua essência de ação grupal, contribuem fortemente para partilha de conhecimentos, fortalecimento de relacionamentos e interações, e, obviamente, para a melhoria da qualidade de vida desta comunidade.

## **B. EIXO ECONÓMICO**

### **1) GADES (Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico e Social)**

a) Sendo reconhecido algum empreendedorismo na comunidade do concelho de Almodôvar, a implementação de uma Incubadora de Empresas será uma aposta viável uma vez que, em tempo de crise, ser empreendedor poderá fazer toda a diferença. A dinamização do GADES vai ao encontro do Eixo 1 | Competitividade e Internacionalização das PME, do PO do Alentejo 2014-2020, possibilitando um apoio direto ao empreendedorismo qualificado e criativo, com iniciativas de estímulo ao espírito empresarial e à criação de empresas, bem como das áreas de intervenção do Eixo 5 | Emprego e Valorização Económica dos Recursos Endógenos, do PO do Alentejo 2014-2020, e permite estruturar uma Incubadora de Empresas que, dará todo o apoio logístico ao nível de equipamentos, o apoio técnico e efetivo no que diz respeito a candidaturas a projetos cofinanciados, para estimular e capacitar os empreendedores e que sirvam de apoio ao microempreendedorismo (criação do próprio emprego/empresa), focados no recursos endógenos do concelho. Esta Incubadora além de apoiar entidades, empresas e empreendedores com projetos e ideias com potencial económico, de interesse para o desenvolvimento e competitividade local, de carácter inovador e que permita a criação de postos de trabalho e, logo, a fixação de jovens, tem por objetivo oferecer suporte a essas pessoas empreendedoras com formações para a inovação empresarial, com formação de jovens empresários e gestores e de ativos em micro e pequenas empresas, associada a projetos de inovação, desenvolvimento tecnológico e mudança organizacional. Deverá ainda promover e dinamizar o empreendedorismo social, a inovação social e a economia social; mecanismos de microcrédito e instrumentos de financiamento a organizações da economia social; estimular o desenvolvimento de viveiros de empresas, para que possam desenvolver as suas ideias inovadoras e transformá-las em empreendimentos de sucesso; oferecer infraestruturas e suportes gerenciais, orientando os empreendedores na gestão do negócio e sua competitividade, entre outras questões essenciais ao desenvolvimento de uma empresa. As intervenções inscritas neste campo incluem medidas de apoio ao

empreendedorismo e ao empreendedorismo social, à criação e manutenção do emprego, particularmente quando associados a estratégias de desenvolvimento local de base comunitária e à valorização económica dos produtos endógenos. Este apoio será assegurado, durante todo o processo que decorre desde a elaboração do projeto até à execução da ideia de negócio que se pretende colocar em prática. Para além de todo o apoio técnico e logístico, serão promovidas ações de divulgação (articuladas com as ULAES do **eixo socioeducativo**), consistentes, essencialmente, na abordagem de temas como Empreendedorismo, Marketing Empresarial, Direito do Trabalho, como elaborar um Plano de Negócios, Contabilidade e Impostos, etc..

## **2) GIPP (Gabinete de Impulso Pessoal e Profissional)**

Este gabinete, articulado com as ULAES do **eixo socioeducativo**, é dedicado essencialmente à promoção de técnicas inovadoras, criativas e motivadoras que permitem valorizar o *Curriculum Vitae* dos interessados e tornar bem-sucedida a procura ativa de emprego, dotando-os de capacidades e conhecimentos para elaboração do próprio CV bem como o *know-how* de se apresentar e preparar para entrevistas de emprego. Com a utilização de técnicas pedagógicas, permite a que cada pessoa possa definir o seu próprio projeto de inserção profissional, tornando-o adequado às suas aptidões profissionais e pessoais. Como o acesso a informação é um bem essencial, será disponibilizada à população para consulta documentos oficiais orientadores, jornais atuais, ofertas de emprego online, bem como o acesso à bolsa de serviços constituída por empresas e parceiros locais e extra-locais.

O GIPP inscreve-se, similarmente, nas ações de intervenção previstas no Eixo 5 | Emprego e Valorização Económica dos Recursos Endógenos, do PO do Alentejo 2014-2020, visando a promoção da empregabilidade e o incentivo à criação e à manutenção de emprego sustentável; capacitar pessoas para concursos ao nível de futuros empregos ou estágios profissionais na administração local e extra-local; desenvolver o potencial endógeno com estratégias de marketing e de animação comunitária; criar redes locais de promoção do conhecimento, empreendedorismo e inovação à valorização dos recursos endógenos; qualificar e modernizar a oferta dos produtos endógenos.

## **C. EIXO CULTURAL**

### **1) GAC (Gabinete de Ação Cultural)**

a) Este gabinete irá, essencialmente, ao encontro do Eixo 8 | Ambiente e Sustentabilidade, do PO do Alentejo 2014-2020, promovendo na comunidade uma maior

valorização do património cultural e natural, através de uma abordagem integrada, contribuindo para alavancar o potencial turístico do concelho. Isto é, pretende-se que este GAC, em articulação com as ULAES do **eixo socioeducativo** deste projeto, promova a educação na preservação do património cultural, natural e paisagístico e das suas características históricas, tradicionais, hábitos e costumes de Almodôvar, enquanto mais-valias ambientais e instrumentos de atratividade de novos habitantes, visitantes e investidores, contribuindo para a afirmação do concelho como destino turístico de excelência.

Com ações educativas pode-se, ainda, dotar a comunidade de criatividade expressiva e artística levando-a a dinamizar e desenvolver a forte dimensão cultural, patrimonial e tradicional já existente (cantares alentejanos, por ex.) e promover uma maior interação entre todos (crianças, jovens, adultos e idosos), bem como possibilitar a difusão cultural, incentivando o gosto pelas formas culturais e promovendo a cultura interna noutros contextos territoriais como veículo de desenvolvimento social.

**b)** Pretende-se ainda promover na comunidade uma maior interação com o território (monumentos histórico, museus, gastronomia, artes, etc.) para que seja redescoberto pela própria comunidade, valorizado e encarado como património.

O desenvolver o Cante Alentejano nas Escolas (já existe/iu), por forma a permitir às crianças e jovens uma maior aproximação, identificação e valorização deste recente Património Cultural Imaterial da Humanidade.

O recuperar atividades tradicionais, devendo ser dinamizadas por instituições, associações ou grupo de pessoas do concelho, tenderão a promover uma maior ligação e participação comunitária, assim como a descoberta do património do concelho. Estas ações, permitem não só dar a conhecer os monumentos e história a todos os segmentos populacionais do concelho como também a populações externas, de outros concelhos, permitindo uma útil e saudável interação intergeracional entre pessoas e que se revelará fundamental na melhoria das relações pessoais e humanas, bem como permitirá promover uma maior articulação, entreaajuda e envolvimento de instituições públicas (câmaras, juntas de freguesia, escolas, etc.) e de associações e empresas (apoios, patrocínios, etc.), levando à descoberta da utilidade do trabalho em rede e em parceria.

## **2) GIC (Gabinete de Intervenção Comunitária)**

**a)** Pretende-se que este gabinete, com atividades culturais, sociais e educativas, contribua de forma direta na promoção territorial do concelho de Almodôvar, bem como na

promoção da coesão e inclusão social, tal como prevê o Eixo 6 | Coesão Social e Inclusão, do PO 2014-2020. O estímulo, simultâneo, com práticas de cidadania, de combate à pobreza e à exclusão social e à discriminação, deverá promover uma maior articulação populacional e trabalho em rede que, em união de esforços, potenciará o desenvolvimento local, tornando as pessoas mais participativas, contributivas (social e economicamente), levando-as a tornarem-se mais ativas, diligentes e integradas na comunidade. É estimulando iniciativas de ações integradas em estratégias de desenvolvimento territorial e assentes em parceiros locais que visem a inovação social, a inserção no mercado de trabalho de ativos desempregados e os investimentos na consolidação da rede de equipamentos e de qualificação dos serviços sociais e de saúde, visando ainda a implementação de operações de regeneração urbana destinadas a territórios desfavorecidos do ponto de vista económico e social, que se promove o crescimento efetivo deste território.

As associações, estimuladas pelo **eixo socioeducativo** e *educadas* a trabalhar em rede, promovem também as participações solidárias e de apoio aos mais desfavorecidos, reduzem “carga” financeira, levando-as a encarem como suas as despesas inerentes às suas atividades e suportadas sobretudo pela Câmara Municipal e Junta de Freguesia, assim como os lucros daí provenientes, antecipando uma boa gestão de recursos e ativando o dinamismo da comunidade enquanto parceiro socioeconómico da autarquia.

Este GIC tenderá a promover uma maior articulação e interação entre as associações do concelho, descentralizando atividades que possam ser perfeitamente dinamizadas pelas associações, educando-as para uma maior emancipação, capacitação e autonomia e para que desenvolvam as suas próprias atividades. A Câmara Municipal terá aqui um papel monitorizador, impulsionador, coordenador e, sobretudo, regulador, invertendo a atual *função* de dinamizador das atividades das associações e onde a estas *apenas* revestem um papel de 2º plano e suporte das ações. Isto é, a câmara deixará de ter as iniciativas que cabem às associações, cabendo a estas a sua promoção, ação, divulgação e organização, ficando a câmara com o papel de apoio, coordenação e fiscalização. A Câmara deverá, ainda através deste gabinete, criar um grupo de discussão e promover reuniões periódicas entre as associações, com o propósito de evitar-se sobrepor atividades – bailes, festas, feiras, romarias – dentro do concelho e por vezes da mesma freguesia e inclusive com concelhos limítrofes, no sentido de gerar maior concentração populacional nos eventos e, logo, estimular a economia local.

## **CAPÍTULO V – CONCLUSÕES**

### **10. APRECIÇÕES FINAIS**

A realização deste Estudo implicou um conjunto de tarefas, executadas entre vários agentes, instituições e pessoas, que levaram à tomada de consciência das múltiplas variáveis implícitas na produção de um trabalho de Projeto, que se pretendeu efetivar com um caráter de originalidade, criatividade, flexibilidade e uma visão antecipadora dos seus resultados. Para tal, foi muito importante partir da experiência prática e da perceção de uma realidade concreta bem conhecida do investigador (e onde este viveu grande parte da vida), Almodôvar.

No decurso da investigação, mormente na fase da recolha de dados, foram sentidas algumas limitações, nomeadamente a parca participação das pessoas e a sua pouca abertura em colaborar com investigações científicas. Não obstante, o início da investigação coincidiu com o período imediato às eleições autárquicas, o que não permitiu a melhor recolha de dados junto da entidade acolhedora da investigação – Câmara Municipal de Almodôvar – atendendo à adaptação orgânica da maioria dos participantes nesse momento. Contudo, foram verificadas condições e potencialidades ao longo do projeto que, além de minimizarem as limitações sentidas, fizeram com que fossem superados determinados receios do investigador.

O não permitir estabelecer qualquer relação político-partidária ao projeto, apresentando à comunidade e aos participantes que este encontra-se isento de ligações a partidos políticos e que se baseou no rigor, na ética, no profissionalismo, foi um dos fatores éticos tidos em conta e espelhados pelo investigador para que nada levasse à condução errada da investigação assim como a indevidas perceções por parte de todos. Acima de tudo, a prioridade deste Projeto é contribuir para a evolução do concelho de Almodôvar.

Para realizar este Projeto foi necessário envolver pessoas, agentes locais, grupos e coletividades deste território, estabelecendo-se uma relação negociada e onde a intenção de desenvolveu um projeto de desenvolvimento local só terá sentido se for entendido e participado por todos os atores sociais, económicos, educativos, políticos e culturais. Neste sentido, um dos objetivos deste Projeto é poder apresentar à autarquia de Almodôvar um paradigma de compromisso de participação da população e que, indubitavelmente, passe pela

responsabilidade das dinâmicas desenvolvidas no que toca aos processos participativos do seu território. Esta participação deverá permitir chegar-se a processos de horizontalidade, que rompam com o verticalismo das relações entre os diferentes atores, incentivando-os a integrar uma modalidade de desenvolvimento que procure estabelecer equilíbrios e complementaridade entre o Estado, o mercado e a sociedade civil/comunidade (Oliveira, 2008). Este paradigma impõe a todos os atores sociais um papel mais ativo, baseado no compromisso entre todos os setores na dinamização das potencialidade locais, exigindo à autarquia um “Fortalecimento institucional; modernização da Gestão; Planificação Estratégica para um Desenvolvimento Integral; Participação organizada da sociedade civil com respeito pelas identidades e particularidades locais” (Paolo, 2003, p.46). Estes processos não são concebidos espontaneamente, são processos pedagogicamente construídos, integrados e trabalhados, que exigem uma corresponsabilização de todos os atores sociais, culturas, políticos, económicos, educativos e culturais, e uma instituição de metas e objetivos comuns que visam promover mudanças concretas. E, para isso, o poder local deverá ter a capacidade de abertura para esta realidade, ampliando dessa forma a sua importância ao definir a participação democrática como fator fundamental na evolução do seu território. Como refere Frago: “O desenvolvimento local não se faz por fazer, faz-se quando é necessário, partindo dos problemas e necessidades das pessoas e com a participação de todos!” (comunicação pessoal, junho 27, 2014 ), o que, no caso concreto do concelho de Almodôvar, parece existir a identificação de certos problemas e a vontade das pessoas em que os mesmos sejam solucionados partindo delas próprias (bottom-up).

Almodôvar é uma comunidade do interior em que o êxodo rural, isolamento demográfico, envelhecimento da população, o decréscimo da atividade agrícola e o aumento da pobreza parecem acentuar uma crise de identidade que importa refazer e reconstruir, atendendo à existência de elementos e traços culturais que ainda se mantêm. Como vimos ao longo do Trabalho, Almodôvar, apesar das reconhecidas dificuldades económicas que o país atravessa e pela sua localização geográfica interior, dispõe de recursos humanos, físicos, sociais, culturais, educativos e políticos capazes, bem como de entidades/agências estatais (IEFP, Escola, Autarquias) e privadas (Extração Mineira, Comércio, Hotelaria, Serviços) com abertura e disponibilidade para a implementação de um projeto desta natureza. É também verificado algum empreendedorismo na comunidade, quer no que toca a rotatividade de empregos quer, essencialmente no campo social e solidário de alguns atores locais, que pode tornar-se no maior veículo de capacitação e dinamização populacional deste território. Contudo, este processo exige um aumento da consciência da cidadania e de uma maior

participação comunitária. Logo, e para que resulte, há que haver vontade para estimular pessoas, grupos e organizações e desenvolver este projeto promovendo um maior envolvimento da população e de todos os atores com intervenção local. Indo ao encontro da citação de Einstein, e que serviu de mote para este projeto: «Há uma força motriz mais poderosa que o vapor, a eletricidade e a energia atômica: A Vontade!», entende-se que, sem querer e sem crer nada se consegue. Como referiram alguns entrevistados, este projeto “«É viável desde que as pessoas queiram! Desde que os homens e as mulheres queiram.»(E3), «(...) não é necessário formalizar grandes redes para se trabalhar, nestas coisas é preciso é mais vontade.»E4

Assim, num claro contributo e para que este projeto resulte, as pessoas devem assumir posturas mais ativas, dinâmicas e participativas, sendo fundamental que cada associação assuma o seu papel e responsabilidade acrescida no que toca ao planeamento e ação dos processos de desenvolvimento local. E, no caso em concreto das associações do concelho de Almodôvar, atendendo que a maioria assumiu receber os apoios necessários por parte da autarquia para o desenvolvimento das suas atividades, assim como da população (embora com pouco envolvimento populacional), de uma forma geral, caberá a cada uma estabelecer objetivos que visem o bem-estar comum, através de processos integrados e de divisão de responsabilidade.

Perante este desafio, o Projeto propõe um modelo de gestão político-administrativo de carácter integrado, que articule governo, autarquia e comunidade, e que promova o empreendedorismo e a inovação na organização pessoal, coletiva e institucional, e que estimule o tecido económico, social e educativo, tendo como objetivo uma transformação que vise criar condições de maior equidade, sustentabilidade, governabilidade e participação. Neste âmbito, acredita-se que a criação de um modelo de gestão potenciador do desenvolvimento de Almodôvar, deve ser assente em pressupostos de

- Empregabilidade, numa perspetiva mais abrangente e integradora do que a simples mas difícil criação de emprego, que se estende desde a educação à procura ativa de emprego à formação do saber fazer;

- Envelhecimento ativo e saudável inclusivo e acessível a toda a comunidade sénior do concelho;

- Educar para a sustentabilidade, quer na utilização correta de recursos quer na preservação do meio ambiente;

- Apostar na fixação da população com medidas arrojadas, inovadoras, desafiando o empreendedorismo e criatividade dos jovens;

- Estimular a população para um desenvolvimento comunitário que vise uma participação mais ativa e dinâmica por parte das pessoas; e a

- Capacitação e impulso à valorização patrimonial e identidade territorial e cultural.

Este projeto foi desenhado, tendo em conta a cooperação de toda a comunidade, dirigindo e concertando esforços em prol do desenvolvimento do concelho de Almodôvar. Esta será uma oportunidade para Almodôvar protagonizar um projeto de futuro através de um conjunto de ações, assente em quatro dimensões: uma dimensão sociopolítica e territorial; a valorização dos recursos humanos; o carácter educativo, predominantemente de natureza informal; e a melhoria da qualidade vida das pessoas (Amiguiño, 2005).

Numa fase ainda embrionária do projeto, foi considerado que a sua funcionalidade (dimensões/eixos e vetores) fosse concentrada e estruturada fisicamente num edifício único – Centro Coordenador de Transportes – no sentido de se criar e dinamizar um centro pluridisciplinar e que envolvesse entidades públicas, empresas privadas, associações e coletividades do concelho, instituições de ensino e de formação, que aportasse um qualificado apoio ao desenvolvimento. Dinâmicas geradas através de empresas embrionárias (Incubadora de Empresas) aí sedeadas, com papéis ativos na intermediação entre elas e toda a comunidade; através da envolvimento natural entre as associações/coletividades que aproximam e melhoram relações e promovem a partilha, interação e espírito comunitário, irão contribuir certamente para a evolução deste concelho.

É, também, através de entidades formativas ou educativas que, além de revitalizarem o espaço através de ações de formação, workshops, seminários, etc., estimulam, acima de tudo, a educar para o trabalho em rede, em parceria e levam à assunção de posturas co-responsáveis, integradoras e inclusivas. Sem um eixo socioeducativo não parece possível implementar um processo de desenvolvimento local, dado que a construção de dinâmicas locais, a participação, o desenvolvimento do sentido crítico, a animação comunitária, são fenómenos que decorrem de processos educativos e formativos, daí que o desenvolvimento local tenha uma necessidade de se aliar à Educação, pois não há um verdadeiro desenvolvimento local, se a componente educativa estiver ausente (Melo, 2005).

Na verdade, o que se pretende é propor à autarquia a implementação de um projeto que permita desenvolver ações educativas que promovam a autonomia de pessoas e grupos, a afirmação da sua identidade cultural, o sentido de responsabilização, a participação, a capacitação, a valorização de conhecimentos e saberes adquiridos pelas pessoas em diferentes contextos e durante a vida, promovendo-se a criação de novos conhecimentos, adequados para

as dinâmicas de mudança social, finalidade última dos programas de desenvolvimento local (Fragoso, 2005).

Assim, como resposta à questão de partida deste projeto, conclui-se que a comunidade sente a necessidade deste projeto de desenvolvimento local, integrado, inclusivo, partilhado e um projeto desta natureza requer o desenvolvimento de processos de envolvimento de toda a comunidade. O sentido deste projeto é que a sua futura implementação provoque e agite pessoas, grupos e entidades na comunidade de Almodôvar e que estimule a cooperação, a mudança de atitudes, a capacitação de novos líderes locais, a criação de meios que conduzam à melhoria do bem-estar das gentes de Almodôvar. Este Projeto deverá constituir um desafio para que a Autarquia consiga empreender um processo dinâmico e dialético que envolva administração local, técnicos, população, agentes locais de diferentes áreas, em que cada um desempenha o seu papel de forma aberta e democrática na realização de um projeto coletivo.

O paradigma de coresponsabilização que deverá ser assumido entre a comunidade e a autarquia, onde esta assume um papel de regulação, desafiando e estimulando novas e criativas iniciativas por parte da população e associações, deverá ser a aposta deste projeto. Assente num modelo de avaliação, tida como um processo de reflexão cuja finalidade é examinar, explicar e avaliar os resultados das ações realizadas, permitirá comparar o estado da realidade social de partida com o estado da realidade social após a intervenção, com o propósito de descobrir o eventual desvio entre os objetivos traçados e os resultados obtidos, permitindo reconhecer os erros e os sucessos da sua prática. Para Espinoza (1986), “Avaliar é comparar num determinado instante o que foi alcançado mediante uma acção e o que se deveria ter alcançado de acordo com uma prévia programação” (p.14). Esta citação de Espinoza é elucidativa e ilustra a estratégia de avaliação prevista ao projeto. Num plano de intervenção comunitária não devemos esquecer que tudo diz respeito a todos, daí que é essencial envolver todos os atores sociais que terão sempre uma palavra a dizer, ou uma ação a desenvolver, sobre algo que lhes diz respeito e contribui para a prossecução dos objetivos. No entanto, a aproximação destes atores ao projeto pode ter graus diferenciados, daí advém a necessidade de definir claramente a supervisão e coordenação do projeto por parte da autarquia como forma de promover a clareza de processos, a motivação constante e a clarificação de competências. Neste sentido, uma avaliação sistemática de cada vetor, com apreciação das dinâmicas implícitas, irá permitir uma perceção imediata da sua atividade e funcionalidade. Sem esta avaliação sistemática não será possível ler o trabalho realizado, nem será possível agir retroativamente nem reformular ações. Só é possível estabelecer estratégias adequadas se se puder avaliar o trabalho realizado. Correu como planeado? A expectativa foi

superada? Qual foi o feedback da comunidade? O que se poderia fazer para melhorar a performance? Estas são algumas questões a que se procuram dar resposta, sendo, desta forma, possível ajustar as atividades futuras, corrigir imperfeições diagnosticadas e reconvertê-las de forma a atingir os objetivos do projeto. Deverá estar implícita ainda uma avaliação interna do projeto, que compreende coordenadores, associações e pessoas e “(...) é levada a cabo por pessoas implicadas no programa que possam proporcionar um feedback contínuo, de modo que possam integrar as adaptações necessárias” (Pérez-Serrano, 2008, p.89).

Num plano mais intimista, e assumindo que como educador social, uma parte significativa do investigador decorre de ser natural de Almodôvar, onde se inscreve toda a essência, matriz, raízes culturais e educativas e características particulares, como o sotaque ou o simples tom de pele, considera-se que a realização deste projeto serviria como retribuição de todos os anos servidos por este território. Contudo, e dada a evolução constante da sociedade, considera-se também que este território necessita de não perder o comboio da evolução e como tal deve manter-se atento aos fenómenos sociais e às transformações que daí advêm. Como tal, e sendo este um projeto baseado no paradigma radical da Educação Social, entende-se que o Educador Social pode ter um papel importante neste processo de desenvolvimento local, ao poder constituir-se como um profissional capaz de intervir para a mudança, que procura basear as suas dimensões (principais) no plano do conhecimento: permitindo ter capacidades para entender os atuais e novos fenómenos sociais; no plano de ação: criando atividades e envolvimento nas pessoas, dando-lhes sentimentos de autoconfiança e capacitando-as para enfrentarem os seus problemas; e no plano da relação: com intenção de intervir positivamente na vida das pessoas, procura influenciar o seu percurso de desenvolvimento e promove a interação e convivência entre todos. Ambiciona-se ainda que este projeto promova perceções nesta comunidade sobre o papel do educador social enquanto interventor comunitário, fomentador de uma maior articulação entre entidades-pessoas-associações-comunidade, locais e extra-locais; impulsionador da identificação e valorização do território por parte dos seus habitantes; dinamizador cultural que estimula o gosto pela cultura local e pela sua divulgação como forma de desenvolvimento local; promotor da valorização de recursos e propulsor para as suas utilizações e sobre aproveitamentos; e, acima de tudo, que seja encarado como um profissional competente na educação para a participação da comunidade em ações sociais, políticas, culturais, educativas e económicas.

Como pistas de interesse para futuras investigações, julga-se que seria muito importante realizar um estudo sobre o impacto deste projeto de desenvolvimento local no concelho de

Almodôvar, assim como desenvolver um projeto de investigação-ação que acompanhe a implementação do mesmo ao nível das diversas iniciativas que vinculam a autarquia como instância de regulação e avaliação. Para além disso, é de extrema importância existirem projetos de investigação a nível do local que estudem as dinâmicas locais, o papel dos atores locais, o fenómeno do associativismo e o surgimento de processo que concorram para a cidadania ativa, a mudança social e o reforço da democracia. Também seria interessante estudar as relações de proximidade entre os municípios contíguos a Almodôvar, para perceber se em dimensões-chave como a cultura, a educação e a economia, existe dicotomia ou competitividade entre os restantes municípios do distrito de Beja e Almodôvar, e vice-versa, ou se é verificada uma complementaridade nas suas relações. Ao estudar estas diferentes realidades sociais seria possível compreender em que medida o local representa o espaço onde coexistem redes sociais e culturais com especificidades diferenciadas que conferem uma identidade sociocultural ao local. É no local que os acontecimentos, as práticas sociais, os fenómenos têm lugar, sendo o *locus* da vida social que confere oportunidades para implementar ações, promotoras do desenvolvimento (Fragoso, 2005).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Austin, J., Stevenson, H. & Wei-Skillern, J. (2006). Social and Commercial Entrepreneurship: Same, Different, or Both? *Entrepreneurship: Theory and Practice Journal*, da Baylor University. EUA, volume 30, nº 1, pp. 1-22.
- Albarello, L.; Digneffe, J.; Maroy, C.; Ruquoy, D. & Saint-Georges, P. (1995). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Almeida, J. & Pinto, J. (1982). *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Presença.
- Alvord, S; Brown, D & Letts, C. (2004). Social Entrepreneurship and Societal Transformation. *The Journal of Applied Behavioral Science*, nº 40, pp. 260-282.
- Amaro, R. (1991). Lógicas de espacialização da economia portuguesa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 10, pp.161-182, Lisboa.
- Amaro, R. (2000). O conceito de desenvolvimento local no quadro da revisão do conceito de desenvolvimento. *Desenvolver (Des)Envolvendo-Reflexões e pistas para o desenvolvimento local*. Alentejo, ESDIME, pp.155-169.
- Amaro, R. (2001). Opções, Estratégias e Actores de Desenvolvimento em Confronto no Caso de Foz Côa. In: Maria Eduarda Gonçalves (coord.), *O Caso de Foz Côa: um laboratório de análise sociopolítica*. Lisboa: Edições 70.
- Amaro, R. (2003). Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? – Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, 4, Janeiro/Julho, 35–70. Lisboa: Centro de Estudos Africanos do ISCTE.
- Amaro R. (2009). O papel dos Actores e das Comunidades Locais nos processos do Desenvolvimento e na promoção de uma economia Solidária em São Tomé e Príncipe. In: Brígida R. Brito Org. (2009), *Desenvolvimento Comunitário, das Teorias às Práticas-Turismo, Ambiente e Práticas Educativas em São Tomé e Príncipe*. Lisboa, Gerpess.
- Amiguinho, A. (2005). Educação em meio rural e desenvolvimento local. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga – CIED-Universidade do Minho, 18 (2), pp. 7-43.
- Ander-Egg, E. (2003). *Accion Municipal, desarrollo comunitário y trabajo social*, col. «Série de estudos sociales», Ayuntamiento de Guia de Isora, Guia de Isora.
- Ander-Egg, E. (1987). *Técnicas de investigación social*. México: Editorial El Ateneo, 21.
- Ander-Egg, E. (1980). *Metodologia y practica del desarrollo de la comunidade*. Tarragona, UNIEUROPE, 10ª ed.
- ANIMAR (2003). *Guia das organizações e iniciativas de desenvolvimento local*. Vialonga: Animar.
- Arroyo, D. (2006). Los ejes del desarrollo local en Argentina. *En el Desarrollo Local en el eje de la Política Social*. UNDP-Coop. Española-Ministerio de Desarrollo Social. Buenos Aires, 2006.
- Azevedo, J. (1998). *Sessão de abertura*. In: AAVV, Porto, ASA, p.7-10.
- Baptista, A; Teixeira, M; Portela, J. (2008). Motivações e obstáculos ao empreendedorismo em Portugal e propostas facilitadoras. *Trabalho apresentado em Comunicação ao XIV Congresso da APDR*, Tomar.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barreiro, F. (2000). *Desarrollo desde el territorio (A proposito del desarrollo local)*. Instituto internacional de Gobernabilidad. Colección, Documentos IIGOV, España.
- Barroso, J. (1998). Para o Desenvolvimento de uma Cultura de Participação na Escola. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional – *Cadernos de organização e gestão escolar*.
- Bell, D. (1972). The Cultural Contradictions of Capitalism. *Journal of Aesthetic Education*, 6 (1/2): 11-38.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de, investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*, Lisboa, Gradiva - Coleção Trajectos, p.38.

- Bilhim, J. (2004). *A Governação nas Autarquias Locais*. Sociedade Portuguesa de Inovação. Porto: Principia.
- Boiser, S. (1999). El desarrollo territorial a partir de la construcción de capital sinérgico. En: *Estudios Sociales*. n.º 99, pp.59-80. C.P.U., Santiago de Chile.
- Bornstein, D. (2007). *Como mudar o mundo: os empreendedores sociais e o poder de novas ideias*. Estrela Polar Editora.
- Boni, V. & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrónica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Vol. 2 n.º1 (3), janeiro-julho, pp. 68-80.
- Bryman, A. (1995). *Quantity and Qualitative in Social Research*. Routledge, London.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, P. (1980). Le capital social: notes provisoires. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, volume 31, pp.2-3.
- Burity, J. (2007). Cultura e desenvolvimento. In: Nussbaumer, Gisele Marchiori (2007). *Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares*. Salvador: EDUFBA.
- Burgess, R. (1997). *A Pesquisa de Terreno. Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Brito, B. (2006). Turismo em espaço rural, a experiência de São Tomé e Príncipe. *Revista de Humanidades*. Lisboa – ISCTE, Volume 7, n.º 19, pp.10-56.
- Cardim, M. (2006). Implementação de políticas públicas nas áreas da formação, da educação e da segurança social: do discurso às práticas. *Tese de Doutoramento – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas*.
- Cardoso, A. (2006). Alguns desafios que se colocam à Educação Social. *Cadernos de Estudo*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, n.º 3, pp. 7-15.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carneiro, R. (1994). *Ensino livre: uma fronteira da hegemonia estatal*. Porto, Edições ASA.
- Carvalho, A. & Baptista, I. (2004). *Educação Social Fundamentos e estratégias*. (N. C. Pereira, Trad.) Porto: Porto Editora.
- Cellard, A. (2008). A análise documental. In: Poupart, J. *et al.* *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Ceballos, P. (1988). *Un método para la investigacion-accion participativa*. Madrid: Editorial Popular.
- Cembranos, F., Montesinos, D. e Bustelo, M. (2001). *La animación sociocultural: Una propuesta metodológica*. Madrid: Editorial Popular.
- Coleman, J. (1988). Social capital in the creation of human capital. In: *American Journal of Sociology*, Vol. 94 (Suplemento). Pp. S95-S120.
- Coleman, J. (1990). *Foundations of Social Theory*. Cambridge University Press, Cambridge MA.
- Cohen, L., Manion, L., Morrison, K. (2007). *Research methods in education*. London: Routledge.
- Coutinho, C. (2011). Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. In: *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*, pp.9-41. Lisboa: Almedina.
- Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal - uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: I.E.P. - Universidade do Minho.
- Costal, A. (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In: Silva, A. & Pinto, J. (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais* (pp.129-148). Porto: Edições Afrontamento.
- Costa, J., Dias, C. & Ventura, A. (2005). *Reorganização curricular do ensino básico: projecto, decreto e práticas nas escolas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

- Cuche, D. (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução: Viviane Ribeiro, 2ª ed. Bauru: EDUSC.
- Creswell, J. (2010). Seleção de um projeto de pesquisa. In: *Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto*, pp. 27-35, 3ª Edição. Artmed Editora.
- Davis, T. (2008). *What Is Sustainable Development?*. Disponível em <http://www.menominee.edu/sdi/whatis.htm>, acessado em 21-12-2014.
- Dart, R. (2004). Being “Business-Like” in a Nonprofit Organization: A Grounded and Inductive Typology. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, nº 33, pp. 290-310. Disponível em <http://nvs.sagepub.com/content/33/2/290.abstract>, acessado em 21-12-2014.
- Denzin, N. (1978). *Sociological Methods*. New York: McGraw-Hill.
- Diniz, F. (2010). Crescimento e Desenvolvimento Económico - Modelos e Agentes do Processo, 2ª. Edição. Edições Sílabo, Lda., Lisboa: Estanque, E. (s/d). *Diferenças sociais de classe e conflitualidade Social IV*.
- Domingo, J. (1994). La investigación en la acción - ¿Como se hace? *Cuadernos de Pedagogía* nº 224, pp.14-19.
- Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de pesquisa*, n.º 115, pp.139-154.
- Durston, J. (2000). *Qué es el capital social comunitário*. División de Desarrollo Social, Políticas Sociales, nº 38. Chile: CEPAL-ECLAC.
- Espinoza, M. (1986). *Evaluación de Proyectos Sociales*. Buenos Aires: Humanitas.
- Esteves, A. (1986). A investigação-acção. In: Silva, & Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais*, pp. 251-278. Porto: Afrontamento.
- Fauré, Y. (2005). *O Desenvolvimento Local no Estado do Rio de Janeiro: estudos avançados nas realidades municipais*. Rio de Janeiro: E-papers.
- Ferreira, F. (2003). *O Estudo do Local em Educação. Dinâmicas Socioeducativas em Paredes de Coura*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5851/1/TESE%20JOAQUIM%20MARQUES%20DE%20OLIVEIRA%20PDF.pdf>, e consultada em 28-06-2014.
- Finger, M. & Nóvoa, A. (1988). *O método (auto)biográfico e a formação*. Portugal: Ministério da Saúde. Departamento dos Recursos Humanos da Saúde.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Fortin, M. (2000). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Furtado, C. (2000). *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fukuyama, F. (1995). *Confiança: As Virtudes Sociais e a Criação da Prosperidade*. Rocco: Rio de Janeiro.
- Fraga, H., Mota, G. & Dinis, M. (2005). O desenvolvimento sustentável na gestão de resíduos. *Revista da Faculdade de Ciência e Tecnologia*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, disponível em <http://hdl.handle.net/10284/573>, acessado a 16-06-2014.
- Fragoso, A. (2005a). Contributos para o debate teórico sobre o desenvolvimento local: um ensaio baseado em experiências investigativas. *Revista Lusófona de Educação*, 5, pp.63-83.
- Fragoso, A. (2005b). Desenvolvimento participativo: uma sugestão de reformulação conceptual. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(1), pp.23-51.
- Frantz, W. (2003). Caminhos para o Desenvolvimento pelo Cooperativismo. *Cadernos Unijuí, Ijuí - RS*, Editora Unijuí.
- Freire, P. (1980). *Conscientização*. São Paulo, Moraes.

- Freire, P. (1983). *Pedagogia do Oprimido*. 12a edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1987). *Acção Cultural para a Liberdade*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1998). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Friedmann, J. (1996). *Empowerment. Uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras: Celta editora.
- Galego, C., & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, pp.173-184.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (2002). *Sociologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 3ª Edição.
- Gil, A (1991). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 3ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncípa Editora, Lda., 1ª edição.
- Griffin, K. & Mckinley, T. (1994). *Implementing a Human Development Strategy*. London: MacMillan Press Ltd.
- Haddad, P. (2009). Capitais intangíveis e desenvolvimento regional. *Revista de Economia*, v. 35, n. 3, ano 33, p. 119-146, set/dez. 2009.
- Hanifan, L. (1916). The rural school community center. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, nº 67, pp.130-138.
- Henriques, J. (1990). *Municípios e desenvolvimento – caminhos possíveis*. Lisboa: Escher.
- Hisrich, R. & Peters, M. (2004). *Empreendedorismo*. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman.
- Holdcroft, L. (1978). The Rise and Fall of Community Development in Developing Countries, 1950-65: A Critical Analysis and an Annotated Bibliography. *MSU Rural Development, Paper no. 2*. East Lansing, Michigan: Michigan State University.
- Jacob, L. (2007). Animação de Idosos. *Cadernos Socialgest, n.º 4 (Manual de Animação de Idosos)*, disponível em <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf/animacao-idosos/animacao-idosos.pdf>, acessado em 20-11-2014.
- Jick, T. (1979). Mixing qualitative and quantitative methods: triangulation in action. In *Administrative Science Quarterly*, Vol. 24, nº. 4, December.
- Jovchelovitch, S. & Bauer, M. (2002). *Entrevista narrativa*, In: Bauer, M. & Gaskell, G., Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lapointe, P. (2011). Travail et territoire, rencontre entre deux trajectoires de recherche. In: Guy Bellemare & Juan-Luis Klein (Eds). *Innovation sociale et territoire* (pp. 145-170). Québec: PUQ.
- Lakatos, E. & Marconi, M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª edição. São Paulo: Atlas.
- Lewin, K. (1946). Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, n. 2, 34-36.
- Lincoln, Y. & Guba, E. (1985). *Naturalistic inquiry*. London: Sage Publications.
- Lipovetsky, G. & Serroy, J. (2010). *A Cultura-Mundo: Resposta a Uma Sociedade Desorientada*. Lisboa: Edições 70. Trad.: Victor Silva. Edição Original: *La Culture-Monde: Réponse à une Société Désorientée* (2008).
- Lopes, A. (2002). *Globalização e Desenvolvimento Regional*. *Gestão e Desenvolvimento*, 11, 9-25.
- Lopes, A. (2006). Encruzilhadas do desenvolvimento: falácias, dilemas, heresias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 75, pp. 41-61.
- Machado, I. (2004). Sobre vivências urbanas: Estilos de vida e práticas sociais em contexto de requalificação urbana. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*. Atelier: Cidades, Campos e Territórios, p.53.

- Matos, A. (2000). Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional. *Tese de Doutoramento em Economia*, Universidade da Beira Interior.
- Melo, A. (2005). Formação de adultos e desenvolvimento local. *Educação e Formação de Adultos: mutações e convergências*. R. Canário e B. Cabrito. Lisboa: Educa, 11, pp.97-113.
- Melo, A. (1998). Ditos e Reditos em Torno do Desenvolvimento Local. *A REDE*. Novembro, pp.5-8.
- Melo, J. (2002). A problemática e as políticas de desenvolvimento local. In: José Silva Costa (coordenador), *Compendio de Economia Regional*, Coimbra, APDR, pp. 515/532.
- Menezes, M. (2001). *As práticas de cidadania no poder local comprometido com a comunidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Mendonça, M. (2002). Ensinar e aprender por projetos. Porto: ASA.
- Milani, C. (2003). Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). In: *IV Conferência Regional ISTR-LAC, 10*, San José, p.1-30.
- Morales, A. (2003). Los paradigmas de investigación en las ciencias sociales. *ISLAS*, 45 (138), pp.125-135. Disponível em [http://faadsaze.googlepages.com/138\\_12\\_Alfredo.pdf](http://faadsaze.googlepages.com/138_12_Alfredo.pdf), acedido em 13-07-2014.
- Moreira, C. (2007). *Teoria e Práticas de Investigação*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Moreira, S. (2009). Sobre a Natureza Multidimensional do Desenvolvimento. Comunicação apresentada no X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: *Sociedade desiguais e paradigmas em confronto*. Universidade do Minho, Braga, 4 a 7 de Fevereiro.
- Morse, J. (1991). *Approaches to qualitative-quantitative methodological triangulation*, *Nursing Research*, 40 (1).
- Monteiro, A. (2008). *Empreendedorismo Social e Responsabilidade Social*. Comunicação apresentada no Seminário Práticas de Responsabilidade Social: limites e potencialidades, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Mulgan, G., Tucker, S. & Sanders, R. (2007). *Social Innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated*. Oxford: Oxford University.
- Nicholls, A., & Cho, A. (2006). Social Entrepreneurship: The Structuration of a field. In A. Nicholls (Ed.), *Social Entrepreneurship: New models of sustainable social change*. Oxford: Oxford University Press
- Ninacs, W. (2003). *Empowerment: cadre conceptuel et outil d'évaluation de l'intervention sociale et communautaire*. Québec: Le Clé.
- Noya, A. (2010). *Entrepreneurship and innovation*. Paris: OCDE.
- Oliveira, F. (2001). *Aproximações ao enigma: o quer dizer desenvolvimento local?* São Paulo: Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV.
- Oliveira, M. (2007). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, D. (2008). Os Municípios e o Desenvolvimento Social Local. *Dissertação de Mestrado* – Universidade do Porto, Faculdade de Economia, Porto.
- Paolo, L. (2003). Hacia un desarrollo integrador y equitativo: una introducción al desarrollo local”. In: Burin, David *et all*, *Desarrollo local: una respuesta a escala humana a la globalización*, Buenos Aires, pp. 11/50. Disponível em [http://www.google.pt/search?hl?=pt-T&q=Pietro+Paolo&btnG=Pesquisa&meta=lr%Dlang\\_es](http://www.google.pt/search?hl?=pt-T&q=Pietro+Paolo&btnG=Pesquisa&meta=lr%Dlang_es) acedido 30-3-2014.
- Paiva, M. (2004). Transcrição de dados linguísticos. In: Mollica, M. & Braga, M. (orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*, pp.135-146, 2ª ed. São Paulo: Contexto.

- Parente, C. (2014). *Empreendedorismo Social Em Portugal*. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Letras.
- Patton, M. (1990). *Qualitative evaluation and research methods* (2nd ed.). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Patton, M. (1999). Enhancing the quality and credibility of qualitative analysis. *HSR: Health Services Research*, 34(5), Part II, 1189-1208. Disponível em <http://www.pubmedcentral.nih.gov/picrender.fcgi?artid=1089059&blobtype=pdf>, acessado a 01-07-2014.
- Peretz, H. (2000). *Métodos em Sociologia para começar*. Lisboa: Temas e Debates.
- Pérez-Serrano, G. (1994). *Investigación cualitativa: métodos y técnicas*. Buenos Aires: Editorial Docencia.
- Pérez-Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais – Casos Práticos*, Editora: Porto. Edição nº7. Coleção Educação e trabalho social.
- Pires, M. (2003). *Dádiva, economia social e cooperativismo: a promulgação de uma nova ética societária?* UniRcoop. Vol. 1.
- Pinto, C. (2001). Estudar os problemas sociais, in Carmo, Hermano (Coord.). *Problemas Sociais Contemporâneos*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Polése, M. (1998). From regional development to local development: on the life, death and rebirth of regional science as a policy relevant science. In: *Actas do V Encontro Nacional da APDR – Emprego e Desenvolvimento Regional, Coimbra*, Vol. I (pp. 59-70). Coimbra: APDR.
- Pope, C. & Mays, N. (1995). Reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health and health service research. In: *British Medical Journal*, n. 311.
- Putnam, R. (1995). Bowling Alone: America's Declining Social Capital. In *Journal of Democracy*, janeiro, volume 6, nº 1, pp.65-78.
- Pring, R. (2000). *Philosophy of Educational Research*. London: Continuum.
- Quintana, J. (1944). *Pedagogia Social*. Madrid: Editorial Dykinson.
- Quivy, R. & Campenhout, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5ª Ed., Lisboa: Gradiva.
- Reis, J. (s.d.). *O desenvolvimento local é possível?*. Lisboa: Edições SPER.
- Reis, P. (2012). *Desenvolvimento local: o binómio turismo/áreas rurais nas estratégias de desenvolvimento local*. Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação - Instituto Politécnico de Portalegre. Exedra, nº 6, pp.155-172.
- Rezsohazy, R. (1988). *El desarrollo Comunitário*, col. «Narcea Sociocultural». Madrid: Narcea Ediciones.
- Roesch, S. (1999). *Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso*. 2. ed. São Paulo: Atlas.
- Ruiz-Olabuenaga, J. (1996). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In: *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Luc Albarello et al, pp.84-116. Lisboa: Gradiva.
- Sachs, I. (1993) As cinco dimensões do ecodesenvolvimento. In: *Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Studio Nobel.
- Sachs, I. (2009). *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Gramond.
- Santos, B.S. (2001). Os processos de globalização. In: Santos, Boaventura de Sousa (org.). *Globalização, Fatalidade ou Utopia?*, pp.33-106. Porto. Edições Afrontamento.

- Saumure, K. & Lisa M. (2008). *Virtual Research. The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. SAGE Publications. Disponível em [http://www.sage-reference.com/research/Article\\_n486.html](http://www.sage-reference.com/research/Article_n486.html), acessado em 29-12-2014.
- Sarmiento, M. & Oliveira, J. (2003). A Escola é o melhor do Povo. Relatório de revisão institucional do Projecto das Escolas Rurais. (doc. policopiado). Este relatório foi publicado em livro: cf. Sarmiento, Manuel Jacinto e Oliveira, Joaquim Marques (2005). *A Escola é o melhor do povo*. Porto. Profedições.
- Sen, A. (1999). *Development as Freedom*. New York: Alfred A. Knopf.
- Serageldin, I. (1995). Evaluating environmentally sustainable development. In: *Evaluation and Development*. Proceedings of the 1994 World Bank Conference. Washington: World Bank Operations Evaluation Department.
- Silva, M. (1964). Oportunidade do desenvolvimento comunitário em Portugal. *Análise Social*, pp. 498-510, 21(7/8).
- Silva, A. & Pinto, J. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- Silva, E. (2004). *O Burocrático e o Político na Administração Universitária*. Continuidades e Rupturas na Gestão de Recursos Humanos Docentes na Universidade de Agostinho Neto (Angola). Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Souza, M. (2009). *Crescimento económico, inovação e empreendedorismo*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Sotarauta, M. (2004). Strategy Development in Learning Cities. From *Classical Rhetoric towards Dynamic Capabilities*. Sente Working papers, 8.
- Schallenger, E. (2003). Cooperativismo e Desenvolvimento Comunitário. *Revista Mediações*. Londrina, pp.9-26, v.8, n.2.
- Shane, S. & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review*, pp.217-226, 25(1).
- Stiglitz, J. (2002). Globalização – A grande desilusão. Edição nº1. Lisboa: Terramar.
- Trindade, M. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, pp. 443-466, v. 31, n.º 3.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In: Silva, A. & Pinto, J. (Org.). *Metodologia das ciências sociais*, pp.101-128, 8.ª Ed. Porto: Afrontamento.
- Vázquez-Barquero, A. (1995). A evolução recente da política regional. A experiência europeia. *Notas Económicas, Revista da Faculdade de Economia de Coimbra*, pp.24-39, 6.
- Vázquez-Barquero, A. (2001). Desarrollo Endógeno y Globalización. In: Madoery, Oscar e Vázquez Barquero, A. (Eds.).2001. *Transformaciones Globales, Instituciones y Políticas de Desarrollo Local*. Rosario: Editorial Homo Sapiens.
- Vázquez-Barquero, A. (2007). Desarrollo endógeno. Teorías y políticas de desarrollo territorial. *Investigaciones regionales*, pp. 183-210, 11.
- Viveiros, A. (2008). *O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios*. JULIO de 2008; ISSN 1698-4044, disponível em <http://quadernsanimacio.net>, nº 8, acessado em 16-06-2014.

#### **FONTES OFICIAIS**

- Anuário Estatístico da Região Alentejo (AERA), 2012 - Instituto Nacional de Estatística.
- Carta Educativa do concelho de Almodôvar (CECA), 2006.
- Comunicação da Comissão Europeia, (2010). EUROPA 2020 - Estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo. Disponível em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2010:2020:FIN:PT:PDF>, acessado em 16-12-2014.

- Grandes Opções do Plano e Orçamento para 2015 – Relatório da Proposta de Orçamento para 2015, de 24-10-14, da Câmara Municipal de Almodôvar. Disponível em [http://www.cm-almodovar.pt/data/menus/Autarquias/CM%20Almodovar/Documentos/Orcamentos/O2015/Relatorio\\_GOP\\_Orcamento.pdf](http://www.cm-almodovar.pt/data/menus/Autarquias/CM%20Almodovar/Documentos/Orcamentos/O2015/Relatorio_GOP_Orcamento.pdf), acessado em 20-03-15.
- Plano Estratégico Nacional do Turismo - Propostas para Revisão no Horizonte 2015. Turismo de Portugal. Disponível em <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documentos/PENT%20Revisao%202011.pdf>, acessado em 17-03-2015.
- Plano de Desenvolvimento de Social de Almodôvar, aprovado em Reunião Ordinária do CLAS de Almodôvar em 07/Jul./2009.
- Portugal 2020 – Programa Operacional Alentejo 2014-2020. Disponível em [https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Programas%20Operacionais/BROCHURAS%20PO/Brochura\\_Alentejo%202020.pdf](https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Programas%20Operacionais/BROCHURAS%20PO/Brochura_Alentejo%202020.pdf), acessado em 23-02-2015.
- Recomendação do Conselho da UE (2014). Programa Nacional de Reformas de Portugal para 2014 e que formula um parecer do Conselho sobre o Programa de Estabilidade de Portugal para 2014. Disponível em [http://ec.europa.eu/europe2020/pdf/csr2014/csr2014\\_council\\_portugal\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/europe2020/pdf/csr2014/csr2014_council_portugal_pt.pdf), acessado em 17-01-2015.
- Relatório do Desenvolvimento Humano - PNUD, 2013. Disponível em <http://www.un.cv/files/HDR2013%20Report%20Portuguese.pdf>, acessado em 15-01-2015.
- UNIÃO EUROPEIA (2014). Fundos Europeus Estruturais e de Investimento Orientações para os Estados-Membros e as Autoridades do Programa Orientações para os Beneficiários. *Orientações para os Intervenientes Locais sobre o Desenvolvimento Local de Base Comunitária*. Disponível em [http://ec.europa.eu/regional\\_policy/sources/docgener/informat/2014/guidance\\_clld\\_local\\_actors\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/regional_policy/sources/docgener/informat/2014/guidance_clld_local_actors_pt.pdf), acessado em 25-03-2015.
- UNESCO (1996). Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, Coord. Jack Delors. Porto: Edições ASA.

# **ANEXOS**

ANEXO 1 - CADERNO DE CAMPO

Atividade nº 1
<b>Data:</b> 10-01-2014 <b>Local:</b> Câmara Municipal de Almodôvar (CMA) <b>Horas:</b> 18:00-20:30
<b>Objetivo Geral:</b> Reunião de aproximação ao projeto – Desenvolvimento de uma reunião de trabalho com os Srs. Presidente e Vereador da CMA, Dr. António Bota e Dr. Luís Gaiolas, tendo a mesma reunião o objetivo concreto identificar e legitimar o estudo a que me proponho – criação de um centro comunitário em Almodôvar – e dar a conhecer a instituição de estudo, ESEC-UALG, a área da Educação Social e a consistência deste trabalho de Mestrado.
<b><u>Procedimentos metodológicos:</u></b> <b>1</b> – Explicitação das bases da Educação Social e do trabalho do Educador Social enquanto profissional dinamizador e potenciador de políticas que visem quer o bem-estar pessoal e individual das pessoas, integrando-as de forma autónoma, responsável e integrada na sociedade, quer o bem estar coletivo, dotando e capacitando a comunidade para a participação comunitária, para o trabalho em rede e articulado, de forma a produzir interações e melhorar relações sociais. De seguida, após apresentação do cartaz de campanha eleitoral a ambos (retirado da internet), no qual consta como um dos objetivos específicos a criação futura de um centro de dia/comunitário na vila de Almodôvar, objetivo esse confirmado pelos próprios, foi por mim questionado se este centro de dia/comunitário estava para breve, ou se já existia (3 meses depois das eleições). O sr. Presidente informou que este centro se trata das instalações (imóvel) da antiga sede de campanha do PS (partido político de ambos), sita na Praça da República, e que o mesmo já se encontra em atividade, cujo funcionamento consistiu na instalação de um ecrã LCD e uma <i>box</i> da <i>MEO</i> e algumas mesas e cadeiras, para que os idosos que frequentem a Praça da República possam ali descansar, conversar, jogar jogos de mesa, ver notícias, filmes, etc.. Foi por mim colocada a questão se era “aquilo” a que se referiam ao centro de dia/comunitário, ao que ambos me comunicaram que não mas que de momento era um espaço que acharam que poderia ser utilizado e, como tal, foi cedido aos munícipes. <b>2</b> – Foram apresentadas a ambos algumas características concetuais do que é um centro comunitário, que se inscreve num modelo de reposta social integrado, dinâmico e evolutivo e que é assente no conhecimento global da realidade, da integração, da

parceria e da co-responsabilização, tendo ambos referido que de momento, o “centro” atual é o que foi possível, sem excluírem propostas e estudos capazes que possam configurar a criação de um efetivo Centro Comunitário.

**3** – Abordado novamente o propósito da realização do estudo, o qual se traduz na elaboração de um projeto para a criação de um centro comunitário na vila de Almodôvar, não só na dimensão da vila mas sim do concelho, ambos se mostraram atentos e despertos para o estudo em si, sugerindo, inclusive, que o estudo se fundamentasse pela sua aplicabilidade e não somente pelo estudo *per se*. Assim, verificou-se a aceitação da CMA na realização do projeto.

Como tal, foram delineadas estratégias de atuação conjuntas, nomeadamente a elaboração de um diagnóstico que vise uma recolha de dados séria e objetiva, no sentido de serem identificados os contextos a explorar (associações locais; comunidade em geral; espaços físicos; etc.).

**4** – Ficou ainda programada uma reunião entre mim e a CMA, a agendar oportunamente, no sentido de serem discutidos alguns pontos, bem como a promoção de um encontro com as associações locais, a fim de serem recolhidos alguns dados (*Focus Group??*), ficando a CMA de agendar e contatar todas as partes envolvidas.

<b>Duração da Atividade</b>	2 Horas
-----------------------------	---------

<b>Atividade nº 2</b>		
<b>Data:</b> 11-01-2014	<b>Local:</b> Almodôvar	<b>Horas:</b> 14:00 – 19:00
<b>Objetivo Geral:</b> Recolha de dados – Observação e <i>Vagabundeio</i> (conversas informais).		
<b><u>Procedimentos metodológicos:</u></b>		
<p><b>1</b> – Efetuei algumas conversas informais registos fotográficos ao edifício do centro coordenador de transportes e observação do espaço. Verifiquei que o espaço tem cerca de 5 compartimentos no piso inferior (R/c), incluindo os WC`s. Destes 5 apenas 2 se encontram ativos, servindo um de ginásio de musculação e outro de atual cantina para os funcionários da CMA, existindo ainda um quiosque, que não ocupa qualquer compartimento mas apenas parte, cerca de 15m2 do interior do espaço (junto à saída de acesso aos autocarros).</p> <p>No 1º andar do edifício existem ainda cerca de 8 compartimentos, dos quais 2 se encontram a ser utilizados pela CPCJ de Almodôvar e pelo movimento de apoio à luta</p>		

contra o cancro.

2 – Realizei ainda algumas conversas informais, com a senhora do quiosque e alguns transeuntes, onde foram abordadas algumas questões, nomeadamente sobre a ocupação, dinamização e utilização daquele espaço. Resultou destas conversas que o espaço atualmente é pouco utilizado pelas pessoas da vila de Almodôvar e do próprio concelho, sendo apurado que há alguns anos atrás o espaço era muito dinâmico, tinha várias atividades e cursos de formação de sapateiro e outras formações. Foi ainda apurado que, de momento, somente se vê mais movimento aquando da entrada e saída de autocarros e com algumas atividades pontuais (p.e. as festas do Mártir e Santo – santo padroeiro daquela zona) e com algum movimento da CPCJ (a sair brevemente deste local), da cantina da CMA e do ginásio de musculação.

3 – Recolhi também algumas opiniões sobre o que se poderia fazer, tendo resultado que as pessoas gostam do espaço físico e que o mesmo não devia de servir só para festas pontuais e para “apanhar” autocarros mas que devia ser dada outra “vida” ao espaço, dando uso às salas vagas. Deram como exemplo as formações de antigamente.

**Duração da Atividade**

5 Horas

### Atividade nº 3

**Data:** 07-02-2014

**Local:** Almodôvar e CMA

**Horas:** 16:00 – 24:00

#### **Objetivo Geral:**

Recolha de dados – Observação e realização de conversas informais e realização de entrevista exploratória ao Vice-presidente da CMA.

#### **Procedimentos metodológicos:**

1 – Entrevista exploratória (50min.) efetuada ao Vice-presidente da CMA, Luís Gaiolas.

2 – Realizei mais conversas informais, no sentido de apurar dados junto da população sobre a criação de um polo/centro que aglomerasse associações culturais, etnográficas, desportivas, sociais, etc. num único local, de forma a criar a maior participação, relação e interação pessoal e associativa e que fomentasse a organização de atividades conjuntas, partilha de saberes e experiências, vistas como veículo do desenvolvimento local. Como resultado destas conversas, registou-se que a população via com *bons olhos* a criação de um espaço desta índole, apesar de reconhecerem algumas resistências dadas as preferências clubísticas, associações deslocalizadas (as associações sedeadas na sede de concelho deveriam permanecer nas suas freguesias), seleção de associações e até

<p>mesmo políticas, evocando que consoante as ligações dos clubes/associações à autarquia assim seriam ou não seleccionadas. Quando questionei algumas pessoas sobre o local ou espaço capaz de aglomerar todas as associações, a maior parte das pessoas entendeu não haver necessidade de construir um edifício propositadamente, apontando já existir um espaço com essas capacidades: o Centro Coordenador de Transportes.</p>	
<b>Duração da Atividade</b>	8 Horas

<b>Atividade nº 4</b>		
<b>Data:</b> 25-03-2014	<b>Local:</b> CRIA – UALG - Gambelas	<b>Horas:</b> 17:00 – 19:00
<p><b>Objetivo Geral:</b> Reunião com o CRIA-UAlg (Centro Regional para Inovação do Algarve), na pessoa da Ana Gonçalves, no sentido de apurar o apoio ao projeto desta entidade.</p>		
<p><b><u>Procedimentos metodológicos:</u></b> 1 – Mediação de contato com o CRIA da UALG, no sentido de ser prestado o apoio necessário em ações de sensibilização e divulgação do tema do empreendedorismo e algum auxílio concetual na abordagem ao tema. Resultou desta reunião que o CRIA se mantém disponível para prestar qualquer apoio em ações de divulgação e sensibilização sobre temáticas diretamente relacionadas com as suas caraterísticas.</p>		
<b>Duração da Atividade</b>	2 Horas	

<b>Atividade nº 5</b>		
<b>Data:</b> 31-03-2014	<b>Local:</b> Almodôvar e CMA	<b>Horas:</b> 14:30 – 20:30
<p><b>Objetivo Geral:</b> Reunir com a CMA (Presidente, Vice e Resp. Ação Social) sobre a evolução do processo e recolha de dados. Observação e realização de conversas informais e ainda realização de duas entrevistas: uma à responsável Ação Social da CMA – Lucinda Jorge e outra ao Presidente da Junta de Freguesia de Almodôvar – Domingos Romba.</p>		

**Procedimentos metodológicos:**

1 – Discussão e apresentação das recolhas de dados a serem efetuadas (entrevistas, inquéritos por questionário a enviar para as juntas de freguesia, exceto para a de Almodôvar/Graça dos Padrões – sendo entrevistado o presidente não é necessário aplicar os questionário na vila), tendo ainda sido solicitado à CMA a promoção de uma convocatória das associações locais no sentido de serem realizadas duas sessões *Focus Goup*. Realizei observações e mais conversas informais, no sentido de verificar as relações individuais e grupais da população, sendo que, e em conversa com um representante de uma associação de cariz solidário, consegui apurar que as pessoas “vêm” que as associações desportivas *absorvem* todos os apoios financeiros por parte da Câmara, ficando as de cariz social, solidário, cultural, etc., mais desprovidas desses apoios.

**Duração da Atividade**

6 Horas

**Atividade nº 6**

**Data:** 19 e 20-04-2014

**Local:** Almodôvar

**Horas:** 10:00 – 17:00

**Objetivo Geral:**

Atendendo tratar-se de uma época religiosa em que o concelho é visitado pelos seus migrantes – Páscoa – e acrescido ao facto de neste fim-de-semana se realizar a “Feira de Abril”, a qual mobiliza muito a população, esta atividade foi pensada com o propósito de verificar as *novas* e *atuais* identificações territoriais bem como o campo relacional da população.

**Procedimentos metodológicos:**

1 – No sábado, foi efetuado algum *vagabundeio* por *zonas estratégicas da vila*, nomeadamente pelos bairros de St<sup>a</sup>. Rufina, S. Pedro e 25 de Abril, Praça da República (local privilegiado e habitualmente escolhido pelo segmento populacional mais idoso para partilha de conversas, troca de experiências profissionais e discussões políticas e desportivas), tendo sido interessante o facto de em todos estes locais, e quando estimei a discussão para o campo da cultura e das festas tradicionais dos bairros, foi unânime que todas as pessoas diziam que as festas eram para manter, independentemente do muito ou pouco apoio financeiro da Câmara. Apesar de nem todos pertencerem aos bairros onde as festas se realizam, todos manifestavam vontade de comparecer e ajudavam naquilo que podiam. Contudo, esta ajuda referia-se apenas a gastar algum

dinheiro para ajudar ao *prejuízo*, sendo que se fosse para auxílio material ou humano todos diziam que só trabalhavam para os seus bairros. Foi verificada alguma dinâmica entre as pessoas, de bairro para bairro e também de associações para associações, pese embora o trabalho em conjunto não se mostrasse reconhecido por todos efetivamente.

No domingo, desloquei-me à feira, e sendo eu conhecedor de grande parte dos residentes na sede de concelho, consegui verificar a adesão a esta feira de algumas pessoas oriundas de todas as freguesias do concelho. Contudo, devido ao estado do tempo que *estava em sintonia com a crise* (segundo se ouvia de algumas conversas e das interações entre as pessoas), a adesão à feira não era significativa nem semelhante a anos anteriores.

Foi curioso, atendendo às vezes que ouvi a palavra *crise*, apreciar algumas pessoas a dizerem que a Feira de Abril (como é conhecida) já não é o que era e que nem animações para os miúdos tinha (carrosséis, carrinhos de choque, etc.) e que esse facto seria um dos fatores que motivava o afastamento ou a não deslocação das pessoas à feira.

Efetivamente a Feira de Abril era umas das maiores feiras do concelho e da região, dispunha de uma dinâmica bastante apelativa uma vez que possuía variadas atividades e durava mais do que os atuais 2 dias, a qual além do cariz tradicional e comercial tinha grande adesão por parte da comunidade local e extra-local.

<b>Duração da Atividade</b>	14 Horas
-----------------------------	----------

<b>Atividade nº 7</b>		
<b>Data:</b> 09-05-2014	<b>Local:</b> CMA e Almodôvar	<b>Horas:</b> 15:00 – 17:00
<b>Objetivo Geral:</b>		
Reunir com Câmara Municipal (Vice-presidente), de onde resultou a proposta de ser efetuada uma conferência/palestra/seminário sobre a temática do projeto - Desenvolvimento Local - a efetuar-se futuramente e em data a agendar.		
<b>Procedimentos metodológicos:</b>		
Pela relevância do tema e indo ao encontro do projeto de investigação em curso, foram idealizadas desde logo algumas estratégias e sob proposta da Câmara Municipal, nomeadamente a forma de seleção e convite dos oradores, dimensões a abordar e data e horários. Foi-me incumbida a tarefa de mediar contatos e articular com entidades e oradores para a realização profícua deste evento.		

<b>Duração da Atividade</b>	2 Horas
-----------------------------	---------

<b>Atividade nº 8</b>		
<b>Data:</b> 17 e 18-05-2014	<b>Local:</b> Almodôvar	<b>Horas:</b> 14:00 – 22:00
<p><b>Objetivo Geral:</b></p> <p>Aproveitar o facto de neste fim-de-semana se realizar uma das festas mais carismáticas do município, o Mercado Medieval de Almodôvar, o qual comemorou os 10 anos de existência, e efetuar uma boa recolha de dados.</p>		
<p><b><u>Procedimentos metodológicos:</u></b></p> <p>1 – Dada a adesão avultada de pessoas à vila e ao evento neste fim-de-semana, tornou-se por si só um dos fatores mais preponderantes na recolha de informação. Desde observações a pessoas e a grupos/associações, onde se verificou bastante interação, convívio e partilha de atividades (ressalve-se que neste evento todas as associações, ou quase todas, possuem uma atividade, desportiva ou outra, ou uma “barraquinha” com comida e bebida), além das conversas informais mantidas com uma parcela da comunidade local que participa (grande parte funcionários da CMA e de associações locais) na animação de rua onde trajam com roupas medievais e que estimula e promove o ambiente, levaram a uma das atividades mais <i>produtivas</i> do trabalho de campo, sendo recolhidos dados relevantes e interessantes.</p> <p>Grande parte destas conversas informais resultaram em ambiente da própria festa, sem que se percebesse a intenção das questões, sendo que das conversas mantidas com algumas pessoas, entre as quais pessoas pertencentes a associações de solidariedade social, etnográficas, culturais e desportivas, foi possível perceber que o sentimento das pessoas, de uma forma geral, é que as associações desportivas têm absorvido grande parte das verbas disponibilizadas pela autarquia. Há também a percepção de que essas associações desportivas não têm iniciativa própria para se coligarem com outras, da mesma génese ou não, para fins solidários ou para apoiar causas, excetuando o Motoclube de Almodôvar que participa e apoia ao longo dos anos várias atividades de cariz solidário, além de organizarem as suas próprias atividades. Além das associações locais participarem neste evento, verifica-se uma notável aceitação por parte das associações e empresas extra-locais que dinamizam o evento, sendo perceptível o bom relacionamento, interação e relação entre todos.</p> <p>Contudo, consegui perceber a existência de alguma resistência no que toca a</p>		

relações entre pessoas e associação da sede de concelho e pessoas e associações das restantes freguesias. Isto é, notei que as pessoas da vila de Almodôvar procuram mais as “barraquinhas” das associações sedeadas na sede do concelho, salvo raras exceções, e as pessoas das restantes freguesias dirigem-se com maior frequência às da sua terra. Não sei se por uma questão de identificação com pessoas e associações ou com os próprios territórios ou se existe alguma *exclusão* ou *auto-exclusão* como em tempos se verificou (antigamente quem era dos montes e da freguesias fora da sede de concelho eram apelidados de “serrenhos” e haviam alguns *atritos* relacionais) mas, quero acreditar que se trata apenas de uma maior identificação com esta ou com aquela pessoa ou associação e com os próprios territórios.

Notei também, e foi referido inclusive por algumas pessoas, alguma tensão política partidária (recorde-se que a Câmara foi gerida durante 12 anos por um executivo PSD e há cerca de 6 meses que o executivo é PS) entre membros e apoiantes do anterior executivo e apoiantes e membros atuais.

<b>Duração da Atividade</b>	16 Horas
-----------------------------	----------

<b>Atividade nº 9</b>		
<b>Data:</b> 19-05-2014	<b>Local:</b> Almodôvar	<b>Horas:</b> 15:00-17:30
<b>Objetivo Geral:</b>		
Reunir com a CMA no sentido de discutir a organização da conferência/debate/palestra sobre o Desenvolvimento Local e sobre a estrutura e aprovação dos questionários a serem efetuados a toda a população do concelho, através das juntas de freguesia.		
<b><u>Procedimentos metodológicos:</u></b>		
Foi discutido com a CMA e decidido unanimemente que:		
1 – Os questionários não serão para entregar diretamente às pessoas mas sim para serem preenchidos <i>in-loco</i> por um funcionário da junta que se disponibilize;		
2 – Serão efetuados a pessoas, maiores de 16 anos, que se dirijam por qualquer motivo à junta de freguesia da área de residência, sendo que não se exclui a hipótese do srs. Presidentes das Juntas, se assim entenderem e através de um funcionário, efetuarem uma consulta "porta-à-porta" (tipo Censos) e aí preencherem os questionários;		
3 – Não haverá limite de questionários, mas quantas mais pessoas participarem mais reais e ricos serão os dados;		

4 – Foi estabelecida a data limite até 26-09-2014 para recolha dos questionários preenchidos, para poder fazer a análise e triangulação de todos os dados. Caso seja necessário eu mesmo me desloco às juntas de freguesia para recolhê-los.

Quanto ao assunto da conferência/palestra/debate sobre o desenvolvimento Local, ficou decidido conjuntamente com o Vice-presidente da CMA que se iriam realizar e denominar por I Jornadas de Desenvolvimento Local, sendo estruturadas da seguinte forma:

- a) Serão realizadas no dia 27-06-2014, durante todo o dia, das 10 às 13h e das 14h30 às 17h30/18h;
- b) Seria eu a mediar e convidar instituições e oradores, não tendo sido impostas quaisquer limitações ou exigências.

A CMA entende que estas Jornadas são interessantíssimas e deveras importante para a comunidade, empresa e associações, para a própria CMA e obviamente para mim que estou a fazer a investigação, mas cabe à CMA estudar a melhor forma de se concretizarem estas jornadas e se haverá possibilidade de serem oferecidos almoços aos oradores.

<b>Duração da Atividade</b>	2:30 Horas
-----------------------------	------------

<b>Atividade nº 10</b>		
<b>Data:</b> 29-05-2014	<b>Local:</b> Centro de Emprego de Ourique	<b>Horas:</b> 15:00-17:30
<b>Objetivo Geral:</b> Entrevista com o responsável do Centro do IEFP de Ourique, Marco Rêgo, o qual tem a responsabilidade do concelho de Almodôvar.		
<b>Procedimentos metodológicos:</b> Entrevista semiestruturada.		
<b>Duração da Atividade</b>	2:30 Horas	

<b>Atividade nº 11</b>		
<b>Data:</b> 27-06-2014	<b>Local:</b> Fórum Cultural de Almodôvar	<b>Horas:</b> 10:00-19:00
<b>Objetivo Geral:</b> I Jornadas DL		
<b><u>Procedimentos metodológicos:</u></b> Após contatos e mediações por mim efetuados, foi possível garantir seguintes oradores: i) Prof. Dr. António Fragoso, diretor do Mestrado de Educação Social da ESEC-UALG que abordará a temática do Desenvolvimento Local; ii) Dr. Luís Farrajota, Subdiretor-Geral da Direção Geral do Planeamento e Gestão Financeira do Ministério da Educação e da Ciência, que irá abordar a relação do trinómio economia»educação»desenvolvimento local, ou seja, que políticas estão a ser desenvolvidas, ou em ação, no Ministério que estimulem e/ou promovam o desenvolvimento local. O Dr. Luís Farrajota, segundo me comunicou, irá convidar a Delegada Regional dos Estabelecimentos Escolares (DGEst) do Alentejo, Dra. Maria Reina Martin, que irá abordar a questão do ensino profissional e as suas funções na região e de que forma contribui para o desenvolvimento local; iii) Dr. Manuel Parreira, Diretor do Centro de Emprego e Formação Profissional de Beja (em substituição do Dr. José Rita, Diretor Regional do IEFP do Alentejo), que irá abordar as dimensões do mercado de trabalho em articulação com as formações profissionais e políticas públicas; iv) Dra. Sofia Vairinho, representante do CRIA da UALG (deixei um folheto com o Luís Gaiolas com o link <a href="http://www.cria.pt/cria/PT/">www.cria.pt/cria/PT/</a> ) que abordará a questão do empreendedorismo e da inovação como fatores dinamizadores de desenvolvimento local; v) Dois atores locais - Diogo Lança (vertente turística/hoteleira) e Igor Mendes (recursos naturais/endógenos) - para apresentarem projetos pessoais e sua a função (bastante ativa) no desenvolvimento do concelho; v) Dr. Luís Gaiolas, Vice-Presidente da CMA, que abordará a cultura, tradições, costumes, património, cante alentejano, gastronomia, festas, etc., e que exporá a vertente cultural e de que forma é que a cultura é um fator propulsor de desenvolvimento local. Ponderou-se convidar alguém do Politécnico de Beja, uma vez que têm em ação o Mestrado em Desenvolvimento Comunitário e Empreendedorismo		

[\(https://www.flickr.com/photos/40478366@N08/7649906124/in/set-](https://www.flickr.com/photos/40478366@N08/7649906124/in/set-72157624001884115/lightbox/)

[72157624001884115/lightbox/\)](https://www.flickr.com/photos/40478366@N08/7649906124/in/set-72157624001884115/lightbox/) e seria de todo útil trocarmos algumas experiências e ideias, e além disso fazia-se a ponte entre a UALG, o Politécnico e Almodôvar. Só que atendendo ao número de oradores já garantidos não haveria espaço/tempo.

Foi ainda solicitado por mim à CMA que convidasse uma associação de desenvolvimento local que tenha atividade e Almodôvar (por exemplo: a APDM, a ESDIME, a In-Loco ou preferencialmente uma associação do concelho) para exporem algumas atividades que estejam em curso ou projetos futuros de desenvolvimento local, não tendo sido possível pelos mesmos motivos do Politécnico de Beja.

Resumindo, foram garantidas as presenças de 8 oradores, dividido em dois painéis (um de manhã com 3 oradores e outro de tarde com mais 5), moderados pelo Dr. Luís Gaiolas, de manhã, e pelo Dr. Joaquim do Arco, de tarde, e sempre como pano de fundo o Desenvolvimento Local!

- Abertas as Jornadas pelo Sr. Presidente da Câmara, Dr. António Bota, deu-se início à comunicação do Dr. Luís Farrajota, do MEC, com apresentação de dados ao nível macro do sistema educativo nacional. Foi salientado pelo Dr. Luís Farrajota que o desenvolvimento de um país faz-se numa clara aposta do desenvolvimento humano, no esforço de combater o abandono escolar precoce, que tem reflexos na competitividade do país a médio/longo prazo. Indicou que os gastos com a educação em toda a Europa são superiores a Portugal, desde o pré-escolar ao superior, mas que o injetar dinheiro em cima dos problemas não significa resolvê-los. Contudo, 4,9% do PIB nacional foi canalizado para a educação em 2008, onde a média da UE foi de 5,1%. Há que projetar planos, salientando que em Portugal a questão da planificação é uma questão a explorar e a debater, a médio/longo prazo e estabelecer metas. Quanto à atuação da CMA, sugeriu ao executivo estudar a oferta educativa no concelho e definir planos de ação. Deu como exemplo os projetos educativos nacionais na década de 80, que baixaram a taxa de abandono escolar e de analfabetismo, quase que de uma forma imediata, na ordem dos 10%.
- A Dra. Maria Reina, da DGEstE do Alentejo, veio corroborar com o Dr. Luís Farrajota quanto à questão do não planeamento, assumindo que Portugal não faz planeamentos. O poder local tem uma responsabilidade acrescida porque tem um maior conhecimento do local, logo, cabe aos municípios apostar

fortemente na educação uma vez que ela é essencial no desenvolvimento local. Caracterizou demograficamente o Alentejo como região com pouca densidade populacional, condicionando diretamente o nº de alunos nas escolas, adiantando como potencialidade a construção de uma identidade territorial. Salientou ainda que o manter escolas abertas não significa que não haja abandono escolar, cabendo gerir da melhor forma a rede escolar, apostando na qualificação e no ensino vocacional. Contudo, assume que o ensino profissional é desvalorizado em Portugal, mas que um tecido empresarial forte, não precisa de ser grande, baseado nas parcerias e com um ensino profissional direcionado e em que exista uma rede intermunicipal para que os cursos não coincidam nos vários concelhos) pode ser um fator preponderante no campo educativo/formativo. Deu o exemplo que como o ensino vocacional é importante quando a empresa do Alqueva teve de ir recrutar mão-de-obra qualificada em Espanha dado que em Portugal não havia. Adiantou ainda que os cursos superiores só deveriam existir consoante a necessidade de mercado.

- O Prof. António Fragoso, da ESEC-UAlg, abriu a sua comunicação dizendo que o desenvolvimento local só se faz quando é necessário, não se faz por fazer. Parte dos problemas e necessidades das pessoas, com a participação de todos e assume um carácter endógeno, integrado e articulado com processos e atores sociais externos. É um processo coletivo, de redes comunitárias e informais e em que o movimento associativo assume um papel preponderante. Contudo, o nº de associações não é necessariamente uma vantagem para a rede social e há que perceber se cada associação desenvolve ações somente para sobreviver ou para desenvolver o território. Deve-se fomentar a cooperação e não fazer por fazer atividades. Apontou questões como a liderança e a mediação comunitária como fatores importantes no desenvolvimento local, que devem contribuir para a resolução de conflitos entre entidades e cuja mediação impede bloqueios e tem o propósito de melhorar a comunicação (circulação transparente para todos) e a transformação social. A comunicação do Prof. Fragoso foi a última da manhã, mas dado o adiantar da hora, não foi aberta a sessão ao debate. Contudo, foi colocada uma questão em género de conclusão pelo Presidente António Bota

ao Prof. Fragoso: Mas como fazer Desenvolvimento Local? Como resposta, foi-lhe dito que, em 1º lugar, partir da auscultação das pessoas e em 2º saber o que as faz levantar da cadeira e participar. Fechou assim a sessão da manhã.

- O Dr. Manuel Parreira, do CEFP de Beja, indicou que o concelho de Almodôvar tinha em 2013 cerca de 398 pessoas desempregadas e em 2014 (até à data das jornadas) cerca de 368 pessoas, em maior número mulheres, Apontou algumas medidas do IEFP, como a formação profissional de apoio às instituições e empresas; o contrato emprego/inserção e inserção +; apoio à contratação via reembolso da TSU; programa de apoio ao empreendedorismo e à criação do próprio emprego e por beneficiários de prestações de desemprego. Apontou a ESDIME como parceiro nas formações, sendo que em ADV é o serviço de emprego de Ourique que intervém.
- A Dra. Sofia Vairinho, do CRIA-UAlg, veio apresentar a funcionalidade do CRIA enquanto entidade de criação do conhecimento e formação do capital humano, transferência, inovação e empreendedorismo (novos papeis). O CRIA apoia candidaturas ao QREN para SPINOF`s (empresas criadas com alunos da UALG). O processo funcional do CRIA desenvolve-se através da aceitação de ideias inovadoras e criativas, que levam à estruturação de um produto e colocação no mercado:  
- Ideia»Desenvolvimento»Prova\_do\_Conceito»Produto»Mercado.
- Foram ainda efetuadas 2 apresentações de projetos de dois jovens empresários de Almodôvar, Diogo Lança e Igor Mendes, o 1º na vertente mais turística/hoteleira e o 2º numa vertente da produção de mel. Estes dois jovens, com formação superior na área da Economia-Gestão de Empresas, vieram mostrar o seu carácter diligente, dinâmico e empreendedor de cada, contrariando as dinâmicas comuns da comunidade de Almodôvar.
- Foi ainda aberto o espaço de debate, tendo alguns dos assistentes contribuído para o enriquecimento da atividade, apresentado fatores como a falta de *Rede* no concelho e a baixa densidade demográfica como problemas sentidos ao nível social. No campo da educação, foram apresentadas algumas considerações quanto à questão dos recursos, os quais são adaptados às necessidades educativas e formativas, embora por vezes não exista investimento para determinadas áreas.

<b>Duração da Atividade</b>	7 Horas (das 10h às 13h e das 14h30 às 18h30h)
-----------------------------	--

<b>Atividade nº 12</b>	
<b>Data:</b> 11-07-2014	<b>Local:</b> CQEP Almodôvar <b>Horas:</b> 16:00-18:00
<b>Objetivo Geral:</b> Entrevista com o coordenador do CQEP e Almodôvar, Prof. Jorge Alves, no sentido de recolher dados educativos e formativos do concelho de Almodôvar.	
<b><u>Procedimentos metodológicos:</u></b> Entrevista semiestruturada.	
<b>Duração da Atividade</b>	2 Horas

<b>Atividade nº 13</b>	
<b>Data:</b> 26-07-2014	<b>Local:</b> Freguesias do Concelho Almodôvar <b>Horas:</b> 20:00-00:00
<b>Objetivo Geral:</b> Vagabundeio e conversas e entrevistas informais com a população das freguesias de Gomes Aires/Sta. Clara-a-Nova.	
<b><u>Procedimentos metodológicos:</u></b> Por ocasião das festas anuais do “povo”, denominação atribuída pela própria população local de Gomes Aires, desloquei-me a esta localidade no sentido de obter dados relevantes para o estudo. Numa primeira análise, pude verificar que não existem quaisquer barreiras ou atritos sociais resultante da união desta freguesia a Sta. Clara-a-Nova. Contudo, e das conversas tidas com alguns habitantes de Gomes Aires, apesar de não se verificar qualquer tensão relacional, foi notada alguma mágoa pelo facto de Sta. Clara ter sido nomeada sede da união destas freguesias, uma vez que, e segundo me comunicaram, Gomes Aires é que deveria de ser sede das freguesias dado ser a freguesia mais antiga, a mais populosa e a qual em tempos já havia englobado as ora freguesias de Sta. Clara e Aldeia dos Fernandes. Foi verificada uma boa relação entre as pessoas, boa articulação, interação e identificação e sentimento de pertença a este território.	
<b>Duração da Atividade</b>	4 Horas

ANEXO 2 – JORNADAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL



9:45h – Abertura – **António Bota** - Presidente do Município de Almodôvar

14:00h – **Luis Gaiolas** – Vice-Presidente do Município de Almodôvar

10:00h – **Luis Farrajota** – Subdiretor-Geral da Direção Geral do Planeamento e Gestão Financeira do Ministério da Educação e da Ciência

10:45h – Pausa para café

15:00h – **Manuel Parreira** – Diretor do Centro de Emprego e Formação Profissional de Beja

11:15h – **Maria Reina Martin** – Delegada Regional de Educação do Alentejo

15:45h – **Sofia Vairinho** – colaboradora do GAPI-UALG e do CRIA-UALG

12:00h – **António Fragoso** – Diretor do Mestrado em Educação Social da ESEC-UALG

17:00h – **Diogo Lança e Igor Mendes** - Empresários Locais

Parceria:



**ANEXO 3 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO ‘JORNADAS’**

**Atividade:** I Jornadas de Desenvolvimento Local.

**Data/Local:** 27/06/2014 - Fórum Cultural Nossa Srª da Conceição, em Almodôvar.

Dimensões		Níveis			
		1	2	3	4
Gerais	Espaço/Equipamento				
	Adesão				
	Interesse				
	Participação				
Específicas	Interação (oradores e oradores e público)				
	Partilha				
	Imprevistos				
Apreciação final					

OBS: 1 - fraco; 2 - razoável; 3 - bom; 4 - excelente

Avaliação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ANEXO 4 - QUESTIONÁRIO

### QUESTIONÁRIO

O presente questionário, enquadrado num estudo de Mestrado em Educação Social da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve e em articulação com a Câmara Municipal de Almodôvar, visa recolher elementos que permitam perceber a forma como as pessoas vivem em comunidade, de que forma encaram o território e como sentem a sua freguesia e o seu concelho ao nível da educação, do emprego, da cultura, das tradições e costumes, do movimento associativo, etc..

Como tal, gostaríamos que preenchesse os campos abaixo, já que a partir deste poderemos identificar os interesses da comunidade, em geral, e atualizar alguns indicadores socioeducativos, económicos, culturais e demográficos.

Garantimos que todas as informações prestadas serão absolutamente confidenciais e utilizadas apenas para efeitos do estudo.

### IDENTIFICAÇÃO DO INQUIRIDO

1. Idade (preferencialmente indique a idade certa, caso contrário assinale com **X** o grupo etário a que pertence):

De 16 a 25 anos	De 26 a 35 anos	De 36 a 45 anos	De 46 a 55 anos	De 56 a 65 anos	Mais de 65 anos

1.1. Género: Masculino  Feminino

1.2. Habilitações Literárias: \_\_\_\_\_

1.3. Situação profissional:

Ativa  Desempregado  Profissão: \_\_\_\_\_

1.4. Reformado? Sim  Não

Se **Sim**, qual a profissão que exerceu: \_\_\_\_\_

1.5. A que freguesia pertence/reside: \_\_\_\_\_

### INFORMAÇÕES GERAIS

2. Acha que, nos últimos anos, têm saído ou entrado mais pessoas na sua freguesia?

Saído  Entrado

2.1. Caso tenha respondido **entrado** indique por que motivos:

Emprego  Para viver  Regresso  Opção de residência  Outro  \_\_\_\_\_

2.2. Caso tenha respondido **saído** indique por que motivos:

Emprego  Para viver  Mera opção de vida  Outro  \_\_\_\_\_

3. Sente apoio ao nível da empregabilidade por parte da Câmara Municipal?

Sim  Não

3.1. Se **Sim**, que tipo de apoios? \_\_\_\_\_

3.2. Se **Não**, que apoios poderiam existir?

a) Apoio administrativo/logístico na criação do próprio emprego/negócio

b) Apoio na elaboração de currículos para concursos de emprego

c) Apoio na preparação para entrevistas de emprego e/ou envio de candidaturas

d) Outro  \_\_\_\_\_

3.3. Já teve vontade ou necessidade de recorrer aos apoios atrás referidos? Sim  Não

4. Existem atividades educativas na sua freguesia? Sim  Não

4.1. Se **Sim**, para crianças e jovens  para adultos  para a 3ª idade

5. Gostaria que existissem condições educativas/formativas, que não somente a escola, ao nível do concelho e que servissem a população? Sim  Não

6. Considera que uma educação baseada nos valores, nos costumes e nas tradições, de forma a promover a cultura local, seria útil para o concelho? Sim  Não

7. Pertence a alguma associação/coletividade sem fins lucrativos? Sim  Não

7.1. Se **Sim**, de que tipo?

Cultural  Desportiva  Recreativa  Solidariedade social  Outra  \_\_\_\_\_

8. Considera que as associações/coletividades têm recebido todo o incentivo por parte da Câmara Municipal nos últimos anos? Sim  Não

9. Considera que as associações/coletividades deveriam *trabalhar* mais em parceria/conjunto (umas com as outras)? Sim  Não

10. Consideraria útil a criação de um espaço único de apoio à população do concelho e que englobe os setores culturais, económicos e socioeducativos? Sim  Não

10.1. Acha que um único local, que sedie e sirva todas as associações/coletividades do concelho seria útil? Sim  Não

10.2. Se **Sim**, porquê? \_\_\_\_\_

10.3. Consideraria útil que esse espaço servisse a população para candidaturas e procura ativa de emprego e apoio à criação do próprio negócio? Sim  Não

10.4. Entende que existe falta de uma infra-estrutura, no concelho, que sirva para educar/formar a população adulta e idosa? Sim  Não

## OPINIÕES/SUGESTÕES

11. Caso exista alguma sugestão ou comentário, poderá fazê-lo a seguir:

---

---

---

---

Muito Obrigado!

## ANEXO 5 – QUESTIONÁRIO ON-LINE

### Questionário Dirigentes Associações/Coletividades de Almodôvar

O presente questionário, enquadrado no projeto de Mestrado do aluno da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve e articulado com a Câmara Municipal de Almodôvar, visa recolher elementos que permitam perceber a forma como as coletividades (associações desportivas, culturais, recreativas, etnográficas, solidariedade social, etc.), através dos seus representantes/presidentes/diretores, do concelho de Almodôvar estão integradas na sua comunidade e como as mesmas encaram as suas atividades e interações sociais que, de alguma forma, promovam o desenvolvimento local.

Pretende-se ainda perceber de que forma as coletividades encaram o seu território e como vêem o desenvolvimento do seu concelho ao nível do movimento associativo, da educação, do emprego, da cultura, das tradições e costumes, etc..

Como tal, gostaria que preenchesse os campos abaixo (selecione apenas uma opção por cada resposta), garantindo que todas as informações prestadas serão absolutamente confidenciais e utilizadas apenas para efeitos do estudo.

Nome da coletividade

Representante da coletividade (basta o cargo do inquirido)

- Presidente  
 Vice-presidente  
 Tesoureiro  
 Outro

Coletividade constituída

- Com fins lucrativos  Sem fins lucrativos

Tipo de coletividade

Instruções de pergunta: *Pode mencionar mais do que uma opção, caso se verifique na sua coletividade/associação*

- Cultural  Recreativa  Desportiva  Etnográfica  Solidariedade Social  
 Outro

Indique a freguesia da sua coletividade/associação



- Almodôvar e S.ª da Graça de Padrões  Sta. Clara-a-nova e Gomes Aires  Aldeia dos Fernandes  Rosário  Sta. Cruz  São Barnabé

### Possui sede própria?

Instruções de pergunta: *Caso entenda, indique a morada ou local onde está sededa a sua associação*

- Sim       Não  
 Morada/Local

### A sua coletividade/associação desenvolve atividades com

Instruções de pergunta: *Pode selecionar mais do que uma opção*

- Crianças e jovens  
 Adultos  
 Idosos

### Ideais/objetivos da sua coletividade

Instruções de pergunta: *1 = nenhuma atividade; 2 = pouca atividade; 3 = razoável atividade; 4 = muita atividade*

	1	2	3	4
Prática desportiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Solidariedade social (apoio à comunidade)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Divulgação cultural e patrimonial	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Educação/formação comunitária	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estímulo à economia local	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Saúde e bem-estar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participação/envolvimento da população	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### Considera que as atividades desenvolvidas pela sua coletividade/associação contribuem para o desenvolvimento do concelho porque...

Instruções de pergunta: *1 = nada; 2 = pouco; 3 = razoável; 4 = muito*

	1	2	3	4
São atividades para a população	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atrai pessoas para o concelho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estimula a fixação das pessoas (evita o êxodo)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Promove a economia local	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolve a interação e o envolvimento comunitário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A sua associação é financeiramente auto-sustentável?

- Sim, gera receitas que permite a sua própria gestão  
 Não, depende de entidades (Câmara, Junta, patrocinadores, etc.)

A sua associação cria, desenvolve e coordena as suas próprias atividades?

- Sim, é independente/autónoma     Não, depende do planeamento e coordenação da autarquia

A sua associação tem recebido apoios por parte da Câmara Municipal?

- Sim  
 Não

Que tipo de apoios?

- Financeiros     Logísticos (transportes, equipamentos, etc.)     Serviços (municipais - água, luz, etc.)  
 Outro

Caso indique "Financeiros" na resposta anterior, mencione o destino:

- Para renda das instalações/sede  
 Para ordenados (funcionários/atletas)  
 Para as atividades desenvolvidas  
 Para despesas respeitantes à associação (luz, água, obras, deslocações, etc.)  
 Para organização de eventos/atividades  
 Outro

Considera que as restantes associações/coletividades do concelho têm recebido todo o incentivo e apoio necessários nos últimos anos, por parte da Câmara Municipal, para desenvolverem a sua atividade?

- Sim  
 Não  
 Desconheço

A população de Almodôvar (no geral) apoia, envolve-se e participa nas atividades da sua associação?

- Sim, participam ativamente  
 Apoiam mas não se envolvem  
 Não, nem se interessam

As empresas privadas apoiam e envolvem-se nas atividades das associações/coletividades do concelho?

Instruções de pergunta: 1 = nada; 2 = pouco; 3 = suficiente; 4 = muito

	1	2	3	4
Sim, com apoios financeiros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sim, com apoios logísticos/materiais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não se envolvem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não se interessam	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A sua associação costuma desenvolver atividades conjuntas com outras associações/coletividades e/ou instituições públicas ou privadas?

Sim

Não

Justifique

Considera que deveria de haver mais trabalho conjunto entre todas as associações?

Instruções de pergunta: 1 estrela = não considero; 2 estrelas = considero pouco; 3 estrelas = talvez; 4 estrelas = considero; 5 estrelas = considero muito.

☆☆☆☆☆  / 5

Acha que seria útil a criação de um espaço/edifício (polivalente) único de apoio à população do concelho e que englobe os setores culturais, económicos e socioeducativos?

Instruções de pergunta: Exemplos: Setor cultural = cante alentejano; Setor económico = apoio na criação de empresas; Setor socioeducativo = formações e/ou educação de adultos.

Sim  Não

Justifique

E um espaço/edifício que sedie todas as associações/coletividades do concelho?

Sim

Não

Justifique

Enviar Inquérito

ANEXO 6 - CRONOGRAMA

2014

ATIVIDADES	Jan				Fev				Mar				Abr				Mai				Jun				Jul				Ago				Set				Out				Nov				Dez							
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4				
	Orientação																																																			
Fundamentação e metodologia																																																				
Pesquisa documental																																																				
Guiões de entrevistas																																																				
Entrevistas																																																				
Observação part. e não part.																																																				
Questionários On-line Assoc.																																																				
Questionários Pré teste e Análise																																																				
Transcrições																																																				
Entrevistas informais																																																				

2015

ATIVIDADES	Jan				Fev				Mar				Abr				Mai				Jun				Jul				Ago				Set			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
	Orientação																																			
Análise de conteúdo																																				
Interpretação de resultados																																				
Projeto e Leitura																																				
Entrega p/ Revisão e Entrega Final																																				

ANEXO 7 – DESENHO DE INVESTIGAÇÃO

TEMA DE INVESTIGAÇÃO	FORMULAÇÃO DA QUESTÃO GERAL DE INVESTIGAÇÃO	FORMULAÇÃO DE QUESTÕES ESPECÍFICAS DAS ENTREVISTAS E INQUÉRITOS (O QUÊ)	FORMULAÇÃO DOS CONCEITOS SENSIBILIZADORES (A REVISÃO DE LEITURA: PRINCIPAIS REFERÊNCIAS TEÓRICAS E CONCEITOS CHAVE)
<p><b>PROJETO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL EM ALMODÔVAR</b></p>	<p><b>SENTIRÁ E IDENTIFICARÁ A COMUNIDADE DE ALMODÔVAR A NECESSIDADE DE UM PROJETO/PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL?</b></p>	<p><b>1. Reconhecimento e certificação</b>                      a. Identificação e legitimação da entrevista                      a.a. Objetivos do projeto e fundamento da Educação Social; Importância da colaboração do entrevistado na recolha de dados; Solicitar autorização para gravação digital; Agradecimento e confidencialidade.</p> <p><b>2. Dinâmicas Territoriais</b>                      a. <b>Demografia:</b> Caraterização demográfica (natalidade, mortalidade, fluxos migratórios, envelhecimento; distribuição populacional; etc.) do concelho de Almodôvar (ADV)?</p>	<p><b>1. Conceitos de construção do objeto de estudo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>O desenvolvimento enquanto conceito:</b> Matos (2000); Amaro (2003); Moreira (2009); Reis (2012); Sarmento &amp; Oliveira (2003); Santos (2001); Davis (2008); Fraga, Mota &amp; Dinis (2005); Lopes (2002)</li> <li>• <b>Desenvolvimento sustentável:</b> Boiser (1999); Amaro, 2003; Davis, 2008; Sash, 2009)</li> <li>• <b>Desenvolvimento humano:</b> Amaro (2001)</li> <li>• <b>Desenvolvimento social:</b> Sen(1999)</li> <li>• <b>Desenvolvimento integrado</b> (Fragoso, 2005; Amaro, 2009)</li> <li>• <b>Desenvolvimento Comunitário</b> (Silva, 1964; Holdcroft, 1978; Ander-Egg, 1980, 2003; Rezsohazy, 1988; Viveiros, 2008; Fragoso, 2005)</li> <li>• <b>Desenvolvimento Local:</b> Amaro, 2009; Amiguiño, 2005; Lopes, 2006; Melo, 1998; Sen (1999); Fragoso, 2005; Fauré, 2005; Arroyo, 2006)</li> <li>• <b>Territorialismo VS Funcionalismo</b> (Henriques, 1990; Amaro, 2000, 2001 e 2003; Durston, 2000; ANIMAR, 2003; Vázquez-Barquero, 1995; Fragoso, 2005)</li> <li>• <b>Participação comunitária e empowerment</b> (Friedmann, 1996; Barroso, 1998; Freire, 1980, 1987, 1998; Barreiro, 2000; Fragoso, 2005)</li> </ul>
<p><b>UNIVERSO DE ESTUDO (QUEM?)</b></p>	<p><b>PARADIGMA, MÉTODOS E TÉCNICAS ADEQUADAS (COMO?)</b></p>	<p><b>3. Ações Socioculturais</b>                      a. <b>Identidade social, cultural e patrimonial:</b> Caraterização da população de ADV, nas suas dimensões participativa, associativa, de solidariedade, etc.)</p>	<p>• <b>Participação comunitária e empowerment</b> (Friedmann, 1996; Barroso, 1998; Freire, 1980, 1987, 1998; Barreiro, 2000; Fragoso, 2005)</p>
<p>Representantes de entidades locais e extra-locais com atividade em Almodôvar; Líderes e atores sociais locais e comunidade em geral (em todo o concelho).</p>	<p><b>Paradigma sócio-crítico</b>  <b>Investigação qualitativa e quantitativa</b> (mista);  <b>Método Investigação-Ação</b>  <b>Técnicas:</b>                      - pesquisa documental e bibliográfica; observações (participantes e não participantes); questionários e questionários <i>on-line</i>; conversas e entrevistas informais, entrevista livre (exploratória) e semiestruturadas, Registo de dados: gravação, filmagem e transcrição;</p>	<p><b>4. Problemáticas</b>                      a. <b>Identificação e caraterização de problemas sociais, económicos, educativos e políticos:</b> Principais causas e consequências quanto às problemáticas identificadas em ADV (êxodo; desemprego; fraca participação comunitária; etc.) e que políticas sociais existem para o seu combate.</p> <p><b>5. Plano de Ação</b>                      a. <b>Função na comunidade:</b> Que papel desempenha CMA na comunidade de ADV (medidas e/ou programas específicos) na sua dimensão socioeducativa, cultural e económica?                      b. Relação da CMA/JFA/IEFP/CQEP como <i>trinómio</i> Socioeducativo/Cultural/Empreendedor (articulação entre a CMA/JFA/IEFP/CQEP e associações; entre a CMA/JFA/IEFP/CQEP e entidades/empresas; entre a CMA/JFA/IEFP/CQEP e todos os segmentos populacionais)?</p> <p><b>6. Projeto de desenvolvimento local</b>                      a. <b>Conhecer a determinação e aceitação ao projeto:</b> Aplicabilidade e utilidade para a comunidade de ADV do projeto de desenvolvimento local/comunitário, nas dimensões cultural, económica e socioeducativa, de forma a articular todas estas dimensões e várias entidades e associações e congrega-las num espaço único?                      b. Apoios possíveis por parte da CMA/JFA/IEFP/CQEP para esse projeto e numa possível parceria com algumas entidades/empresas/associações?</p> <p><b>7. Caraterização dos entrevistados</b></p>	<p><b>2. Concetualização teórica:</b>  <b>Educação Social:</b> Quintana (1944); Carvalho e Baptista (2004)  <b>Projetos em Educação Social:</b> Ander-Egg (1989); Pérez Serrano (2008)  <b>Capital social:</b> Bourdieu (1980); Coleman (1988; 1990); Fukuyama (1995)  <b>Empreendedorismo, Empreendedorismo Social e Inovação:</b> Shane &amp; Venkataraman (2000); Austin, Stevenson, Howard &amp; Wei-Skillern (2006); Hisrich &amp; Peters (2004); Baptista, Teixeira &amp; Portela (2008); Sotara (2004); Schumpeter, 1934, citado em Vázquez-Barquero (2001); Lapointe (2011); Mulgan, Tucker &amp; Sanders (2007); Alvord, Brown &amp; Letts (2004); Dart (2004); Bornstein (2007); Nicholls &amp; Cho (2006); Parente (2014)  <b>Cultura, Economia Educação – Relações:</b> Santos (1996); Gohn (2001); Cuche (2002); Lipovetsky (2010); Tolila (2007); Furtado (2000); Milani (2003); Burity (2007); Carneiro (1994); Costa, Dias &amp; Ventura (2005)</p> <p><b>3. Conceitos Metodológicos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Enquadramento e contextualização do projeto:</b> Carvalho e Baptista (2004); Perez Serrano (2008); Ander-Egg (1987)</li> <li>• <b>Paradigma sócio-crítico:</b> Morales (2003); Coutinho (2005)</li> <li>• <b>Método: Investigação-Ação:</b> Lewin (1946); Esteves (1986); Pring (2000)</li> <li>• <b>Investigação qualitativa e a quantitativa:</b> Bryman (1995); Jick (1979); Morse (1991); Pope &amp; Mays (1995)</li> <li>• <b>Técnicas:</b> Oliveira (2007); Cellard (2008); Almeida &amp; Pinto (1982); Burgess (1997); Bell (1997); Pérez Serrano (1994); Machado (2004); Quivy e Campenhoudt (1998)...</li> <li>• <b>Análise de conteúdo:</b> Bardin (1979); Silva &amp; Pinto (1986); Vala (1986); Carmo &amp; Ferreira (1998); Bogdan &amp; Biklen (1994)...</li> </ul>

**ANEXO 8 - GUIÃO ENTREVISTA E2**

**Guião de Entrevista (E2) – Responsável Ação Social da Câmara Municipal de Almodôvar: Lucinda Jorge**

**Objetivo Geral:** Conhecer as dinâmicas sociais, culturais, educativas e económicas da CM de Almodôvar e as suas relações e articulações com entidades, e, apurar dados relevantes para o processo de implementação do projeto.

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADORES DAS PERGUNTAS	FORMULÁRIO PARA PERGUNTAS
1. Reconhecimento e certificação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar e legitimar a entrevista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Objetivos do projeto e fundamento da Educação Social;</li> <li>Importância da colaboração do entrevistado na recolha de dados;</li> <li>Solicitar autorização para gravação digital;</li> <li>Agradecimento e confidencialidade.</li> </ul>	
2. Dinâmicas Territoriais	<ul style="list-style-type: none"> <li>Demografia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Caraterísticas sociodemográficas do concelho de Almodôvar, em particular, e desta região Alentejana, em geral:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>envelhecimento populacional;</li> <li>migrações;</li> <li>estatísticas, estrutura e distribuição da população.</li> </ul> </li> </ul>	<p><b>I. Como caracteriza demograficamente (natalidade, mortalidade, fluxos migratórios, envelhecimento; distribuição populacional; etc.) a população e do concelho de Almodôvar (ADV)?</b></p>
3. Ações Socioculturais	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identidade social, cultural e patrimonial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Participação da comunidade;</li> <li>Áreas de ação (associativismo; solidariedade social, etc.)</li> <li>Articulações institucionais;</li> <li>Polos de atração cultural (públicos e privados);</li> <li>Identificação com o território;</li> <li>Reconhecimento como património.</li> </ul>	<p><b>II. Como caracteriza a população de ADV, nas suas dimensões participativa, associativa, de solidariedade, etc.)?</b></p>
4. Problemáticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificação e caraterização de problemas sociais, económicos, educativos e políticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Problemas e necessidades mais verificadas:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>êxodo?;</li> <li>fraca participação comunitária?;</li> <li>desemprego acentuado?;</li> <li>isolamento social?;</li> <li>pouco espírito empreendedor?;</li> <li>parcas políticas socioculturais?.</li> </ul> </li> </ul>	<p><b>III. Quais as principais causas e consequências quanto às problemáticas identificadas em ADV (êxodo; desemprego; fraca participação comunitária; etc.) e que políticas sociais existem para o seu combate?</b></p>
5. Plano da Ação Social da CMA	<ul style="list-style-type: none"> <li>Função na comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer as dinâmicas e o papel da CMA: ações socioculturais e económicas dinamizadas (apoios social, cultural e patrimonial; estímulos á fixação de jovens e implementação de empresas; etc.); programas estatais;</li> <li>Parcerias;</li> <li>Atividades;</li> <li>Projetos futuros;</li> <li>Trabalho em rede.</li> </ul>	<p><b>IV. Que papel desempenha CMA na comunidade de ADV (medidas e/ou programas específicos) na sua dimensão socioeducativa, cultural e económica?</b></p> <p><b>V. Qual a relação da CMA como <i>trinómio</i> Socioeducativo/Cultural/Empreendedor (articulação entre a CMA e associações; entre a CMA e entidades/empresas; entre a CMA e todos os segmentos populacionais)?</b></p>
6. Projeto de desenvolvimento local	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer a determinação ao projeto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Viabilidade do projeto de desenvolvimento social/comunitário;</li> <li>Participação da CMA;</li> <li>Intencionalidade;</li> <li>Possíveis apoios/parceiros;</li> <li>Articulação entre entidades;</li> <li>Aplicabilidade</li> </ul>	<p><b>VI. Como vê a aplicabilidade e utilidade para a comunidade de ADV do projeto de desenvolvimento local/comunitário, nas dimensões cultural, económica e socioeducativa, de forma a articular todas estas dimensões e várias entidades e associações e congrega-las num espaço único?</b></p> <p><b>VII. Que apoios seriam possíveis por parte do CMA para esse projeto e numa possível parceria com algumas entidades/empresas/associações?</b></p>
7. Carat. do entrevistado		<ul style="list-style-type: none"> <li>Nome; data de nascimento; naturalidade; profissão/função; habilitações.</li> </ul>	

### ANEXO 9 - GUIÃO ENTREVISTA E3

#### Guião de Entrevista (E3) – Presidente da União de Freguesias de Almodôvar e Sra. da Graça de Padrões: Domingos Guerreiro

**Objetivo Geral:** Conhecer as dinâmicas sociais, culturais, educativas e económicas da CM de Almodôvar e as suas relações e articulações com entidades, e, apurar dados relevantes para o processo de implementação do projeto.

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADORES DAS PERGUNTAS	FORMULÁRIO PARA PERGUNTAS
1. Reconhecimento e certificação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar e legitimar a entrevista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Objetivos do projeto e fundamento da Educação Social;</li> <li>Importância da colaboração do entrevistado na recolha de dados;</li> <li>Solicitar autorização para gravação digital;</li> <li>Agradecimento e confidencialidade.</li> </ul>	
2. Dinâmicas Territoriais	<ul style="list-style-type: none"> <li>Demografia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Caraterísticas sociodemográficas do concelho de Almodôvar, em particular, e desta região Alentejana, em geral:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>envelhecimento populacional;</li> <li>migrações;</li> <li>estatísticas, estrutura e distribuição da população.</li> </ul> </li> </ul>	<b>I. Como caracteriza demograficamente (natalidade, mortalidade, fluxos migratórios, envelhecimento; distribuição populacional; etc.) a população e do concelho de Almodôvar (ADV)?</b>
3. Ações Socioculturais	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identidade social, cultural e patrimonial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Participação da comunidade;</li> <li>Áreas de ação (associativismo; solidariedade social, etc.)</li> <li>Articulações institucionais;</li> <li>Polos de atração cultural (públicos e privados);</li> <li>Identificação com o território;</li> <li>Reconhecimento como património.</li> </ul>	<b>II. Como caracteriza a população de ADV, nas suas dimensões participativa, associativa, de solidariedade, etc.)?</b>
4. Problemáticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificação e caracterização de problemas sociais, económicos, educativos e políticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Problemas e necessidades mais verificadas:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>êxodo?;</li> <li>fraca participação comunitária?;</li> <li>desemprego acentuado?;</li> <li>isolamento social?;</li> <li>pouco espírito empreendedor?;</li> <li>parcas políticas socioculturais?.</li> </ul> </li> </ul>	<b>III. Quais as principais causas e consequências quanto às problemáticas identificadas em ADV (êxodo; desemprego; fraca participação comunitária; etc.) e que políticas sociais existem para o seu combate?</b>
5. Plano da Ação Social da JFA	<ul style="list-style-type: none"> <li>Função na comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer as dinâmicas e o papel da JFA: ações socioculturais e económicas dinamizadas (apoios social, cultural e patrimonial; estímulos á fixação de jovens e implementação de empresas; etc.); programas estatais;</li> <li>Parcerias;</li> <li>Atividades;</li> <li>Projetos futuros;</li> <li>Trabalho em rede.</li> </ul>	<b>IV. Que papel desempenha JFA na comunidade de ADV (medidas e/ou programas específicos) na sua dimensão socioeducativa, cultural e económica?</b>  <b>V. Qual a relação da JFA como trinómio Socioeducativo/Cultural/Empreendedor (articulação entre a JFA e associações; entre a JFA e entidades/empresas; entre a JFA e todos os segmentos populacionais)?</b>
6. Sensibilização ao Projeto de desenvolvimento local	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer a aceitação ao projeto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Viabilidade do projeto de desenvolvimento social/comunitário;</li> <li>Participação da JFA;</li> <li>Possíveis apoios/parceiros;</li> <li>Articulação entre entidades;</li> <li>Aplicabilidade</li> </ul>	<b>VI. Como vê a aplicabilidade e utilidade para a comunidade de ADV de um projeto de desenvolvimento social/comunitário, nas suas dimensões cultural, económica e socioeducativa, de forma a articular todas estas dimensões e várias entidades e associações e a congrega-las num espaço único?</b> <b>VII. Que apoios seriam possíveis por parte do JFA para esse projeto e numa possível parceria com algumas entidades/empresas/associações?</b>
7. Carat. do entrevistado		<ul style="list-style-type: none"> <li>Nome; data de nascimento; naturalidade; profissão/função; habilitações.</li> </ul>	

**ANEXO 10 - GUIÃO ENTREVISTA E4**

**Guião de Entrevista (E4) – Responsável técnico IEFP área de Almodôvar: Marco Rego**

**Objetivo Geral:** Conhecer as dinâmicas de empregabilidade do IEFP em Almodôvar, relações e articulações de entidades, e apurar dados relevantes para o processo de implementação do projeto.

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADORES DAS PERGUNTAS	FORMULÁRIO PARA PERGUNTAS
1. Reconhecimento e certificação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar e legitimar a entrevista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Objetivos do projeto e fundamento da Educação Social;</li> <li>Importância da colaboração do entrevistado na recolha de dados;</li> <li>Solicitar autorização para gravação digital;</li> <li>Agradecimento e confidencialidade.</li> </ul>	
2. Dinâmicas Territoriais	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificação demográfica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Caraterísticas sociodemográficas do concelho de Almodôvar, em particular, e desta região Alentejana, em geral:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>envelhecimento populacional;</li> <li>migrações;</li> <li>estatísticas, estrutura e distribuição da população.</li> </ul> </li> </ul>	<b>I. Como caracteriza demograficamente (natalidade, mortalidade, fluxos migratórios, envelhecimento - estatísticas) a população da região e do concelho de Almodôvar (ADV)?</b>
3. Ações Socioeconómicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>Emprego / Mercado de Trabalho</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Polos de empregabilidade (públicos e privados);</li> <li>Relações entre setores empresariais;</li> <li>Articulações institucionais.</li> <li>Procura e Oferta (ativa) de emprego;</li> <li>Áreas de trabalho.</li> </ul>	<b>II. Como caracteriza a situação de empregabilidade no concelho (polos de empregabilidade; relações entre empresas e entres procura e oferta; etc.)?</b>
4. Problemáticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificação e caraterização de problemas sociais, económicos e políticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Problemas e necessidades mais verificadas:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>desemprego acentuado?;</li> <li>pouco espírito empreendedor?;</li> <li>incentivo empresarial?;</li> <li>políticas de investimento?;</li> <li>educação?.</li> </ul> </li> </ul>	<p><b>III. Quais as principais causas e consequências do desemprego em ADV?</b></p> <p><b>IV. Que políticas existem de combate ao desemprego no concelho?</b></p>
5. Plano de Ação do IEFP	<ul style="list-style-type: none"> <li>Função na comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer as dinâmicas e o papel do IEFP:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>ações socioeducativas dinamizadas (formações, esclarecimentos);</li> <li>programas estatais;</li> <li>Parcerias;</li> <li>Estímulo (empreendedorismo);</li> <li>Formações;</li> <li>Projetos futuros;</li> <li>Trabalho em rede.</li> </ul> </li> </ul>	<p><b>V. Que papel desempenha o IEFP na comunidade de ADV (medidas e /ou programas específicos)?</b></p> <p><b>VI – Qual a relação do IEFP como binómio Aprendizagem/formação profissional (articulação e parcerias com entidades; quais; e com desempregados; projetos futuros; etc.)?</b></p>
6. Sensibilização ao Projeto de desenvolvimento local	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer a aceitação ao projeto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Viabilidade de um projeto de desenvolvimento social/comunitário</li> <li>Participação do IEFP;</li> <li>Disponibilidade;</li> <li>Possíveis apoios;</li> <li>Articulação entre entidades;</li> <li>Aplicabilidade</li> </ul>	<p><b>VII. Sente que seria aplicável e útil para a comunidade de ADV um projeto de desenvolvimento social/comunitário, nas dimensões cultural, económica e socioeducativa, de forma a articular todas estas dimensões e várias entidades e associações e congrega-las num espaço único?</b></p> <p><b>VIII. Que apoios seriam possíveis por parte do IEFP para esse projeto e numa possível parceria com a Câmara Municipal de Almodôvar?</b></p>
7. Carat. do entrevistado		<ul style="list-style-type: none"> <li>Nome; data de nascimento; naturalidade; profissão/função; habilitações.</li> </ul>	

### ANEXO 11 - GUIÃO ENTREVISTA E5

#### Guião de Entrevista (E5) – Coordenador do Centro para a Qualificação e Ensino Profissional (CQEP) de Almodôvar: Jorge Alves

**Objetivo Geral:** Conhecer as dinâmicas educativas e formativas do CQEP de Almodôvar e as suas relações e articulações com entidades, e, apurar dados relevantes para o processo de implementação do projeto.

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADORES DAS PERGUNTAS	FORMULÁRIO PARA PERGUNTAS
1. Reconhecimento e certificação	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar e legitimar a entrevista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Objetivos do projeto e fundamento da Educação Social;</li> <li>Importância da colaboração do entrevistado na recolha de dados;</li> <li>Solicitar autorização para gravação digital;</li> <li>Agradecimento e confidencialidade.</li> </ul>	
2. Dinâmicas Territoriais	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificação demográfica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Caraterísticas sociodemográficas do concelho de Almodôvar, em particular, e desta região Alentejana, em geral:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>envelhecimento populacional;</li> <li>migrações;</li> <li>estatísticas, estrutura e distribuição da população.</li> </ul> </li> </ul>	<b>I. Como caracteriza demograficamente (natalidade, mortalidade, fluxos migratórios, envelhecimento; abandono e retorno educacional/formativo e sua distribuição na região; etc.) a população da região e do concelho de Almodôvar (ADV)?</b>
3. Ações Socioeducativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação e Formação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Procura e Oferta (ativa) de educação ou formação;</li> <li>Áreas educativas e formativas;</li> <li>Articulações institucionais;</li> <li>Polos de empregabilidade (públicos e privados).</li> </ul>	<b>II. Como caracteriza a procura e oferta educativa e formativa ativa em ADV (oferta mais procurada; articulações entre sistemas educativos e desempregados; etc.)?</b>
4. Problemáticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificação e caraterização de problemas sociais, económicos, educativos e políticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Problemas e necessidades mais verificadas:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>abandono escolar?;</li> <li>pouca oferta educativa e formativa?;</li> <li>desemprego acentuado?;</li> <li>pouco espírito empreendedor?;</li> <li>parcas políticas educativas?.</li> </ul> </li> </ul>	<b>III. Quais as principais causas e consequências do abandono escolar em ADV?</b>  <b>IV. Que políticas educativas existem de combate à abstenção escolar no concelho?</b>
5. Plano de Ação do CQEP	<ul style="list-style-type: none"> <li>Função na comunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer as dinâmicas e o papel do CQEP: ações socioeducativas dinamizadas (formações, esclarecimentos, estímulos); programas estatais;</li> <li>Parcerias;</li> <li>Formações;</li> <li>Projetos futuros;</li> <li>Trabalho em rede;</li> <li>Viabilidade de um projeto de desenvolvimento social/comunitário: apoios possíveis.</li> </ul>	<b>V. Que papel desempenha o CQEP na comunidade de ADV (medidas e/ou programas específicos)?</b>  <b>VI. Qual a relação do CQEP como binómio Educação-Formação/Mercado de Trabalho (articulação educacional/formativa com entidades/empresas)?</b>
6. Sensibilização ao Projeto de desenvolvimento local	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer a aceitação ao projeto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Participação do CQEP;</li> <li>Disponibilidade;</li> <li>Possíveis apoios;</li> <li>Articulação entre entidades;</li> <li>Aplicabilidade</li> </ul>	<b>VII. Sente que seria aplicável e útil para a comunidade de ADV um projeto de desenvolvimento social/comunitário, nas dimensões cultural, económica e socioeducativa, de forma a articular todas estas dimensões e várias entidades e associações e congrega-las num espaço único?</b> <b>VIII. Que apoios seriam possíveis por parte do CQEP para esse projeto e numa possível parceria com a Câmara Municipal de Almodôvar?</b>
7. Carat. do entrevistado		<ul style="list-style-type: none"> <li>Nome; data de nascimento; naturalidade; profissão/função; habilitações.</li> </ul>	

## ANEXO 12 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA EXPLORATÓRIA (E1)

NOME	LOCAL	DATA	HORA	ENTREVISTADOR	DURAÇÃO
Luís Gaiolas (vice-Presidente CMA)	Gabinete CMA	07-02-2014	15H16	Ricardo da Palma	00:51'30

### TRANSCRIÇÃO

**RP** - Boa tarde Gaiolas. Agradeço desde já à Câmara Municipal por permitir a realização desta investigação e a ti pela disponibilidade para esta entrevista... Bem, como sabes esta entrevista vai servir para a minha dissertação de mestrado, a qual tem como pano de fundo o Desenvolvimento Local. Sendo esta entrevista a primeira do estudo, a exploratória, e do que já falamos em reuniões anteriores, pretendo acima de tudo perceber as dinâmicas das associações/coletividades do concelho de Almodôvar e a opinião da comunidade, e a tua e da câmara também, sobre a viabilidade de ser criado um espaço comum para todas as associações e pessoas e também com o objetivo da interação intergeracional. A ideia é permitir que as associações e entidades do concelho estejam centralizadas num sítio só, em vez de estarem deslocalizadas como estão, permitindo às pessoas, associações ou outras entidades partilharem ideias e esforços, com o objetivo claro de as interligar e estimular o desenvolvimento comunitário partindo delas próprias.

Assim, peço-te autorização para gravar a entrevista, garantido-e desde já toda a confidencialidade dos dados, os quais servirão somente para efeitos deste estudo. Podemos dar início à entrevista?

**E1** - Sim senhor. Nesse (âmbito) o que te posso desde já adiantar é que temos identificado um conjunto de cerca de 30 associações no concelho, não todas localizadas na sede, o que daí e por si só poderá ser um fator de entrave a essa criação desse polo conjunto comunitário... o que acontece é que temos associações sedeadas em todas as freguesias do concelho, incluindo nas agregações de freguesias atuais, e também nessas anteriores sedes existe um leque de associações diversas a::::: quase todas nessas freguesias ligadas muito à componente cultural, pese embora em 3 ou 4 núcleos existam associações desportivas muito ligadas à prática do futebol.

Em termos de Almodôvar (vila), existe um leque de associações desportivas que já vão englobando algumas modalidades... posso dar-te o exemplo do futebol, do judo, da equitação, da patinagem artística, da columbofilia, ligados ao desporto motorizado... ou seja, temos um leque de associações que podemos considerar viradas essencialmente para o aspeto desportivo e temos depois um leque de associações viradas para o cariz digamos mais cultural e de apoio social. Temos realmente núcleos de pessoas que se associaram com vista a prestarem apoios sociais, temos algumas associações no concelho com atividades bastante relevantes nesse sentido]

**RP** - [sim sim, eu conheço algumas...o Grupo Socio-Caritativo]

**E1** - [sim, o Vencer e Viver... enfim, existem um leque de associações viradas para o apoio social. A prática deste executivo e a política que temos vindo a desenvolver no nosso relacionamento com as associações é mesmo nesse sentido e vai ao encontro da tua conversa de as motivar, no fundo e cada vez, para que trabalhem em parceria ou pelo menos o esforço ou o resultado do seu trabalho reverta em termos de cariz social. Por exemplo, estamos muito a incentivar a que na sua promoção de eventos, que na sua receita de entrada, algum valor, ainda que simbólico, reverta para instituições de

caridade ou de cariz social, com por exemplo os Bombeiros, a Cercicoa, esse tipo de associações viradas mais para o apoio e dinamismo social...

**RP** - Pois um dos grandes objetivos é efetivamente a tal parceria, o trabalho em rede, que tende a resistir e que aparenta não ter funcionado tão bem[

**E1** - [Não tem e reconheço que não é muito fácil, digamos que, como te referi, há umas muito específicas para determinadas atividades desportivas, há outras muito vocacionadas para as atividades culturais e recreativas e de cariz social. No fundo aí há alguma distinção que seria importante também perceber de que modo é que as de cariz desportivo poderiam trabalhar em parceria e as de cariz recreativo, se podemos assim chamar, também exercessem esse trabalho no fundo para ganharem economia de escala, porque será diferente, naturalmente, a capacidade de uma simples associação trazer cá determinado artista do que se realizar um trabalho conjunto com 4 ou 5 associações que poderão no fundo ter condições financeiras para poder trazer um artista de maior renome e que no fundo origine a:::: uma garantia de maior adesão ao espetáculo em si e eventualmente uma maior receita arrecadada para as próprias associações. A:::: Estamos também a trabalhar no sentido de lhe dar cada vez mais autonomia, ou:::: no fundo, sem impor, mas ao mesmo tempo que esse trabalho em parceria que se pretende que realizem, no fundo, pode ser uma alavanca para a sua própria autonomia em termos de sustentabilidade económico-financeira. Sabemos que quase todas elas neste momento dependem, não vou dizer em 100%, mas para o seu funcionamento dependem em 80%, se calhar, das verbas que a câmara municipal transfere ao longo do ano e para além disso há a crescer todos os outros apoios, em termos de custos não mensurados mas que a câmara acaba por assumir com essas associações, nomeadamente através da cedência de viaturas, do combustível, dos técnicos de som e imagem, de equipamentos de som, da impressão dos cartazes para a divulgação das suas atividades... os chamados custos indiretos ou gastos invisíveis. A questão que está aqui em causa é que realmente, e seria importante, é um desafio que se coloca, que essas associações percebessem que em conjunto poderiam ganhar a economia de escala para a realização de eventos e para a realização das suas atividades.

**RP** - Pois, e seria dessa forma que mostram também mais participativas e que acabam por contribuir e se mostram integradas na comunidade em que estão inseridas[

**E1** - [Certo!

**RP** - Mas Gaiolas, sentes que as características da sociedade em geral e da comunidade de Almodôvar em particular, sugerem a necessidade de se encontrarem algumas respostas sociais polivalentes e com participação e intervenção das próprias pessoas? Ou seja, reconheces que capacidade na comunidade de Almodôvar para estas respostas sociais?

**E1** - Ahhhh... é uma questão um bocado difícil. Trata-se, no fundo do seguinte: nós temos um universo populacional reduzido, como sabes não é propriamente um concelho muito populoso e o que acontece por vezes um indivíduo faz parte de 2 ou 3 associações e simultâneo. O que à partida se podia constituir como uma mais-valia para esta tentativa de trabalho em parceria ou em rede, mas na prática o que se vem a verificar é muito individualismo por parte de cada uma das associações envolvidas. As pessoas no fundo quando participam numa vestem essa camisola, quando participam noutra vestem a da outra associação, mas no fundo não existe, ou pelo menos não tem existido até à presente data, de alguma forma uma tentativa “espera aí, se eu participo nas duas se calhar era possível conjugar alguns esforços e canalizar algumas sinergias para um melhor trabalho”. E efetivamente o que se nota é que as associações trabalham de uma forma muito individual. Existiu um projeto aqui há cerca de 2 anos, que foi muito interessante e que realmente aí notou-se que é possível aproximar as associações, foi

quando participaram numa iniciativa que é o Dia Pela Vida, em que todas as associações realizaram de alguma forma alguma atividade que estivesse integrada no seu espírito da sua atividade, enfim o seu objeto, e que todos contribuíram depois para um fim comum, que era uma angariação de fundos para a causa do Dia Pela Vida, ligado à Liga Portuguesa Contra o Cancro. Essa foi uma iniciativa que resultou muito bem, a meu ver, que permitiu perceber que a situação não é afinal assim tão dramática, que é possível no fundo que as associações realizem trabalhos para uma mesma causa. No entanto refiro que, cada uma não deixou de realizar o seu trabalho, isto é, a questão da individualidade é uma questão sempre muito presente no seu trabalho enquanto movimento associativo. É esse tipo de situação que, a meu ver, será importante tentar quebrar aqui algumas barreiras em termos de mentalidades e tentar promover estes trabalhos de parcerias entre as próprias associações e acho que aí a câmara municipal também terá um papel muito importante, como já disse, não em termos de forçar, mas no fundo em termos de incentivar a esta realização de trabalhos conjuntos. No fundo, se calhar, temos que ser nós a dar o primeiro passo e juntar aqui algumas associações, eventualmente em reuniões, e começar a pensar em projetos e trabalhos conjuntos que elas possam realizar. No fundo é tentar agrupar fins comuns que algumas tenham e poder aproveitar algumas valências que cada uma tem.

**RP** - Então podemos considerar que achas que a comunidade de Almodôvar, e vamos agora somente falar da população da vila de Almodôvar, acaba por ser uma comunidade um pouco participativa e interativa mas confinada às suas quatro paredes, ou seja, as associações trabalham mais para si próprias e não com o tal objetivo da rede e da parceria e que será talvez um fator a estimular[

**E1** - [sim, poderá ser esse o diagnóstico inicial, sem dúvida!

**RP** - Ok. Agora falando um pouco das pessoas e deixando as associações... e entre os crianças e idosos, adultos e jovens, vês alguma interação? Consideras que existe interação entre estes segmentos populacionais?

**E1** - Ahhh... naturalmente este é um concelho bastante idoso e à semelhança do que se tem vindo a verificar em toda a sociedade, não só da sociedade Almodovarense mas nacional e até mesmo a nível mundial, tem-se verificado um progressivo afastamento que os jovens mantinham com os menos jovens, se quisermos assim chamar. Não podemos esquecer que a realidade social de à 30 ou 40 anos atrás era totalmente diferente. Ou seja, as pessoas estavam habituadas a conviver com os pais, com os avós, enfim dentro do mesmo universo familiar e dentro da mesma unidade habitacional e o que verificamos foi que depois, com o evoluir da sociedade, e entenda-se aqui o evoluir como se queira, o que se verificou foi que começou a haver este afastamento dos núcleos familiares, ou seja, começaram a haver maior diferenciação e maior distância quer física quer depois mais tarde refletindo-se em termos emocionais entre as faixas etárias mais novas e as mais idosas, até por que, e no caso de Almodôvar, o que se verificou foi que muitos jovens tiveram que partir para fora por força profissional e no fundo começaram por quebrar-se alguns laços. Pese embora maior parte se tratem de laços familiares, que sempre existem, mas são laços que a pouco e pouco vão também esbatendo porque depois já não é tão fácil ir ao fim de semana visitar os avós, já não é tão fácil participar com mais regularidade nas suas atividades e acompanhá-los. Realmente o que se verificou foi que houve um progressivo afastamento da camada mais jovem aos idosos, mas isso não é um fenómeno só de Almodôvar, é também a nível nacional e que todos nós teremos interesse em tentar inverter essa situação. Não obstante isso, verifica-se que Almodôvar ainda tem de alguma forma vida em comunidade bastante significativa... apesar disso ainda existem espaços comuns, enfim, no café ainda existe interações entre menos jovens e mais jovens, muitas das vezes

ligados a assuntos de futebol mas essa interação ainda vai existindo no fundo em alguns contextos de refeições de grupo existe ainda essa convivência entre mais jovens e mais idosos, mas a verdade é que, pronto, de uma forma geral também se verificou este fenómeno transversal a toda a sociedade portuguesa.

**RP** - Voltando às associações e articulando com este tema dos segmentos populacionais e das interações, achas que seria possível num futuro próximo veres, por exemplo, a associação de estudantes da escola secundária promover um encontro de cantares alentejanos? Só pergunto para tentar perceber de que forma é os cantares alentejanos, ligados mais ao segmento populacional menos jovem é visto pelos jovens e se estes se identificam com este valor cultural e se o valorizam como património? Ou vice-versa, ser uma associação de jovens a ser convidada por um grupo de cantares alentejanos para que participem ou promovam alguma atividade? Achas possível esta articulação, por exemplo?

**E1** - Quer dizer, é sempre possível... o (xxx) e mais uma vez reportando um bocado à vivência social, o que se verificou é que cada vez mais os interesses dos jovens são muito dissonantes dos interesses da população mais idosa. Ahhhh, temos tido uma evolução tecnológica nos últimos anos que também a isso conduziu, digamos que estamos perante uma geração demasiado ligada à questão da internet e das comunicações móveis, e quase que olham para o idoso como uma “peça de museu”, passo a expressão... no entanto acho que em cada um dos jovens e porque também cresceram com essa presença do cante, ou têm essa presença sempre constante, apesar de cada vez termos menos tabernas, que como sabes eram a génese do cante, e que apesar de já não existirem aqueles trabalhos do campo que também eram a génese do cante, a verdade é que ainda conseguimos manter uma série de grupos corais, não só na sede de concelho mas também nalgumas freguesias, desenvolvem um trabalho interessante e alguma conseguiram até acolher membros mais novos e essa interação aí verificou-se com a integração de jovens nesses grupos. No fundo a questão do cante acaba por estar, não querendo particularizar a questão das associações, mas o cante acaba por estar presente na vida de Almodôvar. Talvez não seja o principal, nem pouco mais ou menos o interesse de um jovem estudante seja o cante alentejano, mas de alguma forma, e aí também tenho que salientar um projeto que foi realizado há uns anos na divulgação do cante alentejano através das crianças do ensino básico, no fundo estimulá-las para o cante alentejano, mas considero que é possível, é possível mas temos que fazer sentir aos jovens que este é um património seu, de Almodôvar e que devem preservar, e acho que nesse sentido será possível essa interação e articulação e levá-los a consciencializarem-se mais do próprio valor do cante e desse património. Até por que agora, com a candidatura do cante alentejano a património imaterial da humanidade, no fundo essa questão volta a fazer sentido. Agora a outro nível, se deixarmos esta questão do cante, temos que ter em conta este distanciamento cada vez maior que a própria evolução da sociedade a isso conduziu. Os interesses dos jovens são muito específicos neste momento, acho que para encontrar pontos em comum é mais difícil agora do que era a 20 ou 30 anos atrás. No entanto, acho que cabe a todos nós e todos teremos um papel importante em termos educativos de lhes mostrar realmente que essa relação é proveitosa para ambas as partes. Todos temos a aprender com os mais velhos, os mais velhos sentem-se mais úteis se conviverem com os mais novos e inclusive a criação do próprio centro de convívio intergeracional poderá ser uma realidade desde que seja muito bem pensada, ou seja, desde que tenha em linha de conta estes diferentes interesses muito específicos que ambas as faixas etárias têm.

**RP** - Sim, eu peguei no exemplo da associação de estudantes com o grupo de cantares alentejanos mas como mero exemplo, mas ok percebi. Como é que achas que a

comunidade de Almodôvar vê o seu território? Achas que o valorizam? Encaram-no como património? Por exemplo as pessoas têm ideia do valor cultural da vila e do concelho, seja do cante alentejano, seja do património histórico por exemplo?

**E1** - ...Aí vou-te responder uma vez mais, e vem na sequência de conversas anteriores que temos tido, é um bocado como o drama nacional que é o facto de nós até sabermos o que temos não sabemos é vendê-lo. E isso é como eu vejo, nós até reconhecemos que temos algum património a questão é que, o português tem muito a particularidade e a tendência do “inho”... é tudo “coitadinho”, as nossas coisas são sempre mais comezinhas que todas as outras, se eu for a um concelho vizinho é sempre tudo melhor. O famoso ditado “a galinha da vizinha é sempre melhor que a minha” aplica-se muito concretamente ao caso português e Almodôvar não é exceção. Nós temos um património riquíssimo, um património cultural único, um património paisagístico fabuloso, gastronómico, mas sinceramente e para responder à tua pergunta acho que é necessário e trona-se necessário educar de alguma forma as pessoas para que de alguma forma valorizem e saibam o quão valioso é o património que têm.

**RP** - Pois isso é realmente um ponto essencial. Consideras então que as pessoas entendem que o património existe mas não o valorizam[

**E1** - [Exatamente, é isso mesmo! Acho que nós não sabemos dar valor ao que temos em termos de património.

**RP** - Voltando ao movimento associativo, e pegando no que já falamos sobre o facto de as associações participarem sim mas apenas para elas próprias e que o trabalho em rede ainda é pouco dinâmico digamos assim, mas de uma maneira geral como vêes o movimento associativo?

**E1** - Como referi à bocado trata-se de um movimento muito dinâmico por si só. Ou seja, temos realmente um número de associações bastante grande, mas acabam por trabalhar demasiado a nível individual.... E esse é que é realmente o problema! Existe um bom movimento associativo, existe vontade nas pessoas para se agregarem a uma causa, seja ela desportiva seja recreativa, mas no fundo depois cada uma entende a sua capelinha como muito própria, independentemente de participarem 2 ou 3 como acabei de referir, mas vestem muito aquela camisola da associação onde estão naquele momento e olham muito para o interior da sua própria associação e muito pouco para o trabalho em rede que seria desejável e para a prossecução para fins sociais que também seria desejável para a comunidade.

**RP** - É certo que vocês ainda tomaram posse à pouco tempo, mas tu como vice-presidente consegues responder-me se têm alguma iniciativas previstas para promover algumas relações interpessoais e interinstitucionais, ou promover algum dinamismo e participação das associações e da comunidade geral?

**E1** - Sim sim, como te referi há pouco o diagnóstico que efetuamos foi que muitas das associações até participavam nas iniciativas do município, por exemplo ao nível do carnaval, da FACAL da Medieval, mas a verdade é que no fundo não existia uma estratégia montada que pudesse levar as associações quer por um lado a trabalhar em conjunto quer por outro a assumir alguma responsabilidade social a que também estão obrigadas enquanto associações. É esse um trabalho que nos propomos desenvolver, já o começamos a fazer, com te referi à bocado estamos a incutir nas associações que, nesta primeira fase, tentem que toda a sua atividade no fundo também tenha de alguma forma algum cariz social, como por exemplo no que já ter referi quanto ao valor dos bilhetes dos eventos que realizem que, de alguma forma, esteja espelhada uma percentagem dessa verba revertesse para outro tipo de associações do concelho que desenvolvam outras atividades também relevantes. E isso por si só também é uma maneira de colocar as associações a trabalhar umas para as outras no sentido de

sentirem que o bem comum está a ser valorizado e para a pessoa que frequenta o espetáculo e muito mais fácil pagar o bilhete se souber que uma parcela daquele valor que está a pagar será depois destinado a uma causa social, a pessoa fica muito mais confortável quando é confrontada com o preço de um espetáculo, por exemplo, por outro lado e aí sim será um trabalho base, e que também nos propomos criar, será a realização de alguns eventos em que seja possível ganhar estas sinergias. Ou seja, juntar 3 ou 4 associações para promover um espetáculo de maior dimensão, com artistas de maior renome, e que a este nível elas ganhem escala de mercado, por exemplo em termos de contratação do artista.

**RP** - Essas associações são todas elas constituídas legalmente como associações[

**E1** - [Sim sim, todas as que temos identificadas existem, estão constituídas e registadas no concelho e têm personalidade jurídica.

**RP** - E além de dependerem delas próprias para certos eventos, dependem em grande medida dos apoios camarários essencialmente financeiros?

**E1** - Sim, o que nos confere também um enorme grau de responsabilidade perante essas mesmas associações. Ou seja, há dois aspetos aqui que me parecem muito importantes... uma associação deve ao máximo tentar lutar pela sua sustentabilidade. Eu não digo que esse seja o seu fim mas no fundo deve tentar criar uma estrutura que seja autossustentável. Não é fácil nitidamente, reconheço, até que para muitas o seu objeto social nem sequer se coaduna muito com este tipo de desiderato, mas no fundo o facto desta grande dependência da câmara não só em termos financeiros (de fundo) mas em todas as outras áreas de intervenção câmara, como já tinha referido ao nível da cedência de transporte, da cedência de combustível, de técnicos de som, de equipamentos de som, da impressão de cartazes de divulgação dos eventos, enfim essa logística toda que também depende do município confere-nos alguma responsabilidade quando no fundo tentamos que essas associações depois também canalizem para a própria população a que se destinam ainda dessa verba que nós lhes transmitimos.

**RP** - Espelha um pouco também o esforço que é dado pela câmara[

**E1** - [Esse esforço de responsabilidade social, no fundo é esse o que queremos que cada associação também se sinta envolvida e é através desses projetos comuns e de cariz social que eu acho que é a plataforma que deve ser criada para integrar essas mesmas associações. Por outro lado, ao promovermos no fundo esse trabalho conjunto entre elas próprias, no fundo naquele ganho em termos de escala que eu referi à bocado, pode permitir isso mesmo, que essas associações se comecem a autonomizar e, porque não, se necessário, algumas delas até mesmo fundirem-se independentemente do objeto social até ser de alguma forma diferente.

**RP** - E a câmara mantém sempre o suporte necessário, que esteja ao seu alcance[

**E1** - [Naturalmente que a câmara aí sempre fará o seu papel... o movimento associativo tem para nós uma relevância muito importante, ajudaremos dentro das nossas possibilidades o mais que pudermos porque entendemos que acaba por ser sempre um meio de coesão social a existência deste movimento associativo e quanto mais forte ele for mais dinâmica confere à sociedade, mais capacidade de atrair eventos para a população do concelho e penso que todos temos a ganhar se tivermos um núcleo associativo forte.

**RP** - Todas essas associações, ou quase todas, têm instalações próprias ou estão sedeadas em espaços da câmara?

**E1** - Há alguma variedade, digamos... muitas delas funcionam em espaços cedidos pela câmara ou em que a câmara acaba por suportar os custos da sua instalação nesses mesmos espaços, há algumas que têm sede própria mas de alguma forma não muito própria em que a dependência da câmara acaba por ser muito notória e esse poderá ser

também um fator condicionante ao seu desenvolvimento enquanto associações. A ideia que tu lançaste ao princípio da criação do centro ou polo conjunto que pudesse agrupar todas estas associações num espaço comum será uma ideia bastante interessante, até porque permite uma redução de custos não só para a câmara como para as próprias associações, funcionando um pouco ao nível do conceito já existente e aplicado para as empresas, o tal Ninho de Empresas, em que a partilha de custos e a partilha de instalações resulta em ganhos para todos, será uma ideia que se poderá explorar para o movimento associativo. Imaginemos que os custos da eletricidade, das comunicações e relacionados com toda a logística administrativa, acabam por ser diluídos se forem repartidos. Agora há necessariamente que mudar algumas mentalidades e começar a preparar as pessoas e os dirigentes associativos para esta realidade que acaba por ser uma realidade bastante interessante, caso venha ser concretizada.

**RP** - Pois, e já que tocamos no assunto económico/financeiro, queria confrontar-te com alguns dados publicados na Pordata referente a 2012. A câmara de Almodôvar nesse ano despendeu para a cultura e o desporto 1.868.000€, eu não sei se é muito ou se é pouco para estes dois setores da câmara, mas dá para ter uma ideia dos gastos[

**E1** - [É assim, esses valores que te tás a referir não se tratam naturalmente de apoios às associações. Essa é uma verba todos os encargos com a câmara com todas as entidades que promovem atividades a nível cultural, a nível desportivo. Eventualmente também estará aí contabilizado algum apoio que foi dado para a construção de instalações desportivas ou recreativas. No fundo não será esse o valor dos encargos diretos com as associações[

**RP** - [Sim, sim, estes valores servem só para termos uma noção dos valores de uma forma geral. Onde eu queria chegar era se com a criação desse centro interassociativo, se assim lhe quiseses chamar, e numa vertente de consolidação e agrupamento de associações e num local só, naquela perspetiva de rentabilizar recursos, dinamizar espaços e promover relações entre pessoas, se achas que seria uma mais-valia para a vila, para o concelho, para a câmara e se era viável a sua aplicação?

**E1** - É assim, na minha lógica é indissociável olharmos o produto cultural sem termos em conta a sua perspetiva economicista. Entenda-se aqui o economicista como atribuição de valor e não como redução de custos. O que está aqui em causa e será essa nossa meta, será conseguir fazer mais e melhor não gastando necessariamente mais dinheiro. E como é que isso se consegue? Isso consegue-se desde que exista uma estratégia concertada de ação... não fazer eventos apenas por fazer ou porque é hábito, mas no fundo que ele se integrem todos numa determinada estratégia que queremos pensada para o concelho de Almodôvar. Essencialmente no sentido de atrair cada vez mais visitantes, proporcionar aos existentes uma qualidade de vida e um acesso ao produto cultural e aos equipamentos desportivos e aí as associações têm esse papel muito vincado e muito importante, mas essencialmente também no conseguir “vender” o nosso concelho como destino, de procura quer de visitantes nacionais quer de outros países.

**RP** - Como falámos inicialmente, este estudo não implica a implementação do projeto. O estudo irá permitir a sua viabilidade de criação e estudar as melhores hipóteses de ser ou não aplicado e tudo dependerá dos resultados. Contudo, e tendo de antemão algumas ideias que já partilhámos, pergunto-te se identificas algum espaço físico capaz no concelho que possa albergar este polo cultural, interassociativo? E isto porque das investigações que tenho estado a fazer identifiquei o centro coordenador de transportes como um edifício viável... em primeiro lugar porque é um edifício enorme e está muito desocupado e subaproveitado, penso que somente tem 2 ou 3 salas ocupadas num total de 12 ou 13[

**E1** - [Nós para esse espaço temos algumas ideias que considero bastante válidas... nomeadamente a transferência para esse local da loja da Segurança Social... o meu (xxx) é que quando olho para um edifício daqueles é que necessariamente precisa de um elemento âncora que no fundo alavanque a visitação do mesmo. É o que fazem os centros comerciais, como sabes todos os centros comerciais funcionam com 4 ou 5 marcas âncora que depois favorecem a instala o de todas as outras lojas. Ali o que pensamos   que a instala o da loja da segurança social, e nitidamente a segurança social origina um número muito grande de visitantes, pode potenciar o desenvolvimento do espaço. Para ali também temos pensado na cria o do Ninho de Empresas, daí que para a questão do movimento associativo poderá não ser o espaço. A outra ideia interessante seria por exemplo ao nível da parte desportiva... se por exemplo elas se centrassem, digamos acopladas ao pavilhão gimnodesportivo, em alguma instala o que se construíssem ali junto ao pavilhão que pudesse albergar no fundo todas as associa es de cariz mais desportivo. Não   fácil por há associa es que são muito específicas... por exemplo a equita o que requer um espaço muito próprio. Pese embora não exista um espaço com as dimensões para um projeto desta natureza, eu acho que a inten o   até começar de alguma forma com um projeto piloto e aí sim poder mos utilizar realmente o centro coordenador de transportes ou outro espaço que venhamos a equacionar para o efeito e começarmos de alguma forma a juntá-las por áreas mais temáticas, ou seja, aquelas que desenvolvessem atividades mais ou menos relacionadas ou que mesmo que não desenvolvam atividades muitos semelhantes mas que de alguma forma a sua estrutura logística mais não necessite mais do que um espaço de escritório,   semelhança do que sucede com o Ninho de Empresas, no fundo é disso que se trata. As empresas embora exerçam atividades diferentes e vendam produtos diferentes, no fundo o seu aspeto logístico ao nível do escritório estaria assim salvaguardado e pela utiliza o de um espaço comum.

**RP** - E s  para perceber, no caso de ser criado o Ninho de Empresas servirá também para rentabilizar esse espaço é isso?

**E1** - Sim sim sim... torná-lo visit vel. De facto o centro coordenador de transportes foi caindo em desuso ao longo dos anos, foi caindo no esquecimento, e que é todo o interesse da nossa parte voltar a tentar dinamizar e se a loja da segurança social efetivamente se transferir para lá será uma mais-valia e como referi é pouco servirá como alavanca de novas valências para o espaço.

**RP** - E a tua ideia seria essa Gaiolas? Do g nero de uma área temática, como neste caso tens a loja da segurança social, que outras entidades seriam viáveis para o espaço? Ou v s a possibilidade de, por exemplo, do espaço ser repartido por outras áreas/temáticas?

**E1** - A lógica desses espaços que falo não é bem criar para cada empresa uma loja, será mais nesta  tica que falamos também ao nível das associa es e a questão do escritório comum, onde pudessem obter aquele apoio logístico naquela fase crítica de lançamento da empresa, aquele primeiro ano ou dois anos, onde no fundo os custos com a parte não produtiva, ou seja, os custos com a parte de escritório que são consideráveis e que ali poderiam ser atenuados, caso fosse disponibilizado o espaço para o lançamento dessas pequenas empresas criar por jovens do concelho naturalmente[

**RP** - [como rampa de lançamento]

**E1** - [sim, como rampa de lançamento, puderem utilizar aquele espaço naqueles primeiros anos de atividade e aferirem da viabilidade do negócio a que se propuseram sem nunca estarem condicionados pela questão do arrendamento do espaço, da eletricidade, dos custos com as comunica es... no fundo em vez de lhes dar o peixe ensiná-los a pescar! No fundo proporcionar-lhe condi es para que possam desenvolver as suas atividades de forma mais aut noma no futuro. Com as associa es poderá

equacionar-se uma situação semelhante, vamos lá a ver... naturalmente qualquer associação gosta de ter o seu espaço e guardar as suas coisas, mas se tiverem aquele apoio logístico como já referi ao nível das empresas, se for também traduzido ao nível das associações e depois sim criar um espaço próprio para cada uma para armazenamento dos seus materiais, das suas coisas, poderá ser uma ideia que funcione. Digamos, uma sede única para várias instituições, onde tenham uma sala de reuniões e que se sintam de alguma forma à vontade. Agora, como te referi anteriormente, pretende-se que tenham também a capacidade de trabalhar em conjunto, em rede e de saberem utilizar o mesmo espaço sem se sobreporem ne se assumirem como donos do espaço.

**RP** - Sim, e aquele espaço que até dispõe de um restaurante que está fechado, poderia até ser explorado por uma das associações e daí rentabilizar quer a associação que o explorasse quer o espaço em si. Realmente tem condições excelentes. Pronto, a ideia, de uma forma geral, desta entrevista exploratória é saber a tua opinião, e da câmara, sobre se este polo comunitário, ou interassociativo, será um potenciador do desenvolvimento local, de dinâmicas locais, de interligações e interações associativas e pessoais e se seria viável ou não[

**E1** - [é uma ideia interessante e que teremos todos o interesse em ter em linha de conta os resultados do estudo que irás elaborar, que servirá de base se dúvida para uma decisão futura de qual será a nossa posição face a esta matéria e ir-nos-á dar sem dúvida elementos de suporte seja qual a decisão venhamos a tomar relativamente este tema, depois de ouvidas naturalmente as associações, porque é nossa política não fazermos nada imposto e neste caso trata-se de criar um bem comum, mas as pessoas terão que estar interessadas em usufruir desse mesmo bem. Não serve de nada termos toda a intenção de criar um equipamento se depois as próprias pessoas não o querem utilizar. Acho que é sem dúvida um trabalho interessante ao nível do fornecer esses elementos de ajuda a uma tomada e decisão neste campo e é nesta perspetiva que abraçamos com agrado este projeto que estás a desenvolver.

**RP** - Bem, penso que para já, e como entrevista exploratória, já recolhi alguns dados importantes, resta-me agradecer a tua disponibilidade e damos por terminada a entrevista. Peço-te só que caso reúnam com as associações me informem para poder assistir e recolher alguns dados.

**E1** - Com certeza.

#### ANÁLISE DE CONTEÚDO CATEGORIAL – ENTREVISTA EXPLORATÓRIA (E1)

<b>Categoria</b>	<b>Sub-categorias</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Dinâmicas Populacionais	Movimento associativo	<p>«[...] cerca de 30 associações no concelho, não todas localizadas na sede, o que daí e por si só poderá ser um fator de entrave a essa criação desse polo conjunto comunitário. [...]</p> <p>[...] todas as que temos identificadas existem, estão constituídas e registadas no concelho e têm personalidade jurídica.</p> <p>[...] temos um leque de associações viradas essencialmente para o aspeto desportivo e temos depois um leque de</p>

		associações viradas para o cariz, digamos, mais cultural e de apoio social.»»
	Parcerias e (in)dependência	<p>«[...] mas no fundo, o facto desta grande dependência da câmara não só em termos financeiros (de fundo) mas em todas as outras áreas de intervenção da câmara, como já tinha referido ao nível da cedência de transporte, da cedência de combustível, de técnicos de som, de equipamentos de som, da impressão de cartazes de divulgação dos eventos, enfim essa logística toda. [...]</p> <p>[...] uma associação deve ao máximo tentar lutar pela sua sustentabilidade. Eu não digo que esse seja o seu fim mas no fundo deve tentar criar uma estrutura que seja autossustentável. [...]</p> <p>[...] muitas delas funcionam em espaços cedidos pela câmara ou em que a câmara acaba por suportar os custos da sua instalação nesses mesmos espaços, há algumas que têm sede própria mas de alguma forma não muito própria em que a dependência da câmara acaba por ser muito notória.».</p>
	Capacitação social / associativa	<p>«[...] é uma questão um bocado difícil [...]</p> <p>[...] um indivíduo faz parte de 2 ou 3 associações em simultâneo [...];</p> <p>[...] há muito individualismo por parte de cada uma das associações. [...]</p> <p>[...] a questão da individualidade é uma questão sempre muito presente no seu trabalho enquanto movimento associativo.</p> <p>[...] mas acaba por ser uma comunidade um pouco participativa e interativa [...]»»</p>
	Articulação populacional e associativa	«A questão que está aqui em causa é que realmente, e seria importante, é um desafio que se coloca, que essas associações percebessem que em conjunto poderiam ganhar a economia de escala para a realização de eventos e para a realização das suas atividades.»
Problemáticas	Interassociativas	«Não tem (funcionado) e reconheço que não é muito fácil. No fundo aí há alguma distinção que seria importante também perceber de que modo é que as de cariz desportivo poderiam trabalhar em parceria e as de cariz recreativo, se

		<p>podemos assim chamar, também exercessem esse trabalho no fundo para ganharem economia de escala. Sabemos que quase todas elas neste momento dependem, não vou dizer em 100%, mas para o seu funcionamento dependem em 80%, se calhar, das verbas que a câmara municipal transfere, [...]</p> <p>[...] efetivamente o que se nota é que as associações trabalham de uma forma muito individual [...]</p> <p>[...] a questão da individualidade é uma questão sempre muito presente no seu trabalho enquanto movimento associativo.</p> <p>[...] no fundo não existia uma estratégia montada que pudesse levar as associações quer por um lado a trabalhar em conjunto quer por outro a assumir alguma responsabilidade social a que também estão obrigadas enquanto associações ».</p>
	<p>Demografia</p>	<p>«[...] é um concelho bastante idoso [...]</p> <p>[...] universo populacional reduzido, não é propriamente um concelho muito populoso [...]</p> <p>[...] tem-se verificado um progressivo afastamento que os jovens mantinham com os menos jovens [...]</p> <p>[...] o que se verificou é que cada vez mais os interesses dos jovens são muito dissonantes dos interesses da população mais idosa, [...]</p> <p>[...] começaram a haver maior diferenciação e maior distância quer física quer depois mais tarde refletindo-se em termos emocionais entre as faixas etárias mais novas e as mais idosas [...]</p> <p>[...] no caso de Almodôvar, o que se verificou foi que muitos jovens tiveram que partir para fora por força profissional e no fundo começaram por quebrar-se alguns laços.»</p>
	<p>Valorização patrimonial</p>	<p>«[...] Acho que nós não sabemos dar valor ao que temos em termos de património. [...]</p> <p>[...] aliás nós até reconhecemos que temos algum património a questão é</p>

		<p>que, o português tem muito a particularidade e a tendência do “inho”... é tudo “coitadinho”, as nossas coisas são sempre mais comezinhas que todas as outras... e Almodôvar não é exceção. [...]</p> <p>[...] temos que fazer sentir aos jovens que este (o cante alentejano) é um património seu, de Almodôvar e que devem preservar.»</p>
Potencialidades	Cultura / Juventude	<p>«[...] verifica-se que Almodôvar ainda tem de alguma forma vida em comunidade bastante significativa... apesar disso ainda existem espaços comuns, enfim, no café ainda existe interações entre menos jovens e mais jovens [...].</p> <p>[...] o cante acaba por estar presente na vida de Almodôvar. [...]</p> <p>[...] conseguimos manter uma série de grupos corais, não só na sede de concelho mas também nalgumas freguesias, desenvolvem um trabalho interessante e alguns conseguiram até acolher membros mais novos e essa interação aí verificou-se com a integração de jovens nesses grupos.</p>
	Associativismo	<p>«[...] o movimento associativo tem para nós uma relevância muito importante [...] que acaba por ser sempre um meio de coesão social [...] quanto mais forte ele for mais dinâmica confere à sociedade, mais capacidade de atrair eventos para a população do concelho.»</p>
Plano de Ação da CMA	Para com as associações	<p>«[...] as associações trabalham mais para si próprias e não com o tal objetivo da rede e da parceria e que será talvez um fator a estimular. [...]</p> <p>[...] A prática deste executivo e a política que temos vindo a desenvolver no nosso relacionamento com as associações é mesmo nesse sentido e vai ao encontro da tua conversa de as motivar, no fundo e cada vez, para que trabalhem em parceria ou pelo menos o esforço ou o resultado do seu trabalho reverta em termos de cariz social. [...]</p> <p>[...] será importante tentar quebrar aqui algumas barreiras em termos de mentalidades e tentar promover estes trabalhos de parcerias entre as próprias associações [...]</p> <p>[...] a câmara municipal também terá</p>

		<p>um papel muito importante [...]</p> <p>[...] incentivar a esta realização de trabalhos conjuntos [...]</p> <p>[...] se calhar, temos que ser nós a dar o primeiro passo e juntar aqui (CMA) algumas associações, eventualmente em reuniões, e começar a pensar em projetos e trabalhos conjuntos que elas possam realizar [...].</p> <p>[...] o diagnóstico inicial, sem dúvida, acaba por ser uma comunidade um pouco participativa e interativa mas confinada às suas quatro paredes, ou seja, as associações trabalham mais para si próprias e não com o tal objetivo da rede e da parceria e que será talvez um fator a estimular. [...]</p> <p>[...] propomo-nos desenvolver a responsabilidade social e [...]</p> <p>[...] incutir nas que associações, nesta primeira fase, tentem que toda a sua atividade no fundo também tenha de alguma forma algum cariz social e destinado a uma causa social, como por exemplo no que já te referi quanto ao valor dos bilhetes dos eventos que realizem que, de alguma forma, esteja espelhada uma percentagem dessa verba reverta para outro tipo de associações do concelho que desenvolvam outras atividades também relevantes. [...]</p> <p>[...] queremos que cada associação também se sinta envolvida e é através desses projetos comuns e de cariz social que eu acho que é a plataforma que deve ser criada para integrar essas mesmas associações. [...]</p> <p>[...] ao promovermos no fundo esse trabalho conjunto entre elas próprias, no fundo naquele ganho em termos de escala que eu referi à bocado, pode permitir isso mesmo, que essas associações se comecem a autonomizar e, porque não, se necessário, algumas delas até mesmo fundirem-se independentemente do objeto social até ser de alguma forma diferente.»</p>
	<p>Para com a população em geral</p>	<p>« [...] Os interesses dos jovens são muito específicos. [...]</p> <p>[...] Todos temos a aprender com os mais velhos, os mais velhos sentem-se</p>

		<p>mais úteis se conviverem com os mais novos e inclusive a criação do próprio centro de convívio intergeracional poderá ser uma realidade desde que seja muito bem pensada. [...]</p> <p>[...] acho que é necessário e trona-se necessário educar de alguma forma as pessoas para que de alguma forma valorizem e saibam o quão valioso é o património que têm. [...]</p> <p>[...] Essencialmente no sentido de atrair cada vez mais visitantes, proporcionar aos existentes uma qualidade de vida e um acesso ao produto cultural e aos equipamentos desportivos e aí as associações têm esse papel muito vincado e muito importante, mas essencialmente também no conseguir “vender” o nosso concelho como destino, de procura quer de visitantes nacionais quer de outros países.»</p>
	<p>Binómio cultura/economia</p>	<p>«[...] na minha lógica é indissociável olharmos o produto cultural sem termos em conta a sua perspetiva economicista. Entenda-se aqui o economicista como atribuição de valor e não como redução de custos. [...]</p> <p>[...] fazer mais e melhor não gastando necessariamente mais dinheiro [...]</p> <p>[...] e isso consegue-se desde que exista uma estratégia concertada de ação... não fazer eventos apenas por fazer ou porque é hábito, mas no fundo que ele se integrem todos numa determinada estratégia que queremos pensada para o concelho de Almodôvar.»</p>
<p>Sensibilização ao Projeto</p>	<p>Viabilidade e aplicabilidade</p>	<p>«[...] A ideia que tu lançaste ao princípio da criação do centro ou polo conjunto que pudesse agrupar todas estas associações num espaço comum será uma ideia bastante interessante, até porque permite uma redução de custos não só para a câmara como para as próprias associações, funcionando um pouco ao nível do conceito já existente e aplicado para as empresas, o tal Ninho de Empresas, em que a partilha de custos e a partilha de instalações resulta em ganhos para todos, será uma ideia que se poderá explorar para o movimento associativo. [...]</p> <p>[...] Agora há necessariamente que</p>

		<p>mudar algumas mentalidades e começar a preparar as pessoas e os dirigentes associativos para esta realidade que acaba por ser uma realidade bastante interessante, caso venha ser concretizada.»</p>
Sensibilização com o projeto	Identificação	<p>«[...] é uma ideia interessante e que teremos todos o interesse em ter em linha de conta os resultados do estudo que irás elaborar, que servirá de base sem dúvida para uma decisão futura [...]</p> <p>[...] Acho que é sem dúvida um trabalho interessante ao nível do fornecer esses elementos de ajuda a uma tomada e decisão neste campo e é nesta perspetiva que abraçamos com a agrado este projeto que estás a desenvolver.»</p>
	Espaço físico	<p>(centro coordenador de transportes) «[...] De facto o centro coordenador de transportes foi caindo em desuso ao longo dos anos, foi caindo no esquecimento, e que é todo o interesse da nossa parte voltar a tentar dinamizar.</p> <p>[...] quando olho para um edifício daqueles é que necessariamente precisa de um elemento âncora que no fundo alavanque a visitação do mesmo. É o que fazem os centros comerciais, como sabes todos os centros comerciais funcionam com 4 ou 5 marcas âncora que depois favorecem a instalação de todas as outras lojas. Ali o que pensamos é que a instalação da loja da segurança social, e nitidamente a segurança social origina um número muito grande de visitantes, pode potenciar o desenvolvimento do espaço. Para ali também temos pensado na criação do Ninho de Empresas, daí que para a questão do movimento associativo poderá não ser o espaço.</p>

		<p>[...] Não é fácil por há associações que são muito específicas... por exemplo a equitação que requer um espaço muito próprio. [...]</p> <p>[...] embora não exista um espaço com as dimensões para um projeto desta natureza, eu acho que a intenção é até começar de alguma forma com um projeto piloto e aí sim poderíamos utilizar realmente o centro coordenador de transportes ou outro espaço que venhamos a equacionar para o efeito e começarmos de alguma forma a juntá-las por áreas mais temáticas, ou seja, aquelas que desenvolvessem atividades mais ou menos relacionadas ou que mesmo que não desenvolvam atividades muitos semelhantes mas que de alguma forma a sua estrutura logística mais não necessite mais do que um espaço de escritório, à semelhança do que sucede com o Ninho de Empresas.</p> <p>[...] A lógica desses espaços que falo não é bem criar para cada empresa uma loja, será mais nesta ótica que falamos também ao nível das associações e a questão do escritório comum, onde pudessem obter aquele apoio logístico naquela fase crítica de lançamento da empresa [...]</p> <p>[...] disponibilizado o espaço para o lançamento dessas pequenas empresas criadas por jovens do concelho naturalmente e como rampa de lançamento. [...] puderem utilizar aquele espaço naqueles primeiros anos de atividade e aferirem da viabilidade do negócio a que se propuseram sem nunca estarem condicionados pela questão do arrendamento do espaço, da eletricidade, dos custos com as comunicações.»</p>
--	--	--

		<p>«Com as associações poderá equacionar-se uma situação semelhante, vamos lá a ver... naturalmente qualquer associação gosta de ter o seu espaço e guardar as suas coisas, mas se tiverem aquele apoio logístico como já referi ao nível das empresas, se for também traduzido ao nível das associações e depois sim criar um espaço próprio para cada uma para armazenamento dos seus materiais, das suas coisas, poderá ser uma ideia que funcione. [...]</p> <p>[...] pretende-se que tenham também a capacidade de trabalhar em conjunto, em rede e de saberem utilizar o mesmo espaço sem se sobreporem e se assumirem como donos do espaço [...].</p> <p>[...] Não serve de nada termos toda a intenção de criar um equipamento se depois as próprias pessoas não o querem utilizar.»</p>
Caraterização socioprofissional do entrevistado	Função	Vice-presidente da CMA, com os pelouros: Atividade Administrativa; Modernização Administrativa; Gestão Financeira e Controlo Orçamental; Apoios Comunitários; Património; Aprovisionamento; Ordenamento do Território e Gestão Urbanística; Obras Particulares; Sistema de Informação Geográfica; Toponímia; Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico; Museus; Património Monumental, Religioso, com Interesse Histórico e Arqueológico; Biblioteca e Documentação; Cultura.
	Formação	Licenciatura em Economia

### ANEXO 13 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA E2

NOME	LOCAL	DATA	HORA	ENTREVISTADOR	DURAÇÃO
Lucinda Jorge (Ação Social CMA)	Gabinete CMA	31-03-2014	14H36	Ricardo da Palma	00:50'45

#### TRANSCRIÇÃO

**RP** - Boa tarde Lucinda. Como já havíamos falado anteriormente em reuniões, penso que podemos dar início à nossa entrevista. Já tivemos oportunidade de conversar um pouco sobre este trabalho que vou desenvolver, esta entrevista servirá para a minha dissertação/projeto de mestrado, a qual tem como pano de fundo o estudo, em articulação com a Câmara também, sobre Desenvolvimento Local. Agradeço desde já a

disponibilidade para esta entrevista garantido toda a confidencialidade dos dados, os quais servirão somente para efeitos deste estudo. ... A ideia é recolher alguns dados que permitam perceber se é viável a criação de um polo de desenvolvimento comunitário, ou desenvolvimento local, em Almodôvar e vamos tentar recolher alguns dados para que saia daqui um trabalho bom, capaz e que seja útil também para vocês enquanto Câmara...[

**E2** – [Hum::: Sim sim

**RP** – Para primeira questão, tenho a colocar-lhe como caracteriza demograficamente o concelho de Almodôvar... a natalidade, os fluxos migratórios, o envelhecimento, abandono, o plano educacional, formativo, etc., a distribuição populacional na região e do concelho de Almodôvar... Isto é, de uma forma, que não precisa ser muito concreta, de uma forma geral, como é que a Lucinda vê a aqui a comunidade agora enquanto responsável pela ação social?

**E2** – Bem... É assim, antes de tudo boa tarde Ricardo... Primeiro e vou-te já dizer e oficialmente estou aqui há 3 meses na câmara... Os dados que eu tenho, bem temos o diagnóstico social aqui ao nível da câmara e que é datado de 2006, e que tem já com alguns anos de antiguidade, tirei alguns dados e vi os Censos 2011. Então é assim, temos uma população de 7449 habitantes e em relação aos Censos 2001 temos uma população residente com menos 696 habitantes neste momento. Há uma evolução negativa, dos 0 aos 14 anos em 2001 tinhas 936 pessoas, agora tens 883... São menos 53 pessoas. Dos 15 aos 24 também há uma evolução negativa, com menos 373 habitantes residentes. Dos 25 aos 64 também é negativa, em que temos menos 387 população residente e 65 ou mais anos há uma evolução positiva, em que a esperança média de vida aumenta, como sabemos que aumenta. Depois também temos aqui a nível migratório o retorno das pessoas quando entram na aposentação dita aposentação, que regressam às suas origens. A nível da natalidade, temos uma baixa natalidade a nível do concelho e a população do concelho de Almodôvar tá idêntica à do nível nacional, uma população com alguma::: um grupo etário mais envelhecido... e penso que desta resposta não tenho assim mais... [

**RP** - [embora, e batendo aí no indicador da natalidade, a câmara continua com o apoio[

**E2** – [a natalidade, eu ia falar nisso mais à frente quando falássemos dos recursos... mas sim, temos o incentivo à natalidade, é uma medida da autarquia em que tem um incentivo (não sei se é necessário os valores, posso dizer-te que isto é público também), são 1000€ para o 1º filho, 1250€ para o 2º e 1750€ para o 3º ou mais filhos... Já sabes, quando pensares de alguma forma de ter algum filho vem viver para Almodôvar (risos). Esta é uma das medidas que temos para fixar cá as pessoas e aumentar o incentivo à natalidade. Mas depois temos uma coisa que é bastante grave, e articulamos com o centro de emprego na medida em também são nossos parceiros a nível das mediadas favoráveis, é depois ao nível de dar ocupação às pessoas porque se tens um casal que estejam os 2 desempregados, aquele incentivo à natalidade pouco ou nada te vai resolver o problema. E isso é uma falha que existe ao nível do concelho que vamos tentar solucionar, ainda não sei como, vamos pensar...

**RP** – Hum... E tem-se verificado algum retorno, nós já falamos nesta questão[

**E2** – [eu acho que o retorno é mais com as pessoas na 3ª idade. Porque é assim, os jovens, que acabam o 12º ano e que vão para a faculdade, tentam de alguma forma permanecer fora do concelho de Almodôvar porque não existe nada!]

**RP** – [Para estudar e mesmo para trabalhar?

**E2** – Sim para trabalhar e mesmo para estudar! Porque há miúdos que agora estão no 9º ano e vão para a escola de Castro Verde. Este ano tivemos uma saída bastante grande de miúdos, não sei precisar o número, mas sei que para o ano em princípio vai haver mais porque...[

**RP** – [terá a ver com a oferta educacional?

**E2** – Sim com a oferta educacional... por exemplo, com a economia, há miúdos que quiseram ir para economia e optaram por sair (de Almodôvar). Foram para humanísticas e saíram há dois anos, mas esses dados se quiseres posso pedir e facultar-tos...

**RP** – Não, para já não é necessário, é só mesmo para perceber[

**E2** – [agora retorno de jovens... queres vir pra cá trabalhar? (risos) é complicado, mas isto não é só em Almodôvar...

**RP** – Pois, até podemos falar a nível nacional[

**E2** – [pois, eu tenho colegas meus que acabaram o curso (enfermagem) há uns anos atrás e não há muitos. Há um ano ou dois foram todos para Inglaterra e para França e eu só não vou porque já tenho 25 anos de Almodôvar porque senão ia (risos).

**RP** – Hum, ok. E sobre a distribuição, eu pus um aqui ponto sobre a distribuição porque pretendia que me falasse um pouco não só na distribuição populacional mas também na distribuição de riqueza digamos assim. E isto porque os principais empregadores do concelho serão a Câmara e a Somincor (minas Neves Corvo), embora esta última não esteja sedeadada fisicamente no concelho de Almodôvar mas é um polo importantíssimo aqui no desenvolvimento do concelho e tirando estes dois empregadores torna-se um pouco complicado não?

**E2** – Existe o comércio local, existem os pequenos empresários ao nível de mel e medronho, mas que são em muito pouca percentagem...temos pouco mais. Temos a Somincor que, fala-se em 600/700 habitantes do concelho e famílias diretamente ligados a esta empresa e tirando a câmara municipal e as juntas de freguesia e pouco mais, não temos mais nada.

**RP** – Pois aqui se calhar é um ponto a desenvolver, porque recursos acabam por haver[

**E2**– [sim, temos é que tentar dinamizar de alguma forma os recursos que temos a nível do concelho...

**RP** – Sim, o mel, a cortiça, os enchidos, os medronhos[

**E2** – [sim, as ervas aromáticas. Temos aí a serra toda com ervas aromáticas, podíamos desenvolver um projeto direcionado para essa vertente... pronto é questão de estimular um pouco população.

**RP** – E já que tocamos no ponto da população, na dimensões de participação, associativismo, solidariedade, como é que Lucinda vê e caracteriza a população neste sentido, nestas dimensões? No associativismo, eu sei que Almodôvar tem uma forte componente associativa, como é que a Lucinda[

**E2** – É assim Ricardo, pegando na conversa do movimento associativo muito forte, eu não sabia, e andei a pesquisar e encontrei 36 associações ao nível do concelho. Eu achei um número elevado, não é, existem protocolos de cooperação entre a autarquia e algumas destas associações e uma coisa que acontece e que é extremamente triste e que todos temos consciência disso é que as pessoas trabalham muito individualistas, não fazem parcerias, são pouco dinâmicas e de alguma forma::: fazem aqueles eventos pontuais a nível anual e teremos de dinamiza-las e alguma forma, incentiva-las e articular entre as freguesias. Temos um concelho bastante disperso, temos um concelho extremamente envelhecido e teremos de alguma forma articular com todas as freguesias para que quando fizerem algumas atividades na área cultural, essencialmente mais a nível cultural, que consigam trabalhar em parceria e que seja benéfico para todo o concelho. O quebrar um pouco o isolamento, mas neste sentido.

**RP** – Estimular um pouco mais a ação social, digamos[

**E2** – [sim sim, isso mesmo.

**RP** – E dentro deste campo da ação social, existem algumas atividades? E quem as desenvolve? Quem é que toma as iniciativas para essas atividades?

**E2** – É assim Ricardo, aquilo que eu tenho percebido até agora é que a ação social da autarquia, a única coisa que tem ajudado e dinamizado é a nível logístico, penso eu. Além daquela verba que elas (associações) têm anualmente, elas pedem a nível logístico que a autarquia apoia e ajuda.

**RP** – Sim, mas a indiciativa parte delas (associações) ou[

**E2** – [parte deles, a maior parte parte deles. Por exemplo aquele evento para ajudar a Miriam partiu deles, ou para as festas, Sta.Clara, S. Pedro, etc, parte deles e a câmara apoia. Iniciativas da câmara, só as festas de maior dimensão, Facal, Medieval... mas isto também tou aqui há 3 meses, tou de alguma forma (risos)[

**RP** – [pois, pode ser que o estudo também sirva[

**E2** – [sim, também sirva para mim (risos)

**RP** – E ações solidárias? A comunidade de Almodôvar tem características de solidariedade muito ativas?

**E2** – Olha eu vou-te contar uma coisa já em primeira linha e que está já em apreciação pública e que eu quis sempre fazer ao nível do concelho que é a criação de uma loja social. E fazer uma listagem única dos carenciados do concelho, eu não gosto de lhes chamar carenciados, pessoas um bocadinho diferentes e que têm mais algumas dificuldades. Penso que essa lista tem de ser única porque são sempre os mesmos e teremos de ajudar essas pessoas, não fazendo com que elas se sintam inferiores mas sim apoiá-las. E então vai haver uma loja social! Está em apreciação pública neste momento, as coisas aqui na autarquia levam bastante tempo. É feito um regulamento, que depois vai para reunião de câmara para aprovação, depois vai 30 dias úteis para apreciação, depois vai à assembleia, resumindo, leva 6 meses. E uma loja social, com um banco de ajudas técnicas, para entrar em vigor em princípio de maio e uma conta solidária. E porquê essa conta solidária? Porque, e já para adiantar algumas das medidas da ação social a nível de câmara para ajudar as pessoas... existe um fundo de emergência social e eu acho que o nome está mal colocado! Porque é assim, num caso emergente, por exemplo, tu vens ter comigo hoje a dizer que não tens como pagar os medicamentos e que tens 100€ a dever na farmácia, eu faço-te uma informação prévia, a seguir vai para apreciação, vai para reunião de câmara e antes de um mês eu não te consigo arranjar esse dinheiro. Pronto, tenho de alguma forma, mas com critérios, criar essa conta ao nível do gabinete de ação social da câmara mesmo para ajudar a pessoa no momento em que ela necessita. Eu tive uma senhora há uns dias atrás que precisava de fazer uma ressonância magnética com o filho a Évora e a chorar que não tinha dinheiro. E foi uma associação, que eu liguei, e pedi para arranjar 40€ para ajudar a sra. a fazer o exame com o filho. E é isso que estamos a tratar. Por isso, o que existe a nível de câmara e de ação social, e tu disseste que o gabinete estava pouco dinamizado, eu estou a tentar dinamiza-lo! Eu tenho esse projeto da loja social, com o banco de ajudas técnicas, com a conta solidária, para mim isso é uma vitória ao fim de poucos meses.

**RP** – Ok. E agora falando um pouco da comunidade de Almodôvar. Acha que a comunidade encara o território como património, ou seja, valoriza-o?

**E2** – Olha, eu acho que isso é interessante porque ainda no outro dia estive a falar não sei já com quem, e acho que nós não levamos as pessoas a responsabilizarem-se um pouco. Tenho pessoas que vêm de fora e dizem: “ah, mas em Almodôvar há tudo de graça!” Tu tens aí, por exemplo, uma urbana (autocarro) que nem se paga sequer 50 cêntimos. Não se responsabiliza as pessoas para o quer que seja. Primeiro temos aquele

lado que não mostramos o que existe cá dentro não é?! Não publicitamos então se dá a conhecer. Por outro lado, não se responsabiliza um pouco as pessoas, para valorizarmos aquilo que temos, temos responsabilizar as pessoas para isso.

**RP** – Levá-las a reconhecer que as coisas existem. Sim porque em termos de equipamentos, Almodôvar está dotado de muitas infraestruturas. Tem uma biblioteca excelente, tem a nível de transportes uma rede boa, tem cinema[

**E2** – [é isso mesmo. A nível de desporto há várias atividades físicas para os miúdos... tens judo, tens patinagem, tens futsal, futebol, enfim, tens tudo ou quase tudo.

**RP** – E a nível cultural? Que polos de atração cultural estão identificados no concelho, públicos e privados? Neste indicador – cultura – pretendo puxar um pouco para as raízes culturais. O que é que a Lucinda consegue identificar aqui no concelho de Almodôvar? Por exemplo, as Mesas do Castelhinho, o Museu da Escrita[

**E2** – Sim, o Museu Severo Portela e pouco mais. Mas depois também temos as igrejas, o Fórum Cultural que está muito dinamizado, penso eu. Tem uma escola de música, com 80 pessoas inscritas em aulas de piano, viola, Cante Alentejano, violas campaniças, danças de salão, acordeão... não sei quantos são ao certo mas tá a correr bem.

**RP** – E há articulações, ou melhor, como é que vê as articulações entre a câmara e as associações ou instituições, ou até mesmo empresas de Almodôvar? Como é que acha que[

**E2** – [Eu acho que há uma relação positiva e, pelo menos, há esses protocolos de colaboração em que as pessoas de alguma forma articulam e transmitem as suas necessidades e a câmara está aqui para ouvi-las e de alguma forma ir ao encontro daquilo que eles pretendam.

**RP** – Verifica-se então alguma trabalho em parceria ou em rede?

**E2** – Não, em rede não existe, neste momento não existe. Pode ser que um dia mais tarde, quando o Ricardo nos apresentar o projeto final (risos). Mas não, porque cada associação ou freguesia dinamiza para si próprias.

**RP** – Em rede, implica trabalhar para um objetivo comum[

**E2** – Pois isso não. Trabalham mas para si e para a sua própria (xxxxxxx)

**RP** – E isso entre associações e no caso de empresas? Existem alguns polos de empregabilidade e que se verifique alguma articulação?

**E2** – Se houver é muito pouca. Articulação entre empresas não me parece. Tens o centro de emprego que faz a articulação entre as empresas e as pessoas, mas não sei se existem mais articulações. Agora polos de empregabilidade, como já falamos anteriormente, tirando a Mina, a câmara e as juntas, só as maiores superfícies comerciais, como o Pingo Doce e Minipreço e comércio local[

**RP** – [e talvez uns empresários locais que estejam estabelecidos no concelho não?

**E2** – Sim, por exemplo há a salsicharia da A-do-Neves, que temos cerca de 25 pessoas empregadas todas destas região, há ainda algumas empresas de limpeza que vão ao algarve mas com empregos mais sazonais e não me recordo assim de mais...

**RP** – Mas esses empregos são encaminhados pelo centro de emprego ou contratação direta?

**E2** – Não sei. Nós temos uma boa relação com o centro de emprego e as pessoas que estão no RSI entram em candidaturas e segundo a última portaria, pessoas que estejam desempregadas há mais e 1 ano podem candidatar-se e garantir emprego pelo menos durante 1 ano. Mas depois lá está, quem são as entidades empregadoras? É a câmara municipal e pouco mais... não existe saída. Podemos enquanto câmara ter algumas pessoas a trabalhar, principalmente nas escolas, mas em pouco mais as conseguimos colocar. Porque é assim, a câmara faz sim senhor a candidatura mas depois as pessoas

vão trabalhar para onde? Tens as escolas e pouco mais onde possas empregar as pessoas...

**RP** – Pois realmente se não houver mercado[

**E2** – [pois, as candidaturas, a câmara até pode fazê-las mas depois não há muita saída e não se sabe onde colocar as pessoas.

**RP** – Mas a câmara tem algumas medidas próprias? Do tipo, apoio à criação do próprio negócio ou informação sobre programas do IEFP?

**E2** – Não tem, mas a ideia é criar um gabinete que acompanhe e apoie algumas pessoas e que as incentive a criar uma pequena empresa. Nem precisa de ser uma grande coisa, basta uma empresa de prestação de serviços, como vender comida para fora por exemplo. E este gabinete era extremamente importante, porque era o que dava o apoio a este tipo de empresários. Porque é assim, até pode ser que as pessoas tenham o conhecimento da existência de certos programas, mas depois têm medo, têm receio, e se houver alguém que os acompanhe durante uns tempos as pessoas sentem logo mais segurança e dão um passo em frente.

**RP** – Claro. E quais as principais causas e consequências quanto às problemáticas identificadas em Almodôvar (o êxodo, o desemprego, a fraca participação comunitária, etc.) e que políticas sociais existem para o seu combate?

**E2** – Bem, políticas sociais já falamos há pouco que é o incentivo à natalidade, que é uma política não é?! O apoio habitacional, que é uma medida para pessoas mais desfavorecidas; as bolsas de estudo; o fundo de emergência social que já há pouco também falamos e que de alguma forma consegue colmatar as necessidades imediatas, mas que de futuro acho que talvez não consiga ajudar as famílias... talvez se fossemos para um gabinete que sensibilizássemos as pessoas e educássemos, não sei se é bem esta palavra, mas sim que educássemos e que elas conseguissem gerir os poucos recursos económicos de uma outra forma. Para mim acho que era muito mais importante, tal como aquele ditado chinês que “não lhe dê a cana mas ensina-o a pescar”, que é extremamente importante. E(xxxx) dá-se o peixe à pessoa mas não se lhe dá a cana e acontece muito aqui e eu acho que não é regulamento que tenham algum êxito futuro com as pessoas, para mim não tem. Vamos talvez rever e temos que, de alguma forma, ter que alterar um pouco estas medidas. E outra que temos e positiva é essa colaboração com o centro de emprego...

**RP** – Considera que a falta de emprego será o maior fator do êxodo? Quer de jovens quer de adultos?

**E2** – A falta de emprego e a falta de sensibilizá-los e dar-lhes informação adequada para que eles consigam solucionar um pouco essa problemática. Lá tá a tal história do apoio que tem que se dar, e sensibilizar as pessoas, e mostrar os recursos que existem na comunidade. Falta de informação, existem muita falta de informação... as pessoas não sabem. É muito fácil a gente ficar à espera que nos deem um pouco de dinheiro ou que tenhamos um rendimento social de inserção, do que se calhar ouvir alguém a sensibilizar-nos para criarmos o nosso próprio negócio, sermos independentes e autónomos...

**RP** – Criar o próprio negócio ou concorrer a um emprego qualquer de uma forma mais sustentada, isto é, o tal gabinete de apoio que a Lucília fala não tem necessariamente que ser só para jovens empreendedores ou jovens empresários e pessoas que queiram criar o seu próprio negócio, pode servir também a nível individual, para a pessoa saber fazer o seu próprio currículo, ou como é que se deve concorrer a um emprego com concurso público ou privado... Acha que também será por aí?

**E2** – Eu tenho encaminhado algumas pessoas, para fazerem currículo e para alguém ajudar, para a biblioteca. Neste momento é na biblioteca que nos estão a ajudar.

Encaminhamos as pessoas para a junta de freguesia para os IRS agora no mês de março, que também estão a colaborar connosco, e pronto, as pessoas precisam de alguém que as acompanhe e as ajude a fazer[

**RP** – [enfim, dar formações nessas áreas. Como é que acha que é a comunidade de Almodôvar? As pessoas são dinâmicas, já vimos que em termos associativos, embora existam muitas associações, não são muito dinâmicos, mas considera as pessoas empreendedoras? Acha que são pessoas com espírito de ir à luta?

**E2** – Eu acho que têm um bocado de receio e comodismo, é o que eu acho. Temos que ser nós a sensibilizá-las e incentivá-las para que deem um passo em frente[

**RP** – [deixam-se ficar um bocadinho na “subsidiopendência”?

**E2** – Sim, há uma falta de dinamização.

**RP** – Hum, ok. E aqueles incentivos que há pouco falamos, tem existido algum incentivo por parte da câmara na dimensão sociocultural? Por exemplo o estímulo às associações culturais, em que esses incentivos não passem só por financeiros para realizar qualquer tipo de atividade que seja só para eles próprios, mas que esse apoio tenha uma componente participativa e que estimule mais a participação deles. É neste sentido que a câmara apoia ou[

**E2** – [é assim, eu acho que era muito importante que as pessoas tivessem as suas ideias próprias e que nós dessemos um acompanhamento e que a ideia não partisse de nós enquanto câmara. É como que impuséssemos às pessoas e as pessoas é que teriam que ter mais dinamismo e depois a câmara apoiaria. E o que se passa até hoje é o inverso... as iniciativas partem da câmara e eles depois apoiam-nos. Não se percebe porque existe abertura suficiente da nossa parte, nós estamos aqui para ouvir as pessoas e articular com eles, com algumas associações, mas as pessoas fecham-se, acomodam-se:::..... olha pode ser que comecem a ser mais participativas!

**RP** – Mas as políticas ou as orientações que a câmara tem aplicado têm sido suficientes para estimular o desenvolvimento comunitário? E que papel desempenha a câmara e que medidas ou programas específicos são aplicados pela câmara nas dimensões educativas, culturais e económicas?

**E2** – Eu penso que sim, penso que têm sido suficientes, embora as pessoas não sejam muito ativas. Programas específicos, ora, nós temos o GADES, que é o Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico e Social, que está pouco dinamizado neste momento na autarquia e que tudo faremos para o dinamizar. Não sei quando foi criado, sei que neste momento tem dois técnicos e são pessoas válidas e devemos de alguma forma dinamizar mais um pouco este gabinete, porque se ele existe temos de tentar fazer as coisas de outra forma.

**RP** – Sim, mas quanto a programas em curso ou que pretendam arrancar?

**E2** – Bem, estamos a pensar na criar a incubadora de empresas, que já se tem falado, e que está agora no início e que irá ao encontro desse gabinete de apoio ao empreendedorismo e de criação da própria empresa. Mas estamos agora no início, só temos algumas ideias...

**RP** – E essa incubadora de empresas, qual é o objetivo central?

**E2** – O objetivo é de alguma forma estimular as pessoas, mostrar o que é que existe de recursos ao nível da comunidade e sensibilizar as pessoas e incentivar as pessoas a criar o próprio negócio ou então dar-lhes algum acompanhamento.

**RP** – E esse acompanhamento será proporcionado pela câmara, mas em termos logístico, financeiros[

**E2** – [vamos supor que de alguma forma uma pessoa quer fazer um projeto, a câmara ajudaria nesse projeto quer nos processos de candidatura, por aí...

**RP** – E esse seria um ponto de ação para promover a fixação de jovens[

**E2** – [sim sim, de fixação e de combate à população envelhecida como é neste momento. Teríamos alguns jovens e jovens adultos, porque a faixa etária que mais predomina neste momento é os 65 anos ou mais. Era ajudar, apoiar, coordenar e incentivar as pessoas a criarem o seu próprio emprego, fixando-as.

**RP** – A curto/médio prazo têm então esta medida da incubadora de empresas, mais virada para vertente económica, ou vêm esta incubadora também com características educativas?

**E2** – Bem, embora tenhamos esta medida da incubadora, temos também e para o setor educativo, a ideia da criação de uma universidade sénior, em que de alguma forma dinamize as pessoas na área cultural e educativa.

**RP** - Se calhar não fui bem explícito na questão... Onde eu quero chegar é se pretendem articular alguns sectores, ou seja, se vão conjugar ações socioeducativas com económicas, ou estas com culturais? E isto por exemplo, não se consegue estar a incentivar as pessoas a criar o seu próprio negócio baseado num recurso natural sem que seja educada para uma utilização sustentável e que vise garantir a duração desse mesmo recurso. E essa parte tem de ser trabalhada na vertente socioeducativa... o saber sim que o recurso existe, que pode ser trabalhado mas que deve ser trabalhado de forma sustentável. E aí sim haveria uma articulação entre educação e economia se quisermos[

**E2** – [sim sim, sempre a pensar no futuro.

**RP** – Na relação entre a câmara e associações e entidades/empresas (e eu utilizei aqui um palavrão que é o trinómio educativo, económico, empreendedor), bem como a entre a câmara e a comunidade?

**E2** – Eu acho que a relação entre a câmara e as entidades tem de ser encarada de forma positiva, em que temos de saber ouvir, e temos de alguma forma tentar ir ao encontro das necessidades das pessoas e trabalharmos em parceria. Eu acho extremamente importante trabalhar-se em parceria... saber quais são as necessidades e saber de que forma podemos ajudar.

**RP** – E sendo elas próprias por vezes a identificar os problemas melhor ainda[

**E2** – [sim sim, definir problemáticas, trabalhar em conjunto e ver qual será a melhor solução e trabalhar em parceria... parceria!

**RP** – E no que toca às associações? Há algumas a trabalhar com a câmara? A trabalhar digamos que como parceiras[

**E2** – Bem, isso como já vimos não funciona bem. Ainda há pouco tempo, por exemplo, foi criada uma escola de música e quando devia ter partido de uma associação não, partiu novamente da câmara. As associações ou não estão despertas ou não foram educadas e sensibilizadas para tal.

**RP** – E o que é que a câmara tem a curto/médio/longo prazo para estimular os jovens no gosto pela cultura, prevenir o abandono escolar, promover a fixação e evitar o êxodo, etc.? O que acha que a câmara pode fazer de uma forma mais direta para intervir nestas dimensões?

**E2** – É assim, ainda no outro dia estava-me a questionar... existem muitos miúdos que são transportados, existem muitos miúdos que terminam a escola às 2 da tarde e só são transportados para casa às 18h para as suas residências e nunca ninguém se preocupou em perceber qual é a ocupação desses miúdos, o que é que eles fazem nesse período vazio?! Então estou a ter neste momento e a tentar criar uns objetivos com o gabinete de ação social, em parceria com a CERCICOA, para fazermos tipo uma oficina infanto-juvenil ou com outro nome qualquer, e criar um centro de estudos em que nesses centros haveria, e aí conseguiríamos empregar algumas pessoas também, e dar algumas regras aos miúdos e em que haveria atividades como castings e atividades que eles gostassem e que de alguma forma, quando eles chegassem a casa, transmitissem aos

pais que eles são também importantes. Porque é muito interessante passarmos numa rua e criticarmos o A, o B ou o C, porque tá com riscos de alcoolismo, por tá a fumar, porque tá com grupos de risco, mas também nunca ninguém se importou que esses miúdos não tenham uma ocupação. Porque o período que eles não têm aulas, andam pelas ruas de Almodôvar sem fazer nada e não há ninguém que diga “pá, vamos fazer aqui um grupo, vamos tentar que eles façam um pouco daquilo que gostam” e tentar melhorar a autoestima das pessoas.

**RP** – Sim, atividades até propostas por eles ou pelo pais[

**E2** – [sim, não vamos impingir, não é bem o termo, sim sem impingir, mas sim ouvi-los e ir ao encontro daquilo que eles gostariam de fazer. Mas não é fácil... É fácil criticarmos, é fácil julgarmos mas é muito mais complicado mudarmos comportamentos e perceber que determinados comportamentos o assim são porque as famílias são problemáticas, porque são famílias isoladas e que não têm outro tipo de abertura... teremos de ir também por aí, se queremos que os jovens se fixem aqui temos que tentar que eles gostem do concelho onde residem. E aí combatemos o insucesso escolar por exemplo. Fazer do espaço escola um espaço agradável, e tentar articular, aí entramos em parceria com a educação. Uma coisa que eu propus este ano e que achei que era demasiado importante é que fossem efetuados testes de vocação aos miúdos do 9º ano, qual a área vocacional deles, e que não sei se já iniciou. Isto porque, é importante ver a área vocacional em qualquer ciclo, mas os miúdos do 9º ano que vão ter que escolher uma área, eles deviam de ter algum apoio e serem-lhes feitos alguns testes para perceber a maior vocação.

**RP** – Embora o ensino agora esteja um pouco direcionado para o ensino profissionalizante[

**E2** – [sim, mas há miúdos que ainda não querem ir e que podem ter aptidão por uma área que nem eles próprios sabem e existem testes que se podem e devem fazer aos miúdos. Eu já falei várias vezes com a escola, falei com alguns professores e que acharam a ideia interessante. Temos uma psicóloga ao nível da autarquia que poderíamos disponibilizar para fazer os testes. Até agora, estamos à espera de resposta. É um incentivo e um acompanhamento direto aos miúdos.

**RP** – Muito bem Lucinda, e no que toca à viabilidade do meu projeto e que me propus fazer o estudo. Inicialmente, baseou-se no estudo da criação de um polo de desenvolvimento comunitário, como é que a Lucinda vê a aplicabilidade de um projeto desta dimensão? Trata-se de um projeto de desenvolvimento local e que embarca 3 dimensões fundamentais: cultural, socioeducativa e económica. Como é que a Lucinda vê a aplicabilidade de um projeto desta natureza, de forma a articular todas estas dimensões, entre associações, entidades e empresas públicas e privadas e congrega-las num espaço único? Quer dizer, este espaço único, como já identificamos, não terá necessariamente de existir, era bom que assim fosse mas o projeto não deixa de se fazer se não existir este espaço, mas de qualquer das formas como é que a Lucinda vê a sua utilidade e aplicabilidade no município?

**E2** – Bem, eu acho que é assim, eu acho que são 3 eixos muito importantes! O espaço não é o mais importante neste momento, penso eu, desde que o projeto se consiga implementar ao nível da comunidade a questão do espaço muito provavelmente se irá resolver, ir-se-á tentar solucionar de alguma forma. O eixo cultural, o económico e o socioeducativo a trabalharem em parceria e de forma articulada é verdadeiramente importante. Desta articulação, há uma parte extremamente importante que é a socioeducativa, mas também temos a económica que com o gabinete de apoio e temos o eixo cultural em que, como há pouco falávamos, as pessoas eram mais participativas e havia uma maior dinamização deste gabinete. O espaço, o espaço vamos pensar nele.

Quanto à sua aplicabilidade, eu acho sinceramente que seria muito útil ao nosso concelho e tudo faremos para o aplicar. Entra nele a universidade sénior, entra a incubadora de empresas, dinamizávamos o gabinete do GADES como falámos há pouco.

**RP** – A universidade sénior, inserida num contexto de educação de adultos, e sendo essa atividade, digamos assim, identificada por vocês câmara, o que é que pretendiam abordar ou explorar com essa vertente?

**E2** – Com a universidade sénior era dar um pouco de educação às pessoas mas não só isso. É também valorizar e melhorar a autoestima delas, porque as pessoas têm vivências, têm experiências e jeito, como é que hei de dizer, existem pessoas que fazem as rendas, existem pessoas que fazem pinturas, e vamos fazer que, de alguma forma, mostra que essas pessoas têm valor e que deve haver respeito por elas. E essa universidade sénior era mais uma partilha, que além de ter a parte educativa e da formação, exista também uma partilha do saber, do convívio e valorizar as experiências que as pessoas têm ao longo da vida.

**RP** – E que apoios é que acha que seriam possíveis por parte da câmara e do gabinete de ação social para este projeto e numa possível parceria com outras entidades ou empresas e associações, tais como o IEFP ou o CQEP, ou algumas empresas já enraizadas na comunidade e obviamente das associações locais? Ou seja, que apoios acha que seriam possíveis por parte da câmara para estabelecer este projeto e em parceria?

**E2** – Eu acho que o principal para estabelecer algumas parcerias e este projeto é: 1º ponto – divulgação. Informar as pessoas do que vamos fazer e sensibilizar a população. E depois é esperar que as pessoas aceitem e que de alguma forma também façam questões e possamos articular. O diagnóstico vai ser feio não é?! Depois vamos então perceber, mas sim eu acho que tem toda a viabilidade.

**RP** – Pronto Lucinda, penso que por agora podemos dar por terminada a entrevista, espero que[

**E2**– [eu é que espero que te corra tudo bem e peço-te desde já desculpa se a entrevista não correu bem, mas como sabes também estou aqui há pouco tempo e fiz o melhor que pude.

**RP** – Correu tudo bem, pedia-lhe é que, e como já o fiz ao vice-presidente Gaiolas, caso reúnam com as associações me informem para poder assistir e recolher alguns dados.

**E2** – ok ok. De qualquer das formas acho que é importante perceberes aqui este GADES, porque acho que vai ao encontro ao teu projeto. Porque é um ponto de partida para o que se pretende e para o trabalho em parceria. O que eu percebo um pouco daqui é que os gabinetes também trabalham um pouco de costas voltadas... queres ver, eu quando fui ao GADES, que como sabes tem lá dois técnicos, pedir alguns dados para me preparar para a tua entrevista, eles disseram-me que era melhor pedir ao gabinete de ação social e que era melhor ser eu a pedir. E isso não pode acontecer! Os próprios gabinetes dentro da própria autarquia não podem trabalhar assim!

**RP** – Então se calhar o melhor é começar a trabalhar de forma articulada cá dentro da autarquia[

**E2**– [isso, se calhar é mesmo (risos). Uma coisa que eu não sabia que era com este gabinete são os ATL`s. Os ATL`s no verão, para mim, é sentares uma criança ali de castigo e então o que é eu pedi, pedi ao gabinete de desporto para articular porque já tinha falado com eles há algum tempo para dinamizar os ATL`s. Porque é extremamente importante meteres educação física, despertares as crianças para uma caminhada, para atividades ao ar livre e não mete-los dentro de um gabinete a fazer desenhos. Temos que libertar aquelas energias! E eu falei com o gabinete de desporto e

disse para articularem. Já tinha pedido que me mostrassem um esboço do que iria ser o ATL, logo quando cá cheguei em janeiro/fevereiro pedi ao GADES e até hoje não obtive resposta. Mas já insisti, é que daqui a pouco temos aí as férias de verão e temos de dinamizá-las e os miúdos não têm culpa dos pais estarem a trabalhar e terem que estar num espaço X horas por dia.

**RP** – Pois e se os serviços já existem[

**E2** – [sim, se já existem e se os temos, vamos chegar aos que estávamos há pouco a falar, tem que haver articulação entre os serviços, mesmo dentro de um espaço, tem de haver articulação para fazermos o melhor pela população[

**RP** – [claro claro e que haja alguma comunicação entre serviços. A ideia, ou uma das ideias base deste projeto, ou deste polo de desenvolvimento comunitário ou local é que partilhem informação acima de tudo, que cruzem alguma dela, e que essa informação resulte em prol da comunidade e não só em prol do gabinete ou da associação ou da freguesia.

**E2** – Claro claro. Sabes que eu acho que aqui ao nível do concelho trabalha-se muito POLITICAMENTE. E eu não sei, e sempre disse, eu não sei o que isso é! Eu tenho uma missão, que é ir ao encontro das pessoas e tudo fazer para os ajudar e para melhorar a qualidade de vida das pessoas, pra isso é que eu estou aqui, percebes?! É um bocado triste ver que há gabinetes mesmo dentro da própria autarquia que têm “jogo de cintura”, mas é assim “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” (risos).

**RP** – Obrigado mais uma vez Lucinda.

**E2** – Obrigado nós pelo teu trabalho e boa sorte.

#### ANÁLISE DE CONTEÚDO CATEGORIAL – ENTREVISTA E2

Categoria	Sub-categorias	Excertos da entrevista
Dinâmicas populacionais e demográficas	Caraterísticas sociodemográficas	<p>«[...] temos uma baixa natalidade a nível do concelho e a população do concelho de Almodôvar tá idêntica à do nível nacional, uma população com alguma::: um grupo etário muito envelhecido.</p> <p>[...] temos uma população de 7449 habitantes e em relação aos Censos 2001 temos uma população residente com menos 696 habitantes, neste momento. Há uma evolução negativa, dos 0 aos 14 anos em 2001 tinhas 936 pessoas, agora tens 883... São menos 53 pessoas. Dos 15 aos 24 também há uma evolução negativa, com menos 373 habitantes residentes. Dos 25 aos 64 também é negativa, em que temos menos 387 população residente e 65 ou mais anos há uma evolução positiva, em que a esperança média de vida aumenta, como sabemos que aumenta.</p> <p>Temos um concelho bastante disperso, temos um concelho extremamente envelhecido [...]</p>
	Atividade comunitária	<p>«[...] encontrei 36 associações ao nível do concelho.</p> <p>[...] a maior parte parte deles. Por exemplo</p>

		aquele evento para ajudar a Miriam partiu deles, ou para as festas, Sta.Clara, S. Pedro, etc, parte deles e a câmara apoia. Iniciativas da câmara, só as festas de maior dimensão, Facal, Medieval [...]].
	Fluxos migratórios	<p>«[...] a nível migratório o retorno das pessoas quando entram na aposentação dita aposentação, que regressam às suas origens.»</p> <p>«[...] o retorno é mais com as pessoas na 3ª idade.</p> <p>«[...] para trabalhar e mesmo para estudar! Porque há miúdos que agora estão no 9º ano e vão para a escola de Castro Verde. Este ano tivemos uma saída bastante grande de miúdos, não sei precisar o número, mas sei que para o ano em princípio vai haver mais ... [...] a oferta educacional... por exemplo, como a economia, há miúdos que quiseram ir para economia e optaram por sair (de Almodôvar). Foram para humanísticas e saíram há dois anos... [...]]»</p>
	Recursos (naturais, sociais, culturais, equipamentos, serviços, etc.)	<p>«[...] o mel, a cortiça, o medronho, o pão [...]]</p> <p>[...] as ervas aromáticas. Temos aí a serra toda com ervas aromáticas, podíamos desenvolver um projeto direcionado para essa vertente... pronto, é questão de estimular um pouco população.</p> <p>[...] os Museus [...]]. Mas depois também temos as igrejas, o Fórum Cultural que está muito dinamizado, penso eu. Tem uma escola de música, com 80 pessoas inscritas em aulas de piano, viola, Cante Alentejano, violas campaniças, danças de salão, acordeão [...]]»</p>
	Mercado de trabalho	<p>« [...] Existe o comércio local, existem os pequenos empresários ao nível de mel e medronho, mas que são em muito pouca percentagem...temos pouco mais. Temos a Somincor que, fala-se em 600/700 habitantes do concelho e famílias diretamente ligados a esta empresa e tirando a câmara municipal e as juntas de freguesia e pouco mais, não temos mais nada [...]]</p> <p>[...] polos de empregabilidade, como já falamos anteriormente, tirando a Mina, a câmara e as juntas, só as maiores superfícies comerciais, como o Pingo Doce e Minipreço e o comércio local.</p> <p>[...] por exemplo há a salsicharia da A-do-Neves, que temos cerca de 25 pessoas empregadas todas destas região, há ainda</p>

		<p>algumas empresas de limpeza que vão ao algarve mas com empregos mais sazonais e não me recordo assim de mais..»</p>
	<p>Articulação populacional e institucional</p>	<p>«[...] Eu acho que há uma relação positiva e, pelo menos, há esses protocolos de colaboração em que as pessoas de alguma forma articulam e transmitem as suas necessidades.</p> <p>Tens o centro de emprego que faz a articulação entre as empresas e as pessoas [...]</p> <p>Nós temos uma boa relação com o centro de emprego e as pessoas que estão no RSI entram em candidaturas e segundo a última portaria, pessoas que estejam desempregadas há mais e 1 ano podem candidatar-se e garantir emprego pelo menos durante 1 ano.</p> <p>Eu acho que a relação entre a câmara e as entidades tem de ser encarada de forma positiva, em que temos de saber ouvir, e temos de alguma forma tentar ir ao encontro das necessidades das pessoas e trabalharmos em parceria. Eu acho extremamente importante trabalhar-se me parceria... saber quais são as necessidades e saber de que forma podemos ajudar.</p> <p>Temos uma psicóloga ao nível da autarquia que poderíamos disponibilizar para fazer os testes (vocacionais).»</p>
<p>Problemáticas</p>	<p>Movimento associativo</p>	<p>«[...] uma coisa que acontece e que é extremamente triste e que todos temos consciência disso é que as pessoas trabalham muito individualistas, não fazem parcerias, são pouco dinâmicas e de alguma forma::: fazem aqueles eventos pontuais a nível anual [...]</p> <p>Eu achei um número elevado (de associações , 36) [...]</p> <p>[...] mas acaba por ser uma comunidade um pouco participativa e interativa [...]</p>
	<p>Demografia</p>	<p>«[...] é um concelho bastante idoso [...]</p> <p>[...] disperso [...]</p> <p>[...] os jovens, que acabam o 12º ano e que vão para a faculdade, tentam de alguma forma permanecer fora do concelho de Almodôvar porque não existe nada!</p> <p>[...] é muito mais complicado mudarmos comportamentos e perceber que determinados comportamentos o assim são</p>

		<p>porque as famílias são problemáticas, porque são famílias isoladas e que não têm outro tipo de abertura»</p>
	Dinamismo e empreendedorismo	<p>«[...] Eu acho que (as pessoas) têm um bocado de receio e <u>comodismo</u>, é o que eu acho. Temos que ser nós a sensibilizá-las e incentivá-las para que deem um passo em frente.</p> <p>[...] há uma falta de dinamização</p> <p>[...] é assim, eu acho que era muito importante que as pessoas tivessem as suas ideias próprias e que nós dessemos um acompanhamento e que a ideia não partisse de nós enquanto câmara. É como que <u>impuséssemos</u> às pessoas e as pessoas é que teriam que ter mais dinamismo e depois a câmara apoiaria. E o que se passa até hoje é o inverso... as iniciativas partem da câmara e eles depois apoiam-nos. Não se percebe porque existe abertura suficiente da nossa parte, nós estamos aqui para ouvir as pessoas e articular com eles, com algumas associações, mas as pessoas fecham-se, acomodam-se [...]»</p>
	Participação, rede e parcerias	<p>[...] pode ser que comecem a ser mais participativas!</p> <p>[...] trabalho em rede não existe, neste momento não existe</p> <p>[...] cada associação ou freguesia dinamiza para si próprias. Trabalham mas para si [...]</p> <p>[...] Articulação entre empresas não me parece.</p> <p>[...] Bem, isso como já vimos não funciona bem. Ainda há pouco tempo, por exemplo, foi criada uma escola de música e quando devia ter partido de uma associação não, partiu novamente da câmara. As associações ou não estão despertas ou não foram educadas e sensibilizadas para tal.</p> <p>O que eu percebo um pouco daqui é que os gabinetes também trabalham um pouco de costas voltadas... queres ver, eu quando fui ao GADES, que como sabes tem lá dois técnicos, pedir alguns dados para me preparar para a tua entrevista, eles disseram-me que era melhor pedir ao gabinete de ação social e que era melhor ser eu a pedir. E isso não pode acontecer! Os próprios gabinetes dentro da própria autarquia não podem trabalhar assim [...]»</p>
	(Des)Emprego	<p>«[...] temos uma coisa que é bastante grave, e articulamos com o centro de</p>

		<p>emprego na medida em também são nossos parceiros a nível das mediadas favoráveis, é depois ao nível de dar ocupação às pessoas porque se tens um casal que estejam os 2 desempregados, aquele incentivo à natalidade pouco ou nada te vai resolver o problema. E isso é uma falha que existe ao nível do concelho que vamos tentar solucionar, ainda não sei como, vamos pensar.</p> <p>A falta de emprego e a falta de sensibilizá-los e dar-lhes informação adequada para que eles consigam solucionar um pouco essa problemática [...]</p> <p>Falta de informação, existem muita falta de informação... as pessoas não sabem.</p> <p>[...] quem são as entidades empregadoras? É a câmara municipal e pouco mais... não existe saída. Podemos enquanto câmara ter algumas pessoas a trabalhar, principalmente nas escolas, mas em pouco mais as conseguimos colocar. Porque é assim, a câmara faz sim senhor a candidatura mas depois as pessoas vão trabalhar para onde? Tens as escolas e pouco mais onde possas empregar as pessoas.»</p>
Potencialidades	Apoio social, educativo e cultural	<p>«[...] existe um fundo de emergência social e eu acho que o nome está mal colocado! Porque é assim, num caso emergente, por exemplo, tu vens ter comigo hoje a dizer que não tens como pagar os medicamentos e que tens 100€ a dever na farmácia, eu faço-te uma informação prévia, a seguir vai para apreciação, vai para reunião de câmara e antes de um mês eu não te consigo arranjar esse dinheiro [...]</p> <p>[...] existem muitos miúdos que terminam a escola às 2 da tarde e só são transportados para casa às 18h para as suas residências e nunca ninguém se preocupou em perceber qual é a ocupação desses miúdos, o que é que eles fazem nesse período vazio?!</p> <p>[...] Porque o período que eles não têm aulas, andam pelas ruas de Almodôvar sem fazer nada.</p> <p>[...] Os ATL's no verão, para mim, é sentares uma criança ali de castigo [...]</p>
	Reconhecimento e valorização territorial e patrimonial	<p>«[...] eu acho que isso é interessante porque ainda no outro dia estive a falar não sei já com quem, e acho que nós não levamos as pessoas a responsabilizarem-se um pouco. Tenho pessoas que vêm de fora e dizem: “ah, mas em Almodôvar há tudo de graça!” Tu tens aí, por exemplo, uma urbana (autocarro) que nem se paga sequer</p>

		<p>50 cêntimos. Não se responsabiliza as pessoas para o quer que seja. Primeiro temos aquele lado que não mostramos o que existe cá dentro não é?! Não publicitamos então se dá a conhecer. Por outro lado, não se responsabiliza um pouco as pessoas, para valorizarmos aquilo que temos [...]</p>
<p>Plano de Ação da Ação Social da CMA</p>	<p>Atividades socioculturais, educativas e económicas dinamizadas (apoios social, educativo, cultural, patrimonial, económico, etc.)</p>	<p>«[...] temos o incentivo à natalidade, é uma medida da autarquia em que tem um incentivo (não sei se é necessário os valores, posso dizer-te que isto é público também), são 1000€ para o 1º filho, 1250€ para o 2º e 1750€ para o 3º ou mais filhos.</p> <p>[...] O apoio habitacional, que é uma medida para pessoas mais desfavorecidas; as bolsas de estudo; o fundo de emergência social que já há pouco também falamos e que de alguma forma consegue colmatar as necessidades imediatas.</p> <p>[...] nós temos o GADES, que é o Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico e Social, que está pouco dinamizado neste momento na autarquia e que tudo faremos para o dinamizar. Não sei quando foi criado, sei que neste momento tem dois técnicos e são pessoas válidas e devemos de alguma forma dinamizar mais um pouco este gabinete, porque se ele existe temos de tentar fazer as coisas de outra forma.</p> <p>[...] apoio que tem que se dar, e sensibilizar as pessoas, e mostrar os recursos que existem na comunidade [...]</p> <p>É muito fácil a gente ficar à espera que nos deem um pouco de dinheiro ou que tenhamos um rendimento social de inserção, do que se calhar ouvir alguém a sensibilizar-nos para criarmos o nosso próprio negócio, sermos independentes e autónomos.</p> <p>[...] a ideia é criar um gabinete que acompanhe e apoie algumas pessoas e que as incentive a criar uma pequena empresa. Nem precisa de ser uma grande coisa, basta uma empresa de prestação de serviços, como vender comida para fora por exemplo. E este gabinete era extremamente importante, porque era o que dava o apoio a este tipo de empresários. Porque é assim, até pode ser que as pessoas tenham o conhecimento da existência de certos programas, mas depois têm medo, têm receio, e se houver alguém que os acompanhe durante uns tempos as pessoas sentem logo mais segurança e dão um passo</p>

	<p>em frente.</p> <p>Eu tenho encaminhado algumas pessoas, para fazerem o currículo e para alguém ajudar, para a biblioteca. Neste momento é na biblioteca que nos estão a ajudar. Encaminhamos as pessoas para a junta de freguesia para os IRS agora no mês de março, que também estão a colaborar connosco, e pronto, as pessoas precisam de alguém que as acompanhe e as ajude a fazer.</p> <p>[...] não vamos impingir, não é bem o termo, sim sem impingir, mas sim ouvi-los e ir ao encontro daquilo que eles gostariam de fazer[...]</p> <p>Uma coisa que eu propus este ano e que achei que era demasiado importante é que fossem efetuados testes de vocação aos miúdos do 9º ano, qual a área vocacional deles, e que não sei se já iniciou. Isto porque, é importante ver a área vocacional em qualquer ciclo, mas os miúdos do 9º ano que vão ter que escolher uma área, eles deviam de ter algum apoio e serem-lhes feitos alguns testes para perceber a maior vocação.</p> <p>Eu já falei várias vezes com a escola, falei com alguns professores e que acharam a ideia interessante. [...] É um incentivo e um acompanhamento direto aos miúdos.»</p>
<p>Estímulos á fixação de jovens e implementação de empresas; etc.</p>	<p>« [...] apoios à natalidade. [...]»</p> <p>[...] A nível de desporto há várias atividades físicas para os miúdos... tens judo, tens patinagem, tens futsal, futebol, enfim, tens tudo ou quase tudo.</p> <p>[...] a câmara está aqui para ouvi-las e de alguma forma ir ao encontro daquilo que eles pretendam [...]</p> <p>[...] temos é que tentar dinamizar de alguma forma os recursos que temos a nível do concelho.</p> <p>[...] de fixação e de combate à população envelhecida como é neste momento. Teríamos alguns jovens e jovens adultos, porque a faixa etária que mais predomina neste momento é os 65 anos ou mais. Era ajudar, apoiar, coordenar e incentivar as pessoas a criarem o seu próprio emprego, fixando-as.</p> <p>[...] se queremos que os jovens se fixem aqui temos que tentar que eles gostem do</p>

		<p>concelho onde residem. E aí combatemos o insucesso escolar por exemplo. Fazer do espaço escola um espaço agradável, e tentar articular, aí entramos em parceria com a educação»</p>
	<p>Ações e projetos futuros</p>	<p>«[...] eu quis sempre fazer ao nível do concelho que é a criação de uma loja social. [...] com um banco de ajudas técnicas, para entrar em vigor em princípio de maio, e uma conta solidária [...]</p> <p>[...] o que existe a nível de câmara e de ação social, e tu disseste que o gabinete estava pouco dinamizado, eu estou a tentar dinamiza-lo! Eu tenho esse projeto da loja social, com o banco de ajudas técnicas, com a conta solidária, para mim isso é uma vitória ao fim de poucos meses [...]</p> <p>[...] temos responsabilizar as pessoas para isso (valorização do território e do património).</p> <p>[...] teremos de dinamiza-las (associações) de alguma forma, incentiva-las e articular entre as freguesias[...]</p> <p>[...] teremos de alguma forma articular com todas as freguesias para que quando fizerem algumas atividades na área cultural, essencialmente mais a nível cultural, que consigam trabalhar em parceria e que seja benéfico para todo o concelho. O quebrar um pouco o isolamento, mas neste sentido.</p> <p>[...] talvez se fossemos para um gabinete que sensibilizássemos as pessoas e educássemos, não sei se é bem esta palavra, mas sim que educássemos e que elas conseguissem gerir os poucos recursos económicos de uma outra forma. Para mim acho que era muito mais importante, tal como aquele ditado chinês que “não lhe dê a cana mas ensina-o a pescar”, que é extremamente importante.</p> <p>Bem, estamos a pensar na criar a incubadora de empresas, que já se tem falado, e que está agora no início e que irá ao encontro desse gabinete de apoio ao empreendedorismo e de criação da própria empresa. Mas estamos agora no início, só temos algumas ideias [...]</p> <p>O objetivo é de alguma forma estimular as pessoas, mostrar o que é que existe de recursos ao nível da comunidade e sensibilizar as pessoas e incentivar as pessoas a criar o próprio negócio ou então dar-lhes algum acompanhamento.</p>

		<p>[...] vamos supor que de alguma forma uma pessoa quer fazer um projeto, a câmara ajudaria nesse projeto quer nos processos de candidatura, por aí [...]</p> <p>[...] temos também e para o setor educativo, a ideia da criação de uma universidade sénior, em que de alguma forma dinamize as pessoas na área cultural e educativa.</p> <p>[...] definir problemáticas, trabalhar em conjunto e ver qual será a melhor solução e trabalhar em parceria... <u>parceria!</u></p> <p>[...] estou a ter neste momento e a tentar criar uns objetivos com o gabinete de ação social, em parceria com a CERCICOA, para fazermos tipo uma oficina infanto-juvenil ou com outro nome qualquer, e criar um centro de estudos em que nesses centros haveria, e aí conseguiríamos empregar algumas pessoas também, e dar algumas regras aos miúdos e em que haveria atividades como castings e atividades que eles gostassem e que de alguma forma, quando eles chegassem a casa, transmitissem aos pais que eles são também importantes.</p> <p>Com a universidade sénior era dar um pouco de educação às pessoas mas não só isso. É também valorizar e melhorar a autoestima delas, porque as pessoas têm vivências, têm experiências e jeito, como é que hei de dizer, existem pessoas que fazem as rendas, existem pessoas que fazem pinturas, e vamos fazer que, de alguma forma, mostra que essas pessoas têm valor e que deve haver respeito por elas. E essa universidade sénior era mais uma partilha, que além de ter a parte educativa e da formação, exista também uma partilha do saber, do convívio e valorizar as experiências que as pessoas têm ao longo da vida.</p> <p>[...] pedi ao gabinete de desporto para articular porque já tinha falado com eles há algum tempo para dinamizar os ATL`s. Porque é extremamente importante meteres educação física, despertares as crianças para uma caminhada, para atividades ao ar livre e não mete-los dentro de um gabinete a fazer desenhos. Temos que libertar aquelas energias!</p> <p>[...] os miúdos não têm culpa dos pais estarem a trabalhar e terem que estar num espaço X horas por dia.</p>
--	--	---

		[...] tem que haver articulação entre os serviços, mesmo dentro de um espaço, tem de haver articulação para fazermos o melhor pela população.»
Sensibilização ao Projeto	Viabilidade e aplicabilidade	<p>«[...] Eu acho que o principal para estabelecer algumas parcerias e este projeto é: 1º ponto – divulgação. Informar as pessoas do que vamos fazer e sensibilizar a população. E depois é esperar que as pessoas aceitem e que de alguma forma também façam questões e possamos articular.</p> <p>O diagnóstico vai ser feito não é?! Depois vamos então perceber, mas sim eu acho que tem toda a viabilidade.</p> <p>[...] eu acho sinceramente que seria muito útil ao nosso concelho e tudo faremos para o aplicar. Entra nele a universidade sénior, entra a incubadora de empresas, dinamizávamos o gabinete do GADES como falámos [...]</p> <p>O eixo cultural, o económico e o socioeducativo a trabalharem em parceria e de forma articulada é verdadeiramente importante. Desta articulação, há uma parte extremamente importante que é a socioeducativa, mas também temos a económica que com o gabinete de apoio e temos o eixo cultural em que, como há pouco falávamos, as pessoas eram mais participativas e havia uma maior dinamização deste gabinete [...]</p>
	Espaço físico	<p>«[...] O espaço não é o mais importante neste momento, penso eu, desde que o projeto se consiga implementar ao nível da comunidade a questão do espaço muito provavelmente se irá resolver, ir-se-á tentar solucionar de alguma forma[...]</p> <p>O espaço, o espaço vamos pensar nele[...]</p>
	Identificação	«[...] De qualquer das formas acho que é importante perceberes aqui este GADES, porque acho que vai ao encontro ao teu projeto. Porque é um ponto de partida para o que se pretende e para o trabalho em parceria.»
Caraterização socioprofissional do entrevistado	Função	Adjunta da Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente Funções de coordenação da área social (gabinete de ação social) e tudo o que se inscreve nos apoios à população (económicos, educativos, sociais, financeiros, físicos)
	Formação	Licenciatura em Enfermagem

**ANEXO 14 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA E3**

NOME	LOCAL	DATA	HORA	ENTREVISTADOR	DURAÇÃO
Domingos Romba (Presidente União Freguesias Adv. e Graça Padrões)	Gabinete JFA	31-03-2014	15H15	Ricardo da Palma	00:58'50

**TRANSCRIÇÃO**

**RP** – Boa tarde sr. Domingos. Como já tive oportunidade de lhe explicar anteriormente, eu encontro-me a desenvolver um estudo no concelho de Almodôvar, protocolado com a Câmara Municipal, e é subordinado ao tema do Desenvolvimento Local. Agradeço-lhe desde já a disponibilidade para esta entrevista, garantido toda a confidencialidade dos dados, os quais servirão somente para este mesmo estudo, o qual será a minha dissertação/projeto de mestrado. Esta investigação partiu de um objetivo do atual executivo, ainda na fase de campanha eleitoral, que se baseava na criação de um centro de dia ou centro comunitário no concelho. Só que o processo foi evoluindo e hoje a ideia, e em articulação com a câmara, do estudo a que me proponho é sustentada na criação de um projeto de desenvolvimento local e na recolha de dados que permitam perceber se é viável a criação de um polo de desenvolvimento comunitário, ou desenvolvimento local, em Almodôvar. Com isto foram traçadas algumas diretrizes e o objetivo é tentar articular pessoas, associações e entidades e empresas, de forma a promover o crescimento do concelho de Almodôvar.

Este projeto ir-se-á desenvolver por todo o concelho, e não só pela vila, e embarcará as dimensões cultural, económica e socioeducativa, que se pretende que trabalhem de forma articulada e integrada e que permita estruturar algumas estratégias que contribuam para o desenvolvimento de Almodôvar.

**E3** – Muito bem, vamos ver se consigo ajudar.

**RP** – Então vou-lhe colocar a primeira questão, que consiste na demografia do concelho. Ou seja, como é que o sr. Domingos caracteriza demograficamente a população da região e do concelho, nomeadamente se acha que é uma população envelhecida[

**E3** – [aí é logo um dos pontos principais deste desenvolvimento local, é precisamente prestar alguma atenção ao número de idosos que existem no concelho, que cada vez são mais. Há alguma dificuldade (xxxxx) tudo, e tudo o que é ação social tem de passar por aí. Porque cada vez há mais idosos, cada vez há mais pessoas a terem falta de cuidados primários, cuidados de saúde e enfim, uma série de coisas que têm de ser desenvolvidas no concelho atendendo a esse facto das pessoas cada vez mais serem mais idosas e mais dependentes.

**RP** – E isoladas talvez... Existem algum isolamento populacional no concelho?

**E3** – Sim, o isolamento então é um facto que a gente estamos... Ainda na semana passada tivemos uma reunião sobre isso e que se torna imperioso que alguém faça alguma coisa. (Reunimos) inclusive com a GNR, mesmo por causa desse facto, do isolamento dessas pessoas idosas e não terem ninguém que esteja lá ao pé delas.

**RP** – E o sr. Domingos tem alguns dados ou alguma ideia aqui sobre a freguesia de Almodôvar? Agora houve a união de freguesias entre Almodôvar e Graça dos Padrões, mas acha que pode dar uma ideia da freguesia ou tem mesmo uma ideia do concelho em geral, acha[

**E3** – [há uma necessidade grande! Em todas as freguesias, em todo concelho! Quer dizer, há freguesias mais carenciadas nesse aspeto, mas em geral nota-se que em todo o

concelho há uma grande necessidade de ter atenção a esse problema que é o isolamento e a faixa etária das pessoas de idade que cada vez são mais. Os novos têm que ir à vida deles, não conseguem tar aqui no concelho e muitas das vezes deixam os idosos sozinhos. Não é por culpa deles, é por culpa do sistema a nível nacional e têm que ir à procura de uma vida melhor e os idosos, como idosos que são e já não têm aquele poder de deslocação como deve de ser e ficam nos montes...

**RP** – Pois, e a taxa de natalidade cada vez mais baixa... embora haja o incentivo que a câmara dá para ajudar as natalidades[

**E3** – [há um incentivo mas esse incentivo parece que::: não sei, parece que cada vez há menos crianças. Eu penso também é que há o problema dos casais novos, a fixação nestas terras... não vêm grandes futuros, quer dizer, não há industria, não há::: há só a Somincor, e ainda bem que tá cá, senão então é que seria bem pior...

**RP** – Pois a Mina e a câmara serão dos polos que dão mais empregos[

**E3** – [sim sim, são os dois que dão mais empregos.

**RP** – Hum, e acha que no fundo tem havido algum retorno da população? As pessoas saem mas voltam ou não?

**E3** – Isso realmente é um fenómeno que também tá a acontecer em Almodôvar... quer dizer, algumas pessoas estão a voltar mas são aquelas de mais idade também, que voltam já na reforma. E tá a acontecer um fenómeno também em Almodôvar que é, e até muitas pessoas que até tenho aqui na junta, que não são de cá! São de outros ponto do país... ainda há dias teve aqui uma rapariga que tá à rasca, também coitada não tem nada, que vem das Caldas da Rainha. Fixou-se cá, há um ano que tá cá, esteve a trabalhar na câmara aí nos programas ocupacionais e agora não tem nada. Aquilo é de ano a ano e ao fim de um ano tem de passar para outra entidade e então... há uma outra pessoa de perto de Santarém e estão aí mais, vêm de outros pontos do país e fixam-se aqui.

**RP** – Isso é interessante, e sabe qual é o motivo que as leva a vir para cá sr. Domingos?

**E3** – Esta rapariga, falei com ela aqui e então diz que tirou um curso de::: e precisava de um estágio e onde conseguiu o estágio foi aqui em Almodôvar. Veio para a câmara e agora gostava de ficar por cá! As pessoas que vêm para cá gostam de cá ficar... as pessoas são simpáticas, convivem, são acolhedoras e aí tá, gostam e ficam cá só que depois o futuro para elas conseguirem realizar os sonhos delas é complicado. É um dos problemas que tá a acontecer aqui!

**RP** – Ok. E quanto à distribuição de riqueza? Riqueza não num sentido das pessoas serem mais ou menos ricas, mas da forma quem o dinheiro está distribuído, nas condições de vida das pessoas, sendo certo que 500€ na Aldeia-dos-Fernandes têm outro valor do que em Almodôvar... o nível de vida é outro. O sr. Domingos acha que o dinheiro tá mais concentrado na vila ou nas freguesias? É equitativa?

**E3** – Nesse aspeto o concelho de Almodôvar tá, não como nós gostaríamos mas, muito bom em relação a outros concelhos que eu conheço. Aqui no concelho, e isto sei dada a minha vida profissional, a concentração de riqueza é mais na sede do concelho, aqui na vila. Talvez por ser a Mina, a Somincor, que tá em funcionamento e aquela periferia toda, Semblana, Graça, Rosário, A-do-Neves, etc., conseguem tar mais ou menos bem... bem, dentro da normalidade né?!

**RP** – De uma maneira geral não se vive assim tão mal[

**E3** – [pois, e então pois a concentração de riqueza, pois a gente sabe que aqui em Almodôvar (vila) estão aqui mais pessoas e além da Mina há também a câmara e tem muita gente empregada, os bombeiros, enfim tá mais concentrada aqui.

**RP** – Dos dados que tenho recolhido, posso dizer-lhe que a Mina tem cerca de 650 famílias de Almodôvar ligadas a esta empresa. Ou seja[

**E3** – [sim sim, e isso é muito importante na vida das pessoas!

**RP** – Muito bem, e em relação à população sr. Domingos? O que é que acha da população de Almodôvar? Acha que é uma comunidade participativa, solidária...? Sei que tem um movimento associativo forte, mas em termos de participação como é que funciona?

**E3** – Eu ontem tive numa, aliás em duas, tive em duas fases de solidariedade entre as pessoas... foi uma em Sta. Clara com os Escuteiros e foi outra aqui na escola:::::: para ajudar aquela miúda, a Miriam[

**RP** – [as duas ontem?

**E3** – Sim sim. A dos Escuteiros teve ver com aqueles que agora passam a ser Escuteiros, e vê-se que em questões de solidariedade, aqui em Almodôvar vê-se! Eu dou todo o meu valor às pessoas, porque as pessoas participam, contribuem, têm o sentimento de que têm que ajudar e nesse aspeto o concelho de Almodôvar tá muito bom nisso, no aspeto solidário! Eu tive nas duas ontem e ambas tiveram excelente participação... lá em Sta. Clara estava cheio e aqui também e sinto que as pessoas têm prazer em ajudar.

**RP** – Mas essas duas atividades foram organizadas por quem? Por associações próprias ou foi a junta ou foi a câmara?

**E3** – foi um grupo que é o “Almodôvar Solidário” e depois foi a câmara a junta que ajudaram na logística e com alguns subsídios também... porque há uma forma legal para podermos também dar apoio e contribui-se também. Mas achei que as pessoas todas elas contribuíram e aqui eram 3€ à entrada e tava cheio. O valor depois retribui para a causa, a mãe tá a pagar todos os meses três mil e tal euros, isto a mãe da Miriam. É um bocado dispendioso e então ajuda-se assim.

**RP** – Então quer dizer, nem sempre são iniciativas da junta de freguesia? O sr. Domingos acha que a comunidade tem iniciativas[

**E3** – [sim sim! A própria comunidade tem iniciativas destas porque sente que tem que se fazer qualquer coisa. Mesmo com esta crise que vai pelo país e que temos por todo o lado, as pessoas são solidárias...

**RP** – Pois se calhar é nas alturas de crise que as pessoas devem-se unir mais[

**E3** – [exatamente! E dão as mãos por estas causas e há que dar o valor a isso.

**RP** – E acha que a comunidade se identifica com o território, sr. Domingos? Acha que as gentes de Almodôvar gostam de Almodôvar, sentem-se Almodovarenses? Valorizam o território e encaram-no como património?

**E3** – Sim, eu acho que sim. Tanto que muitas delas estão muitos anos fora a fazer lá a vida delas e depois regressam novamente porque sentem saudades da terra delas.

**RP** – E as que cá estão?

**E3** – hhhh que cá estão::::: acho que também. Na minha maneira de ver e de falar com as pessoas, muitas das vezes, com raras exceções e clara que não há regra sem exceção, às vezes pode haver alguém que não, mas de uma maneira GERAL as pessoas gostam da terra em que vivem! Eu acho o povo de Almodôvar muito paternalista, gosta muito daquilo que tem e do que é seu. -- E mesmo quem vem de fora, nós gostamos muito de receber! O povo de Almodôvar gosta de receber bem! Às vezes até há conversas do género “olham mais para os de fora do que os de cá” (risos) --.

**RP** – Mesmo em questões culturais as pessoas identificam-se? As tradições, as raízes[

**E3** – [identificam-se! Por exemplo o cante alentejano, a junta até tem um grupo feminino, havia outro que era as vozes de Almodôvar que passaram a ser associação e que não sei se tá a funcionar, que era um grupo masculino que já pertenceu à junta mas agora pertence a uma associação, fizeram-se associação. Temos também um grupo na Semblana, um grupo feminino... e há outros, Sta. Cruz, Rosário e ainda há pouco tempo

um rapaz da Aldeia-dos-Fernandes também pediu qual era a maneira de porem lá um grupo, o que é que era preciso...

**RP** – E isso atualmente talvez sejam considerados fatores de atração cultural, quer seja aqui da freguesia quer[

**E3** – [sim, claro. Temos também o cantar em alentejano mas em musical que é da câmara, os grupos Beira-Serra, os Malteses, há aqui três ou quatro grupos[

**RP** – [tudo de músicas tradicionais. E depois também tem os monumentos, museus...

**E3** – Sim, vamos lá a ver... a::::: Almodôvar, e ainda ontem falamos nisso também, tem muito património histórico e tem muitas paisagens aí na serra que qualquer pessoa que não conheça... por exemplo, nós agora tivemos um evento ali na igreja, no sábado à noite, teve aí o coro do teatro nacional D. Carlos, um coro que veio aí cantar à igreja, e as pessoas ficaram cá e no dia seguinte foram dar um passeio, correram aí a serra e gostaram muito...

**RP** – Ficam maravilhados com a paisagem. Pois é um dos pontos atrativos aqui da zona é sem dúvida também a paisagem[

**E3** – [é também a desenvolver! E também pode ser um polo de desenvolvimento local: o turismo em Almodôvar! Porque aqui, temos aqui tanta coisa: queijo, mel, o medronho, a cortiça, sei lá, tudo isso tem que ser, tem de passar por aí para desenvolver isto! Desenvolver o conhecimento, dar a conhecer a outras pessoas, outras terras o que cá temos, que muitas das vezes tá esquecido!

**RP** – Pois claro, não é só pegar nas empresas, ou na parte do trabalho, na empregabilidade, até porque há outras formas de desenvolver[

**E3** – [e este é um deles, há que desenvolver também! No aspeto social, Almodôvar tem uma certa carência no que toca à saúde e a cuidados paliativos para os idosos, talvez faça muita falta também. Coitados dos idosos que já estão naquela fase do fim da vida e tão ali e não sabem ((como morrer)). ((O lar)) não tem ninguém, não pode pôr ninguém porque não tem internamentos e numa fase destas era ouro sobre azul pôr aqui um coisa dessas. A gente tá pensando é pôr além no hospital velho, aquele edifício que tá além, aquilo tá em tribunal, tá-se só à espera que entreguem aquilo à Santa Casa mas não sei do que tão à espera.

**RP** – Mas a ideia sr. Domingos é pôr além os velhotes[

**E3** – [é do género como há em Ferreira do Alentejo, é pôr lá os velhotes aqueles mais acamados, que no Hospital de Beja não podem ficar, em Castro Verde também não, e aqui no Centro de Saúde também não, e o que lhes acontece quando vêm do médico? Olhe vão para o lar, que não consegue dar resposta a tudo, ou vão para casa e ali tão... penando, à espera que alguém chegue e muitas das vezes sozinhos. E isto é outro problema que nós temos no aspeto social, que é os velhotes quando chegam ao fim de vida, podem tar nessa fase uns seis meses ou um ano, não se sabe o tempo de vida deles, e não há ninguém, não há cá uma instituição (que já vai havendo em vários lados) que vá dando algum cuidado a essas pessoas, pelo menos para que tenham um fim de vida com dignidade!

**RP** – E a junta de freguesia é umas das entidades que nesse sentido tenta reunir alguns esforços, tenta articular algumas instituições[

**E3** – [sim, mas não é fácil. Às vezes em conversa, e a gente ouve muita queixas, as pessoas precisam de tanta coisa, e nós à vezes sentimo-nos impotentes para resolver o problema. É muita coisa e mesmo o próprio sistema não deixa... Não é fácil. Às vezes queremos fazer qualquer coisa e vem logo alguém dizer “pshit, isso não se pode fazer, não é legal” e às vezes até sabemos que podia-se resolver o problema, mas é assim...

**RP** – Mas acha que há um trabalho em rede aqui entre as instituições do concelho?

**E3** – Isso é outro problema que deve-se ter em atenção! No aspeto social, ou em qualquer outro, devia toda a gente dar as mãos! Se nós podermos partilhar todos do mesmo caminho e da mesma intenção de fazer as coisas isto andava melhor... agora muitas das vezes, e não sei porquê, talvez não seja por mal, não se vê. Devia de haver mais união neste aspeto.

**RP** – Mas acha que cada instituição trabalha por si? É um pouco assim?

**E3** – É um bocado isso! Há essa tendência e eu acho que todas as instituições que estão ligadas ao aspeto social deviam de se unir todas e trabalhar em conjunto, porque a união faz a força.

**RP** – De qualquer das formas em Almodôvar existe o CLAS (centro local de ação social)[

**E3** – [sim, eu amanhã até tenho uma reunião, só para falar de saúde e é nestas reuniões que debatemos os assuntos. Tamos a tentar agora a ver se se consegue ativar mais a partilha entre as entidades envolvidas.

**RP** – E as associações locais, quando falo em associações sejam elas culturais, desportivas, etc., elas costumam participar nessas ações?

**E3** – Conforme os temas. Amanhã é saúde, acho que deve ir alguém dessa área. Há duas semanas foi da ação social e pronto... depois convidam-se as pessoas, o conselho executivo do qual aqui a junta faz parte, e há a câmara, o centro de emprego de Ourique, as escolas, o hospital, enfim uma série de entidades que se reúnem para se arranjar uma forma de se dizer: “vamos prá frente com isto”. Há as associações que também, há uma de S. Barnabé, há outra de Gomes Aires, que também tão ligadas.

**RP** – E quando identificam o problema tentam entre todos arranjar uma maneira de minimizá-lo, porque solucioná-lo é difícil[

**E3** – [sim, minimizá-lo. Através da câmara e das juntas a ver se se consegue minimizar, que é o caso do isolamento do idosos, que fala-se muito, que é o caso também das pessoas que estão isoladas nos montes e mesmo aqui em Almodôvar e que têm, por exemplo, uma consulta marcada e não têm transporte e muitas das vezes por não terem transporte não vão. É que perde a consulta e este é outro problema. Ainda foi a semana passada ou há duas semanas que eu tinha uma pessoa na Caiada que tinha que vir a uma consulta aqui a Almodôvar e não tinha como vir e então foi a junta que mandou lá um carro e a pessoa veio e foi para casa e pronto, ficou resolvido. Mas isto é um problema que requer um regulamento para estas coisas, a gente não pode tar ((a suportar)) as coisas sem saber se estão legais e como deve ser. Sabe que as coisas, é como eu tava dizendo à bocado, às vezes a gente sente-se impotentes por causa do sistema, queremos ajudar mas não temos forma legal de ajudar.

**RP** – Estas reuniões do CLAS acabam por ser importantes?!

**E3** – São importantes porque metemos os problemas em cima da mesa.

**RP** – E em relação às problemáticas identificadas, quais são as causas e as consequências? Por exemplo, acha que o desemprego é uma das causas ou mesmo consequência do êxodo, isto é, acha que o desemprego é o fator que mais leva os jovens a abandonarem o concelho?

**E3** – Esse é um dos principais fatores né?!, o desemprego. As pessoas começam a pensar que o futuro talvez não seja aqui, alguns tiram cursos, muitos jovens tiram cursos e depois vêm-se obrigados a ir embora porque não tem cá mercado e têm que ir para outro lado e aqueles empregos assim mais fáceis também há pouca oferta.

**RP** – E acha que a formação está adequada sr. Domingos? Por exemplo, o centro de emprego até trabalha com a escola, nos curso de ensino profissionalizante, mas acha que as entidades estão articuladas de forma a que sejam formadas pessoas para determinadas

áreas? Por exemplo pedreiros ou carpinteiros? E a junta tinha capacidade de resposta para isso, para empregar essas pessoas?

**E3** – Não não. Esses cursos que está a falar, o que acontece é que as pessoas muitas das vezes andam nos cursos, tiram os cursos, nove meses ou um ano, e depois acabam o curso e vão para onde? Não vão para lado nenhum! Não há resposta adequada. Andam aquele tempo nos cursos e que sempre ganham alguma coisa mas acabam os cursos e pronto, ficam parados à mesma. Não tem saída para emprego. Eu acho que é um problema também grave, esse dos cursos, porque as pessoas estão os nove meses ou um ano mas depois param. Não há desenvolvimento para aquilo que eles tiraram.

**RP** – Mas acha que são as formações que não estão adequadas às necessidades? Por exemplo, se se precisas de carpinteiros ou pedreiros não se pode estar a formar jardineiros não é assim? Parte por aí, fazer formações específicas para as lacunas que existem ou[

**E3** – [Exatamente! Mas o problema que eu ponho é outro ainda que também é grave. É a pessoa sai do curso e mesmo que haja oferta para essa pessoa trabalhar para a junta ou para a câmara não pode ir! Porque nem a junta nem a câmara podem empregar. Como o sistema tá em crise, o estado não deixa e nem nos autoriza fazer concursos públicos. A não ser, e a única forma de ter alguém a trabalhar durante um ano, é através do centro de emprego, mas isso também não é futuro para a pessoa. Quer dizer, tá a trabalhar um ano e depois tem de sair? Isso também não resolve o problema! O futuro das pessoas não é num ano de trabalho, é em vários para poderem orientar a vida deles. Como o sistema está montado, e eu acho que é grave, é as pessoas atualmente terem futuro por um ano! Tá aquele ano depois fica desarmado. O que é que acontece, tá por a junta de freguesia de Almodôvar um ano, e isto é tipo uma bola de neve, e depois ou vai para o desemprego ou mete-se noutra entidade, outra junta, ou para a câmara, porque ao fim daquele ano não pode ficar na mesma entidade, tem de sair.

**RP** – Mas acha que as pessoas têm alguma quota-parte de culpa nisso? Acha que são pouco empreendedoras, são pouco criativas? Acha que as pessoas poderiam ter um estímulo próprio diferente, terem mais dinamismo?

**E3** – Sim, talvez. Mais dinâmicas, mas talvez também sejam assim porque a oferta também não é muita. Meter empreendedorismo em quê? Talvez em montarem um negócio qualquer, uma loja ou assim? Mas depois não desenvolvem porque o meio é pequeno e são obrigadas a fechar. Não há sustentabilidade! Vamos lá a ver, eu acho que as coisas só desenvolvem, e como isto tá não, se as pessoas tiverem o seu próprio rendimento. Quem é que vai gastar 60€ sem ter para gastar? E sem se gastar não se desenvolve.

**RP** – Mas as políticas ou as orientações que a junta de freguesia recebe ou mesmo aquelas de sua autoria e que põe em prática são as suficientes para estimular o desenvolvimento?

**E3** – Isso é outro problema. A::::: eu por exemplo tenho aqui 80 pessoas inscritas a pedir trabalho, a câmara tem lá 200, e a junta não tem meios, não tem verbas para pôr essa gente toda a trabalhar! E isto só através do centro de emprego, ou através do RSI, caso contrário nem podem entrar. Segundo a portaria, só podem entrar pessoas ou que estejam desempregadas há mais de um ano ou que recebam o RSI. E a junta, no máximo, e tenho que tar a fazer contas todo o tempo, não pode meter mais que 40 a 50 pessoas a trabalhar neste sistema. Também não é futuro e só podem tar aqui um ano, depois têm de ir embora. (0.2) E isto é contratos, efetivos não se pode, é proibido. Até a câmara já foi informada de que tem 3 ou 4 funcionários a mais, não os pode mandar embora mas à medida que forem saindo não pode entrar mais ninguém.

**RP** – Pois isso assim é muito limitado.

**E3** – E então, a junta todos os meses tem quase vinte mil Euros de verbas só para essas pessoas.

**RP** – Então e que programas é que a junta tem sido desenvolvidos ou que pensa desenvolver aqui na vila e na freguesia?

**E3** – A gente vamos (0.2), tamos em conversações e vaa prá frente o grande prémio, e isto a ver se os jovens também começam... o grande prémio (houve em tempos e depois acabou) de atletismo, que vai ser no dia 1 de junho que é o dia mundial da criança e vamos ter desde os mais pequeninos até aos maiores, vamos pôr essa gente toda a correr. Já tá tudo orientado com a Federação de Atletismo de Beja e com a GNR. E tamos também a apurar na freguesia, um apanhado daquelas pessoas com mais dificuldades[

**RP** – [fazer um apanhado da freguesia de Almodôvar e graça de padrões é isso?

**E3** – sim sim, aquelas pessoas que têm mais dificuldades ou de transporte, de saúde, médica, financeiras, enfim, de coisas assim. A GNR também está realizar alguns inquéritos também, a ver se a gente consegue detetar onde é que é realmente o maior problema das pessoas. Se é isolamento, se é outro problema qualquer, de forma a que a gente perceba onde é que se poderá intervir e como é que se poderá intervir num problema desses. A ideia que eu até queria pôr em prática e com aquelas pessoas que estão sozinhas em casa e por vezes precisam de uma ajuda em casa, para arranjar qualquer coisa em casa que elas não podem, e arranjar aqui uma equipa de dois homens, uma carrinha ((outras coisas)) e ir lá a casa e ajudar essas pessoas. Tentar arranjar um transporte solidário para essas pessoas, para pessoas que não têm transporte para vir ao médico por exemplo, tudo isso a gente tá a tentar desenvolver e vamos tentar daqui prá frente tentar pôr isso em prática[

**RP** – [tá a ser uma iniciativa da junta de freguesia então... e quanto aos jovens? Existem algumas iniciativas para fixar jovens cá em Almodôvar?

**E3** – Isso é muito difícil. Isso tem de ser em conjunto com a câmara. Tem de arranjar forma de articular com a câmara a criar algumas coisas para fixar os jovens cá, isso era muito importante, eles ficarem cá... tamos a deixar ir essa massa jovem embora e fazem cá muita falta. Além do problema do concelho ficar muito envelhecido depois também há carência de pessoas válidas para desenvolver o concelho. Mas eles são obrigados e irem-se embora e se não houver algumas iniciativas de desenvolvimento local não sei... o que é que há aqui?!

**RP** – Pois... E como vê a relação dos fatores socioeducativos, culturais e de empreendedorismo com as associações, com entidades, com empresas, com todos os segmentos populacionais?

**E3** – Bom, aquilo que cabe à junta é:::;, bem a junta tá de portas abertas para tudo isso. Quem quiser promover reuniões ou o que quiserem e que esteja dentro das possibilidades da junta tá de portas abertas para o que for...

**RP** – E a junta trabalha com algumas entidades, empresas e associações culturais, desportivas etc., de forma articulada?

**E3** – Quer dizer, empresas aqui também não há muitas, mas em relação às associações a junta tá sempre ao dispor pra colaborar com o que for preciso e para o desenvolvimento da cultura ou do desenvolvimento social... tamos de braços abertos para isso.

**RP** – Hum, ok sr. Domingos. Então agora, falando um pouco deste projeto e como o sr. Domingos percebeu, a ideia não será só abranger a parte cultural, ou a parte económica, ou a parte socioeducativa, a ideia é trabalhar como um todo e de forma a poder articular todas as entidades aqui faladas... entidades, associações e pessoas, principalmente que as pessoas se envolvam um pouco mais nos problemas que a própria comunidade

identifica e que os tentem resolver. Então como é que o sr. Domingos vê em termos de aplicabilidade e utilidade de um projeto desta natureza e dimensões?

**E3** – Vejo que isso é importantíssimo para este meio! Agora só será efetivamente importante se todas as entidades envolvidas neste projeto partilharem da mesma ideia que é não só desenvolver localmente e só a sede que é Almodôvar mas sim todo o concelho[

**RP** – [mas acha que terá de haver uma maior sensibilização por parte de algumas entidades?

**E3** – exato! Aquelas entidades que há em S. Barnabé, que há em Gomes Aires, que há aí por todo o lado, a câmara, as 6 juntas de freguesia, todas elas em conjunto é que têm de envolver nisto. Se não for assim não vamos a lado nenhum! Todos têm de trabalhar em conjunto sem olhar a A, a B ou a C, ou é desta cor ou daquela cor e votou neste ou naquele, é dar em todos as mãos e só assim é que se consegue ir pra frente com uma coisa destas.

**RP** – Mas acha que seria viável sr. Domingos?

**E3** – Sim, eu acho que sim! É viável desde que as pessoas queiram! Desde que os homens e as mulheres queiram. O problema, e ainda no outro dia disse isto, é que nós quando fazemos as reuniões e falamos de tudo, tudo é falado, tudo é dito, e depois vai-se para o terreno e nada... na prática nada. Nas reuniões é só problemas atrás de problemas, problemas para aqui problemas para ali, pra trás prá frente... não se pode também fazer só caso dos problemas, os problemas temos que tentar resolve-los mas temos de seguir em frente! Não é fácil, nós até temos as ideias para os problemas mas depois quando é para pôr em prática há qualquer coisa que morre ali... fala-se me tudo e depois quando vamos prá prática olhe...

**RP** – Pois é sr. Domingos. Olhe vou “puxar a brasa à minha sardinha” e tomar a ousadia de lhe dizer que um dos eixos do projeto, o socioeducativo, é muito importante naquilo que estamos aqui a falar. Porque nós só mostrando às pessoas que as coisas podem funcionar, se as educarmos acima de tudo para novas ações e que esta forma articulada serve para estimular quer a economia, quer a fixação de jovens, quer a valorização do território[

**E3** – [exatamente! É isso mesmo umas coisas levam a outras e tá tudo interligado. A educação é muito importante!

**RP** – E que apoios acha que seriam possíveis por parte da junta a este projeto e em parceria com outras entidades ou associações?

**E3** – Depende... em termos financeiros é sempre o mesmo problema! E termos de instalações ou equipamentos, ou outros apoios, sei lá, a gente poderá sempre dar sem serem financeiros...

**RP** – Promover algumas ações de sensibilização talvez[

**E3** – [sim sim, sensibilizar as pessoas é muito importante. Fazer uma conferência, um colóquio, uma coisa assim... trazer cá alguém para falar aos jovens, aos jovens e aos adultos, para participarem mais na vida da vila e do concelho e mentalizá-los para aquilo que se quer e que se pretende que é o bem estar das pessoas.

**RP** – Pronto sr. Domingos, acho que por agora já contribuiu para uns dados importantes, como sabe ainda estou na fase de diagnóstico e ainda tenho muito trabalho pela frente. Ia-lhe pedir, e da mesma forma que fiz com o Gaiolas e com a Lucinda, é que se de alguma forma reunir aqui com algumas das associações peço-lhe que me diga qualquer coisa para eu poder assistir... é que com as associações tá a ser difícil reunir com elas todas para recolher dados e então se por acaso agendar algumas reuniões com elas diga-me que eu apareço. Pelo menos para falar com eles e tentar perceber qual é a aceitação deles ao projeto, se querem participar, se acham útil, porque neste projeto é

muito importante que a comunidade e principalmente o movimento associativo entenda o que se pretende, participe e colabore e que o fim é o desenvolvimento da comunidade.

**E3** – Sim sim. Olhe a ESDIME também tava para aí a fazer um trabalho com as associações mas não sei bem[

**RP** – [a ESDIME? mas eles estão a ter alguma intervenção aqui em Almodôvar?

**E3** – Eles agora andam aí pelas freguesias... ainda há uns dias a Dra. Ana Pimentel pediu-me uma carrinha para levar uns alunos a umas conferências a Aljustrel.

**RP** – Mas andam nas freguesias a fazer alguma recolha de dados para eles ou para a câmara?

**E3** – olhe não sei mas se quiser um dia ligue para a ESDIME ali para Castro Verde e pede para falar com a Dra. Ana Pimentel e diga que falou comigo que ela explica-lhe melhor...

**RP** – Ok ok. Eu depois logo tento falar com ela. É que lá mais prá frente vou tentar dinamizar aqui uma conferência ou um colóquio, qualquer coisa deste género, sobre o desenvolvimento local e estas entidades são importantes para estarem presentes, participarem e partilharem algumas ideias. São estas entidades enquanto atores sociais locais que mais promovem ou devem promover os territórios[

**E3** – [sim, mas você sabe que o papel da ESDIME é esse, o desenvolvimento local[

**RP** – [sim sim, e Almodôvar além da ESDIME tem a APDM também que tem muita atividade aqui. Até tem algumas instituições com atividade aqui em Almodôvar e que promovem o desenvolvimento local.

**E3** – Pois... de serviço social é que só aquela associação de S. Barnabé e a de Gomes Aires[

**RP** – [a de S. Barnabé que é a Fundação S. Barnabé não é? Ou há outra? É a que é o Valdemar o diretor não é?

**E3** – Olhe parece-me que sim, acho que sim... e é a de Gomes Aires que agora não me lembra, que eles querem fazer lá (em Gomes Aires) um centro de dia. Os velhotes tão lá durante o dia e à noite vão prá casa deles.

**RP** – Pois a ideia inicial deste projeto partiu da criação de um centro de dia aqui em Almodôvar, mas entretanto o estudo foi evoluindo e um centro de dia, bem um centro de dia aqui em Almodôvar, as pessoas já o têm e ao ar livre que é na praça da República e realmente as pessoas mais idosas ocupam muito este espaço. Agora tirar as pessoas da praça e coloca-las num sítio fechado não sei se seria o mais indicado. Além disso, das conversas mantidas com a câmara chegamos a esta conclusão, que era melhor não[

**E3** – [sim realmente não era muito fácil.

**RP** – E além disso este projeto tem outra dimensão... como já foi falado, o eixo socioeducativo abarca dois vetores que é educação de adultos e a universidade da 3ª idade ou universidade sénior, já identificada nas entrevistas do Gaiolas e da Lucinda, que se tornam mais úteis porque engloba uma série de atividades rompe com o conceito de “enfiar” as pessoas numa casa, fechada[

**E3** – [sim sim, isto é muito diferente, muito melhor. Há uma coisa que eu também tenho falado e a enfermeira Lucinda também, que é essas pessoas que estão aí pelos montes pô-las a fazer qualquer coisa para que elas se sintam úteis à sociedade. Muitas das vezes essas pessoas estão fechadas em casa e andam só por ali e muitas delas fazem meias, fazem coisas assim e então é pô-las a fazer essas coisas, fazer uma espécie de oficinas, e depois fazer-se uma exposição daquilo que elas fazem... é uma das coisas que acho que também era bom que pensassem nisso.

**RP** – Claro claro, essa é uma das atividades que deve ser integrada no projeto e que além de ser recuperar algumas tradições, promove o convívio e faz com os idosos se sintam mais valorizados... Aliás, este projeto tem mais potencialidades que

fragilidades, temos é que estimular e animar mais um pouco as pessoas. Isto do desenvolvimento local não é só o fator económico... Temos uma cultura riquíssima, temos os cantares, temos a gastronomia, temos a cortiça, o mel, o pão, enfim uma panóplia de recursos naturais, que podem ser trabalhados de uma forma diferente e as pessoas devem identificar isso como património e inserirem-se nos projetos. E isso é desenvolvimento local, é o envolvimento da sociedade nas atividades do seu território, sem que estejam sempre a espera das entidades[

**E3** – [pois têm que se envolver mais. Só que às vezes a informação também não lhes chega lá quase nada e assim não se envolvem muito, que é o que acontece aí nesse montes mais isolados. A não ser o presidente de junta que vai lá às vezes ver como é que as pessoas estão e aí trocam algumas palavras, eles não sabem de nada... a::::: tudo isto que a gente tem falado aqui tem que ir para o terreno, prá prática! Ver o que é que as pessoas sabem fazer e aplicar.

**RP** – Mas como é que acha que isso se aplicava sr. Domingos? Era ir aos montes e informar as pessoas e tentar trazê-las para um sítio que estivessem a fazer essas meias, essas coisas, ou faziam-nas lá?

**E3** – Trazer ou faziam lá nos montes, dar-lhes meios para que fizessem lá, ou centralizá-las num monte assim maior ou numa sala em que elas estejam envolvidas naquilo que estão fazendo, partilhem experiências de vida e habilidades práticas e assim têm uma vida mais ativa e dar-lhes alguma atividade para que se sintam úteis.

**RP** – É isso mesmo que o projeto também se propõe sr. Domingos... promover a interação entre as pessoas e que de alguma forma contribua para o bem estar da comunidade do concelho de Almodôvar. Pronto sr. Domingos, obrigado pela disponibilidade e até uma próxima. Caso necessite de mim para alguma coisa disponha.

**E3** – Ora essa, e você também. Tem o meu número é só telefonar. Bom trabalho.

### ANÁLISE DE CONTEÚDO CATEGORIAL – ENTREVISTA E3

Categoria	Sub-categorias	Excertos da entrevista
Dinâmicas populacionais e demográficas	Participação comunitária	«[...] em questões de solidariedade, aqui em Almodôvar vê-se! Eu dou todo o meu valor às pessoas, porque as pessoas participam, contribuem, têm o sentimento de que têm que ajudar e nesse aspeto o concelho de Almodôvar tá muito bom nisso, no aspeto solidário!  [...] A própria comunidade tem iniciativas (...) porque sente que tem que se fazer qualquer coisa. Mesmo com esta crise que vai pelo país e que temos por todo o lado, as pessoas são solidárias...[...]
	Mobilidade e fluxos migratórios	«[...] algumas pessoas estão a voltar mas são aquelas de mais idade [...], que voltam já na reforma.  E tá a acontecer um fenómeno também em Almodôvar que é, e até muitas pessoas que até tenho aqui na junta, que não são de cá! São de outros ponto do país [...]
	Recursos (naturais, sociais, culturais, equipamentos, serviços,	«[...]Almodôvar (...) tem muito património histórico e tem muitas paisagens [...]

	etc.)	«[...] Porque aqui, temos aqui tanta coisa: queijo, mel, o medronho, a cortiça, sei lá [...]»
	Mercado de trabalho	«[...] há só a Somincor, e ainda bem que tá cá, senão então é que seria bem pior... [...]»  [...] além da Mina há também a câmara e tem muita gente empregada, os bombeiros [...]»  [...] só podem entrar pessoas ou que estejam desempregadas há mais de um ano ou que recebam o RSI. E a junta, no máximo, e tenho que tar a fazer contas todo o tempo, não pode meter mais que 40 a 50 pessoas a trabalhar neste sistema.»
Problemáticas	Articulação populacional e institucional	«[...] eu acho que todas as instituições que estão ligadas ao aspeto social deviam de se unir todas e trabalhar em conjunto, porque a união faz a força.»  [...] pois têm que se envolver mais (as pessoas).  [...] Agora só será efetivamente importante se todas as entidades envolvidas neste projeto partilharem da mesma ideia que é não só desenvolver localmente e só a sede que é Almodôvar mas sim todo o concelho [...]»  [...] Aquelas entidades que há em S. Barnabé, que há em Gomes Aires, que há aí por todo o lado, a câmara, as 6 juntas de freguesia, todas elas em conjunto é que têm de envolver nisto. Se não for assim não vamos a lado nenhum!»
	Demografia	«[...] número de idosos que existem no concelho, que cada vez são mais [...]»  «[...] Os novos têm que ir à vida deles [...]» Não é por culpa deles, é por culpa do sistema a nível nacional e têm que ir à procura de uma vida melhor [...]»  [...] cada vez há mais idosos, cada vez há mais pessoas a terem falta de cuidados primários, cuidados de saúde e enfim, uma série de coisas que têm de ser desenvolvidas no concelho atendendo a esse facto das pessoas cada vez mais serem mais idosas e mais dependentes  [...] o isolamento então é um facto [...]»  [...] há uma grande necessidade de ter atenção a esse problema que é o isolamento e a faixa etária das pessoas de idade que cada vez são mais.

		<p>[...] o caso também das pessoas que estão isoladas nos montes e mesmo aqui em Almodôvar e que têm, por exemplo, uma consulta marcada e não têm transporte e muitas das vezes por não terem transporte não vão.</p> <p>[...] há o problema dos casais novos, a fixação nestas terras... não vêm grandes futuros, quer dizer, não há industria, não há..... [...]</p> <p>[...]tamos a deixar ir essa massa jovem embora e fazem cá muita falta. Além do problema do concelho ficar muito envelhecido depois também há carência de pessoas válidas para desenvolver o concelho. Mas eles são obrigados e irem-se embora e se não houver algumas iniciativas de desenvolvimento local não sei... o que é que há aqui?!»</p>
	<p>Dinamismo e empreededorismo</p>	<p>«[...] (as pessoas deviam de ser) Mais dinâmicas, mas talvez também sejam assim porque a oferta também não é muita. Meter empreendedorismo em quê? Talvez em montarem um negócio qualquer, uma loja ou assim? Mas depois não desenvolvem porque o meio é pequeno e são obrigadas a fechar. Não há sustentabilidade! [...]</p> <p>[...] O problema, e ainda no outro dia disse isto, é que nós quando fazemos as reuniões e falamos de tudo, tudo é falado, tudo é dito, e depois vai-se para o terreno e nada... na prática nada.»</p>
	<p>Participação, rede e parcerias</p>	<p>[...]Se nós podermos partilhar todos do mesmo caminho e da mesma intenção de fazer as coisas isto andava melhor [...]</p> <p>«[...] agora muitas das vezes, e não sei porquê, talvez não seja por mal, não se vê. Devia de haver mais união neste aspeto.</p> <p>[...] Só que às vezes a informação também não lhes chega lá quase nada e assim não se envolvem muito, que é o que acontece aí nesse montes mais isolados.</p>

	(Des)Emprego	<p>«[...] há só a Somincor, e ainda bem que tá cá, senão então é que seria bem pior...[...] [...] o desemprego. As pessoas começam a pensar que o futuro talvez não seja aqui, alguns tiram cursos, muitos jovens tiram cursos e depois vêem-se obrigados a ir embora porque não tem cá mercado e têm que ir para outro lado e aqueles empregos assim mais fáceis também há pouca oferta. [...] nem a junta nem a câmara podem empregar. Como o sistema tá em crise, o estado não deixa e nem nos autoriza fazer concursos públicos.</p> <p>[...] a única forma de ter alguém a trabalhar durante um ano, é através do centro de emprego, mas isso também não é futuro para a pessoa. Quer dizer, tá a trabalhar um ano e depois tem de sair? Isso também não resolve o problema! O futuro das pessoas não é num ano de trabalho, é em vários para poderem orientar a vida deles. Como o sistema está montado, e eu acho que é grave, é as pessoas atualmente terem futuro por um ano!</p> <p>[...]eu por exemplo tenho aqui 80 pessoas inscritas a pedir trabalho, a câmara tem lá 200, e a junta não tem meios, não tem verbas para pôr essa gente toda a trabalhar!»</p>
	Dimensão cultural	<p>«[...] o que cá temos, (...) muitas das vezes tá esquecido! [...]»</p>
	Dimensão educativa	<p>[...] Não há resposta adequada. Andam aquele tempo nos cursos e que sempre ganham alguma coisa mas acabam os cursos e pronto, ficam parados à mesma. Não tem saída para emprego. Eu acho que é um problema também grave, esse dos cursos, porque as pessoas estão os nove meses ou um ano mas depois param. Não há desenvolvimento para aquilo que eles tiraram.</p> <p>[...] o problema que eu ponho é outro ainda que também é grave. É a pessoa sai do curso e mesmo que haja oferta para essa pessoa trabalhar para a junta ou para a câmara não pode ir!</p> <p>[...] A educação é muito importante!»</p>

	Dimensão social	<p>[...] No aspeto social, Almodôvar tem uma certa carência no que toca à saúde e a cuidados paliativos para os idosos, talvez faça muita falta também. Coitados dos idosos que já estão naquela fase do fim da vida e tão ali e não sabem ((como morrer)) [...]</p> <p>[...] outro problema que nós temos no aspeto social, que é os velhotes quando chegam ao fim de vida, podem tar nessa fase uns seis meses ou um ano, não se sabe o tempo de vida deles, e não há ninguém, não há cá uma instituição (que já vai havendo em vários lados) que vá dando algum cuidado a essas pessoas, pelo menos para que tenham um fim de vida com <u>dignidade!</u></p> <p>[...] a gente ouve muita queixas, as pessoas precisam de tanta coisa, e nós à vezes sentimo-nos impotentes para resolver o problema. É muita coisa e mesmo o próprio sistema não deixa... Não é fácil.</p> <p>[...] Sabe que as coisas, é como eu tava dizendo à bocado, às vezes a gente sente-se impotentes por causa do sistema, queremos ajudar mas não temos forma legal de ajudar.»</p>
	Dimensão política	<p>« Todos têm de trabalhar em conjunto sem olhar a A, a B ou a C, ou é desta cor ou daquela cor e votou neste ou naquele, é dar em todos as mãos e só assim é que se consegue ir pra frente... [...]»</p>
Valorização territorial e patrominial	Reconhecimento e identificação	<p>« Sim, eu acho que sim. Tanto que muitas delas estão muitos anos fora a fazer lá a vida delas e depois regressam novamente porque sentem saudades da terra delas.</p> <p>[...] As pessoas que vêm para cá gostam de cá ficar... as pessoas são simpáticas, convivem, são acolhedoras e aí tá, gostam e ficam cá[...]</p> <p>[...] de uma maneira GERAL as pessoas gostam da terra em que vivem! Eu acho o povo de Almodôvar muito paternalista, gosta muito daquilo que tem e do que é seu. -- E mesmo quem vem de fora, nós gostamos muito de receber! O povo de Almodôvar gosta de receber bem! Às vezes até há conversas do género “olham mais para os de fora do que os de cá”.</p> <p>[...]o cante alentejano»</p>
	Atividades socioculturais, educativas e económicas dinamizadas (apoios social, educativo, cultural, patrimonial,	<p>[...]também pode ser um polo de desenvolvimento local: o turismo em Almodôvar!</p>

Plano de Ação JFA	económico, etc.)	<p>«[...] tem de passar por aí para desenvolver isto! Desenvolver o conhecimento, dar a conhecer a outras pessoas, outras terras [...]</p> <p>[...] empresas aqui também não há muitas, mas em relação às associações a junta tá sempre ao dispor pra colaborar com o que for preciso e para o desenvolvimento da cultura ou do desenvolvimento social... tamos de braços abertos para isso.»</p>
	Organização comunitária	«[...] Tamos a tentar agora a ver se se consegue ativar mais a partilha entre as entidades envolvidas (no CLAS)[...]»
	Estímulos à fixação de jovens; implementação de empresas; quebrar o isolamento; etc	<p>Isso é muito difícil. Isso tem de ser em conjunto com a câmara. Tem de arranjar forma de articular com a câmara a criar algumas coisas para fixar os jovens cá, isso era muito importante, eles ficarem cá... [...]</p> <p>[...] essas pessoas que estão aí pelos montes pô-las a fazer qualquer coisa para que elas se sintam úteis à sociedade. Muitas das vezes essas pessoas estão fechadas em casa e andam só por ali e muitas delas fazem meias, fazem coisas assim e então é pô-las a fazer essas coisas, fazer uma espécie de oficinas, e depois fazer-se uma exposição daquilo que elas fazem...»</p>
	Ações e projetos futuros	<p>«[...] A gente tá pensando em pôr (os cuidados paliativos para os idosos) além no hospital velho, aquele edifício que tá além, aquilo tá em tribunal, tá-se só à espera que entreguem aquilo à Santa Casa mas não sei do que tão à espera.</p> <p>[...] é do género como há em Ferreira do Alentejo, é pôr lá os velhotes, aqueles mais acamados, que no Hospital de Beja não podem ficar, em Castro Verde também não, e aqui no Centro de Saúde também não [...]</p> <p>[...] tamos também a apurar na freguesia, um apanhado daquelas pessoas com mais dificuldades [...]</p> <p>[...] aquelas pessoas que têm mais dificuldades ou de transporte, de saúde, médica, financeiras, enfim, de coisas assim. A GNR também está a realizar alguns inquéritos também, a ver se a gente consegue detetar onde é que é realmente o maior problema das pessoas.</p> <p>[...] A ideia que eu até queria pôr em prática e com aquelas pessoas que estão sozinhas em casa e por vezes precisam de uma ajuda em casa, para arranjar qualquer coisa em casa que elas não podem, e arranjar aqui uma equipa de dois homens, uma carrinha ((outras coisas)) e ir lá a casa</p>

		<p>e ajudar essas pessoas. Tentar arranjar um transporte solidário para essas pessoas, para pessoas que não têm transporte para vir ao médico por exemplo, tudo isso a gente tá a tentar desenvolver e vamos tentar daqui pra frente tentar pôr isso em prática[...]</p> <p>[...] sensibilizar as pessoas é muito importante. Fazer uma conferência, um colóquio, uma coisa assim... trazer cá alguém para falar aos jovens, aos jovens e aos <u>adultos</u>, para participarem mais na vida da vila e do concelho e mentalizá-los para aquilo que se quer e que se pretende que é o bem estar das pessoas.</p> <p>[...] Ver o que é que as pessoas sabem fazer e aplicar.</p> <p>[...] centralizá-las (as pessoas) num monte assim maior ou numa sala em que elas estejam envolvidas naquilo que estão fazendo, partilhem experiências de vida e habilidades práticas e assim têm uma vida mais ativa e dar-lhes alguma atividade para que se sintam úteis.»</p>
Sensibilização ao Projeto	Identificação	«[...] é importantíssimo para este meio!»
	Viabilidade e aplicabilidade	«Sim, penso que sim. É viável desde que as pessoas <u>queiram</u> ! Desde que os homens e as mulheres queiram.»
	Apoio ao projeto	«[...]Depende... em termos financeiros é sempre o mesmo problema! E termos de instalações ou equipamentos, ou outros apoios, sei lá, a gente poderá sempre dar sem serem financeiros...»
Caraterização socioprofissional do entrevistado	Função	Presidente da União de Freguesias de Almodôvar e Sra. da Graça dos Padrões.

#### ANEXO 15 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA E4

NOME	LOCAL	DATA	HORA	ENTREVISTADOR	DURAÇÃO
Marco Rego (CEFPO)	Gabinete Centro de Emprego de Ourique	29-05-2014	14H05	Ricardo da Palma	02:13'25

#### TRANSCRIÇÃO

**RP** – Boa tarde Marco. Agradeço-te desde já a tua disponibilidade e a do Centro de Emprego de Ourique em conceder-me esta entrevista, a qual, como já tive oportunidade de te explicar, servirá para a minha tese de mestrado. Garanto-te toda a confidencialidade dos dados, que servirão somente para efeitos deste estudo. Esta tese consiste na elaboração de uma investigação sobre o Desenvolvimento Local no concelho de Almodôvar, protocolado entre a Universidade do Algarve e a Câmara

Municipal de Almodôvar e partiu de um objetivo do atual executivo, ainda na fase de campanha eleitoral, que se baseava na criação de um centro de dia ou centro comunitário no concelho. Só que o processo foi evoluindo e hoje a ideia deste estudo de desenvolvimento local é perceber se é viável a criação de um polo de desenvolvimento comunitário, ou desenvolvimento local, em Almodôvar, e partindo de um bom diagnóstico desenhar-se um projeto com estratégias aplicáveis (assim o desejo) que contribuam para o desenvolvimento do concelho. Com isto foram traçadas algumas diretrizes e o objetivo é tentar articular pessoas, associações e entidades e empresas e embarcará as dimensões cultural, económica e socioeducativa, de forma a promover o crescimento do concelho de Almodôvar.

**E4** – Boa tarde Ricardo. Muito trabalhinho então (risos). Bem, é um prazer receber-te aqui e espero poder ajudar-te nesse teu estudo.

**RP** – Obrigado. Marco, pedia-te só que fizesses uma breve apresentação, só para que se perceba a tua função e ação no concelho de Almodôvar que, como já sabemos, tem a ver com o Instituto de Emprego e Formação Profissional.

**E4** – Hum, ora então... chamo-me Marco Rego, sou técnico superior no Instituto de Emprego e Formação Profissional, estou nesta casa:..... desde 1998, sendo que nos primeiros 8 anos estive ligado à formação profissional, portanto estive num Centro de Formação Profissional, onde desempenhava funções sobretudo na área da gestão e área financeira. É a minha formação académica, sou licenciado em Gestão de Empresas. E portanto os meus primeiros anos profissionais nesta casa foi sempre dentro da área financeira. Como... e às vezes a vida troca-nos as voltas e esta até foi por um bom motivo (risos), e eu entretanto fui pai de trigêmeos tás a ver?! Tenho 3 gaiatos agora com 8 anos e como é óbvio muda-nos a vida, se um muda imagina três! E como eu em Beja não tinha ninguém, foi um pouco como o ditado “o bom filho a casa torna” e voltei para Ourique de onde tinha saído com os meus 14 anos, apesar de nunca ter perdido a ligação[

**RP** – [às origens]

**E4** – [isso mesmo. Quando vim, vim para o Centro de Emprego de Ourique, onde estou atualmente, e tive aqui mais um ano e meio na área financeira que ao fim ao cabo é a minha área de formação. hhhhhh entretanto, aí em 2008/09 por aí, entrou-se num processo de reestruturação da Administração Pública, entre os quais o Instituto, portanto, onde foi feito um processo de, de:....., como é que eles chamam aqui?, de serviços partilhados. Ou seja, em que passou a haver uma área de negócios, uma área de emprego que é o centro de emprego e uma área de BackOffice que é, portanto, a área administrativa. Tudo o que é parte administrativa ou financeira, por exemplo, foi deslocada para Évora, sendo que os Centros de Emprego ficaram com a competência ao fim ao cabo daquilo que é o seu objeto de negócio que são as medidas na área de emprego. Eu nesta altura mudei e conteúdo funcional e fui colocado aqui como técnico superior, portanto fiz aqui também um processo de aprendizagem, o que passado alguns anos não é fácil. Na altura trabalhei num projeto até muito interessante que era o POE, que era uma programa que havia e que era de apoio à criação dos próprios empregos, onde a medida mais conhecida era as ILE (iniciativas locais de emprego), não sei se ouviste falar?!

**RP** – Sim sim, o POE sim mas as ILE nem por isso...

**E4** – Pronto, se quiseres perceber, mais de 60% dos pequenos negócios ali de Almodôvar foram apoiados por nós e por esta medida. E nós o que é que fazíamos? Portanto, nós fazíamos o atendimento específico nessa área que eram aquelas pessoas que estavam desempregadas e que queriam criar o próprio negócio, nós fazíamos aqui alguma filtragem e ajudávamos a construir o modelo de negócio... portanto, fazíamos a

análise da viabilidade e depois fazíamos esse acompanhamento após a criação da empresa. Eles tinham um conjunto de obrigações durante 4/5 anos e nós fazíamos esse acompanhamento. E isso até 2009/2010, tive cerca de 2 anos. Depois, e entretanto com os cortes orçamentais acabaram essas medidas, portanto, hoje é uma medida que existe mas é residual e neste momento estou a desempenhar funções exclusivamente como técnico, portanto, na área do emprego, que eles agora chamam-lhe gestores de carreira e de oferta. Portanto, ao fim ao cabo acompanhamos os nossos desempregados e o nosso objetivo final é integrá-los no mercado de trabalho ou dar-lhes algumas ferramentas que lhes permita a eles, mais rapidamente, conseguirem sair da situação de desemprego e estabelecerem-se ou por conta própria ou por conta de outrem. E neste momento eu aqui, portanto, hhhhhh eu trabalho, partilho 2 concelhos... o Centro de Emprego de Ourique trabalha com 3 concelhos, Ourique, Castro Verde e Almodôvar, e nós neste momento somos 5 técnicos divididos por estes 3 concelhos, sendo que no meu caso concreto eu trabalho com os concelhos de Castro Verde e Almodôvar e que partilho também com outros colegas. Portanto, e aí fazemos o atendimento ao público no dia-a-dia, nós a Almodôvar vamos uma vez por semana e a Castro duas, e fazemos também o atendimentos às entidades daqueles concelhos[

**RP** – [ou seja, não atendem só pessoas em nome individual mas também entidades e empresas é isso?

**E4** – Não não. Nós fazemos o contato com os nossos clientes – eles querem que lhes chamemos assim agora, já não são utentes, agora é a lógica do cliente – e o nosso trabalho hoje em dia é todo (aferrido), é todo contratualizado... portanto, isto funciona quase como uma empresa. O Centro tem vários objetivos, esses objetivos são agregados pelos concelhos, pelos técnicos e tens de fazer, só para teres uma ideia, tens de fazer X colocações, tens de fazer X medidas (xxxxx), X medidas de contrato emprego/inserção, X medidas de pessoas de formação, X oferta, portanto, isto é tudo contratualizado. Os nossos 2 grandes clientes são: 1 o público inscrito no Centro de Emprego, as pessoas que se vêm inscrever, portanto, a inscrição no Centro de Emprego não é obrigatória, portanto uns deriva e vêm-se inscrever para ter acesso ao subsídio de desemprego e outros inscrevem-se no sentido de se o nosso trabalho poderá ser útil ou não a eles e eventualmente de os ajudar a voltar o mais rapidamente ao mercado de trabalho. Porque depois há vários tipos de motivações das pessoas que se vêm inscrever, que tem a ver com as habilitações e (qualidades)... Portanto, e temos noutra grande grupo as empresas. Quando falo em empresas falo em IPSS, autarquias locais, onde a gente contata diariamente e onde damos informação das nossas medidas. Porque quem cria EMPREGO não é o Estado, são as empresas privadas! Nós temos é alguns apoios que divulgamos e difundimos junto das empresas, agora quem cria emprego são as empresas... às vezes dizem “ah não me arranja emprego?!”. A gente não arranja emprego, nós fazemos é a promoção das nossas medidas e depois ajustamos... Portanto, a empresa precisa de algum com um perfil de competências, por exemplo na área administrativa, com conhecimentos de inglês, informática, 12º ano, e nós vamos ver na nossa base de dados quem são os nosso utentes que têm aquelas características para ao fim ao cabo apresentarmos às empresas. No fundo é um serviço que a gente presta de forma gratuita às empresas, porque o nosso objetivo é sempre a colocação da pessoa que está cá inscrita, numa medida. Hoje em dia, temos aqui algumas medidas de emprego que havemos de falar a seguir, e muitas da vezes quando a pessoa vem aqui pedir nós fazemos aqui logo a apresentação de uma medida. Ainda à bocado tava com uma entidade que vai abrir um turismo rural ali em Castro Verde (0.3) e ligou-nos para cá e até enviou um e-mail a dizer que precisava de uma pessoa e o que é que fiz logo, por acaso sou gestor de carreira de algumas pessoas e tínhamos algumas com aquele

perfil, na área do turismo, enquadrei a pessoa numa medida e quando respondi à empresa disse que temos uma pessoa eventualmente com esse perfil; que pode interessar; que podem agendar uma entrevista; que pode ser contratada ao abrigo de uma medida que é o estágio profissional; os custos são estes; pá, isto hoje funciona assim[

**RP** – [você fazem a mediação entre as empresas e as pessoas desempregadas[

**E4** – [é isso mesmo, portanto, o termo correto é o ajustamento do recrutamento das entidades e as pessoas. Mas depois temos também outra grande componente que é característico aqui da nossa área, que é a parte social, onde articulamos diretamente com as autarquias. A:::., mas já agora deixa-me a:::., para perceberes isso (mostra o ecrã do PC), este tipo de trabalho, isto foi o que fiz à pouco, uma empresa pediu-me uma pessoa e passados 3 minutos tava a receber a informação dessa pessoa que eu sabia, enquadrei-a logo aqui. Isto é quase como uma empresa... apresentas um orçamento, quanto é que custa à entidade, quanto é que é financiado por nós, quais são as condições, quanto é que a pessoa vai receber, é tipo pacote. E conseguimos fazer isso porquê? E isto é o que nos distingue de um centro pequeno de um grande: porque temos menos utentes, temos menos empresas, e então conseguimos dar uma informação mais (célere), estamos mais próximos da pessoas e das empresas. Por isso é que a gente faz os números que fazemos.

**RP** – Mas isto Marco, e sem querer fugir ao teu raciocínio, achas que as características demográficas do concelho de Almodôvar influenciam, ou melhor, tu que tens uma noção mais real da comunidade de Almodôvar, pelo menos nas questões do mercado de trabalho e da empregabilidade, como é que tu vês este concelho em termos demográficos?

**E4** – Bem, é assim, é tirei alguns dados e vou-tos dar, e vou-te referir os dados que estão no Pordata, não sei se já viste isto?! E há um relatório que eles têm, que é o BI do concelho, e isto espelha o concelho de Almodôvar. Tenho também do senso comum, mas nisto aqui tens uma descrição exata do que é o concelho de Almodôvar. Portanto, nós o que é que notamos claramente? É um concelho, qual é o grande problema dos concelhos do interior? Pá é a grande perda de população! Apesar de Almodôvar até, comparativamente com Ourique ou Mértola até tá numa situação privilegiada. Portanto, em termos de população ativa entre 2001 e 2011, o concelho de Almodôvar perde cerca de, não chega a 200 pessoas. Por exemplo Ourique perde 800, Mértola perde 800, quer dizer se tás a falar em 6000/7000 pessoas tás a dizer que daqui a 50 anos em vez de termos no concelho na ordem das 6000/7000 pessoas tás a metade e eu acho que o maior drama que nós temos atualmente e que condiciona todo o resto é: 1 - envelhecimento da população, depois o saldo natural dos que morrem mais do que nascem e a partir daí tens tudo o resto. Ou seja, tens pessoas com -- os novos, a::: é uma situação, por acaso agora tá aí uma situação que se tá a inverter, que é o seguinte: nós até há coisa de 4 anos, nós praticamente não tínhamos desempregados licenciados nestes 3 concelhos, era uma percentagem mínima. (0.2) Porquê? Porque o jovem ia estudar para fora, como aconteceu também comigo, e fixava-se lá. Acabava o curso e ficava a trabalhar lá. Hoje em dia não! Nós hoje em dia temos muito mais licenciados inscritos... é pá até com um número significativo. Nós chegamos a ter aqui na casa, e o normal a ter nos 3 concelhos era num total de 40, dava aí 10/11 por cada concelho, e nós chegamos a ter no ano passado, em setembro/outubro de 2013, ou melhor dezembro 2012 e janeiro 2013 bateu mesmo no fundo! Nós chegamos a ter setenta e qualquer coisa de desempregados licenciados! Ou seja, eram os tais jovens que já não conseguiam ir para fora ou ficar lá fora e então voltaram. Por um lado, do ponto de vista demográfico, não deixa de ser mau... porque é assim, naquilo que é o nosso trabalho, é

preferível termos pessoas desempregadas QUALIFICADAS, porque consegue eventualmente encaixar mais rapidamente e dar resposta às empresas do que ter pessoas, como nós temos aqui, na casa dos 40 anos e até aos 64, pá associados muitas vezes à baixa escolaridade e algumas vezes com alguma escolaridade e alguns cursos de formação mas depois sem saída profissional.

**RP** – Mas o que achas que são as motivações, e pegando neste ponto dos jovens licenciados que regressam? Achas que pode ter a ver com a ligação à terra ou é mesmo por não se conseguirem fixar onde vão estudar?

**E4** – Não, quer dizer, acho que é por motivos profissionais essencialmente. Não se conseguem fixar e os pais não conseguem aguentar que eles estejam lá mais tempo porque há uma renda para pagar e também porque os empregos precários são mais frequentes lá em baixo e acabam por voltar. Nós já vamos tendo aqui alguns licenciados, há um ano, dois, pá sem qualquer tipo de solução. Agora os maiores problemas que temos tido aqui são: o envelhecimento da população, saldo migratório, taxa de mortalidade mais alta, saldo natural negativo, sendo que no caso de Almodôvar os fluxos migratórios há qualquer coisa mas é residual. Por exemplo temos ali na Aldeia dos Fernandes, especificamente, um conjunto de pessoas, que nesta altura, e se calhar falamos em 1 dezena ou 2 dezenas, que vão fazer a campanha da apanha das frutas, a:::: e noutras alturas também da poda da vinha e vão para a Suíça. E temos também outro grupo que vão também, e isto é muito caraterístico ali de Almodôvar, que vão para a Alemanha na altura do verão para trabalhar em gelatarias. Acho que é dos 3 concelhos aquele que tem um fluxo migratório, sendo que, e isto para te dar uma ideia, nós temos em Almodôvar atualmente 410 pessoas inscritas, tu tens de população ativa cerca de 3000 pessoas e tens neste momento 410 -- eu depois dou-te aqui uns papéis, isto é só para teres uma ideia -- portanto, quando eu falo que temos que adaptar os números às realidades e quando falo em 30 pessoas em 410 tou a falar em 7%. A nível nacional isso é uma gota de água mas a verdade é que a nossa realidade é essa! É uma importância relativa, quer dizer no bolo todo, em Almodôvar, 40 pessoas que emigraram não é muito. E eu diria que ali em Almodôvar as pessoas também são um bocado empreendedoras, temos um conjunto significativo de pessoas que vão trabalhar para o Algarve, portanto há uns fluxos de trabalho sazonal, nomeadamente na hotelaria e na limpeza. Portanto, temos ali em 2 ou 3 freguesias alguma mobilidade[

**RP** – [mas voltando a um ponto que falaste no início Marco, tu comparaste o concelho de Almodôvar com o concelho de Ourique e o concelho de Mértola, em que o fluxo migratório do concelho de Almodôvar não é tão acentuado como nos outros 2 concelhos, pelo que percebi, parece que não saem tantas pessoas do concelho de Almodôvar[

**E4** – [não não, eu tou a dizer é que SAEM! Enquanto que por exemplo em Ourique as pessoas estão muito mais acomodadas, estão muito mais presas, são acomodadas mesmo não tendo alternativas! Almodôvar não! O que eu noto é que dos 3 concelhos onde existe uma maior dinâmica, é este o termo, entre o ir trabalhar e depois volta e inscreve e assim aproveita aquelas oportunidades todas, e entre Ourique e Castro, Almodôvar faz essa diferença. Diria que são desempregados mais ativos e dinâmicos!

**RP** – O que eu tinha percebido era que não saíam tanto para procurar trabalho, mas fiquei esclarecido. Nesse caso, e onde eu queria chegar, é se achas que esse facto deve-se também pela proximidade geográfica que Almodôvar tem com a Somincor? A Somincor é talvez o maior polo empresarial da região e com uma influência bastante grande aqui, Almodôvar beneficia dessa proximidade, comparativamente com Mértola ou Ourique por exemplo[

**E4** – [sim sim, é grande a influência e Almodôvar com certeza que beneficia disso. Agora Ourique, a gente em (conceito) de empresa trabalhamos diretamente com a Somincor, só para te dizer nós com a Somincor fazemos em média na ordem dos 20/30 estágios! A::::: sobretudo em quadros superiores: engenheiros de minas, higiene e segurança, engenheiros ambientais, químicos, geólogos... (0.2) e não havia ninguém que fosse admitido que não passasse por um estágio profissional através do Centro de Emprego e mesmo algumas pessoas que eles contratam recorrem muitas vezes ao nosso apoio e nós, portanto, sabemos que é importante e diria que, e aquilo emprega 1200 pessoas de forma direta e mais 800 indiretas, o Instituto de Emprego acordou tarde prá mina! Tivemos durante muitos anos de costas voltas prá mina e para os subempreiteiros que lá estão e mesmo ao nível da formação profissional sempre se fez e nunca se fez para dar resposta ali, porque onde existe empregabilidade, onde existe trabalho, É ALI! Portanto, eu diria que há uma relação direta, e principalmente no caso de Almodôvar e Castro. Ourique acordou mais tarde, e como alguém me disse lá da Somincor: “os de Ourique parece que só agora descobriram que há a Somincor!” Porque há muita gente de Ourique que entraram para a câmara em os seus 18/20 anos, a ganhar 500€... pá, porreiro, tavas na casa do pai, carro do pai, bebias uns copos e ganhavas há 15 anos 500€, é pá isso era o sonho de qualquer um! O problema é que passados 15 anos já não ganhas 500€, só já ganhas 400, já tens a prestação do carro, já tens um filho e uma casa para pagar e então é pá... portanto, nós só agora é começamos. Porque a mentalidade dos jovens daqui de Ourique e a ambição era trabalhar para a câmara, porque os pais trabalharam lá e tava tudo virado para a câmara e então notou-se aqui e só recentemente, e nós tínhamos aqui se calhar uma vintena de pessoas que trabalhavam na mina e eles lá disseram-nos: “então mas...”]

**RP** – [pois, antigamente uma das transições pessoais e profissionais era essa]

**E4** – [era era, as ambições e os projetos de vida eram esses... a:::::, Almodôvar e Castro não! Até porque, e isto até é engraçado sem ter graça nenhuma, a::::: quando a mina se estabeleceu e antes de ir para Castro, houve aqui um bairro de 48 fogos que tava em vias de tar terminado e eles quando vieram para cá, enfim, não tinham estruturas para albergar os quadros e por acaso foi feita uma proposta na altura à câmara de ficarem com o bairro. E os técnicos em vez de terem ficado em Castro e Almodôvar tinham ficado aqui. Na altura a câmara era CDU e decidiu que o bairro era para as pessoas de Ourique e não era para a mina. E o engraçado, sem ter graça nenhuma, é que esse bairro foi vendido a preço muito mais baixo do que custou, foi feito um empréstimo na altura com taxas de 30% -- e eu sei disso porque faço parte aí da assembleia -- e ainda hoje, e na altura pediu-se um milhão, ainda se tá a pagar isso! E os (problemas) financeiros da câmara vêm daí e tamos a falar de início dos anos 80. Quando na vila de Ourique podia ser tudo diferente! E eles vinham para aqui, aquilo que tens hoje em Castro podias ter aqui.

**RP** – Acho que em Almodôvar aconteceu uma coisa parecida, não sei se sabes... houve uma altura em que a mina quis fixar também parte, e tanto que existe lá um bairro que a gente lhe chama o Bairro da Mina, que alojou os quadros superiores da mina, com engenheiros, encarregados gerais e por aí, e inseriu-os lá. No entanto hoje já vendeu parte, mas a ideia era mesmo essa, e a sede da empresa quando se instalou em Castro Verde, e aqui mexe com a tal história das derramas, também podia ter ficado em Almodôvar. Mas pronto, isso forma políticas da altura e agente hoje]

**E4** – [pronto e a gente hoje cá andamos ((risos)). Sim, mas isto para te dizer que a Somincor e o complexo mineiro tem duas grandes vantagens: tem a questão da empregabilidade, porque (0.2) há uma grande rotatividade e eles têm uma política muito correta, eles dão prioridade e têm absorvido o pessoal todo aqui da zona. Portanto, isso

também temos que dizer! Claro que vêm quadro superiores que nós aqui não temos cá, qualificados, mas podemos dizer que grande parte das pessoas, mineiros e tudo, é tido daqui da zona. Mesmo quando era a altura dos estágios profissionais eles davam sempre preferência aqui[

**RP** – [sim, mas também a pessoas que já tivessem alguma relação com esta área, por exemplo o pessoal da mina do Lousal, da mina de Aljustrel – Pirites, tudo malta que saíram dali e empregou-se logo na Somincor[

**E4** – [sim sim, claro! Esse pessoal também. Agora tem outra coisa também muito importante, que é o que segura ali Castro Verde e Almodôvar e então Almodôvar nota-se muito... que é as pessoas que estão alojadas e o dinheiro que é injetado na economia, porque tu tens residenciais cheias, depois tens os almoços tens os jantares, tens a lojas, tens as oficinas, pronto tens aquela estrutura que suporta isso tudo. A nós, em termos diretos, portanto, também sofremos alguma influência porque enquanto que os desempregados de Ourique permanecem durante muito mais tempo, no caso de Almodôvar e Castro há uma maior rotatividade. A::::: sobretudo os homens, porque depois temos aí um outro problema com o nosso (ficheiro), mas isso já lá iremos.

**RP** – Ok ok. De qualquer das formas consegues ter uma ideia, mesmo geral, de como será a distribuição de riqueza? Isso é, se é mais ou menos equitativa a distribuição de valores? Imaginemos, eu no ano passado ainda num estudo que fiz para a minha licenciatura, nós conseguimos apurar mais ou menos os valores com influência direta da mina, e esta, em Almodôvar, beneficia cerca de 700/800 famílias de forma direta e a gente sabe perfeitamente que a mina tem um nível de ordenados acima da média e é daí que se vêm as condições das famílias. Agora, de uma maneira geral, não sei se vocês enquanto Centro de Emprego conseguem ter uma ideia das médias, não sei se tens esses valores[

**E4** – [portanto, isso é assim... em relação a Almodôvar, maior parte das ofertas de emprego que são comunicadas ao Centro de Emprego ou que são captadas por nós, tirando o setor mineiro, ou seja em todos os outros setores tradicionais como o setor primário: na área agrícola, ou mesmo no terciário: hotelaria, construção civil, isso não há diferenças entre Ourique, Castro e Almodôvar. A única coisa que é comum agora é que os salários têm vindo todos a baixar e lembro-me de há 3 ou 4 anos atrás um pedreiro não ia trabalhar por menos de 800/900€ limpos, agora se levar 600€ vai vai...[

**RP** – [sim mas isso deve-se a termos a construção muito parada também[

**E4** – [claro, isso é em todo o lado. Agora é assim, no caso específico da mina, qualquer oferta, e nós trabalhamos ali com, desde a EPOS, Zé Dias, Idelberto, Teixeira & Duarte, pá, a Somincor colaboramos mas não fazemos o recrutamento direto porque eles têm a própria estrutura de recursos humanos, portanto, às vezes colaboramos quando eles querem fazer um curso de mineiros nós convocamos todos os nossos jovens que têm aquela escolaridade e aquele perfil de competências e nós convocamo-los e eles vão-se lá apresentar. Mas pronto, ao nível de ofertas, a base salarial é claramente mais alta, eu diria, nós temos aqui no concelho de Almodôvar, é assim, só para teres aqui uma ideia Ricardo, a::::: 67/68% são mulheres e 32% são homens e isso é mais ou menos comum ao nível dos 3 concelhos, portanto Almodôvar não faz muita diferença, mas é só para veres... (0.3) isso aguenta-se o sistema porquê? Porque a pessoa que trabalha essencialmente é homem e leva pra casa cerca de 1200 a 1900€ limpos[

**RP** – [pra me situar, estamos a falar de um funcionário da Somincor?

**E4** – Sim, mas mesmo ali dos subempregados levam para casa na ordem dos 800€, 700, do Zé Dias, EPOS, mas trabalhando algumas horas não é só as 8h/dia.

**RP** – Pois, então acabam por ser significativos os valores[

**E4** – [são! Porque é assim, em REGRA, seja na agricultura ou no comércio, as ofertas andam na ordem dos 485/500€ e se tirares os 11% da segurança social ((calculava os valores na máquina calculadora)) o pessoal leva pra casa na ordem dos 450€, mais o subsídio de alimentação, vá 500€ limpos! Portanto, e o que aguenta isso, sobretudo o que aguenta o concelho de Castro, porque Almodôvar ainda tem outra nuance que não sei se é mito ou não, que é a mulher poder tar desempregada. Porque o ordenando que entra em casa, via ordenado do marido, portanto homem, dá pra isso. E associado à tal casa paga, ao tal quintal que tem a galinha, que tem a alface e mais não sei o quê, permite isso... Nós tivemos uma situação agora em dezembro, em que a EPOS, que é o maior subempregado da mina, despediu na ordem das 200 pessoas e isso são situações bastante dramáticas]

**RP** – [mas essas pessoas não foram integradas depois na Somincor?

**E4** – Foram agora em março, alguns dos mais novos, e outros para o Zé Dias. Porque foram 150 da EPOS mais 80 da HI-TEC. Nessa altura, não sei precisar, mas julgo que 50/60% conseguiram entrar, mas naquela altura foi tudo muito complicado porque tiveste a mulher, o cônjuge, desempregado, e a pessoa que levava pra casa 1000 ou 1100 passou a levar só 800 do subsídio e por acaso até tinham uns subsídios altos porque senão não dava e mesmo assim tivemos situações dramáticas. Portanto, o nosso desemprego aqui dos 67/68% de mulheres, que é estrutural porque são pessoas que estão inscritas aqui anos e anos, eventualmente saem porque integram alguma medida]

**RP** – [mas a adesão desses 67/68% é estagnável, ou seja, é mesmo porque as mulheres ficam em casa e não querem e não aceitam as medidas ou elas acabam por procurar o Centro de Emprego]

**E4** – [não, não é o não quererem! A questão é que não há ofertas!]

**RP** – [mas elas também procuram? Era aqui que queria chegar...]

**E4** – É pá é assim, nós neste momento estamos a trabalhar com o nosso ficheiro e temos a dar e a incentivar, quer dizer, nós estamos na área do emprego e da formação e todos os nossos desempregados o mínimo que têm de ter ou de frequentar é uma ação de procura técnica de empregos. São 4 dias, não são muitos, 25 horas, e no mínimo o que é que fazem? Pá, toda a gente tem de no mínimo saber fazer o seu currículo, saber fazer uma carta de apresentação, saber ir procurar emprego, por muitas das vezes a gente recebe os jovens e perguntamos: “o que é que sabes fazer? – Qualquer coisa”, e alguém que vá pedir emprego e que lhe perguntem o que sabe fazer e sair-se com essa resposta do “qualquer coisa” não se safa, tem de ter competências profissionais em alguma coisa. Por ter mais ou menos experiência, agora tem de saber onde é que vai procurar, que é que sabe fazer e o que é que está disponível. Ou então tem que aprender uma profissão, e nós agora estamos a tentar motivar as pessoas com essas formações de 25 horas e temos outras de 150 a 200 em que a ideia é pôr as pessoas, pelo menos, a sair de casa, a terem em contato uns com os outros e darmos algumas ferramentas, é tipo como quando nós recarregamos o nosso telemóvel, aquilo tem uma durabilidade, mas é dar mais energia e dotar as pessoas para voltar a ter uma iniciativa, uma postura ativa enquanto desempregados, porque os desempregados são como nós. Tu também és funcionário, há bons e maus funcionários públicos, há bons e maus empresários, há bons e maus bancos... [

**RP** – [e há bons e maus desempregados]

**E4** – [e sim, há bons e maus desempregados... (eu costumo dizer isso!) Há bons e maus pais, os únicos que são sempre bons são os nossos filhos. Agora é assim, grande parte dessas pessoas não há nada a fazer... (0,2) e não há nada a fazer porquê? Porque a maior parte delas ou tem a 4ª classe, ou o 6º ano, e anda na casa dos 40, 50 e até aos 65 anos. E não há grande solução.

**RP** – Pois, mas mesmo o próprio IEFP ou Centro de Emprego, ou melhor... de qualquer das formas o próprio IEFP de há já alguns anos para cá tem mudado um pouco a perspetiva ou se quisermos o paradigma, mesmo as pessoas já vão notando isso... Por exemplo, o paradigma assistencialista em que as pessoas ficavam em casa e recebiam os subsídios, agora mesmo o próprio centro de emprego, ou pelo menos é essa a ideia, é que as pessoas se integrem mais e que com isso ganhem mais algumas competências para o mercado de trabalho [

**E4** – [certo, isso também é verdade. Nós, o próprio estado, o próprio instituto de emprego, desvirtuou completamente isso! Portanto, há 15 anos, alguém que fazia um curso de formação profissional levava para casa: o salário mínimo, na altura era, andava na casa dos 385€, mais subsídio alimentação e pagávamos a creche e o transporte. Ou seja, as pessoas, há 10 ou 11 anos atrás, levavam para casa 600 ou 650€. Ora, o mercado de trabalho na altura, e se alguém queria contratar alguém e não conseguia... Porque a pessoa preferia tar a tirar um cursozinho ou numa portaria que também levava para casa os tais 650€, e não queria trabalhar! E fomos nós, também com algumas políticas de emprego, que também ajudamos a desvirtuar o mercado, porque a pessoa punha o filho na creche, levava 600€, ia ali umas horinhas para uma formação, e se calhar aquilo até era porreirinho, levava uma vizinha que até tinha a mesma vocação e aquilo era assim.

**RP** – Mas nessa altura Marco, achas que a formação era direcionada para que as pessoas depois dessa formação pudessem procurar e arranjar trabalho ou era só por ter?

**E4** – Não, não! Era só por ter... bem, mas vamos lá a ver -- a gente não pode dizer -- isto é a minha interpretação pessoal! Mas é assim, nós enquanto serviço público de emprego, nós temos naturalmente que ter aqui alguma postura social... se te disser que a gente só faz formação se garantirmos a empregabilidade então a gente aqui não faz nada! A gente sabe que a seguir não temos... agora é assim, nós também não temos culpa de termos no interior e numa região deprimida, agora isso também não é só culpa das pessoas que cá estão não é?! A::::::::::: se nós formos levar isso em ênfase e se formos olhar só para outro lado então nós aqui não fazíamos metade. Eu acho que as pessoas têm de ter à mesma uma resposta, umas de índole mais social e outras naturalmente mais incisivas e na aposta da requalificação para as pessoas poderem entrar no mercado de trabalho. É normal que eu tenha uma pessoa ou até muitas pessoas com 50 e poucos anos, e se calhar algumas até já têm o 12º ano porque até já fizeram um curso ou dois ou três, agora se quem emprega é a iniciativa privada, e aqui nesta região é o complexo mineiro Neves Corvo, portanto sei que essas pessoas aí não têm (hipótese). Agora, mais vale ter uma pessoa ocupada, com mais algum grau de qualificação, nem que seja por saber mexer num computador, ou para falar com o neto que entretanto já mexe também no computador a:::::::::::, porque a formação também, e por aquilo que leva em termos pessoais, tem sempre o seu valor, agora não podemos por tudo no mesmo lado da balança e nunca podemos esquecer essa parte social senão a gente não dá resposta. A::::::::::[

**RP** – [Sim, mas hoje?

**E4** – Agora, hoje trabalha-se de uma forma completamente diferente e isso para te dizer que nós agora fazemos formações com pessoas que ficaram desempregadas da mina e portanto estão a ter formações, em Aljustrel, na área da manutenção industrial, portanto ((pneumáticas)), hidráulicas, eletricidades, cuja ideia é quê? É elas voltarem lá mas já com algum grau de qualificação. E isso levou-nos a conseguir sentar a mesa com duas ou três empresas da mina, ok?! e fazer um plano curricular que correspondesse àquelas empresas e as pessoas vão ter formação naquela área e vão ter cursos, não são muitos, são 600 horas práticas, são 300 horas de científica e teórica e depois 300 horas no posto de trabalho. E essa é que devia ter sido sempre a formação... Embora eu não acredite

muito nos privados, os privados só fazem se aquilo tiver alguma rentabilidade, mas nós Estado, serviço público, temos mesmo que sentar à mesa e reunir com as empresas, ver o que eles precisam e nós vemos as pessoas que temos e tentar ajustar soluções. E nós hoje estamos a fazer isso! Nós, desde há três anos, estamos a falar diariamente com as empresas, agora não sei se é assim em todo o lado, nós aqui fazemos isso porque estamos num meio pequeno e temos uma relação direta, portanto, se nós quisermos ligar diretamente para os recursos humanos da Somincor, a gente liga. Se o Presidente da Câmara de Almodôvar quiser ligar para aqui, aliás como às vezes faz, liga e fala diretamente com o técnico, portanto não há nem é preciso um officio... essas formalidades, pelo menos aqui em Ourique, não há essas formalidades.

**RP** – Pois, essa relação direta privilegia[

**E4** – [SOLUÇÕES!

**RP** – exatamente... e beneficia quem necessita. De qualquer das formas Marco, tu falaste aqui em alguns polos de empregabilidade do concelho, falaste na Somincor e em alguns subempreiteiros que lá funcionam (o Zé Dias, a EPOS,...) mas consegues-me identificar outros fora da mina?

**E4** – Nós, portanto, é assim, nós temos também a área da restauração que é uma área com alguma influência no concelho de Almodôvar e com alguma rotatividade. Deixame só partilhar, nós fizemos um curso de, acho que até ao ano passado, de técnicos de mesas e restauração, essencialmente mulheres, num grupo de 18 pessoas, e destas 18, 15 estão integradas nos restaurantes. Isto com medidas de apoio nosso, ou estágios, ou apoios à contratação. E este setor acarreta alguma rotatividade, nós assim o que estamos a apostar é fazer formação específica nessa área. Temos um setor também muito importante, que no caso de Almodôvar até está subdesenvolvido ou em menor escala que em Castro ou Ourique, que é o setor social, portanto o das IPSS. Portanto nós em Almodôvar temos a Fundação São Barnabé, que é um beneficiário das nossas medidas, temos algumas empresa de inserção onde existem algumas contratações, alguns programas que já falarei, temos a Casa Paroquial de Sta. Clara, a Santa Casa da Misericórdia de Almodôvar não colabora connosco, já tentámos várias vezes mas não [

**RP** – [mas porquê? Será uma instituição mais fechada?

**E4** – [não sei não sei, mas é só para dizer que este é um setor também que também emprega muita gente. Eu diria, por exemplo, no caso de Ourique, o setor depois da Câmara que emprega mais gente é o setor social – Santa Casa da Misericórdia e Unidade de Serviços Continuados; Castro Verde, depois da Somincor, temos a Câmara, depois o Lar Saleiro e a Fundação Joaquim António (XXXX), portanto é outro setor que aqui também mexe! E nesse sentido temos feito também algumas formações dentro dessas áreas, que são os ajudantes familiares, os técnicos auxiliares de saúde, que eram antigamente os cursos de ajudantes de geriatria, portanto, vê-se que é uma área com algum relevo porque a população está envelhecida. Ah, temos também ali em Almodôvar o Lar do Rosário, que também tá com alguma dinâmica, temos também protocolos com eles, agora temos lá 3 estágios. Portanto, nós tudo o que aparece e que crie emprego estamos atentos. Portanto, temos o setor mineiro, setor da restauração, setor social, que é outro setor importante, e diria que em termos de Almodôvar é o que temos. Temos ainda a parte da construção, mas que agora tá parado! Eu diria que nós nunca tivemos tantos pedreiros e serventes desempregados como agora! Estas são as áreas que cria alguma rotatividade em Almodôvar.

**RP** – É em termos de profissões?

**E4** – Isso varia[

**RP** – [pois, entretanto tem havido algumas adaptações... os pedreiros que passam a mineiros, os eletricitas que passam a ... quer dizer, canalizou-se um pouco para as

necessidades e para aquele setor que emprega mais. Por exemplo, eu conheço pessoas que trabalhavam na construção civil, aliás eu até tenho um amigo que era empreiteiro de construção civil e hoje é empregado da Somincor! E isto porque entretanto também houve este Boom inverso na construção civil que condicionou o emprego diretamente e que levou a algumas empresas a fecharem.

**E4** – Sim sim. Eu diria que, nós hoje temos que estar disponíveis enquanto profissionais para sermos polivalentes, agora acho também que já extravasa um pouco a polivalência e vê-se de tudo um pouco. Sendo que é assim, e como já te disse à bocado, um bom funcionário e com o mínimo de competências e que queira, a vontade aqui é muito importante, pode desempenhar outro tipo de funções para as quais as pessoas trabalharam uma vida inteira. Porque esse paradigma aqui também existiu, portanto, enquanto nos grandes centros urbanos não existe, ou por exemplo nos países lá fora, como nos EUA, onde hoje sou bancário e sou despedido e amanhã tou a vender hambúrgueres com um carrinho na rua e não me cai a honra. E aqui nós estávamos um bocadinho agarrados aquilo que sabíamos fazer e onde távamos confortáveis e na nossa zona de conforto. Hoje em dia, a situação do desemprego e a atual situação social obrigou a essa adaptação e nós vemos isso com os nossos desempregados. Portanto, eles procuram muito mais ativamente emprego do que antes. A:::::::::: porque é assim, há mitos. Por exemplo, um pessoa que tá com o subsídio de desemprego, e para tu teres uma ideia, as pessoas cada vez recebem menos, o subsídio de desemprego hoje é mais ou menos 75% do salário, e durante menos tempo, e isto tem a ver com a questão da sustentabilidade da segurança social... e a pessoa pode tar em casa a receber 500 ou 700€, não interessa, e se lhe aparecer uma proposta de 500 a pessoa até pode não ir, portanto fica em casa a receber o subsídio. Sendo que, o Instituto de Emprego teve uma medida, que não pegou, em que até permitia à pessoa receber os 500€ e o Instituto até lhe pagava mais uma parte só para voltar a entrar no mercado de trabalho, mas isto é só para dizer, esse é um falso paradigma porque hoje em dia as coisas estão a mudar, porque é assim: a pessoa recebe 800€ ou 500€, vai trabalhar por 500€, a pessoa não perde nada porque durante aquele tempo, isto é assim, já não há empregos prá vida, do género tou nos quadros da empresa tou descansado para o resto da vida[

**RP** – [pois, nem no Estado já é assim[

**E4** – [sim, nem no Estado, e a gente tamos a passar por esse processo. E isto hoje vamos cair numa situação em que as pessoas vão trabalhar 2 meses, vão pra casa mais 3 ou 4 meses, vão voltar mais 4 ou 5, enfim, voltar quando faz falta. A questão do subsídio de desemprego, e isto já vai mudando, é quase como um mealheiro. As pessoas têm direito ao subsídio de desemprego durante 1 ano, por exemplo, mesmo que a pessoa vá trabalhar naquele período, mesmo que a ganhar menos, a pessoa não perde o direito ao subsídio. Por exemplo, o subsídio em vez de acabar em julho, se pessoa trabalha 5 meses, o subsídio vai só acabar em dezembro, é tipo um mealheiro que a pessoa tem ali e não mexe. A::::::::::[

**RP** – [é como uma prorrogação ou suspensão?![

**E4** – [sim, e entretanto tás a fazer descontos para que possas a vir ter depois, quando aquele acabar, novamente subsídio. Porque tens de ter no mínimo 12 meses de descontos. Portanto, aquela história de antes em que a pessoa ficava a receber o subsídio até acabar (ainda há casos desses) a pessoa nunca vai conseguir voltar a ter direito e porquê? Porque quando é que vai fazer novamente 1 ano seguido? Muito dificilmente!

**RP** – E as pessoas estão cientes disso, Marco? Achas que têm conhecimento que isso é assim?

**E4** – Estão! É assim, a gente tem feito um esforço... nós fazemos sessões dirigidas a desempregados e nós agora temos um programa que é o Garantia Jovem onde tivemos

de convocar toda a gente até aos 30 anos de idade, e a ideia é que expor as medidas que existem, tipo: há os estágios profissionais, há o estímulo, é pá, e vocês (desempregados) têm que ir para a rua e têm de ser divulgadores das nossas medidas. Pá nós temos 1200 inscritos nos 3 concelhos (Ourique, Castro Verde e Almodôvar) e nós não conseguimos procurar empregos para vocês todos, vocês é que têm de procurar! E nós fazemos isso com jovens até aos 30 e agora vamos fazer com pessoas que já não eram chamadas há 1 ano, e temos ali uma turma belíssima em Almodôvar, de 40 pessoas em que o mais novo tem 50 anos e o mais velho 64 e quase todos têm a 4ª classe e o 6º ano. E nós temo-los aqui nos ficheiros e como tal se tão inscritos é porque julgam que a gente os pode ajudar. Mas também fazemos muito é a visita a muitas empresas, já fizemos alguns seminários mas isso não resulta. (Temos feito alguns, mais em Castro Verde, por acaso ali em Almodôvar, não sei, não há muita dinâmica, ou o gabinete de desenvolvimento não funciona muito bem, não sei, a maior dinâmica é em Castro, mas acho que também tem a ver com as pessoas. Mas é assim, os nossos negócios, maior parte deles, são com empresas familiares, de 2 ou 3 pessoas... e o que é as pessoas fazem? Ninguém quer saber... Fecham a porta e vão para o seminário? Não vão, não vão...) Agora, nós muitas das vezes temos ido às empresas como digo e nós nesse aspeto temos feito um bom trabalho. Com o pequeno comércio fazemo-lo diretamente, por exemplo, com os gabinetes de contabilidade e que são uns parceiros muito importantes! Cada gabinete de contabilidade representa 3 ou 4 dezenas de empresas e nós se chegarmos ao gabinete de contabilidade chegamos às empresas. Com as empresas grandes, neste momento, articulamos praticamente com todas. Outra coisa que temos com os gabinetes de contabilidade, uma mais-valia, é que quando eles empregarem alguém dizem-nos qualquer coisa para ver se essa pessoa se encaixa em alguma medida nossa ou não!

**RP** – Pois, para que permita a vocês verificar que é uma pessoa inscrita no centro de emprego e que vocês possam monitorizar[

**E4** – [exato! Porque os apoios que a gente tem aqui são para as nossas empresas e porque muito dificilmente eles vão contratar uma pessoa que não esteja aqui inscrita. A ideia é ver onde é que a gente pode chegar a essas entidades.

**RP** – A ideia, e a ver se estou a perceber, é qualquer entidade que seja empregadora, portanto, no concelho de Almodôvar e daquelas que já falaste: A Somincor, a Câmara Municipal, alguma empresa ou outra de restauração, as IPSS, a ideia, e não sei se tem sido até aqui, é eles procurarem sempre os Centro de Emprego para que sejam vocês a fazer a “ponte” digamos assim... ou seja não acordos diretos entre empregador e empregado[

**E4** – [sim, isso mesmo. Não há acordos diretos, isso não! Fazemos sempre, até porque é assim... nós fazemos sempre 2 tipos de trabalho. É assim: quando a empresa quer contratar alguém, a empresa dá-nos o perfil, vamos à nossa base de dados, tiramos as pessoas, fazemos eventualmente uma pré-seleção e depois ou a escolha é nosso ou mandamos as pessoas apresentarem-se na empresa para fazerem a entrevista e eles é que escolhem. A:::::::::: O modelo é à maneira da empresa, mas muitas vezes o que acontece e aqui nos meios pequenos, e em Almodôvar, é assim, as pessoas andam à procura e o empresário já conhece a pessoa, até porque as pessoas têm aquilo que se chama a procura ativa de emprego, aquilo dos carimbos como já deves ter ouvido falar...[

**RP** – [sim, é quando as pessoas têm que mostrar que procuram emprego e têm de ir a algumas empresas[

**E4** – [isso, as pessoas que estão desempregadas, e para que continuem a receber o subsídio, têm que confirmar junto do Centro de Emprego que pelo menos foram à procura e em regra têm que apresentar 4 comprovativos por mês, portanto, 1 por

semana. Mas pronto, uns levam mais a sério outros levam menos, outros só lá vão buscar o comprovativo e outros vão mesmo. Mas é para te dizer que nos meios pequenos, por exemplo uma empresa, olha ali o restaurante Miguel e Miguel, eles têm lá um estágio e naturalmente não veio pedir uma pessoa a nós, por acaso não veio, ele até conhecia a pessoa e portanto foi só a gente aproveitar... e nós tivemos conhecimento e dissemos: “olhe, essa pessoa, se a contratar pode beneficiar disto, disto e disto” e ele contratou. Portanto, nós ou só “vendemos” a medida, ou só apresentamos as pessoas, ou apresentamos as pessoas e vendemos com a medida, ou seja, o pacote é à medida da entidade. Agora, posso dizer-te é que nós estamos perto e a ideia é que não passe ninguém sem que nós sejamos contactados e que façamos alguma filtragem e nós somos dos centros mais pequenos e ao nível do apoio à contratação estamos com um número muito GRANDE exatamente por isso e não fazemos mais porque não se faz omeletes sem ovos.

**RP** – Pois[

**E4** – [Mas deixa-me dizer uma coisa importante que tem a ver com as articulações institucionais e que ainda não falámos... É o papel das autarquias locais, quer dizer (0,2), A:.....: mal de nós estaríamos, e cá está a vertente social, se não houvesse as autarquias e se estas não nos dessem a mão. E aqui são todas, a de Almodôvar dá, como dá a de Ourique e como dá a de Castro e as freguesias. É certo é que eles têm um conjunto de tarefas que são desempenhadas diariamente e ao longo dos anos por pessoas ao abrigo das nossas medidas, sendo que, na lógica da medida é que se essas pessoas ocupassem postos de trabalho não podiam integrar... é assim, A:.....:, há tarefas, por exemplo, limpezas de rua que são asseguradas habitualmente por pessoas colocadas nos centros de emprego junto das autarquias e se não houvessem essas pessoas esse serviço não era feito. O que era lógico era que a câmara abrisse lugares e contratasse as pessoas né?! Sendo que, se isso acontecesse o que é que nós faríamos às outras? Assim sempre vão rodando... Portanto, as autarquias, em algumas áreas, sobretudo nas pessoas menos qualificadas tem um papel muito importante e nós temos aqui 2 medidas que é o contrato-emprego de inserção para subsidiados e para rendimento social de inserção, são os RSI's, onde nós também fazemos parte, conjuntamente com a segurança social e as câmaras e as pessoas estão todas identificadas. Onde muitas vezes a câmara faz um programa, faz uma candidatura, ou seja, a câmara tem um custo, também há esta componente despesa, e uma parte é suportada pela câmara e outra por nós, A:.....: e que dá a mão a essas pessoas porque caso contrário nem essas tarefas eram feitas e se desse ao caso tínhamos situações sociais muito mais complicadas do que aquelas que temos hoje. As câmaras têm muito mais gente do que aquilo que é necessário mas mais parte das vezes é ao abrigo deste ponto de vista social e nós enquanto serviço de emprego, naturalmente, também temos essa obrigação social. Nós sabemos que se não for na câmara ou na junta grande parte das pessoas não têm hipótese de trazer um rendimento para casa. Já nem falo na questão do emprego, falo só no trazer um rendimento para casa e pronto associado a todo o resto, portanto, quem está desempregado não é só a questão da remuneração, é também a questão psicológica, dos estar, do filho ir prá escola e a mãe e o pai estarem constantemente em casa... A:.....: portanto, é a inversão daquilo que diria eu que é o normal não é?!

**RP** – Pois, e tu Marco, não sei se me consegues indicar, achas que há uma maior oferta ou uma maior procura?

**E4** – Portanto é assim, eu vou-te responder a isso com dados concretos ((expõe documentos)). Atualmente é assim, em termos de Almodôvar, só para te situares, nós em 2011 tínhamos 423 inscritos e em 2014 temos 410, portanto isto entre os que se vão

formando, os que vão morrendo e os que vão ingressando varia muito pouco. Agora temos menos que em 2011, mas não há grande variação, tanto que a taxa de desemprego, e esta taxa é importante que conste, a taxa oficial de desemprego é dada pelo INE. Mas eu sou daqueles que acho que o mais importante não é saber o valor total do desemprego, acho que o mais importante era que a segurança social disponibilizasse os dados de quantos empregos foram criados e quanto é que se sabe, porque aí conseguias saber quanto é que a economia crescia. Mais do que saberes de quantos é que estão desempregados é saber de quantos empregos é que foram criados. Mas deixame só dizer-te que, se pegarmos na população ativa, isso com dados de agora de abril, e as pessoas que tinha inscrito a 30 de abril, portanto só de Almodôvar tínhamos uma taxa de 13% e em 2011 tinha 12,8%, portanto não foge muito. Mas esta é do INE, portanto tenho 410 desempregados mas tenho 301 ocupados... e ocupados em quê?

**RP** – Ocupados serão aqueles que não se encontrem a receber o subsídio de desemprego é isso? Aqueles que têm alguma atividade?

**E4** – [ocupados são aqueles que estão integrados numa medida ativa de emprego. Aqui trabalhamos em 2 áreas: medidas de emprego, e o que e que temos? Temos estágios profissionais; contrato emprego-inserção, para subsidiados e não subsidiados, portanto para RSI's; POC's; programas específicos da reabilitação, que é para deficientes, ainda não tinha falado neste tema, e aí a CERCICOA desempenha um papel muito importante quer como entidade empregadora, na ordem dos 40/50 funcionários quer na parte da formação, e na parte da toxicodependência, também atuamos nesta área, portanto esta é uma área emprego. E depois temos a outra área: formação. Que é para aquelas pessoas ou que estão a fazer formação de curta duração, daquelas que te falei à pouco como as técnicas de procura de emprego ou vida ativa, ou são pessoas que estão a fazer um percurso formativo mais completo em que saem com uma dupla certificação, isto é, saem com um grau de habilitação, ou o 9º ano ou o 12º ano, e saem também com uma profissão, e nós temos 301 pessoas. Portanto, eu diria que dessas 301, e isto são números mais ou menos internos, e por depois falar que há muitos nessas circunstâncias, daqui nem todos vão ficar empregados, deste haverá uma percentagem mínima. Tanto que as taxas de desemprego, ou melhor, a taxa real de desemprego não seria de 13% mas sim na ordem dos 23% e aí, tás a perceber, são os tais números que a gente ouve falar. Entre Castro, Ourique e Almodôvar, Almodôvar ao longo destes anos tem sido o concelho que tem sempre mais gente desempregada, tem sempre mais 2/3% do que Castro e Ourique. Portanto, é dentro desta medidas de emprego que nós atuamos: emprego-formação, onde damos as ferramentas, damos apoios, damos formação, agora quem cria emprego é a iniciativa privada.

**RP** – Mas há mais gente a procurar o Centro de Emprego ou tem de ser o Centro de Emprego a procurar as pessoas?

**E4** – Diariamente nós atendemos, as pessoas sabem que as contratações partem é daqui e o facto de as pessoas estarem aqui inscritas dá-lhes mais possibilidades de se empregarem. Há mais pessoas a procurarem-nos e há mais empresas também. Sobretudo nestes últimos 2 anos nós temos aumentado a nossa captação de ofertas.

**RP** – E assim de uma maneira geral, Marco, que empregos é que as pessoas procuram mais? Dirigem-se ao Centro de Emprego e dizem “olhe eu gostava de ir prá Mina, ou quero ir para a restauração”, que áreas é que são mais procuradas?

**E4** – É assim, quando as pessoas se vêm aqui inscrever existem vários motivos. É o jovem que acabou o curso e não tem emprego, portanto, se acabou aquele curso de formação como é óbvio fica inscrito aquela área, acrescentando-lhe 2 ou 3 profissões. Por exemplo, um curso de técnico administrativo, além de ser administrativa ou empregada de escritório a pessoa também pode ser empregada de balcão, rececionista, é

pá, isto hoje está muito mais flexível. Portanto, quem vem de uma formação fica inscrito naquilo que são as suas competências e não só na área daquele curso. Depois tens as pessoas que são despedidas, ou porque acabou o contrato a termo ou porque a empresa extinguiu-se, e esses vêm-se inscrever na sua profissão. Agora se a pessoa não sabe, cabe-nos a nós enquanto técnicos fazermos um conjunto de questões para se tentar saber o que é que aquela pessoa sabe e gosta de fazer. O pior que nos pode acontecer é uma entidade pedir-nos alguém e nós termos aqui uma pessoa mal caraterizada e depois vamos apresentar aquela pessoa à empresa e então?! Nem estamos a ajudar nem a empresa nem a pessoa.

**RP** – Mas têm uma ideia daquelas que são mais procuradas?

**E4** – Isso também tem a ver com a rotatividade e com o nosso mercado de trabalho! Portanto, o que é que temos: pedreiros; serventes; condutores/manobreadores, estes bastante derivado à Mina... estes sim, estes eram uns bons cursos para se fazer; e agora aparecem os sapadores florestais, há uma série de empresas na área da limpeza das estradas[

**RP** – [empresas privadas?

**E4** – Sim, privadas. Fazem limpeza das bermas, arranjam as estradas, isso agora já não é as Estradas de Portugal nem as câmaras municipais, e depois aparece ainda algum trabalho não qualificado também ali da Mina. Aquilo ali não são só mineiros! Mas pronto, as pessoas inscrevem-se naquilo que já trabalharam. E qual é a área que mexe mais? Como disse, é a construção civil, é a área da hotelaria:::,,, portanto, pessoas que vão trabalhar agora em abril para o algarve e voltam e depois vêm-se novamente inscrever, portanto inscreve-se na área onde tiveram. Temos também a área das limpezas de hotéis, também se inscrevem muitas pessoas nessa área (0.3) e temos também naquela área social, como já disse, a tal ajudante familiar que também aparece muito. Portanto, investiu-se um pouco também em formação nessa área em termos de cursos e por isso é normal que apareça. O importante aqui, e para quem se inscreve, é que saiba fazer alguma coisa! Quando as pessoas não sabem eu costumo perguntar: então se saíssemos daqui agora, se fossemos os dois à procura de emprego, onde é que ia? E isto para tentar perceber a vocação das pessoas ou o que é que querem ou o que é que sabem fazer?! É que a maior parte dos gaiatos nem se sequer sabem o que querem e então se as pessoas não souberem pois dificilmente será chamado para o quer que seja. Sendo que nós temos aqui alguns casos, por exemplo: jornalista (0.3), temos também ali em Almodôvar uns engenheiros do ambiente, temos também uns designers, pá, são pessoas que se vêm aqui inscrever e que à partida se não forem elas a procurar dificilmente Centro de Emprego constituirá uma solução ou pelo menos captar alguma oferta. Digamos que esse não é o nosso mercado de trabalho, agora se me dissesses: serralheiros mecânicos, que a toda a hora a gente o metia ali (na mina); serralheiros civis; técnicos de manutenção industrial; mecânicos de automóveis, é pá, eletricitas; nós não temos (xxxxx) para pessoal qualificado porque esses ali encaixam todos.

**RP** – E de uma forma geral, Marco, achas que a comunidade de Almodôvar acaba por ter algum dinamismo na procura?

**E4** – Tem! É pá, mas é assim, derivado a esses 2/3 polos que te estava a dizer, que são a construção, da mina e da hotelaria e até há alguma rotatividade, mas sim são as pessoas que procuram. É assim, nós temos aqui na ordem das 300 ofertas, agora assim de repente não sei se Almodôvar tem mais ou menos uma vez que a mina pertence a Castro, agora muita parte dessa rotação parte das pessoas. Pronto, nós vamos até às empresas e depois vamos até junto das pessoas mas as pessoas têm de fazer o seu papel ativo e é nisso que nós também estamos agora a trabalhar, o que nem sempre foi

assim... as pessoas tavam inscritas tavam inscritas e à espera de um milagre ou que lhe batessem à porta, mas isso hoje não existe.

**RP** – E esse dinamismo revê-se no empreendedorismo? Por exemplo, uma pessoa que seja pedreiro de profissão arrisca em abrir um café? Achas[

**E4** – Não! É assim, nós temos aqui um ciclo. Eu divido isso por 3 ciclos. Temos o ciclo aí dos 80's::: a::: sim de 80/85 até 2000 e tudo o apareceu em Almodôvar foi estabelecer-se por conta própria com o apoio do Instituto. Para te dizer, nós tínhamos programas, e temos ainda, eu à pouco disse-te que tínhamos programas de formação, apoio ao emprego e temos também o apoio à criação do próprio emprego, pronto, sendo que hoje isso não tem a atratividade que tinha à uns anos. Portanto, ou passa por umas linhas de crédito bonificado junto dos bancos, e agora então os bancos retraem-se e bloqueiam esse tipo de saída, ou temos ainda a possibilidade de quem tá a receber o subsídio de desemprego antecipar esse subsídio e criar o seu próprio trabalho, mas sendo que isso também cada vez é mais complicado e porquê? Porque os subsídios são muito mais pequenos e em menos tempo, portanto tamos a falar, em regra, que um subsídio anda num valor total de 5000€. E eu digo-te que tu para montares um negócio é aí uns 10000/12000€... ou tens algum e consegues ou então... mas isto para te dizer, nós temos, deixa-me ver aqui na base de dados (mexia no PC), nós até tínhamos 2 técnicos só para essa situação da criação do próprio emprego ou negócio, e tínhamos no outro quadro comunitário de apoio, o 3, nós tínhamos na ordem dos 40 projetos todos os anos pelos 3 concelhos mas o mais dinâmico, e isso é verdade, realmente foi sempre Almodôvar.

**RP** - E eram criações do próprio emprego?

**E4** - Dos mais variados ramos::: Essencialmente havia as pessoas que saíam do Somincor e trabalhavam por conta própria, desde as partes das serralharias civis, das oficinas, muitos cafés ... muitas lojas ... a::: Portanto existiu um grande volume ... tivemos um pouco de tudo e tinha a ver com aquilo que a pessoa sabia fazer ... o indivíduo que trabalhava por conta de outrem e ele era ele que tinha o trabalho, porque criar o seu próprio posto de trabalho ... Tínhamos na ordem dos 40 projeto ... Se eu te disser desde 2000 até 2005 criamos cerca de 300 postos de trabalho ... mas criámos muito posto de trabalho::: ... ali em Almodôvar principalmente. Existia muita rotatividade ... deixa-me ver aqui na base de dados (mexia no PC). De 2005 a 2009 houve um decréscimo:::

**RP** - Existiu um decréscimo porquê? As pessoas deixaram de ter iniciativa?

**E4** - O concelho não cresceu muito mais .... Portanto::: não havia mais necessidades ... em vez de fazeres 30 projetos passamos a fazer 20 ... epá e nós financiávamos entre 90 a 95%, sendo que o apoio médio rondava os 20000€ a 25000€ e nós financiávamos 90%. A partir de 2009 acabou o fundo perdido, passámos a ter só o subsídio de desemprego e havia um prémio de 5000€. Então aí baixámos para 7/8 projetos por ano... e hoje temos meia dúzia de projetos por ano... Almodôvar tens 1 / 2 e este ano não teve nenhum ... está parado ... o empreendedorismo::: tem vindo a decrescer que tem tudo a ver com o estado da economia e da questão que falámos... da demografia ... se há menos gente ... população cada vez com mais velhos ... Quem vem agora, para alugar um casa 300€, pagar um emprego mais 800€ ... e pá não há escala:::

**RP** - E nem naqueles casos que me falaste de dos jovens licenciados que acabam os cursos[

**E4** – E pá nunca tivemos ...isso é um caso que nunca nos debruçámos sobre ele ... que é assim ...99.9% dos nossos projetos foram apresentados por pessoas ... Uns com mais perfil, outros com menos como é óbvio::: com mais experiência de trabalho... em termos de qualificações ... os nossos licenciados apresentaram uma percentagem

mínima... Os nossos licenciados na área do empreendedorismo não tem qualquer tipo de histórico no centro de emprego::: ou seja, mesmo com apoios, a lógica de que quem tirava um curso superior era sempre trabalhar por conta de outrem e nunca se estabelecer por conta própria... o nosso público desta medida eram pessoas que tinham trabalhado por conta de outrem, pessoas com experiência de trabalho... e pá e nós nessa área ... e pá::: é estranho mas nunca tivemos jovens (0.2) é comum a Castro e Almodôvar.

**RP** - E é interessante porque tanto a câmara de Castro como a câmara de Almodôvar incentivam e até tem apoios para o acesso de jovens ao ensino superior mas os jovens não se fixam[

**E4** - [E pá eu sou produto de pais funcionários públicos e o que o meu pai me dizia era assim: tudo o que tu podes fazer é tirar o curso e de preferência que entres para a função pública... e o meu projeto de vida por acaso andou sempre muito próximo... e acho que isso está interiorizado no perfil das pessoas. Só que isto aqui é tudo muito micro ... O licenciado por que não tem experiência profissional... não consegue sair da zona de conforto com facilidade::::: A pessoa vem se inscrever nós falamos dessa medida de empreendedorismo e as pessoas não querem... já são poucos... ou raros os que nos procuram... Os nossos estagiários ou recém licenciados quando se vêm inscrever no centro de emprego, não tem curiosidade sobre as medidas de apoio.

**RP** - Os licenciados quando vos procuram é mais para realizarem estágios?

**E4** - Para estágios... aí é a porta de entrada... e é das boas medidas... é das medidas que culmina com a empregabilidade.

**RP** - Mas achas que isso acontece por alguma falta de divulgação do IEFP? Ou alguma falta de curiosidade por parte das pessoas?

**E4** - Eu acho que isso é cultural:::: e acho que isso passa pelas universidades:::: ou até mesmo pela escola:::: mais cedo.

**RP** - Ou achas que existe muito o estigma de que só vai ao centro de emprego quem está desemprego?

**E4** - Não... hoje em dia não. Acho que vem toda a gente ... é mais uma oportunidade para as pessoas terem mais probabilidades de conseguirem trabalho.... Em regra a pessoa ao estar aqui inscrita tem mais vantagens::: e mais probabilidades::: Mas eu quero dizer é que os licenciados para serem empreendedores... esse problema deveria começar pela escola::: ou as universidades tem ou deviam ter esse papel ...não é fazendo meia dúzia de seminários que falam de empreendedorismo[

**RP** - Achas que devia existir uma relação mais direta entre universidade e centro de emprego?

**E4** - Universidade-mercado de trabalho; universidade-mercado de trabalho-empresas... isso é uma crítica... Eu fiz o meu curso na universidade do algarve ... o meu irmão também fez passado quase 10 anos, e pá e aquilo que ele deu por exemplo em contabilidade já mudaram... acho que nas faculdades a maior parte dos professores ainda não saíram do seu pedestal para pôr os estudantes ao serviço das empresas, porque ao porem ao serviço das empresas podem ser contratos ou podem prestar serviços (xxx) prestação de serviços por conta de outrem e aí podem criar a sua área de negócio.

**RP** - Tinha que ser a própria universidade a promover?

**E4** - Não só mas também... incentivar esse tipo de situação... porque o mercado de trabalho neste momento está estagnado e::: o por conta de outrem é difícil (xxx)talvez o por conta própria não é fácil mas pode ser mais um oportunidade::: Isto aqui é muito cultural dizer-se vê lá se arranjas um bom emprego::: um bom emprego é arranjar trabalho por conta de outrem:::::

**RP** - No que se refere às consequências e causas do desemprego, a questão do êxodo, provavelmente como tu já referiste o fator mais acentuado::: é o desemprego::: o que leva as pessoas a saírem mais daqui ... principalmente os mais jovens ou indicas outros fatores?

**E4** - Não::: Nós hoje assistimos a um ciclo diferente... os mais novos estão a voltar::: os mais novos qualificados::: e hoje como as pessoas estão desempregadas, não conseguem pagar as rendas e estão a voltar à casa dos pais. Hoje estamos com pessoas das nossas idades que estão a voltar a Almodôvar, a Ourique às casas dos pais porque estão desempregados ... é uma situação nova, recente, que ainda não nos tinha acontecido.

**RP** - A falta de emprego na região se é um dos fatores que motiva o êxodo, ou existem outros fatores?

**E4** - Algumas pessoas emigram, ou vão para o Algarve trabalhar mas, acabam sempre por voltar ... saem para trabalho sazonal, porque é assim... nós notamos que as pessoas aqui mesmo em situações de carência ou de desemprego, conseguem chegar à fala com a assistente social da câmara, ou com o vereador da câmara, com o presidente da câmara, ou com a assistente social da segurança social, ou com o técnico do centro de emprego, ou com o presidente da junta e consegue-se arranjar ali alguns apoios (xxx) é mais fácil hoje em dia ser desempregado na nossa região do que num centro grande::: nós não temos diminuído ... ou seja, o nosso ficheiro não tem diminuído (numero de desempregados)... alguns saem naturalmente (xxx)

**RP** - Ou seja os que saem são aqueles que acabam por voltar?

**E4** - Entrada e saída do mercado de trabalho:::o que tem acontecido é que alguns saíram para trabalhar e agora estão a voltar agora à terra... porque como eu estava a dizer, estamos com menos 3 do que em 2011 mas temos mais 20% de ocupados, o que significa que temos mais gente desempregada do que tínhamos antes ... à semelhança do que está a acontecer no país.

**RP** - Achas que até agora essas medidas estatais têm sido suficientes para estimular a economia local, o desenvolvimento local? Ou precisam de ser reestruturadas?

**E4** - As medidas deviam (xxx) quando o desemprego está mais elevado deviam haver maior recursos afetos a essa problemática. Mas o que se nota no nosso país é o contrário::: quer dizer os impostos deviam aumentar quando a economia está a crescer e não contrário::: portanto, procurar soluções (xxx) as câmara estão proibidas de contratar, a restauração tem o iva a 23% ... e pá:::as pessoas pagam mais impostos ... portanto::: como há menos dinheiro disponível na economia ... é mais difícil criar emprego, ou seja tens que ter mais meios para apoiar ::: sendo que os estágios... o apoio à contratação, está ajustado, o que eu acho é que na criação do próprio posto de trabalho, passámos do 8 ao 80 e agora não temos solução ... as pessoas que queiram criar o seu próprio posto de trabalho e que recorram a nós... nós não temos solução::: e::: acho que nessa área poderia existir::: agora é assim::: sei que a câmara de Almodôvar tem umas linhas de crédito ou um fundo::: mas não sei como é que aquilo funciona::: não sei se são bem divulgadas... se poderia ajudar, se não podia. Porque às vezes falta é um pouco de articulação ... agora não é necessário formalizar grandes redes para se trabalhar, nestas coisas é preciso é mais vontade::: em Almodôvar tem um projeto que tu deves conhecer que é o CLDS, e pá::: são mais do mesmo ... é a câmara::: somos nós ... as discussões são mais das mesmas::: é preciso que instituições e técnicos saiam mais da sua zona de conforto e aventurarmo-nos mais... e falarmos mais ... eu digo assim hoje em dia há apoios para jovens, para pessoas mais velhas, seja por via dos estágios::: O que falta aqui? Falta ter aqui mais umas Somincor, falta-nos mais dinamismo empresarial ... Como podemos ser mais atrativos? Não sei:::

**RP** - O interior sofre muito com isso::: a não ser as câmaras e alguma empresa de capacidade de média/alta que se fixe e empregue[

**E4** - Agora o que podemos atrair? E pá não sei... Almodôvar tem a parte do desenvolvimento dos recursos silvestres ...que há pouco não falámos ... que é uma parte importante e dá aqui um sustento em termos de economia (xxx). Almodôvar tem uma coisa boa que mais nenhum concelho tem, que é as freguesias ficam todas isoladas e convergem todas para a sede de concelho. De manhã os restaurantes têm pessoas que vêm ali das freguesias::: (xxx) nas outras lojas é tudo pessoal que chega ali 9h/10h da manhã faz os avios, almoça e depois vai à tarde. As pessoas de Santa Cruz, São Barnabé, Santa Clara, convergem todos para ali e ali nota ali alguma dinâmica::: Ourique não ... a malta de Santana vai para o Algarve, Santa Luzia vai para o Cercal, Panóias vai para Aljustrel a única que faz aqui connosco é Garvão:::

**RP** - Achas que a comunidade de Almodôvar é suficiente para encarar o desemprego? Ou seja, as pessoas encarem o desemprego não como um fator desencorajador ou se tem dinamismo suficiente para encarar de uma forma resiliente?

**E4** - Os tempos não são fáceis ... mas estão muito dependentes da câmara::: é a câmara que tem que resolver o problema... a pessoa pensa que ela não resolve o problema mas alguém tem que resolver por ela:::

**RP** - Ou seja sempre com a ajuda de uma instância superior?

**E4** - É assim::: as pessoas são pouco autónomas, pouco empreendedoras nesse sentido apesar de eu achar que está melhor::: as pessoas começam a sentir que as coisas não estão fáceis (xxx), os desempregados estão em concorrência uns com os outros, portanto::: aquele que se conseguir vender melhor, aquele que se conseguir apresentar junto das empresas, ter a melhor postura, ter alguma coisa para oferecer... às vezes a gente até diz assim quando for a uma empresa não vá perguntar o que eles lhe podem dar, você é que vai dizer o que tem para oferecer::: o que a empresa pode ganhar em contratá-lo a si ... nós próprios temos que nos vender, agora não é fácil (xxx) porque a pessoa agarra tudo como um drama::: está a mudar...porque as pessoas têm que viver de algo... têm que trazer algo para casa... isto tem aumentado os pedidos do RSI e ainda bem que há apoios nessa área::: deve-se trabalhar do ponto de vista social essas pessoas e::: e::: quem mais precisa e que mais recorre ao RSI ... há pessoas que já não podemos mudar::: com 50/ 60 anos mas os filhos ainda podem ajudar...no caso de etnias ciganas ... aqui em Almodôvar não há muitos, há alguns (xxx)é pá::: tem direito tem que receber mas, os filhos tem que ser obrigados a ir à escola, tem que entrar aseados na escola e não podem ter faltas. Cumpre, cumpre::: ... não cumpre não recebe (xxx). Se alguns gabinetes sociais da câmara , juntamente com a segurança social... quer dizer a segurança social também não tem assim tantos recursos ... é mais o ajudar no agora (xxx), porque depois não monitoriza ... acho que essas pessoas deviam ser mais trabalhadas ... agora até estamos a fazer aqui uma experiência::: esse grupo de Almodôvar que estão aqui inscritas com 47 anos são cerca de 60 pessoas, não sei se elas ganham alguma coisa em tar::: vamos fazer um apelo para virem cá, vamos promover as medidas, vamos tentar fazer aqui alguma coisa dinâmica convosco... eu duvido que grande parte cá venham... nem querem saber.

**RP** - E se as ações forem em Almodôvar?

**E4** - Eu duvido::: ou algumas vão por obrigação... eu às vezes digo: o senhor está desempregado não tem nada para fazer, então porque está inscrito? E é algumas dessas pessoas que nós temos que trabalhar, motivá-las... como? O que vamos dar? Não é só a formação::: porque algumas acham que aquilo não serve para nada... também não há nenhuma relação direta entre a formação e a empregabilidade, agora as pessoas deviam ser mais trabalhadas do ponto de vista social, de aprender a estar, de aprender a ir a uma

entrevista, a fazer currículo, a saber estar, porque todos sabemos fazer alguma coisa ... há que valorizar o que sabemos fazer e esse é um trabalho de índole social ... agora é assim isso implica sair das nossas secretárias das nossas zonas de conforto... estabelecer parcerias com as pessoas, que as pessoas sintam que podem ganhar alguma coisa com isso ... porque também não acreditam (xxx)... grande parte do nosso público nós temos até há 4ª classe 100 pessoas :: mas 168 até ao 9ºano e maior parte das pessoas com mais de 40 anos que não são qualificadas ... agora não há milagres ... ou trabalhas as pessoas (xxx) isto só investe se atraíres mais pessoas. Eu acho que esse tipo de pessoas (xxx) acho que o instituto de emprego deve ser uma resposta social não pode ser igual às outras ... e aí nós falhamos... o fato de não podermos diferenciar e ser tudo igual...

**RP** - Isto deveríamos fazer é com que as pessoas se sintam úteis de forma a que se sintam integradas[

**E4** - Certo::::: agora isso poderá ser discutido, o problema é::: que soluções? A gente aponta os caminhos mas, depois como é que a gente concretiza::: na prática? Isso é que é difícil ...agora tivemos por exemplo as escolas, começaram a ter os cursos profissionais[

**RP** - [Os CQEP's?

**E4** - Sim:::sim mas eles criaram percursos alternativos nas escolas ... mas que cursos para esses jovens? em Almodôvar fizeram técnico de ambiente, marketing e comunicação social... então e agora? O que fazemos a esses jovens? (xxx) as escolas tem que garantir até ao 12º ano por causa da escolaridade e começaram a criar percursos alternativos, os cursos profissionais que o instituto já fazia::: nos centros de formação... e as escolas também começaram a fazer::: porque começaram a fazer alunos:: mas estão a cometer os mesmos erros que o instituto cometeu há 10 anos atrás... ou seja estão a fazer os cursos possíveis com os meios que têm, que são cursos do papel.

**RP** - E que não vão ao encontro do mercado de trabalho[

**E4** - [ZERO, ZERO... Porque esses não vão arranjar um emprego, porque nem a profissão sabem... havia ali em Almodôvar o curso de técnicos de comunicação relações públicas e marketing e depois vieram cá inscrever-se e eu perguntei em que profissão quer ficar inscrito? Então qual é a saída profissional do seu curso? e os gaiatos não sabiam ... e pá, mas eu percebo a versão da escola... porque o que a escola vai dizer é que são os únicos cursos que conseguem, porque tenho estes professores disponíveis e é a forma que tenho ... ou faço isso ou não faço nenhum ... porque tenho que dar uma resposta aos jovens.

**RP** - Mas achas que é feito um mau diagnóstico, Marco?

**E4** - Não, o diagnóstico está feito! Nós temos é que cumprir com os nossos objetivos pessoais ou institucionais. Porque eu interessa-me muitas vezes com os números do instituto e esses podem colidir com outros, nomeadamente a escola:::

**RP**: Eu falei no diagnóstico, porque por exemplo do que serve formar no curso de comunicação que estavas a falar, se não existir um estudo prévio sobre a necessidade desse curso:::

**E4** - Oh Ricardo::: Não é preciso muitos estudos, como pagar para grandes projetos (xxx) o nosso mercado é pequeno ... eu acho que nessas coisas o que devemos fazer é sair da zona de conforto ... vamos falar com meia dúzia de empresários de hotelaria, falamos com meia dúzia de operários da construção civil, vamos à Somincor marcamos duas ou três entrevistas e eles dizem o que precisam::: não é preciso mais:::mas depois conseguimos dar resposta ou não ... na prática temos é que falar com quem emprega ... eu acho que é assim... porque se chamamos essas pessoas a um seminário ninguém vêm, ou quem vêm não fala.

**RP** - Mas achas que a *rede* funciona?

**E4** - Acho que a rede funciona de forma institucional, todas falam com palavras bonitas, porque ninguém se quer comprometer, ou porque não podemos, porque nos foge da área de atuação dos meios que temos, que passa por todos::: isso passa::: o CQEP em Almodôvar funcionou, porque se era preciso estarem lá às onze da noite eles tavam, se era preciso estar às 7h da manhã eles tavam... a parte da formação tem que ser direcionada para as empresas e temos ajudar os nossos horários, o nosso trabalho em função daquilo que eles precisam:::

**RP** - Têm alguns cursos específicos agora para iniciarem?

**E4** - Nós agora temos::: na área da metalomecânica, curso de electricista, metalomecânica, instrumentista... isso funciona em Aljustrel, que era o centro de formação mais próximo. Nós competimos ... competimos com a escola e outras entidades que têm formação... as nossas formações para os jovens é tudo direcionado para a mina. Não há razão para que os jovens não se possam deslocar para formações em Beja ou em Aljustrel, para aprender a profissão que queiram::: mas ficam-se pelo mais fácil que é ficar em casa::: acho que assim podemos investir ... nós estar a investir para os jovens que tem dupla certificação, que entram com o 9º ano e saiam com o 12º ano, tem um bloco de horas que inicia em 300 horas e vai aumentando em contexto de trabalho, se tudo correr bem passado três anos a empresa já conhece o jovem, se for para ficar fica. Não vai investir numa outra pessoa para entrar lá::: Em Almodôvar tivemos um curso auxiliar de saúde, para um lar que vai abrir, da fundação São Barnabé, e começou agora outro curso de bar e mesa no Solar da Portela só para dar resposta à parte da hotelaria e do turismo e agora começamos um de pintura, que esse é o único que foge à questão da empregabilidade... esse é curso EFA, que a ideia é ficar com o 6º ano com a duração de um ano e meio e aí o público são pessoas de 40/50 anos e aí é mais uma vertente social... as pessoas tem que ser mais empreendedoras para irem à luta como tu disseste.

**RP**- Quais são as empresas de Almodôvar que costumam trabalhar em parceria?

**E4** - Gabinetes de contabilidade trabalhamos diretamente com todos, o Zé da Lança, (xxx) a Gilara, o Fernando Palma ::: apoiamos diretamente, não temos protocolos. (xxx) a Somincor, Zé Dias, EPOS, proximidade com as IPSS, a Fundação São Barnabé o Centro Paroquial de Santa Clara ... umas são melhores clientes que outras ...

**RP** - A curto médio prazo o que o IEFP pretende fazer para que se evite o abandono escolar?

**E4** - A gente tem os centros de formação profissional, neste caso o mais próximo é Aljustrel ... Pretendemos manter estes jovens, o ideal é que continuemos a ter medidas de apoio e contar com as pequenas e médias empresas e que essas possam ir crescendo com o nosso apoio... agora não conseguimos fazer a mais do que isso ... ir qualificando pessoas para integrar essas pessoas... e direcionar as formações principalmente para o sector mineiro, hotelaria, restauração e área social.

**RP** - Essas formações iriam contribuir para o desenvolvimento local?

**E4** - Afinando essas formações, mais do ponto de vista profissional e que é a única forma de fixarmos esses jovens, quando os mais velhos se forem reformando ir integrando esses ... A Somincor voltou a fazer curso de mineiro::: e acho que este ano quer voltar a fazer esse curso e querem jovens até 30 anos mas com 12º ano:::

**RP** - E aí qual a função do IEFP?

**E4** - Nós vamos motivando os jovens para irem aumentando as qualificações de preferência em áreas que possam ser relacionadas ::: e na altura deles fazerem seleção nós vamos fazendo também ... tudo o que tiver o 12º ano chamamos vemos quais os que tem mais motivação::: e::: esses são encaminhados. Sozinho ninguém vai conseguir

nada (0.2), agora como é que nos articulamos? Isso é o mais difícil... termos respostas concretas para isso... é difícil chegarmos às pessoas:: as pessoas estão todas muito confortáveis ... mesmo os empresários... a gente fez aqui uma sessão:: não sei se já foi feito em Almodôvar:: um programa (xxx), uma parceria com a ESDIME, APDM, chama-se radiografia fazem o retrato do território, área social, emprego, empreendedorismo, formação ... Nós tivemos isso aqui ... e não teve quase ninguém ...

**RP** - Como é que tu sentes que seria aplicável um projeto com esta natureza? Nas áreas sociais, culturais, socioeducativos e económicos para que articulasse todas as entidades e mais algumas e envolvendo a participação comunitária?

**E4** - Isso era “ouro sobre azul”! Nós podemos sempre fazer mais e melhor do que fazemos hoje. Agora é assim, do ponto de vista do mercado de trabalho queremos envolver as entidades, elas tem que sentir o que ganham com aquilo ... é um bocado assim ...

**RP** - Mas a ideia do projeto é envolver toda a gente[

**E4** - Nós envolvemos as pessoas se as pessoas sentirem que vão ganhar também alguma coisa com isso:: (xxx) da experiência que tenho temos que agarrar nas crianças ... (xxx) é nas crianças que temos que fazer aqui alguns cortes geracionais do ponto de vista social. Acho que a câmara tem o papel de atrair entidades, articulando com o instituto, como fazem de modo informal.

**RP** - Então imagina que havia um espaço único em que tu tinhas um polo que englobasse uma série de entidades ativas, com um gabinete de apoio à criação do próprio emprego, um gabinete de estudo para as crianças, um gabinete de apoio às associações locais para promover a cultura e que todas elas assumissem um compromisso social pelo concelho...

**E4** - Isso faz sentido, com a perspetiva de continuidade... desse ponto de vista, uma pessoa que precisa, ou investidor:: e está tudo no mesmo sítio e consegue tratar de tudo... há uns projetos que estão a ser feitos ... Ourique também tem um:: o Criar +, à semelhança do projeto em Querença:: que são estágios profissionais... em que tens uma pessoa na área de sociologia, outra na área de gestão, uma pessoa do marketing (xxx) e a ideia é desenvolver micro projetos tendo em conta os recursos endógenos, (xxx) aqui é relacionado com o mel, o medronho, os enchidos, o pão... onde se está a tentar certificar, criando uma marca (xxx) acho que passa um bocadinho:: por esse tipo:: o problema disso é que vive de fundos comunitários, fazes um ano, ou dois... o que é insuficiente:: porque não consegues mudar as coisas de uma vida inteira num ano::

**RP** - Aqui era uma rede social de proximidade à comunidade[

**E4** - [E de nível técnico::

**RP** - Que apoios podiam passar pelo IEFP?

**E4** - Nós do ponto de vista social, temos sempre as nossas medidas::

**RP** - Mas achas viável neste tal ninho ter um gabinete do IEFP que colaborasse na questão de realizar currículo, preparar para entrevista de emprego?

**E4** - Neste momento Almodôvar até tem um gabinete de inserção profissional que depende da câmara e que funciona como um braço direito nosso, do centro de emprego, porque nós vamos lá um dia por semana e eles fazem os restantes dias:: agora isso já existe ... pode ser dado é outro tipo de visibilidade... e está dentro da câmara:: por isso (xxx) o desenvolvimento local será aquilo que as pessoas queiram!

**RP** - Achas que por parte do IEFP existe disponibilidade?

**E4** - Nós sempre temos participado seja em::: (xxx) seja em horários laborais, seja em horários pós-laborais ... e pá::: fomos a Almodôvar o ano passado a fazer sessões à noite... nós estamos sempre disponíveis para colaborar... temos sempre algumas

ferramentas do ponto de vista do apoio social e da parte económica importantes... alguém que quer criar o seu próprio trabalho e vai lá e sabe que tem este e aquele apoio ... (xxx) o projeto seria tipo um hipermercado ... vamos ali tínhamos tudo ...

**RP** - Bem, Marco, penso que já recolhi dados suficientes, resta-me agradecer a tua disponibilidade e prontidão e o meu muito obrigado.

**E4** - De nada, espero ter ajudado e boa sorte para o projeto.

**ANÁLISE DE CONTEÚDO CATEGORIAL – ENTREVISTA E4**

Categoria	Sub-categorias	Excertos da entrevista
	Dinamismo comunitário	<p>«[...] nós temos em Almodôvar atualmente 410 pessoas inscritas, tu tens de população ativa cerca de 3000 pessoas (...), 30 pessoas em 410 tou a falar em 7%. A nível nacional isso é uma gota de água!</p> <p>[...] por exemplo em Ourique as pessoas estão muito mais acomodadas, estão muito mais presas, são <u>acomodadas</u> mesmo não tendo alternativas! Almodôvar não! O que eu noto é que dos 3 concelhos onde existe uma maior dinâmica, é este o termo, entre o ir trabalhar e depois volta e inscreve e assim aproveita aquelas oportunidades todas, e entre Ourique e Castro, Almodôvar faz essa diferença. Diria que são desempregados mais ativos e dinâmicos!</p> <p>[...] o que segura ali Castro Verde e Almodôvar e então Almodôvar nota-se muito... que é as pessoas que estão alojadas e o dinheiro que é injetado na economia, porque tu tens residenciais cheias, depois tens os almoços tens os jantares, tens a lojas, tens as oficinas, pronto tens aquela estrutura que suporta isso tudo. »</p>
Dinâmicas populacionais e demográficas	Mobilidade e fluxos migratórios	<p>«[...] por acaso agora tá aí uma situação que se tá a inverter, que é o seguinte: nós até há coisa de 4 anos, nós praticamente não tínhamos desempregados licenciados.</p> <p>Nós hoje em dia temos muito mais licenciados inscritos... é pá até com um número significativo. Nós chegamos a ter aqui na casa, e o normal a ter nos 3 concelhos era num total de 40, dava aí 10/11 por cada concelho, e nós chegamos a ter no ano passado, em setembro/outubro de 2013, ou melhor dezembro 2012 e janeiro 2013 bateu mesmo no fundo! Nós chegamos a ter setenta e qualquer coisa de desempregados licenciados!</p> <p>Ou seja, eram os tais jovens que já não conseguiam ir para fora ou ficar lá fora e então voltaram. Por um lado, do ponto de vista demográfico, não deixa de ser mau</p>

		<p>[...]</p> <p>[...] temos ali na Aldeia dos Fernandes, especificamente, um conjunto de pessoas, que nesta altura, e se calhar falamos em 1 dezena ou 2 dezenas, que vão fazer a campanha da apanha das frutas, a:::: e noutras alturas também da poda da vinha e vão para a Suíça. E temos também outro grupo que vão também, e isto é muito caraterístico ali de Almodôvar, que vão para a Alemanha na altura do verão para trabalhar em gelatarias.</p> <p>[...] em Almodôvar, 40 pessoas que emigraram não é muito.</p> <p>[...] temos um conjunto significativo de pessoas que vão trabalhar para o Algarve, portanto há uns fluxos de trabalho sazonal, nomeadamente na hotelaria e na limpeza. Portanto, temos ali em 2 ou 3 freguesias alguma mobilidade.</p> <p>Nós hoje assistimos a um ciclo diferente... os mais novos estão a voltar:: os mais novos qualificados:: hoje como as pessoas estão desempregadas, não conseguem pagar as rendas e estão a voltar à casa dos pais::»</p>
	<p>Recursos de empregabilidade</p>	<p>«Quando falo em empresas falo em IPSS, autarquias locais, onde a gente contata diariamente e onde damos informação das nossas medidas. Porque quem cria EMPREGO não é o Estado, são as empresas privadas!»</p> <p>[...]trabalhamos diretamente com a Somincor [...]</p> <p>[...] nós trabalhamos ali com, desde a EPOS, Zé Dias, Idelberto, Teixeira &amp; Duarte[...]</p> <p>[...] mesmo algumas pessoas que eles contratam recorrem muitas vezes ao nosso apoio e nós, portanto, sabemos que é importante e diria que, e aquilo emprega 1200 pessoas de forma direta e mais 800 indiretas[...]</p> <p>[...]os desempregados de Ourique permanecem durante muito mais tempo, no caso de Almodôvar e Castro há uma maior rotatividade.</p> <p>[...] a área da restauração que é uma área com alguma influência no concelho de Almodôvar e com alguma rotatividade [...]</p> <p>Temos um setor também muito importante,</p>

		<p>que no caso de Almodôvar até está subdesenvolvido ou em menor escala que em Castro ou Ourique, que é o setor social, portanto o das IPSS.</p> <p>Portanto, temos o setor mineiro, setor da restauração, setor social, que é outro setor importante, e diria que em termos de Almodôvar é o que temos. Temos ainda a parte da construção, mas que agora tá parado!</p> <p>O importante aqui, e para quem se inscreve, é que saiba fazer alguma coisa!»</p>
<p>Problemáticas</p>	<p>Articulação populacional e institucional</p>	<p>«[...] nós com a Somincor fazemos em média na ordem dos 20/30 <u>estágios!</u></p> <p>[...] sobretudo em quadros superiores: engenheiros de minas, higiene e segurança, engenheiros ambientais, químicos, geólogos... (0.2) e não havia ninguém que fosse admitido que não passasse por um estágio profissional através do Centro de Emprego.</p> <p>[...] o Instituto de Emprego acordou tarde prá mina! Tivemos durante muitos anos de costas voltas prá mina e para os subempregados que lá estão e mesmo ao nível da formação profissional sempre se fez e nunca se fez para dar resposta ali, porque onde existe empregabilidade, onde existe trabalho, É ALI! Portanto, eu diria que há uma relação direta, e principalmente no caso de Almodôvar e Castro[...]</p> <p>[...]a Santa Casa da Misericórdia de Almodôvar não colabora connosco, já tentámos várias vezes mas não[...]</p> <p>Porque às vezes falta é um pouco de articulação ... agora não é necessário formalizar grandes redes para se trabalhar, nestas coisas é preciso é mais vontade:: em Almodôvar tem um projeto que tu deves conhecer que é o CLDS, e pá:: são mais do mesmo ... é a câmara:: somos nós ... as discussões são mais das mesmas:: é preciso que instituições e técnicos saiam mais da sua zona de conforto e aventurarmo-nos mais... e falarmos mais... eu digo assim hoje em dia há apoios para jovens, para pessoas mais velhas, seja por via dos estágios:: O que falta aqui? Falta ter aqui mais umas Somincor, falta-nos mais dinamismo empresarial ... Como podemos ser mais atrativos? Não sei::</p> <p>Nós temos é que cumprir com os nossos objetivos pessoais ou institucionais. Porque</p>

		<p>eu interessa-me muitas vezes com os números do instituto e esses podem colidir com outros, nomeadamente a escola::</p> <p>Nós competimos ... competimos com a escola e outras entidades que têm formação... as nossas formações para os jovens é tudo direcionado para a mina.</p> <p>[...] como é que nos articulamos? Isso é o mais difícil... termos respostas concretas para isso... é difícil chegarmos às pessoas:: as pessoas estão todas muito confortáveis... mesmo os empresários».</p>
	Dependência	<p>[...] (as pessoas) estão muito dependentes da câmara.</p> <p>É assim::: as pessoas são pouco autónomas, pouco empreendedoras nesse sentido [...]</p>
	Demografia	<p>«[...] qual é o grande problema dos concelhos do interior? Pá é a grande perda de população!</p> <p>«[...] em termos de população ativa entre 2001 e 2011, o concelho de Almodôvar perde cerca de, não chega a 200 pessoas. [...]</p> <p>[...]o maior drama que nós temos atualmente e que condiciona todo o resto é: 1 - envelhecimento da população, depois o saldo natural dos que morrem mais do que nascem e a partir daí tens tudo o resto.</p> <p>[...]os maiores problemas que temos tido aqui são: o envelhecimento da população, saldo migratório, taxa de mortalidade mais alta, saldo natural negativo, sendo que no caso de Almodôvar os fluxos migratórios há qualquer coisa mas é residual.</p> <p>[...]a população está envelhecida.</p> <p>[...]hoje temos meia dúzia de projetos por ano... Almodôvar tens 1 / 2 e este ano não teve nenhum ... está parado, o empreendedorismo:: tem vindo a decrescer que tem tudo a ver com o estado da economia e da questão que falámos... da demografia ... se há menos gente ... população cada vez com mais velhos ...»</p>
	(Des)Emprego	<p>«[...] Nós já vamos tendo aqui alguns licenciados, há um ano, dois, pá sem qualquer tipo de solução. [...]</p> <p>[...] desemprego aqui dos 67/68% de mulheres [...]</p> <p>[...] não é o não quererem! A questão é</p>

		<p>que não há ofertas!</p> <p>Eu diria que nós nunca tivemos tantos pedreiros e serventes desempregados como agora!</p> <p>[...] em termos de Almodôvar, só para te situares, nós em 2011 tínhamos 423 inscritos e em 2014 temos 410[...]</p> <p>[...] se pegarmos na população ativa, isso com dados de agora de abril, e as pessoas que tinha inscrito a 30 de abril, portanto só de Almodôvar tínhamos uma taxa de 13% e em 2011 tinha 12,8%, portanto não foge muito.</p> <p>Entre Castro, Ourique e Almodôvar, Almodôvar ao longo destes anos tem sido o concelho que tem sempre mais gente desempregada, tem sempre mais 2/3% do que Castro e Ourique.</p> <p>[...] temos também ali em Almodôvar uns engenheiros do ambiente, temos também uns designers, pá, são pessoas que se vêm aqui inscrever e que à partida se não forem elas a procurar dificilmente Centro de Emprego constituirá uma solução ou pelo menos captar alguma oferta. Digamos que esse não é o nosso mercado de trabalho.</p> <p>A pessoa vem se inscrever e nós falamos dessa medida de empreendedorismo e as pessoas não querem... já são poucos... ou raros os que nos procuram... Os nossos estagiários ou recém licenciados quando se vêm inscrever no centro de emprego não tem curiosidade sobre as medidas de apoio.</p> <p>[...] temos mais 20% de ocupados, o que significa que temos mais gente desempregada do que tínhamos antes ... à semelhança do que está a acontecer no país.</p> <p>[...] quando o desemprego está mais elevado deviam haver maior recursos afetos a essa problemática. Mas o que se nota no nosso país é o contrário:: quer dizer os impostos deviam aumentar quando a economia está a crescer e não contrário:::: portanto, procurar soluções (xxx) as câmara estão proibidas de contratar, a restauração tem o iva a 23%... e pá::as pessoas pagam mais impostos ... portanto:::: como há menos dinheiro disponível na economia... é mais difícil</p>
--	--	--

		<p>criar emprego.</p> <p>De Almodôvar que estão aqui inscritas com 47 anos são cerca de 60 pessoas, não sei se elas ganham alguma coisa em tar:: vamos fazer um apelo para virem cá, vamos promover as medidas, vamos tentar fazer aqui alguma coisa dinâmica (...) eu duvido que grande parte cá venha... nem querem saber»</p>
	<p>Dimensão educativa</p>	<p>«[...] Agora é assim, grande parte dessas pessoas não há nada a fazer... (0,2) e não há nada a fazer porquê? Porque a maior parte delas ou tem a 4ª classe, ou o 6º ano, e anda na casa dos 40, 50 e até aos 65 anos. E não há grande solução.</p> <p>[...] naquilo que é o nosso trabalho, é preferível termos pessoas desempregadas QUALIFICADAS, porque consegues eventualmente encaixar mais rapidamente e dar resposta às empresas do que ter pessoas, como nós temos aqui, na casa dos 40 anos e até aos 64, pá associados muitas vezes à baixa escolaridade e algumas vezes com alguma escolaridade e alguns cursos de formação mas depois sem saída profissional.</p> <p>Os nossos licenciados na área do empreendedorismo não têm qualquer tipo de histórico no centro de emprego::: ou seja, mesmo com apoios, a lógica de que quem tirava um curso superior era sempre trabalhar por conta de outrem e nunca se estabelecer por conta própria.</p> <p>Mas eu quero dizer é que os licenciados para serem empreendedores... esse problema deveria começar pela escola::: ou as universidades tem ou deviam ter esse papel ... não é fazendo meia dúzia de seminários que falam de empreendedorismo.</p> <p>[...] acho que nas faculdades a maior parte dos professores ainda não saíram do seu pedestal para pôr os estudantes ao serviço das empresas, porque ao porem ao serviço das empresas podem ser contratos ou podem prestar serviços (xxx) prestação de serviços por conta de outrem e aí podem criar a sua área de negócio.</p> <p>[...]o mercado de trabalho neste momento está estagnado [...]</p> <p>[...]as escolas tem que garantir até ao 12º ano por causa da escolaridade e começaram a criar percursos alternativos, os cursos</p>

		<p>profissionais que o instituto já fazia nos centros de formação... e as escolas também começaram a fazer porque começaram a fazer alunos... mas estão a cometer os mesmos erros que o instituto cometeu há 10 anos atrás... ou seja, estão a fazer os cursos possíveis com os meios que têm, que são cursos do papel (...) não vão ao encontro do mercado de trabalho (...) Porque esses não vão arranjar um emprego, porque nem a profissão sabem. (...) mas eu percebo a versão da escola... porque o que a escola vai dizer é que são os únicos cursos que conseguem, porque tenho estes professores disponíveis e é a forma que tenho ... ou faço isso ou não faço nenhum ... porque tenho que dar uma resposta aos jovens. »</p>
	<p>Dimensão social</p>	<p>«As câmaras têm muito mais gente do que aquilo que é necessário mas mais parte das vezes é ao abrigo deste ponto de vista social e nós enquanto serviço de emprego, naturalmente, também temos essa obrigação social. Nós sabemos que se não for na câmara ou na junta grande parte das pessoas não têm hipótese de trazer um rendimento para casa.</p> <p>[...] isto tem aumentado os pedidos do RSI e ainda bem que há apoios nessa área:: deve-se trabalhar do ponto de vista social essas pessoas e:: e::: quem mais precisa e que mais recorre ao RSI ... há pessoas que já não podemos mudar:: com 50/ 60 anos mas os filhos ainda podem ajudar (...)</p> <p>[...] também não há nenhuma relação direta entre a formação e a empregabilidade, agora as pessoas deviam ser mais trabalhadas do ponto de vista social, de aprender a estar, de aprender a ir a uma entrevista, a fazer currículo, a saber estar, porque todos sabemos fazer alguma coisa[...]</p>
<p>Potencialidades</p>	<p>Dinamismo e empreendedorismo comunitário</p>	<p>«[...] eu diria que ali em Almodôvar as pessoas também são um bocado empreendedoras [...]</p> <p>Portanto, eles procuram muito mais ativamente emprego do que antes.</p> <p>[...] as pessoas têm de fazer o seu papel ativo e é nisso que nós também estamos agora a trabalhar, o que nem sempre foi assim... as pessoas tavam inscritas tavam inscritas e à espera de um milagre ou que lhe batessem à porta, mas isso hoje não existe.</p> <p>[...] dos 40 projetos todos os anos pelos 3 concelhos mas o mais dinâmico, e isso é</p>

		<p>verdade, realmente foi sempre Almodôvar.</p> <p>Almodôvar tem uma coisa boa que mais nenhum concelho tem, que é as freguesias ficam todas isoladas e convergem todas para a sede de concelho. De manhã os restaurantes têm pessoas que vêm ali das freguesias::: (xxx) nas outras lojas é tudo pessoal que chega ali 9h/10h da manhã faz os avios, almoça e depois vai à tarde. As pessoas de Santa Cruz, São Barnabé, Santa Clara, convergem todos para ali e ali nota ali alguma dinâmica»</p>
	<p>Mercado de trabalho</p>	<p>«[...] serralheiros mecânicos, que a toda a hora a gente o metia ali (na mina); serralheiros civis; técnicos de manutenção industrial; mecânicos de automóveis, é pá, eletricitistas[...]</p> <p>[...] o por conta de outrem é difícil (xxx) talvez o por conta própria não é fácil mas pode ser mais uma oportunidade::: »</p>
	<p>Ao nível do território, empresas e instituições</p>	<p>«[...] a Somincor e o complexo mineiro tem duas grandes vantagens: tem a questão da empregabilidade, porque (0.2) há uma grande rotatividade e eles têm uma política muito correta, eles dão prioridade e têm absorvido o pessoal todo aqui da zona. Portanto, isso também temos que dizer! Claro que vêm quadro superiores que nós aqui não temos cá, qualificados, mas podemos dizer que grande parte das pessoas, mineiros e tudo, é tido daqui da zona. Mesmo quando era a altura dos estágios profissionais eles davam sempre preferência aqui[...]</p> <p>Nós, desde há três anos, estamos a falar diariamente com as empresas, agora não sei se é assim em todo o lado, nós aqui fazemos isso porque estamos num meio pequeno e temos uma relação direta, portanto, se nós quisermos ligar diretamente para os recursos humanos da Somincor, a gente liga. Se o Presidente da Câmara de Almodôvar quiser ligar para aqui, aliás como às vezes faz, liga e fala diretamente com o técnico [...]</p> <p>Almodôvar tem a parte do desenvolvimento dos recursos silvestres ... que é uma parte importante e dá aqui um sustento em termos de economia [...]</p> <p>Almodôvar tem uma coisa boa que mais nenhum concelho tem, que é as freguesias ficam todas isoladas e convergem todas para a sede de concelho. De manhã os restaurantes têm pessoas que vêm ali das freguesias::: (xxx) nas outras lojas é tudo</p>

		<p>peçoal que chega ali 9h/10h da manhã faz os avios, almoça e depois vai à tarde. As pessoas de Santa Cruz, São Barnabé, Santa Clara, convergem todos para ali e ali nota ali alguma dinâmica.»</p>
Reconhecimento institucional (IEFP)	Dimensão política	<p>«[...] nós enquanto serviço público de emprego, nós temos naturalmente que ter aqui alguma postura social... se te disser que a gente só faz formação se garantirmos a empregabilidade então a gente aqui não faz nada! A gente sabe que a seguir não temos... agora é assim, nós também não temos culpa de termos no interior e numa região deprimida, agora isso também não é só culpa das pessoas que cá estão não é?!</p> <p>[...] portanto, isto funciona quase como uma empresa. O Centro tem vários objetivos, esses objetivos são agregados pelos concelhos, pelos técnicos e tens de fazer, só para teres uma ideia, tens de fazer X colocações, tens de fazer X medidas (xxxxx), X medidas de contrato emprego/inserção, X medidas de pessoas de formação, X oferta, portanto, isto é tudo contratualizado [...]</p> <p>[...] Hoje em dia, temos aqui algumas medidas de emprego que havemos de falar a seguir, e muitas da vezes quando a pessoa vem aqui pedir nós fazemos aqui logo a apresentação de uma medida.</p> <p>Agora, posso dizer-te é que nós estamos perto e a ideia é que não passe ninguém sem que nós sejamos contatados e que façamos alguma filtragem e nós somos dos centros mais pequenos e ao nível do apoio à contratação estamos com um número muito GRANDE exatamente por isso e não fazemos mais porque não se faz omeletes sem ovos»</p>
	Dimensão técnica	<p>«No fundo é um serviço que a gente presta de forma gratuita às empresas, porque o nosso objetivo é sempre a colocação da pessoa que está cá inscrita, numa medida.</p> <p>[...]nós ou só “vendemos” a medida, ou só apresentamos as pessoas, ou apresentamos as pessoas e vendemos com a medida, ou seja, o pacote é à medida da entidade.</p> <p>[...] num grupo de 18 pessoas, e destas 18, 15 estão integradas nos restaurantes. Isto com medidas de apoio nosso, ou estágios, ou apoios à contratação</p> <p>[...]as pessoas sabem que as contratações partem é daqui e o facto de as pessoas estarem aqui inscritas dá-lhes mais</p>

		<p>possibilidades de se empregarem. Há mais pessoas a procurarem-nos e há mais empresas também. Sobretudo nestes últimos 2 anos nós temos aumentado a nossa captação de ofertas.</p> <p>Em regra a pessoa ao estar aqui inscrita tem mais vantagens::: e mais probabilidades:::</p> <p>Não é preciso muitos estudos, como pagar para grandes projetos (xxx), o nosso mercado é pequeno ... eu acho que nessas coisas o que devemos fazer é sair da zona de conforto ... vamos falar com meia dúzia de empresários de hotelaria, falamos com meia dúzia de operários da construção civil, vamos à Somincor, marcamos duas ou três entrevistas e eles dizem o que precisam::: não é preciso mais::: mas depois conseguimos dar resposta ou não ... na prática temos é que falar com quem emprega... »</p>
<p>Plano de Ação do CEFPO</p>	<p>Atividade operacional</p>	<p>«Isto é quase como uma empresa... apresentas um orçamento, quanto é que custa à entidade, quanto é que é financiado por nós, quais são as condições, quanto é que a pessoa vai receber, é tipo pacote. E conseguimos fazer isso porquê? E isto é o que nos distingue de um centro pequeno de um grande: porque temos menos utentes, temos menos empresas, e então conseguimos dar uma informação mais (célere), estamos mais próximos das pessoas e das empresas.</p> <p>[...] ao fim ao cabo acompanhamos os nossos desempregados e o nosso objetivo final é integrá-los no mercado de trabalho ou dar-lhes algumas ferramentas que lhes permita a eles, mais rapidamente, conseguirem sair da situação de desemprego e estabelecerem-se ou por conta própria ou por conta de outrem [...]</p> <p>[...] fazemos o atendimento ao público no dia-a-dia, nós a Almodôvar vamos uma vez por semana e a Castro duas, e fazemos também o atendimentos às <u>entidades</u> daqueles concelhos[...]</p> <p>Nós temos é alguns apoios que divulgamos e difundimos junto das empresas, agora quem cria emprego são as empresas... às vezes dizem “ah não me arranja emprego?!”. A gente não arranja emprego, nós fazemos é a promoção das nossas medidas e depois ajustamos[...]</p> <p>[...] em relação a Almodôvar, maior parte das ofertas de emprego que são</p>

		<p>comunicadas ao Centro de Emprego ou que são captadas por nós, tirando o setor mineiro, ou seja em todos os outros setores tradicionais como o setor primário: na área agrícola, ou mesmo no terciário: hotelaria, construção civil[...]</p> <p>[...] sessões dirigidas a desempregados e nós agora temos um programa que é o Garantia Jovem [...]</p> <p>[...] nós neste momento estamos a trabalhar com o nosso ficheiro e tamos a dar e a incentivar, quer dizer, nós estamos na área do emprego e da formação e todos os nossos desempregados o mínimo que têm de ter ou de frequentar é uma ação de procuras técnicas de empregos.</p> <p>[...] estamos a tentar motivar as pessoas com essas formações de 25 horas e temos outras de 150 a 200 em que a ideia é pôr as pessoas, pelo menos, a sair de casa, a tarem em contato uns com os outros e darmos algumas ferramentas.</p> <p>[...] é dar mais energia e dotar as pessoas para voltar a ter uma iniciativa, uma postura ativa enquanto desempregados [...]</p> <p>[...] num grupo de 18 pessoas, e destas 18, 15 estão integradas nos restaurantes. Isto com medidas de apoio nosso, ou estágios, ou apoios à contratação.</p> <p>[...] (a restauração) é um setor que acarreta alguma rotatividade, nós assim o que estamos a apostar é fazer formação específica nessa área.</p> <p>[...]temos feito também algumas formações dentro dessas áreas (IPSS), que são os ajudantes familiares, os técnicos auxiliares de saúde, que eram antigamente os cursos de ajudantes de geriatria.</p> <p>[...] nós muitas das vezes temos ido às empresas como digo e nós nesse aspeto temos feito um bom trabalho.</p> <p>[...] nós fazemos sempre 2 tipos de trabalho. É assim: quando a empresa quer contratar alguém, a empresa dá-nos o perfil, vamos à nossa base de dados, tiramos as pessoas, fazemos eventualmente uma pré-seleção e depois ou a escolha é nosso ou mandamos as pessoas apresentarem-se na empresa para fazerem a entrevista e eles é que escolhem.</p> <p>[...] a empresa precisa de algum com um</p>
--	--	---

		<p>perfil de competências, por exemplo na área administrativa, com conhecimentos de inglês, informática, 12º ano, e nós vamos ver na nossa base de dados quem são os nossos utentes que têm aquelas características para ao fim ao cabo apresentarmos às empresas. No fundo é um serviço que a gente presta de forma gratuita às empresas, porque o nosso objetivo é sempre a colocação da pessoa que está cá inscrita, numa medida [...]</p> <p>Portanto, nós tudo o que aparece e que crie emprego estamos atentos.</p> <p>Aqui trabalhamos em 2 áreas: medidas de emprego (...) - estágios profissionais; contrato emprego-inserção, para subsidiados e não subsidiados, portanto para RSI's; POC's; programas específicos da reabilitação, que é para deficientes (...).E depois temos a outra área: formação. Que é para aquelas pessoas ou que estão a fazer formação de curta duração, daquelas que te falei à pouco como as técnicas de procura de emprego ou vida ativa, ou são pessoas que estão a fazer um percurso formativo mais completo em que saem com uma dupla certificação, isto é, saem com um grau de habilitação, ou o 9º ano ou o 12º ano, e saem também com uma profissão, e nós temos 301 pessoas.</p> <p>[...] e temos também o apoio à criação do próprio emprego »</p>
	<p>Articulação institucional e parcerias</p>	<p>«Ainda à bocado tava com uma entidade que vai abrir um turismo rural ali em Castro Verde (0.3) e ligou-nos para cá e até enviou um e-mail a dizer que precisava de uma pessoa e o que é que fiz logo, por acaso sou gestor de carreira de algumas pessoas e tínhamos algumas com aquele perfil, na área do turismo, enquadrei a pessoa numa medida e quando respondi à empresa disse que temos uma pessoa eventualmente com esse perfil; que pode interessar; que podem agendar uma entrevista; que pode ser contratada ao abrigo de uma medida que é o estágio profissional; os custos são estes; pá, isto hoje funciona assim[...]</p> <p>[...] nós em Almodôvar temos a Fundação São Barnabé, que é um beneficiário das nossas medidas, temos algumas empresa de inserção onde existem algumas contratações, alguns programas que já falarei, temos a Casa Paroquial de Sta. Clara [...]</p> <p>Cada gabinete de contabilidade representa 3</p>

	<p>ou 4 dezenas de empresas e nós se chegarmos ao gabinete de contabilidade chegamos às empresas. Com as empresas grandes, neste momento, articulamos praticamente com todas. Outra coisa que temos com os gabinetes de contabilidade, uma mais-valia, é que quando eles empregarem alguém dizem-nos qualquer coisa para ver se essa pessoa se encaixa em alguma medida nossa ou não!</p> <p>[...] mal de nós estaríamos, e cá está a vertente social, se não houvesse as autarquias e se estas não nos dessem a mão.</p> <p>Portanto, as autarquias, em algumas áreas, sobretudo nas pessoas menos qualificadas tem um papel muito importante e nós temos aqui 2 medidas que é o contrato-emprego de inserção para subsidiados e para rendimento social de inserção, são os RSI's, onde nós também fazemos parte, conjuntamente com a segurança social e as câmaras e as pessoas estão todas identificadas.</p> <p>[...] há que valorizar o que sabemos fazer e esse é um trabalho de índole social ... agora é assim isso implica sair das nossas secretárias das nossas zonas de conforto... estabelecer parcerias com as pessoas, que as pessoas sintam que podem ganhar alguma coisa com isso [...]</p> <p>[...] do ponto de vista do mercado de trabalho queremos envolver as entidades, elas tem que sentir o que ganham com aquilo.»</p>
<p>Estímulos á fixação de jovens; implementação de empresas; quebrar o desemprego; etc</p>	<p>[...] nós agora fazemos formações com pessoas que ficaram desempregadas da mina e portanto estão a ter formações, em Aljustrel, na área da manutenção industrial, portanto ((pneumáticas)), hidráulicas, eletricidades, cuja ideia é quê? É elas voltarem lá mas já com algum grau de qualificação.</p> <p>Embora eu não acredite muito nos privados, os privados só fazem se aquilo tiver alguma rentabilidade, mas nós <u>Estado</u>, serviço público, temos mesmo que sentar à mesa e reunir com as empresas, ver o que eles precisam e nós vemos as pessoas que temos e tentar ajustar soluções.</p> <p>Para estágios... aí é a porta de entrada... e é das boas medidas... é das medidas que culmina com a empregabilidade.</p> <p>A gente tem os centros de formação</p>

		<p>profissional, neste caso o mais próximo é Aljustrel ... Pretendemos manter estes jovens, o ideal é que continuemos a ter medidas de apoio e contar com as pequenas e médias empresas e que essas possam ir crescendo::: com o nosso apoio [...]</p> <p>Afinando essas formações, mais do ponto de vista profissional e que é a única forma de fixarmos esses jovens, quando os mais velhos se forem reformando ir integrando esses [...]</p> <p>Nós vamos motivando os jovens para irem aumentando as qualificações de preferência em áreas que possam ser relacionadas :: e na altura deles (Mina) fazerem seleção nós vamos fazendo também ... tudo o que tiver o 12º ano chamamos vemos quais os que tem mais motivação::: e:: esses são encaminhados.»</p>
	<p>Ações e projetos futuros</p>	<p>«[...] as pessoas têm de ter à mesma uma resposta, umas de índole mais social e outras naturalmente mais incisivas e na aposta da requalificação para as pessoas poderem entrar no mercado de trabalho. É normal que eu tenha uma pessoa ou até muitas pessoas com 50 e poucos anos, e se calhar algumas até já têm o 12º ano porque até já fizeram um curso ou dois ou três, agora se quem emprega é a iniciativa privada, e aqui nesta região é o complexo mineiro Neves Corvo, portanto sei que essas pessoas aí não têm (hipótese). Agora, mais vale ter uma pessoa ocupada, com mais algum grau de qualificação, nem que seja por saber mexer num computador, ou para falar com o neto que entretanto já mexe também no computador a:::....., porque a formação também, e por aquilo que leva em termos pessoais, tem sempre o seu valor[...]</p> <p>[...] nós estar a investir para os jovens que têm dupla certificação, que entram com o 9º ano e saiam com o 12º ano... têm um bloco de horas que inicia em 300 horas e vai aumentado em contexto de trabalho, se tudo correr bem passado três anos a empresa já conhece o jovem, se for para ficar fica.</p> <p>Nós agora temos::: na área da metalomecânica, curso de electricista, metalomecânica, instrumentista [...]</p> <p>Em Almodôvar tivemos um curso auxiliar de saúde, para um lar que vai abrir, da fundação São Barnabé, e começou agora outro curso de bar e mesa no Solar da Portela só para dar resposta à parte da</p>

		<p>hotelaria e do turismo e agora começamos um de pintura, que esse é o único que foge à questão da empregabilidade... esse é curso EFA, que a ideia é ficar com o 6º ano com a duração de um ano e meio e aí o público são pessoas de 40/50 anos e aí é mais uma vertente social [...]</p> <p>[...]direcionar as formações principalmente para o sector mineiro, hotelaria, restauração e área social.</p> <p>[...]da experiência que tenho temos que agarrar nas crianças ... (xxx) é nas crianças que temos que fazer aqui alguns cortes geracionais do ponto de vista social. Acho que a câmara tem o papel de atrair entidades, articulando com o instituto, como fazem de modo informal.»»</p>
Sensibilização ao Projeto	Viabilidade e aplicabilidade	«Isso era “ouro sobre azul”!»
	Espaço único	«Isso faz sentido, com a perspectiva de continuidade... desse ponto de vista, uma pessoa que precisa, ou investidor::: e está tudo no mesmo sítio e consegue tratar de tudo [...]
	Apoio ao projeto	<p>Neste momento Almodôvar até tem um gabinete de inserção profissional que depende da câmara e que funciona como um braço direito nosso, do centro de emprego, porque nós vamos lá um dia por semana e eles fazem os restantes dias::: agora isso já existe ... pode ser dado é outro tipo de visibilidade [...]</p> <p>[...] nós estamos sempre disponíveis para colaborar... temos sempre algumas ferramentas do ponto de vista do apoio social e da parte económica importantes [...]</p>
Caraterização socioprofissional do entrevistado	Função	Técnico Superior do IEFP
	Formação	Licenciado em Gestão de Empresas

#### ANEXO 16 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA E5

NOME	LOCAL	DATA	HORA	ENTREVISTADOR	DURAÇÃO
Jorge Alves (CQEP Almodôvar)	CQEP e Escola C+S de Almodôvar – Gabinete conselho executivo	07-02-2014	15H16	Ricardo da Palma	00:51'30

#### TRANSCRIÇÃO

**RP** - Boa tarde Professor Jorge. Bem, nos dispensamos formalismos uma vez que temos vindo a falar sobre esta minha “nova aventura” e além disso o professor também acompanhou de perto as atividades que desenvolvi no âmbito da licenciatura, no ano transato, na UC de Práticas.

**E5** - Sim sim, estou a par do que o meu amigo anda a fazer (risos).

**RP** - Pode só fazer uma breve caracterização socioprofissional, professor?

**E5** - Ok... Então, chamo-me Jorge Alves, tenho uma licenciatura na área de Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses e Alemães, com pós graduações e 1ª parte do mestrado, falta defender a tese, em Administração Escolar, e outras formações sobretudo na área de Educação de Adultos. Neste momento, as minhas funções... faço parte da direção do agrupamento de Escolas de Almodôvar, antiga escola secundária, antiga escola e,b 2+3 s, desde 1992 (0.2), e que será um caso raro de longevidade por aqui (risos). Já tinha outras experiências de gestão em outras escolas a::::: tenho sido sempre subdiretor, vice-presidente -- de acordo com as novas atribuições -- e há uns anos atrás, quando a apareceram os CNO`s fui um das pessoas que tive na sua conceção, juntamente com a minha colega diretora e mais uma outra pessoa, a:::::, e tenho acompanhado, fui diretor, fui coordenador, e neste momento sou também o coordenador -- portanto, desapareceu a figura de diretor – do Centro de Qualificação e Ensino Profissional (CQEP) de Almodôvar, um dos cinco que existe no Distrito de Beja.

**RP** - Os CQEP`s são uma espécie de continuidade dos CNO`s?]

**E5** - [Sim, quer dizer... embora na sua essência, na sua base formativa, fruto da mudança legislativa, seja ligeiramente diferente hhhhhhhhhhh, mas nós tínhamos todos o *know-how* (0.2), digamos que todo um saber já acumulado, todo um processo, digamos que sobretudo todo um nome e uma qualidade de serviço reconhecida que nos ajudou a projetar o CQEP. Só para dizer que, tirando o IEFP, a nível de associações e escolas nós tínhamos 10, ficaram agora 4. Nós temos 3 de escolas, um de uma associação e outro do instituto de emprego. Obviamente, e com os CNO`s se calhar havia em excesso e mal distribuídos geograficamente. Os CQEP`s tentou-se ter alguma distribuição geográfica tendo em conta as candidaturas. (0.2) Neste momento o CQEP para nós tem ainda uma questão bastante interessante, nós temos estado a trabalhar com a Agência Nacional para a Qualificação (ANQ) e somos neste momento um dos poucos, só há dois, portanto desses cinco CQEP`s só dois é que vão ter essa responsabilidade, onde nós vamos ajudar a agência nacional, somos representantes do Baixo Alentejo junto da comunidade intermunicipal e::::: nas reuniões de rede representámos mesmo -- e neste caso concreto fui eu -- representámos a agência nacional nas reuniões de rede para definir todos os cursos profissionais e oferta educativa e adultos nos vários concelhos do Baixo Alentejo na nossa esfera de ação. É pá, o que lhe posso dizer mais, esta representatividade foi por convite da ANQ, através do Dr. Gonçalo Xufre e teve a ver de facto com a herança que do CNO e com o trabalho que tivemos (0.3). Portanto, como é que hei de dizer, é uma responsabilidade acrescida mas ao mesmo tempo uma grande honra não é?! Nós aqui perdidos no Baixo Alentejo, nós estamos na periferia da periferia, porque quer queiramos quer não a cidade Beja, capital de distrito, está na periferia das grandes cidades e nós estamos na periferia de Beja.

**RP** - Periferia de Beja e também de Faro, porque a distância é sensivelmente a mesma[

**E5** - [sim, pois estamos meio do caminho, a 65km para cada lado. De qualquer maneira, e uma das questões que nós também tivemos presentes, e agora ainda bem que falou em Faro, também já estivemos e a escola também, aqui através da diretora, e da minha presença enquanto coordenador, tivemos também no encontro das escolas limítrofes do Alentejo e Algarve com tentativa de trabalharmos em conjunto para,

EVENTUALMENTE – embora seja é extremamente difícil – para sermos digamos assim[

**RP** - [limitrofes, que serão Loulé, Alcoutim[

**E5** - [Alcoutim, Loulé e:::: tivemos também:::: em Albufeira, embora esta não muito limitrofe mas temos muita “exportação” dos nosso alunos para lá. A ideia seria tentar potenciar alguns dos nosso cursos e atrair alguns dos algarvios para aqui, que, reconhecidamente, é muito difícil, não impossível, mas muito difícil. Eu diria que conseguiríamos atrair um ou dois por cada 100 de “exportação”... quer dizer, isto seriam números reais...

**RP** - Pois e aqui entramos numa das questões que queria abordar, que é a questão da demografia e como é que o professor caracteriza demograficamente o concelho, a *história* dos fluxos migratórios, já vi que há algumas relações com concelhos limitrofes[

**E5** – [é pá, nós neste momento temos uma questão que é muito complicada... que não é só no concelho de Almodôvar mas em todo o interior do país. (0.2) que é assim, nós fazendo quase uma análise SWOT, nós temos norte, sul, litoral, interior e a verdade é que o MAIS MAIS está no norte litoral e nós infelizmente estamos naquele quadrado sul interior, que é, juntamente como o norte interior, que está muito despovoado. Nos temos que ver dados, como por exemplo dos Censos... nós em 10 anos, de 2001 a 2011, perdemos qualquer coisa como 700/800 habitantes; temos uma taxa de envelhecimento, que agora não sei neste momento de cor, mas o Ricardo sabe de certeza, e que é exponencial. Eu posso dar dados:::: é pá, que vêm no fim de contas ((contribuir)) com isso, eu à pouco, na minha apresentação, tenho sido um dos responsáveis por esta casa, nos seus vários formatos, desde 1992. Mas, e só para nós termos uma noção, bastante interessante, de números, em 1995 nós atingimos ao auge de alunos desta escola... nós tínhamos 1172 alunos do 5º ao 12º ano. Nessa altura haviam cerca de 800 a 900 alunos do 1º ciclo e o pré escolar não abrangia maior parte das aldeias e não abrangia a partir dos 3 anos mas sim a partir dos 5. Neste momento, neste agrupamento e eu vou só falar em termos deste agrupamento, que tem desde a intervenção precoce, ao qual somos agrupamento de referência para os concelhos de Almodôvar e Ourique hhhhh, temos o 1º ciclo, 2º, 3º, secundário, sendo que no 3º ciclo temos portanto percursos curriculares alternativos, e ensino profissional no secundário, que não existia, nós neste momento estamos a falar em 850 alunos. Portanto, eu diria que nós em 19/20 anos perdemos 60% da nossa população. E como tal é uma questão que nos limita muito, nem vale a pena estarmos com isto no sentido de escamotear realidades, porque condiciona-nos em tudo... condiciona-nos no nº de alunos que podemos ter por turma, condiciona-nos em questões como ofertas de cursos[

**RP** - [e o abandono escolar?

**E5** - Nós, o abandono escolar aqui é praticamente zero! E isto porquê, mesmo antes da escolaridade obrigatória até aos 18 anos? Nós conseguimos uma coisa que é: 1º ciclo a:::::, porque o abandono teve, tamos a nível zero já há algum tempo, temos eventualmente casos de etnias ciganas que o registo não é muito fiável mas também não é abandono. O que nós temos efetivamente é a transferência de alunos para locais mais urbanos... portanto a migração interna, nomeadamente para o Algarve ou então para a zona do Barreiro, Baixa da Banheira, Montijo, portanto, a Península de Setúbal e obviamente a emigração para a Europa... mantém-se a Suíça e a Alemanha, que sempre foram tradicionais por aqui.

**RP** - Mas a questão das ofertas formativas, e eu lembro-me, por exemplo, na minha altura, Castro Verde já tinha como opção a área de desporto ao nível do secundário e houve muito pessoal que se transferiu para Castro para poder ingressar nessa área. Acha

que hoje a oferta educativa e formativa em Almodôvar pode influenciar a saída de alunos?

**E5** - Nós, no próximo ano letivo de 14/15, que já estamos a preparar há mais de dois meses e fruto também da ação do CQEP e de algum::: avanço que conseguimos ao ter o centro de qualificação e da aposta que foi feita, temos uma questão que foi: nós é que tratamos toda a parte de adultos e de encaminhamentos e inclusivamente até de formações modulares, etc.... Também fruto de termos uma das maiores instalações a nível físico, portanto a escola de Almodôvar[

**RP** - [instalações e equipamentos]

**E5** - [sim, o Ricardo quando fez a visita guiada e em determinadas partes ficou surpreendido, nós temos grandes condições materiais... temos, relembrando, 4 laboratórios de informática, temos também laboratórios de física e de biologia ao nível de um instituto superior ou de uma faculdade... (0.3) a questão está pois no nº reduzido de alunos que temos!

**RP** - E não há procura a essa oferta, a esses equipamentos[

**E5** - [exatamente! Nós para 2014/2015 temos, por exemplo, a nível do secundário os cursos de prosseguimento de estudos, conseguimos pela 1ª vez oferecer mais cursos que todos os concelhos limítrofes, mais variedade... Nós vamos oferecer, e você lembra-se, há 4 grandes núcleos científicos: a área dos científicos, a parte económica, a parte de línguas e a parte de artes. A parte de artes, ao nível do distrito de Beja só vai existir na capital de distrito e nós conseguimos autorização para abrir aqui todas as outras áreas pela 1ª vez nos últimos anos! Castro Verde só vai ter 2 delas; Ourique só vai ter uma porque não vai ter quase alunos para formar no secundário e Mértola só vai ter uma (0.2) Portanto, nós estamos aqui com condições excelentes! No entanto, temos aqui um grave problema... e quando digo grave tem a ver com a nossa rede viária, não física, mas a rede de transportes! A rede de transportes do interior tá construída no sentido de quem está na periferia poder ter transporte para o grande centro urbano, ou seja, nós temos um carro diário para Beja, para Castro Verde de manhã e no sentido contrário não existe... (0.2) e eu tenho uma situação em mãos que tem a ver com 8 alunos, e 8 quando nós estamos a falar em ter 50 a 60 alunos de 12º ano, duas turmas, a:::;, 8 eu não vou dizer que é uma multidão mas é um número razoável para nós... mas estes 8 podiam ser potencialmente 15 ou 16 e neste momento estou a tentar envolver as duas autarquias a:::;, existe uma atenção sobre isto, mas eu não tenho poder de decisão nisso, que seria, por exemplo, a autarquia de Castro Verde trazer os miúdos até ao Rosário e potenciarmos o transporte para Almodôvar que tem um autocarro que faz o transporte dos nossos alunos de lá para aqui, que são uns 30, e ainda têm um autocarro de 50 lugares que tem potencial para trazer os de Castro. Isto (0.2), implica várias coisas... acordos de câmaras; transferências de verbas; vontade dos alunos, porque os alunos que querem vir para socioeconómicas são alunos que querem seguir socioeconómicas e que não querem ir para Beja porque há um estigma, embora que não oficial, de que quem vai para Beja não tem a mesma preparação que os da capital de distrito, (xxxxxxxx) embora as avaliações externas digam o contrário, há de facto uma diferença e a diferença base é que nós aqui temos de ter um ensino para todos porque somos oferta única do concelho.

**RP** - Hum, ok. Mas professor, surgiu-me agora, a comunicação da delegada regional na semana passada, nas I Jornadas de DL, sobre a tal parceria, da tal rede intermunicipal e só questiono para tentar perceber, por exemplo: imaginemos que Ourique tem um curso/oferta educativa socioeconómico, Mértola abre línguas e Castro Verde abre só científico... Uma vez que Almodôvar tem os 3, não consegue ir buscar alunos aos outros concelhos[

**E5** - [só consegue ir buscar o que os outros não conseguem oferecer como é óbvio.

**RP** - Pois, e onde eu queria chegar era, dentro da ideia da delegada regional de educação de existir maior ligação e interação intermunicipal, se não seria mais viável existir apenas uma área em cada concelho para evitar *atropelos* de ofertas educativas? É certo que os concelhos são grandes, são extensos, mas são próximos e não seria essa uma via viável?

**E5** – A:..... Sim e não. Não, por uma razão simples... A:..., vamos começar ao contrário. Nós temos que ter, para manter as escolas com o ensino secundário, temos que tentar oferecer pelo menos um curso de prosseguimento dos estudos e todos nós e a tutela assim o entende também, é que haja oportunidade de escolha! E a oportunidade de escolha neste momento está a ser entre 1 curso de prosseguimento de estudos e 1 curso profissional... de grosso modo é assim que está a ser ((feito)). Obviamente que quase que todas as escolas neste momento oferecem cursos científicos e tem a ver com a questão da variedade saídas e com a variedade de empregabilidade, porque quanto mais saídas mais empregabilidade existe como é óbvio.

**RP** – Sim, mas vocês – direções das escolas de cada concelho – reúnem por vezes, discutem ideias?

**E5** – Sim sim, nós reunimos e em reuniões mais promovidas pela DGEstE, ex-direção regional agora direção geral dos estabelecimento escolares e reunimos também com frequência porque nós temos uma rede local, digamos assim, que está associada ao centro de formação de professores, já esteve sedeada aqui em Almodôvar e que por uma questão de rotatividade e também por uma questão de reestruturação de rede, nós abrangemos neste momento Almodôvar, Aljustrel, Castro, Mértola, Ourique, e ainda temos mais duas escolas do concelho de Odemira, as mais chegadas a Ourique – Colos e Saboia. (0.3) Como ia dizendo, por uma questão de logística, disponibilidade e rotatividade neste momento está em Mértola e nós reunimos com frequência, normalmente de 6 em 6 semanas, para efeitos de formação de professores mas também, uma vez que nessas reuniões estão os diretores e subdiretores, e fazemos exatamente toda a preparação de anos letivos, de oferta, de tudo. hhhhhh NÃO formalmente, porque isso fazemos depois, mas temos noção do tempo que vamos de ter num determinado curso, do tempo que vai durar o ensino secundário, do tempo das ofertas educativas... portanto é assim, por exemplo, uma das questões que nós tivemos aqui:::: (0.2) e vou ligar agora duas respostas... e tem a ver com o que me perguntou sobre o abandono... É assim, nós conseguimos ser das primeiras escolas do Baixo Alentejo a ter os CEF's, cursos de educação profissional, cujo último CEF foi há 5 anos que terminou. Foi até um bastante interessante que foi:::: Bombeiro. Nós tivemos vários, em várias áreas, desde a hortofloricultura, informática::: comércio, serviço comunitário, tivemos uma série de (xxx). O que é que aconteceu?! Nós conseguimos atrair para esses cursos todo aquele público-alvo que tinha tendência para o abandono por várias razões: ou porque a escola tradicional não lhes dizia nada; ou porque as dificuldades de concentração numa aula meramente teórica era mais complicado, e outras... pá, e conseguimos. Só que o que é que acontece?! Nós fomos a 1ª escola a deixar de ter capacidade para formar turmas, com::: uma taxa de execução bastante interessante hhhhh conseguimos sempre chegar ao fim com 90 a 95% dos alunos inscritos... QUE para essas faixas, essa franja, digamos assim, de utentes de serviço educativo é muito bom porque é uma franja muito difícil. Aí, houve a questão de nós apostarmos no quadro de professores... e o quadro foi duro porque::: era um quando dos mais efetivos da casa, mais velhos, com maiores responsabilidades, o 1º CEF que houve incluiu elementos da gestão dado que o ambiente era um pouco instável. Mas pronto, depois houve alunos que foram para os profissionais e hoje orgulho-me de dizer que tenho

alunos eu passaram pelo CEF e pelos cursos profissionais e têm licenciatura e estão bem na vida, claro que é uma franja de 15/20%, mas o que é bom. A:::: a dificuldade neste momento tem a ver com a abertura de turmas... quer pelo que já disse quer pelo número que a tutela tem. A tutela, para abriremos um curso, temos que ter entre 25 a 28 alunos! E é difícil...

**RP** - Mas professor, vocês fazem algum estudo, algum diagnóstico das putativas ofertas? Digamos, não sei, dentro dos cursos de ensino profissional[

**E5** - [É assim... nós quanto aos curso profissionais temos tido alguma preocupação de, em reunião com os executivos, tentar que haja alguma noção de empregabilidade... isto porquê? Porque tentamos saber quais os grandes investimentos... e aconteceu-nos isso com dois dos cursos profissionais, um que terminou este ano e outro que vai para o 12º ano, que por acaso é a minha turma. Tem a ver com turismo e turismo rural ambiental. Nós estamos numa zona, perto da ((Rede Natura 2000)) e pode ser palco de grande investimentos. Obviamente que::: formar, por em estágio 26 alunos de turismo em 2 ou 3 unidades que tenham 4/5 quartos, é praticamente impossível... Nem há resposta para isso! Neste momento, a tutela, através da DGEstE, temos instruções muito precisas com as quais eu concordo em absoluto, que é a escola::: não deve oferecer, apesar de dever de haver uma especialização, e esta especialização já vou explicar, numa determinada área, nunca devemos repetir os cursos anualmente. A conceção dos cursos profissionais têm uma série de condicionantes: não podemos contratar ninguém, digamos que temos que viver com a prata da casa e nós não temos técnicos para áreas mais práticas, aquelas oficinas que nós tínhamos antigamente?!, isso acabou!; todas as escolas do interior podem oferecer cursos de papel; não podemos ter obras de ampliação ou alteração de laboratórios ou do que seja do que for; nem podemos ter muitos materiais a adquirir porque depende do fundo social europeu; não podemos alugar, quer dizer o que podemos comprar é pouco e qual é que tem sido a nossa preocupação? Tem sido exatamente em proporcionar um leque de cursos que permita que alguns deles possa ficar em Almodôvar e que quando alguns deles saírem de Almodôvar, e sei que vão sair, que lhes permita ter algum know how que lhes permita arranjar emprego.

**RP** - E a relação estreita com a Somincor, que como sabemos é talvez dos polos de empregabilidade mais forte da região, sei que enquanto CNO tinham uma boa relação, estreita, perfeitamente enquadrada[

**E5** - [sim sim, é a mais forte! E mantemos! Mantemos, a única questão, ou melhor, as únicas questões são que::: (0.2) e já agora, vou continuar só um pouco mais com os cursos profissionais só para contar uma realidade que, apesar da Somincor e de todas as empresas satélite que lá trabalham, e nós estamos a falar em 2500 ou 2700 trabalhadores ali, é de longe, do sul do país, tirando talvez a Autoeuropa, é o maior empregador! Esqueçamos o turismo... Já tentamos lançar aqui cursos diurnos vocacionados para a Somincor, mas nós temos aqui uma questão muito simples: com o business deles, o minério, a extração de minério, eles não querem formação outra que não a dada por eles! Portanto, só se pode ser mineiro com 18 anos, tem que se ter o 12º ano, curso especializado... nós podíamos oferecer o curso de mineiro, porque existe no catálogo nacional[

**RP** - [pois nem que fosse a parte teórica[

**E5** - [sim daríamos a parte teórica e eles a parte prática... o problema é que os nossos alunos têm 15 anos, mesmo com o estágio têm 17 e só se pode ser mineiro a partir dos 18! E temos uma embrulhada jurídica porque a Somincor, enquanto empresa privada, não aceita menores de 18 anos. Outras das questões, tentámos também lançar, e volto a falar nos nossos excelentes laboratórios de biologia, e de física e química, tentámos lançar um cursos profissional de análise clínicas que daria também para toda a parte

laboratorial. A::::: Como eu disse, nós temos que ter 28 alunos, a Somincor mostrou-se extremamente recetiva mas até ao máximo de 3 alunos estagiários! hhhhh[

**RP** - [que seria também o que eles conseguem integrar[

**E5** - [que é o que eles conseguem integrar... ou seja, o que eu faço aos outros 25? Portanto, e isto, e eu não tou a dizer que é impossível, mas é difícil de gerir...

**RP** - E não se conseguem abrir cursos com menos alunos?

**E5** - Não não, porque para abrir uma turma têm de ser mesmo os 28 alunos. Eu já volto ao papel da Somincor... Nós tivemos turismo, já tivemos serviços jurídicos, já tivemos informática, já tivemos (xxx), temos 3 de ambiental rural, tivemos organização de eventos porque a organização de eventos porque apanhar todo o espectro de associações daqui hhhhhh, claro que foi muito criticado porque acham que nós estamos a formar pessoal para pôr a trabalhar na câmara e para fazer as coisas todas da câmara (0.2)[

**RP** - [mas isso também não é bem assim porque as câmara não podem empregar e têm que despedir pessoas[

**E5** - [exatamente! Ainda bem que o Ricardo sabe isso, porque há quem não saiba... (risos), mas isso também é normal. (0.2) Neste momento vamos lançar o técnico de comércio, que também é uma área que conseguimos pôr muita gente no mercado e que tem uma outra questão: a agência nacional publicou a::: um índice de empregabilidade e de interesse dos cursos, em que estava com 4 níveis, portanto::: onde o nível 0 é que não tem interesse nem a nível local nem a nível nacional e depois o interesse está graduado em 1,2,3, sendo 3 o maior no sentido de que há alguma falta, há a capacidade de empregabilidade e há a capacidade de formação. Então, o técnico de comércio estava exatamente no nível 3 e nós conseguimos convencer o pessoal a entrar por aí.

**RP** - Mas a realidade do concelho, pelo menos em termos de emprego e oferta formativa, será essa? Passa por aí?

**E5** - Para esta geração de agora é o que podemos oferecer, para o ano não sei... A nossa questão foi, e indo buscar o exemplo anterior da organização de eventos, todas as associações, todas as juntas de freguesia, os diversos clubes, associação seja ela qual for, tem o grupo coral, tem uma série de eventos... e por norma nota-se uma falta de coordenação às vezes. É assim, nós não vamos formar uma turma com capacidades de organizar o Optimus Alive como é evidente, a::: mas uma festa temática, um seminário, um campeonato desportivo, uma largada de pombos, um encontro de ranchos, portanto, é nessa base. Eles até podem não seguir essa área, mas se, e dado que há alguma tradição associativa por aqui, ao chegarem às associações julgaremos -- e isto com algum bocadinho de presunção – que podemos mudar a médio prazo a maneira como as coisas são apresentadas. Eles vão aprender a fazer um orçamento, eles vão aprender a fazer um plano de atividades, saber apresentar contas... eu não tou a dizer que as pessoas atualmente não sabem, mas apresentar contas, por exemplo, com pés e cabeça, furto das novas regras que existem não é?!, financiamentos, relatórios de contas, pedidos de apoio, etc., portanto, a nossa ideia é formar uma geração dessas. (0.2) Existia, com o anterior executivo camarário, identificámos essa possibilidade de curso e de oportunidade (0.3)[

**RP** - [e as associações manifestaram-se?

**E5** – É assim, no 1º ano foi somente formação académica e agora no 11º e 12º ano é que vão para o terreno, portanto, acompanhados, vão ter obviamente monitores, são professores nossos, mas sim, julgo que vamos ter algum resultado. Eu acho que é minimamente interessante e importante este curso. O curso de comércio vai ser exatamente a mesma coisa, é pá, nós aqui no comércio local com 1/2 pessoas, haverá alguma facilidade em colocar os miúdos a fazer estágio porque também não há quaisquer gastos para quem os recebe!

**RP** - Pois e isso sempre anima o tecido social[

**E5** - [sim. Voltando à relação com a Somincor e empresas da área de exploração, nós ao nível dos adultos tivemos, sobretudo, uma das empresas a EPOS que foi nosso parceiro desde a 1ª hora e chegamos a ter cento e muitos adultos trabalhadores da empresa aqui e nós tivemos uma coisa que não é muito vulgar: a minha equipa do CNO começou a trabalhar por turnos!

**RP** - Pois, adaptaram-se vocês aos horários deles, dos trabalhadores da EPOS[

**E5** - [EXATAMENTE! Ou seja, se as pessoas saíam às 8 da manhã a formação era aqui às 9, se saíam às 2 da tarde a formação era às 3 mas se saíam às 8 a formação continuava (xxx). E isto parece que não mas acabou por trazer alguma dinâmica... nós não trabalhamos, e há muita (xxx) de se dizer que trabalhamos à função pública e tentamos mostrar que a escola também vai ao encontro das pessoas[

**RP** - [pois, mostrar que não só as pessoas que devem procurar mas que a escola também procura[

**E5** - [isso. Outra das questões que tivemos também em atenção enquanto CNO foi a procura de nichos de mercado, porque é assim, nós temos que perceber uma coisa, nós temos pouca população e como tal temos que ((apanhar)) todos. hhhhhhh "especializámos" na área mineira, com toda essa questão, especializámos também na parte de recuperação de toxicodependentes, tivemos um protocolo com uma associação de Castro Verde, temos também um protocolo e certificámos pessoas também ao nível das deficiências com a CERCICOA, somos o único destes 5 CQEP's do Baixo Alentejo que pode trabalhar com a deficiência, que é uma questão que foi de acordo com o mérito e com os resultados que tivemos com o CNO, e trabalhamos com o Exército Português, em Beja e digamos que estes foram assim as nossas áreas[

**RP** - [e com a cadeia? Não tiveram intervenção com os reclusos na cadeia de Beja?

**E5** - Também, também tivemos com a cadeia de Beja! Aí um pouco por abandono dos outros CNO's porque terminaram o trabalho primeiro que nós, nós tivemos capacidade financeira para manter a equipa a trabalhar mais tempo... portanto os CNO's acabaram em março 2013 e tivemos até agosto.

**RP** - Mas era porque iam identificando e sinalizando algumas entidades ou[

**E5** - [Sim! Nós íamos à procura das entidades mesmo e levávamos uma carteira de oferta formativa, muito baseada no reconhecimento de competências, obviamente, com formadores da casa::: bastante competentes, bastante criativos digamos assim, face a estes públicos. (0.2) Tivemos um ou dois casos em que as pessoas não estavam satisfeitas com outros colegas nossos da área, por imposição de horários, porque trabalhavam 9h-5h, o horário de função pública não dá para trabalhar nesta área de adultos. Só para perceber, o CNO de Beja, quando o exército pretendeu qualificar os seus profissionais, contactou o CNO de Beja e estes disseram que se entendessem teriam que se deslocar ao CNO para as formações. Nós, fizemos precisamente o contrário, fomos nós até lá!

**RP** - Pois, o dinamismo é muito importante[

**E5** - [tem de ser. E pronto, ao nível do CQEP vamos manter estas parcerias todas, temos capacidade para elas, a grande dificuldade neste momento é a equipa, é a equipa! E porquê a equipa? Na conceção dos CQEP's foram solicitados::: os CV de todos os elementos da equipa, por uma questão de avaliar a capacidade da estrutura, dos resultados e eventualmente para ser renegociado a contratação dos mesmos e a continuação de objetivos, embora com outro horizonte, um horizonte mais ampliado. O que aconteceu é que até esta data isto não é verdade... a tutela está com algumas dificuldades, eu até percebo, isto é uma área, uma oferta formativa totalmente financiada pelo fundo social europeu e o que acontece é que não temos quadro

comunitário. O quadro comunitário 15-20 vai ser para a formação, julgamos que irá uma boa fatia, pelo menos pelo que tenho lido e::: pelo feedback da agência as perspectivas são bastante boas (0.2). Mas, das perspectiva Macro-Governo às perspectivas Micro-CQEP Almodôvar, a:::, não sei o que vai acontecer. Obviamente que vou tentar, e vou ser muito sincero, nós aqui nesta escola temos tentado a pouco e pouco, e isto é muito difícil porque mexe com a personalidade das pessoas, que é introduzir a qualidade e a responsabilidade no ensino (0.2) que estão sempre presentes mas o CQEP vai ter que ter isso e cada vez mais. Porque o facto de nós podermos influenciar e termos, neste momento, uma palavra a dizer sobre as ofertas profissionais, ouvidas as empresas, ouvidas as associações, na oferta formativa, é muita responsabilidade.

**RP** - E nas articulações com o centro de emprego[

**E5** - [sim, nós reunimos frequentemente com o centro de emprego, nomeadamente quer aqui com o setor de Ourique quer com a parte mais formativa de Aljustrel, temos várias reuniões, não tantas quanto desejávamos, porque o CQEP do instituto de emprego está na mesma. A nossa ideia será, e tá assim definido em rede[

**RP** - [mas Ourique não tem CQEP, ou vai ter?

**E5** - Não, só Aljustrel é que vai ter CQEP. Mas o que vai acontecer é que eles têm dupla certificação: profissional e escolar, aqui na escola é só escolar, nós não arriscamos o profissional. Porque eu podia arriscar uma ou duas áreas: o comércio e os serviços, é pá, mas íamos estar em concorrência direta com os ((restantes))...

**RP** - E existe concorrência? Nem que seja só para a sobrevivência dos CQEP's ou há uma competitividade saudável?

**E5** - É pá, no CQEP nós vamos ter uma situação complicada... que é: a nossa área de atuação é em NUT (0.2). Nós o que temos já neste momento é territórios definidos, portanto, concretamente os CQEP's estão, os NÃO instituto de emprego, estão em Beja, Almodôvar, Mértola, ou seja tá demasiado perto e é outros dos problemas, e o outro é a Rota do Guadiana e Serpa. Portanto, nós temos o território mais ou menos já definido, em que o CQEP de Almodôvar irá atuar em Almodôvar, Castro, mas Castro dividimos com Mértola, temos uma "pacto de não agressão com o diabo" (risos), ou seja, eles não vêm para Almodôvar e nós não vamos para Mértola, o que não quer dizer que não se possa trocar pessoas. E::: nos outros também, eventualmente com Aljustrel se o instituto nos pedir ajuda. Temos é uma questão que tem a ver com toda aquela zona de Cuba, Ferreira do Alentejo, Vidigueira, que pertence a Beja e que Beja não tem capacidade para tanto, portanto poderemos ter que potenciar algumas coisas pelo menos até Beja. Portanto, ajudarmos Beja a funcionar se Beja se projetar para trás. Mas é difícil e não faz sentido... logo, nós vamos ficar "arrumados" aqui entre a planície alentejana e a serra algarvia (risos).

**RP** - Voltando à questão do abandono escolar e das suas consequências, professor, e sendo certo que o abandono escolar é praticamente inexistente no concelho, quer pela obrigatoriedade a escolar até aos 18 anos quer por outros fatores, mas será que me pode dar alguns dados?

**E5** - DADOS, portanto, nós até ao 3º ciclo estamos a 0% e ao nível do secundário estamos abaixo dos 5%, portanto são valores melhores que os nacionais. Mas tem a ver com esta questão: Nós fomos buscar muita gente a casa! Neste momento já não conseguimos fazê-lo...

**RP** - Mas chegou a ser identificado, mesmo com esses números escassos, de quais causa, portanto quais os motivos que leva os[

**E5** - [miúdos ao abandono... é assim, a maior parte deles tem como principal, tem a ver com o ensino formal que é ministrado pelas escolas públicas, ou seja:::, o ensino de (xxx), onde o professor debita matéria não diz muito ao pessoal...hhhhh nada! A:::

serão alguns indivíduos, furto até do seu crescimento, da influência social, do meio da família, muitos mais vocacionados para o ensino mais prático, eu nem digo profissional, digo **PRÁTICO!** Infelizmente, nós não conseguimos responder a uma questão que é que aqui ainda há muitos miúdos que abandonavam por interesse mesmo e que tinha a ver com a agricultura e com a atividade agrícola... desde a criação de animais, ao retirar cortiça[

**RP** - [mas isso na agricultura familiar certo? No trabalhar com os pais... Ou já se verificava alguma espírito empreendedor e que algum quisesse montar o seu próprio negócio?

**E5** - Não temos tido... é assim, nós ajudámos ou indicámos ao centro de emprego, há uns atrás, quando tivemos uma pessoa, que era também professor aqui desta casa, o professor Fernando, que teve à frente do instituto de emprego, e conseguimos indicar uns 5 miúdos que tinham condições para ter a sua própria empresa e criar o seu próprio emprego... é pá, mas julgo que só dois conseguiram isso. Tem a ver com uma questão que eu acho que não tem a ver com educação mas sim com um pormenor do interior do país: a subsidi dependência hhhhhh. Muita gente tem medo de falar nisto mas é uma realidade e uma realidade que nos afeta, portanto, os miúdos não têm grandes objetivos, eles até gostam da escola, só não gostam das aulas. (0.2) O que acontece é que eles estão por aqui até atingirem uma determinada idade, frequentam aulas e por norma até escolhem o curso que há ou que acham mais fácil, porque ainda há a mania de que o curso de humanidades é sempre mais fácil que o de científicos porque línguas qualquer um sabe falar... e não é bem assim. tal como o de desporto que não é só dar 2 chutos na bola e o de informática não é jogar playstation, não é... É pá, outra das questões que eu acho que é estrutural do interior do país e de Almodôvar exponencialmente, que tem a ver com uma questão que é o pouco valor que é dado à educação formal! Nós tentámos:::: muito porque as famílias dão valor, outros porque abandonaram a escola porque a escola não lhes dizia nada e nós conseguimos ir buscar alguns desses adultos e através do CNO voltaram a frequentar essa oferta educativa e, digamos assim, fizeram as pazes com a escola. E há::::::::::, temos um facto completamente paralelo, muito interessante, é que dos 800 ou 900 adultos que passaram pelo CNO, talvez 300 ou 350 fossem encarregados de educação de alunos nossos... e a verdade é que depois de frequentarem as novas oportunidades aumentou a participação dos encarregados de educação nas reuniões de pais e encarregados de educação... [

**RP** - [e estimularam os filhos?

**E5** - E estimularam os filhos! Que é um efeito colateral interessante... não tenho isso estudado, tenho pena, porque daria um trabalho, como é que hei de dizer, não é uma tese de mestrado (risos)[

**RP** - [mas poderia ser (risos)[

**E5** - [mas pronto, daria um trabalho exploratório bastante interessante. De qualquer maneira o nosso abandono, é assim, nós temos muitos alunos a cumprir a escolaridade obrigatória e a concluir o 12º ano (0.3)

**RP** - E educação de adultos, professor, o que têm em mente?

**E5** - Educação de adultos, nós vamos ter para 2014/2015 duas turmas novas de educação e formação de adultos (EFA), a:::: portanto nós ficámos com 60 adultos em espera, vamos conseguir colocar agora em formação cerca de 50 e conseguimos também que fosse autorizado o ensino recorrente por módulos capitalizáveis[

**RP** - [que já existiu[

**E5** - [que já existiu, que depois foi reestruturado, que depois foi quase abandonado, foi quase expulso do sistema educativo (risos) e agora perceberam que há uma série de pessoas, é pá, que querem terminar os seus cursos... é assim, nós temos autorização

para o funcionamento em duas áreas: na área de científicos e na área de humanidades, a turma será mista, em regime presencial e não presencial, ou seja, a pessoa pode estudar em casa e vem cá ter determinado apoio e apresenta-se aos ((exames)). Outra das curiosidades, e nós vamos ser uma das poucas escolas a oferecer isto, apenas duas escolas do distrito, só nós e Beja! Mas a verdade que nós falamos sobre os transportes públicos para os miúdos e ainda por cima à noite ainda é pior. Ou temos transporte próprio ou não temos acesso...[

**RP** - [sim, porque as vias de acesso são boas[

**E5** - [as vias de acesso são boas, transportes é que não há! Mas vamos considerar uma coisa: não é fácil uma pessoa de Mértola ou de Ourique vir cá diariamente no regime presencial... portanto nós vamos tentar ter uma equipa de apoio uma vez por semana para:: (0.3)[

**RP** - [para ir lá?

**E5** - [o ir lá não sei... é muito difícil porque não posso pagar as deslocações! Os meus formadores do CNO eram pagos, os dos CQEP não sabemos... os professores de (xxx) não são pagos, portanto eu até consigo convencer os meus colegas a ir uma vez por mês a algum lado, mas mais do que isso não consigo, torna-se complicado. (0.2) Agora eu acho que a tutela tem que ter alguma discriminação positiva para o que é necessário...

**RP** - Eu volto a ir buscar as palavras das delegada regional da semana passada... e esta história, lá está, o tal intercâmbio municipal que ela falava, nem que fosse por uma questão de transportes, por acaba por ser útil, porque eu duvido que uma câmara não tenha interesse em mandar os munícipes dela para Ourique, Aljustrel, Mértola, o quer que seja, para qualificá-los... e ainda por cima uma necessidade sentida pelas próprias pessoas. O professor disse que tem 60 inscritos[

**E5** - [60 só para EFA, para reconhecimento de competências passa dos 300!

**RP** - Não tá é a ter resposta para esses então?![

**E5** - [não, neste momento não tenho! Agora repare, é assim Ricardo, há uma questão, eu já tenho o protocolo estabelecido com Castro Verde, com as câmaras, com Ourique, aliás foi a 1ª, não tenho ainda com Almodôvar porque também como é que eu hei de dizer o interesse é igual aos dos outros mas eu já tenho cá a população. A minha questão é tentar de facto proporcionar (xxx), se eu conseguir através do CQEP com a ajuda das escolas, identificar um grupo de pessoas que precisem de cá vir uma vez por semana ou eventualmente diariamente se for durante um mês ou dois... e pá, eu tenho que ter alguma resposta:: por parte da autarquia, que eles estão interessados como você disse, e quer motivos sociais, quer por motivos económicos, quer políticos (risos) e acho que estas coisas não devemos ter medo de as assumir. Eu também tenho um CQEP::: por maluquice, por amor à camisola mas, também por uma razão simples, um dos meus deveres enquanto (xxx) é tentar que os meus colegas tenham emprego. Porque o meu próprio emprego, um dia pode estar em perigo.

**RP** - O próprio CQEP é um polo de empregabilidade[

**E5** - [é assim Ricardo o que eu posso dizer é que nos últimos 3 anos perdemos 4 pessoas (0.4). Claro que:: alguns naturalmente, porque as escolas fecharam, porque o número de alunos diminuiu ... Mas digamos assim é o fruto direto das novas medidas do governo, perdi cerca de 18 professores (0.2) se tudo isto que nós temos para 14/15 se proporcionar nós não despedimos ninguém e se calhar vamos buscar mais 5, ou seja, volto a dizer a mesma coisa, nós estamos a trabalhar com 1 dígito, 5 licenciados a trabalhar mais aqui é muito bom:: se fossem locais melhor ainda, infelizmente os concursos não são... era uma das características que a minha equipa do CNO tinha (0.2) a equipa de profissionais de reconhecimento era totalmente local. As pessoas tinham um conhecimento de toda a população, da sua maneira de estar, da sua maneira de viver,

inclusivamente de uma questão (xxx) A não pode ser visto com B, conseguia-se jogar com isso. Abrir um concurso público nacional. Foi isso umas das grandes vitórias e grandes pontos favoráveis do nosso trabalho e à nossa digamos assim (0.2) toda a nossa parte positiva de trabalho.

**RP** - Considera que a comunidade, estamos a falar de jovens e adultos, na parte escolar, na comunidade escolar, que acaba por existir algum dinamismo[

**E5** - Estatisticamente nós ((melhoras)) as qualificações do concelho, embora por curiosidade nos Censos haja mais menos, tem a ver com fatores demográficos, porque houve muito pessoal 12º ano que não arranja nenhum emprego e acabou por emigrar (xxx) o que é que nós conseguimos criar? Conseguimos criar uma questão que eu acho extremamente interessante, uma social, o Centro de Novas Oportunidades teve um fator social muito importante, as pessoas habituaram-se a estar determinados dias, determinadas horas juntos para algo. Você viu com alguma das pessoas dos grupos corais, a D. Bete, e é um dos exemplos vivos de uma funcionária desta escola, que a única coisa que sabia fazer com um computador era limpá-lo e quando inadvertidamente ela começava a apitar era um pânico e hoje em dia acho que ela não larga o computador. Acho que conseguimos trazer as pessoas um pouco ao século XXI e dar-lhes umas armas que ... aqui umas armas no bom sentido claro. Isso foi uma das questões que mais sucesso nós tivemos, outra questão que acho que nós conseguimos, tivemos uma situação extremamente interessante que é nós chegámos a ter pequenas palestras, eu lembro-me de uma que foi, nós tivemos aqui com uma colega minha de ciências, que ela ofereceu-se para fazer, como arrumar uma despensa, os produtos que podem estar perto um dos outros e tivemos uma noção muito engraçada que aquilo replicou-se, tivemos cerca de 40 pessoas, que é bastante bom, tivemos alguns homens presentes, e conseguimos perceber por exemplo que as pessoas, arrumavam detergentes com óleos, com azeites, com feijão, com lixívia e conseguimos dar uma série de conhecimentos interessantes ... o que é que acontece além da formação em informática, línguas, matemática para a vida etc. Nós neste momento temos um problema grave e eu considero um problema, porque não consigo dar resposta, nós diariamente temos pessoas a perguntar quando nós temos seminários, quando temos formações, quando temos isto, quando temos aquilo, porque se habituaram a vir à escola.

**RP** - As pessoas mais velhas[

**E5** - [mais velhas... eu estou com 52 anos, estamos a falar de pessoas da minha idade ou mais, embora alguns casos nos 40 porque se habituaram a ter aquele momento de interação com os outros, de aprendizagem. Nós conseguimos que o pessoal deixasse de ver a telenovela, mas claro... sabíamos que num dia de jogo de futebol os homens não iam aparecer, mudávamos a formação (xxx). Nós não trabalhámos com horário fixo eu julgo que o que nós conseguimos da população foi::: algum gosto pela formação... e aí temos essa questão que é... vamos tentar com unidades de formação de curta duração (UFCD), que vamos ter... e nós temos neste momento já 6 empresas, com as quais temos estabelecido protocolos e tenho mais dois para analisar já ... em que nos poderão trazer UFCD's para o concelho, aqui para a escola naturalmente ... nós arranjamos (xxx) tanto o acordo é que eles trazem, dentro de um determinado catálogo e dentro de determinadas áreas... que achamos que as pessoas que temos identificadas precisavam, porque vamos construindo a carteira profissional. Não será bem uma carteira profissional ... tudo o que eles vão construindo, se lhes fizermos um portefólio que mais tarde ou apresentamos aquilo e dizemos você agora vai fazer um EFA escolar X horas (xxx). Neste momento tem sido isto, e posso dizer que o volume de formação que eu tenho previsto não vá dizer (xxx).

**RP** – [enquadrado no próprio CQEP?

**E5** - No próprio CQEP. Portanto a escola serve de barriga de aluguer, ou seja, o CQEP funciona aqui e é uma maneira de nós termos a noite a funcionar, é uma maneira de termos mais formadores que são licenciados ou especializados em determinadas áreas, ou pelo menos têm o CAP. Muitas vezes conseguimos o pessoal aqui da zona, e pá:: vamos ver uma coisa, nós não somos entidade empregadora mas, conseguimos dar pequenos focos de formação, que interessa aos nossos formadores locais... mais uma vez, volto ao mesmo, eu tenho que zelar para que as pessoas tenham emprego aqui... se tiver um individuo que seja bom como formador mas se eu não arranjar aqui o mínimo para, vai-se embora. Portanto, eu julgo que vou ter cerca de 1200 horas de formação para 14/15 que é bastante bom, já para o próximo ano letivo. Agora epá:: isto tem que se ter algum cuidado, porque é assim com a tal construção o portefólio, eu interessa-me que um determinado grupo de pessoas vá frequentar muitas ações durante 1 ano ou 2, para depois lhes construir através do mediador o seu percurso ... o que é que acontece não posso lançar tudo ao mesmo tempo... se calhar podia lançar aqui 100 pessoas ao mesmo tempo mas não interessa, e também ter um excesso de oferta de momento e depois estar dois meses sem oferecer nada, afasta as pessoas... a questão aqui é oferecer mas com cuidado, eu não vou dizer que é uma oferta educativa gourmet no sentido em que é pouca ... aliás a ideia é pouca de qualidade mas constante. Isto é::: o maior desafio que temos para 14/15, é utópico no sentido... temos que ter uma utopia que nos guie não fazemos nada (xxx). É assim nós temos um sonho que a equipa de direção tem para Almodôvar está muito longe de ser cumprido. Eu gostava de um dia:: reduzir ao máximo possível os números do analfabetismo...

**RP** - Estão ainda identificados alguns índices de analfabetismo no concelho?

**E5** - Sim::: Nós temos uma colega da direção que inclui ... está no Núcleo Local de Inserção e no CLAS e que nos vai transmitindo também ... o facto de estarmos numa escola conseguimos. O meu problema são as competências básicas... mais uma vez tenho que ter um determinado valor numérico de adultos para frequentar. Eu por exemplo este ano 13/14 tive uma situação complicada, porque perdi uma formação que não devia ter perdido, que foi o Português para Todos, para:: falantes de outras línguas e a turma foi toda estruturada com base nos trabalhadores que estavam na EPOS, trabalhavam no couto mineiro, nomeadamente russos, ucranianos, etc... e eles tem uma capacidade de aprendizagem fabulosa e nós queríamos lançar o português para falantes para língua não materna, o que aconteceu tínhamos alguns já com alguns conhecimentos que iam para um B2 já, mas aconteceu-nos uma coisa que não estava nas nossas mãos, acabaram os contratos deles e eu que tinha 42 pessoas inscritas acabei com 1, que era brasileiro, que não entra para a língua não materna, que se calhar precisava tanto como os outros. Com isto o que eu quero dizer é que nós estamos (xxx) isto é uma questão que eu acho extremamente presente e pode ser potenciadora mas ao mesmo tempo pode ser castradora do sistema educativo em Almodôvar, nós estamos muito dependentes de fatores externos. Eu tenho a autonomia pedagógica dentro do espaço, podemos criar as melhores equipas educativas possíveis aqui mas eu não posso ir::: não posso despedir quem não tem bons resultados, vamos assumir isto... O nosso modelo avaliativo funciona mas só para progressão na carreira. Como eu costumo dizer, eu tenho a equipa educativa tão boa como é possível ter.

**RP** - Ou que lhe é permitido[

**E5** - [que me é permitido!

**RP** - Vocês enquanto CQEP recebem algumas orientações ou diretivas e têm sido suficientes para estimular o desenvolvimento comunitário?

**E5** - No CNO foram, no CQEP não. Não há resposta neste momento da Tutela a todas as propostas feitas pelos CQEP's nacionais para agilizar. Os CQEP's são recentes, são

de janeiro... O número de horas dado a nível legislativo tem sido insuficiente, por exemplo eu tinha horas reservadas em professores, para trabalharem no CQEP como formadores, tive que lhes canalizar essas horas (xxx) como tal abriu a turma EFA e eles foram para lá ... Agora a turma EFA vai terminar (0.2) a vinte e qualquer coisa de julho mas eu tenho um problema ... as pessoas vão de férias eu não os posso colocar a trabalhar no CQEP em agosto ... ou seja estamos a adiar para o início de setembro ... por isso a aposta concreta em 14/15.

**RP** - E incentivos para a comunidade educativa e formativa, em termos de políticas[

**E5** - [há um incentivo que a escola não pode dar mas que as empresas formativas às vezes dão, que tem a ver com uma coisa muito simples::: ou uma bolsa de formação em valor financeiro, subsídio, etc. etc.... daí nós queremos ir protocolar com Centro de emprego, mas sobretudo com as empresas porque as empresas normalmente pagam para terminar a bolsa e eu prefiro ter... porque se for um formador da escola e se for a escola a promover, isto é um contrassenso, eu não posso pagar nada! Os interessados vêm, nós vamos ter essa oferta também, mas às para atrair vezes os interessados às vezes tenho que colocar alguns que não são tão interessados, e que depois dependem da capacidade do formador, mas que estimulam o interesse a outros, só que essas pessoas às vezes vêm por poucas importâncias e isto volta ao que falamos à pouco, não como subsidiodependência mas, como é que hei de dizer, a::: presença paga! As pessoas estão habituadas não a pagar para ter formação mas sim a serem pagas para estarem em formação. E tenho de ter resultados e para ter resultados tenho de ter horas de formação e para ter formação tenho de ter pessoas para ter pessoas... (0.4), acho que tá dito (risos).

**RP** - Na relação do binómio educação/formação-mercado de trabalho, como é que vê o CQEP ou como é que o CQEP entra na parte mediação e articulação com as empresas, com os desempregados[

**E5** - [a nível local:::, nós temos protocolo com quase todas as entidades empregadoras mais pequenas, as pequenas empresas ou empresários em nome individual... não conseguimos entrar em multinacionais, como o Pingo Doce por exemplo, é extremamente difícil, tivemos algumas pessoas do Pingo Doce cá a fazer formação mas individualmente. A:::. normalmente nós oscultamos, pelo menos anualmente, as necessidades que têm de formação e eventuais colocações de pessoas. Nas colocações de pessoas nós não conseguimos intervir absolutamente em nada! Na formação, temos a tentar criar um portfólio porque maior parte das pessoas têm de fazer agora um determinado nº de horas, ou deve fazer, de formação por ano e vamos tentar oferecer dentro da área da HCCP – higiene e segurança no trabalho – portanto, tentar chegar ao pé dos comerciantes, empresários, etc. etc., e oferecer-lhes um produto que eles necessitem ou que o mercado procure. Mas eu até quero antecipar-me ao mercado de procurar... Porque se o mercado vier à procura, de repente eu tanto posso ter 3 ou 4 operadores que não estejam a trabalhar com a escola. Eu não quero ter o monopólio, nem tenho essa pretensão, nem a escola tem esse fim. É assim, eu no CNO definia muito a formação e as empresas de formação e as escolas como empresas de iogurtes... isto parece incrível, os iogurtes estão lá todos, aquilo é quase tudo igual, mas as pessoas ou compram pelo copo ou pelo preço. E isto tem a ver com marketing e com relações públicas... nós temos uma franja (0.2) que podemos atingir e que não sabe que tem necessidade de formação e como tal temos que criar essa necessidade.

**RP** - Não sei o CQEP tem, a curto, médio ou longo prazo, se tem alguma iniciativas para promover a fixação dos jovens, quer qualificados quer não qualificados[

**E5** - [aos não qualificados vamos tentar dar mais qualificação, aos outros é tentar criar oportunidades para eles ficarem! Mas isso não é fácil e não passa por políticas

educativas, passa por políticas de fixação no interior, que nem sequer passa pela autarquia ou pelas autarquias daqui, passa por alguns incentivos a nível nacional, eventuais reduções de IVA, majorações de IRS e IRC, eventualmente::: isenção de impostos durante alguns anos, mas lá está, isto são só ideias, são só medidas e claro que nós depois podemos complementar isso com ofertas que nos permitam criar outras defesas (0.2)

**RP** – Ok, só para finalizar, o professor sabe que este projeto servirá como estudo dos processos de desenvolvimento local em Almodôvar, pelo menos a ideia é traçar aqui um plano, aplicável, que depois caberá à câmara estudar a melhor forma de o fazer ou não, mas uma das formas que temos estado a identificar no decorrer do estudo é (0.2) o agregar num sítio só uma série de entidades, associações e serviços, um multiusos, ou um ninho comunitário, não de empresas mas comunitário, que englobe várias associações de forma a promover a cultura, a economia, a educação. Até posso explicar: quanto à cultura pretende-se que as associações se articulem mais entre elas, partilhem e façam coisas em conjunto, enfim que se estimule a rede; na economia, criando apoios ou à criação do próprio emprego, ao empreendedorismo, estimular a criatividade, por aí; na parte socioeducativa, como falamos já na questão da educação de adultos, e que é importante, acha que isto tudo num um espaço único seria útil para a comunidade de Almodôvar, professor?

**E5** - Eu não vejo a absoluta necessidade física de criar um espaço único. A::: acho que um edifício estrutural é possível de o montar... se ele precisa de estar num espaço físico mesmo, talvez não haja essa necessidade. De facto, o Ricardo acabou por dizer, nós trabalhamos com vários tipos de educação; formal, não formal e informal -- e não precisamos de desenvolver isso porque conhecemos os dois (risos) -- eu julgo que congregar todos esses passos::: num sentido de, e isto agora parece um slogan político, mais educação mais desenvolvimento, com o mínimo de recursos ou otimizando os recursos existentes, eu acho que é bastante exequível. (0.2) O papel de cada um dos autores é pá, isso vai demorar algum tempo a por de pé, e nisto vamos concordar os 2 mais uma vez, porque existe muito a tradição da quintinha... apesar de termos numa zona de latifúndios, cada um tem a sua área e muitas das vezes não quer partilhar com os outros.

**RP** - Pois, e a ideia deste processo é romper um pouco com isso[

**E5** - [poderia existir uma coisa bastante interessante que talvez ajudasse as pessoas a mudar as mentalidades, que é, e isto pode parecer ridículo por começarmos com coisas comezinhas mas à vezes temos que começar por aí... deveria haver um núcleo de serviços e de materiais a ser disponibilizados a todos... isso causa alguma aproximação, causa alguma articulação... eu vi pela primeira vez uma reunião, não pela escola, mas por um movimento associativo onde estou a desempenhar também funções, a::: tive numa reunião que achei bastante interessante que foi: tentamos arranjar uma agenda concelhia de maneira a que não se andasse a desperdiçar recursos. Isto pode depois passar para a fase seguinte da divulgação e sobretudo do hábito de participação e se criarmos o hábito de partilha e participação tem-se o edifício estrutural feito. É pá, a nível educativo eu julgo que os equipamentos que existem servem, necessariamente a escola, aqui a escola cede a qualquer umas das escolas mesmo que da responsabilidade camarária; e a nível cultural, os equipamentos que vão aparecer julgo que poderão ser os polos aglutinadores, digamos assim, o convento onde nós estivemos... eu julgo que este polo, o anterior executivo criou o triângulo Cinema-Convento- Pavilhão Desportivo... e a escola também está próxima[

**RP** - [sim, geograficamente está tudo aglomerado[

**E5** - [tá... os modelos estão lá todos, nós numa área útil de 1km2 temos tudo, daí eu dizer que fisicamente poderá não haver a necessidade de criar o espaço físico. Almodôvar terá, em termos de equipamentos, talvez dos melhores. Se calhar, se juntarmos a estrutura mental ao que já existe, a meu ver não será necessário esse espaço físico porque ele já existe em rede, só falta é ligar os pontos de rede.

**RP** - E da parte do CQEP há abertura? Com este ou com outro executivo?

**E5** - Há abertura para TUDO! Com este e com qualquer um! A escola e o CQEP, embora as pessoas estejam ligadas a várias coisas políticas -- o homem é um animal político, político, social, etc. etc. – mas trabalho é trabalho e o futuro de Almodôvar e a palavra Almodôvar está presente em tudo e acima de tudo e não haverá qualquer interesse individual.

**RP** - Um bom terminus de entrevista (risos). Finalizamos em beleza. Resta-me agradecer a disponibilidade e o contributo do professor e até sempre.

**E5** - Obrigado eu, e disponha sempre.

#### ANÁLISE DE CONTEÚDO CATEGORIAL – ENTREVISTA E5

Categoria	Sub-categorias	Excertos da entrevista
Dinâmicas Populacionais e Institucionais	Mobilidade e fluxos migratórios	«Eu diria que conseguiríamos atrair um ou dois por cada 100 de “exportação”... quer dizer, isto seriam números reais...»
	Dinamismo comunitário	<p>«[...] parece que não mas acabou por trazer alguma dinâmica... nós não trabalhamos, e há muita (xxx) de se dizer que trabalhamos à função pública e tentamos mostrar que a escola também vai ao encontro das pessoas [...]</p> <p>Nós íamos à procura das entidades mesmo e levávamos uma carteira de oferta formativa, muito baseada no reconhecimento de competências, obviamente, com formadores da casa:: bastante competentes, bastante criativos digamos assim, face a estes públicos [...]</p> <p>[...] nós aqui nesta escola temos tentado a pouco e pouco, e isto é muito difícil porque mexe com a personalidade das pessoas, que é introduzir a qualidade e a responsabilidade no ensino (0.2) que estão sempre presentes mas o CQEP vai ter que ter isso e cada vez mais. Porque o facto de nós podermos influenciar e termos, neste momento, uma palavra a dizer sobre as ofertas profissionais, ouvidas as empresas, ouvidas as associações, na oferta formativa, é muita responsabilidade.</p> <p>Acho que conseguimos trazer as pessoas um pouco ao século XXI e dar-lhes umas armas que ... aqui umas armas no bom sentido claro. Isso foi uma das questões que mais sucesso nós tivemos [...]</p>

	<p>Articulação territorial e institucional</p>	<p>«[...] tivemos também no encontro das escolas limítrofes do Alentejo e Algarve com tentativa de trabalharmos em conjunto para, EVENTUALMENTE – embora seja extremamente difícil [...]</p> <p>Sim sim, nós reunimos e em reuniões mais promovidas pela DGEstE (...) e reunimos também com frequência porque nós temos uma rede local, digamos assim, que está associada ao centro de formação de professores (...) e fazemos exatamente toda a preparação de anos letivos, de oferta, de tudo (...) temos noção do tempo que vamos de ter num determinado curso, do tempo que vai durar o ensino secundário, do tempo das ofertas educativas [...]</p> <p>[...] boa relação com a Somincor [...]</p> <p>[...] a EPOS que foi nosso parceiro desde a 1ª hora.</p> <p>[...] “especializámos” na área mineira, com toda essa questão, especializámos também na parte de recuperação de toxicodependentes, tivemos um protocolo com uma associação de Castro Verde, temos também um protocolo e certificámos pessoas também ao nível das deficiências com a CERCICOA (...) trabalhámos com o Exército Português, em Beja e (...) também tivemos com a cadeia de Beja! Aí um pouco por abandono dos outros CNO’s porque terminaram o trabalho primeiro que nós, nós tivemos capacidade financeira para manter a equipa a trabalhar mais tempo... portanto os CNO’s acabaram em março 2013 e tivemos até agosto [...]</p> <p>[...] nós reunimos frequentemente com o centro de emprego, nomeadamente quer aqui com o setor de Ourique quer com a parte mais formativa de Aljustrel, temos várias reuniões, não tantas quanto desejávamos, porque o CQEP do instituto de emprego está na mesma. A nossa ideia será, e tá assim definido em rede [...]</p> <p>[...] eu podia arriscar uma ou duas áreas: o comércio e os serviços, é pá, mas íamos estar em concorrência direta com os ((restantes)) [...]</p> <p>[...] temos o território mais ou menos já definido, em que o CQEP de Almodôvar irá atuar em Almodôvar, Castro, mas Castro dividimos com Mértola, temos uma “pacto de não agressão com o diabo” (risos), ou seja, eles não vêm para Almodôvar e nós</p>
--	--	--

		<p>não vamos para Mértola, o que não quer dizer que não se possa trocar pessoas. E:..... nos outros também, eventualmente com Aljustrel se o instituto nos pedir ajuda. Temos é uma questão que tem a ver com toda aquela zona de Cuba, Ferreira do Alentejo, Vidigueira, que pertence a Beja e que Beja não tem capacidade para tanto, portanto poderemos ter que potenciar algumas coisas pelo menos até Beja.</p> <p>[...] é assim, nós ajudámos ou indicámos ao centro de emprego, há uns atrás (...), 5 miúdos que tinham condições para ter a sua própria empresa e criar o seu próprio emprego... é pá, mas julgo que só dois conseguiram isso.»</p>
Problemáticas	Demografia	<p>«[...] a verdade é que o MAIS MAIS está no norte litoral e nós infelizmente estamos naquele quadrado que é o interior, tal como o norte interior, que está muito despovoado [...]</p> <p>[...] nós em 10 anos, de 2001 a 2011, perdemos qualquer coisa como 700/800 habitantes; temos uma taxa de envelhecimento (...) que é exponencial.</p> <p>Portanto, eu diria que nós em 19/20 anos perdemos 60% da nossa população.</p> <p>[...] nós temos que perceber uma coisa, nós temos pouca população [...]</p>
	Movimento associativo	<p>[...] todas as associações, todas as juntas de freguesia, os diversos clubes, associação seja ela qual for, tem o grupo coral, tem uma série de eventos... e por norma nota-se uma falta de coordenação às vezes.»</p>
	(Des)Emprego	<p>«Já tentamos lançar aqui cursos diurnos vocacionados para a Somincor, mas nós temos aqui uma questão muito simples: com o business deles, o minério, a extração de minério, eles não querem formação outra que não a dada por eles! Portanto, só se pode ser mineiro com 18 anos, tem que se ter o 12º ano, curso especializado... nós podíamos oferecer o curso de mineiro, porque existe no catálogo nacional (...) daríamos a parte teórica e eles dariam a parte prática... o problema é que os nossos alunos têm 15, mesmo com o estágio têm 17 e só se pode ser mineiro a partir dos 18!</p> <p>[...] tentámos lançar um curso profissional de análise clínicas que daria também para toda a parte laboratorial. A:.... Como eu disse, nós temos que ter 28 alunos, a Somincor mostrou-se extremamente recetiva mas até ao máximo de 3 alunos</p>

		<p>estagiários! (...) que é o que eles conseguem integrar... ou seja, o que eu faço aos outros 25? Portanto, e isto, e eu não tou a dizer que é impossível, mas é difícil de gerir [...]</p> <p>Tem a ver com uma questão que eu acho que não tem a ver com educação mas sim com um pormenor do interior do país: a subsidiodependência [...]</p> <p>[...] não conseguimos entrar em multinacionais, como o Pingo Doce por exemplo, é extremamente difícil [...]</p>
	<p>Dimensão educativa/formativa</p>	<p>«[...] em 1995 nós atingimos ao auge de alunos desta escola... nós tínhamos 1172 alunos do 5º ao 12º ano (...) nós neste momento estamos a falar em 850 alunos.</p> <p>[...] nós temos efetivamente é a transferência de alunos para locais mais urbanos... portanto a migração interna, nomeadamente para o Algarve ou então para a zona do Barreiro, Baixa da Banheira, Montijo, portanto, a Península de Setúbal e obviamente a emigração para a Europa [...]</p> <p>[...] a questão está pois no nº reduzido de alunos que temos!</p> <p>[...] há um estigma, embora que não oficial, de que quem vai para Beja não tem a mesma preparação que os da capital de distrito, (xxx) embora as avaliações externas digam o contrário, há de facto uma diferença.</p> <p>[...] a dificuldade neste momento tem a ver com a abertura de turmas... quer pelo que já disse quer pelo número que a tutela tem. A tutela, para abrimos um curso, temos que ter entre 25 a 28 alunos! E é difícil [...]</p> <p>A conceção dos cursos profissionais têm uma série de condicionantes: não podemos contratar ninguém, digamos que temos que viver com a prata da casa e nós não temos técnicos para áreas mais práticas, aquelas oficinas que nós tínhamos antigamente?!, isso acabou!; todas as escolas do interior podem oferecer cursos de papel; não podemos ter obras de ampliação ou alteração de laboratórios ou do que seja do que for; nem podemos ter muitos materiais a adquirir porque depende do fundo social europeu; não podemos alugar, quer dizer o que podemos comprar é pouco [...]</p> <p>[...] para abrir uma turma têm de ser mesmo os 28 alunos [...]</p>

		<p>[...] a grande dificuldade neste momento é a equipa[...]</p> <p>[...] no CQEP nós vamos ter uma situação complicada... que é: a nossa área de atuação é em NUT (0.2).</p> <p>[...] miúdos ao abandono... é assim, a maior parte deles tem como principal, tem a ver com o ensino formal que é ministrado pelas escolas públicas, ou seja:::, o ensino de (xxx), onde o professor debita matéria não diz muito ao pessoal... hhhhhh nada! A::: serão alguns indivíduos, furto até do seu crescimento, da influência social, do meio da família, muitos mais vocacionados para o ensino mais prático, eu nem digo profissional, digo <u>prático!</u></p> <p>[...] Infelizmente, nós não conseguimos responder a uma questão que é que aqui ainda há muitos miúdos que abandonavam por interesse mesmo e que tinha a ver com a agricultura e com a atividade agrícola... desde a criação de animais, ao retirar cortiça [...]</p> <p>[...] os miúdos não têm grandes objetivos, eles até gostam da escola, só não gostam das aulas. (...) O que acontece é que eles estão por aqui até atingirem uma determinada idade, frequentam as aulas e por norma até escolhem o curso que há ou que acham mais fácil [...]</p> <p>[...] outra das questões que eu acho que é estrutural do interior do país e de Almodôvar exponencialmente, que tem a ver com uma questão que é o pouco valor que é dado à educação formal!</p> <p>[...] nos últimos 3 anos perdemos 4 pessoas (0.4). Claro que:: alguns naturalmente, porque as escolas fecharam, porque o número de alunos diminuiu ... Mas digamos assim é o fruto direto das novas medidas do governo, perdi cerca de 18 professores [...]</p> <p>O meu problema são as competências básicas... mais uma vez tenho que ter um determinado valor numérico de adultos para frequentar [...]</p> <p>Não há resposta neste momento da Tutela a todas as propostas feitas pelos CQEP's nacionais para agilizar. Os CQEP's são recentes, são de janeiro [...]</p> <p>As pessoas estão habituadas a não a pagar</p>
--	--	--

		para ter formação mas sim a serem pagas para estarem em formação. E tenho de ter resultados e para ter resultados tenho de ter horas de formação e para ter formação tenho de ter pessoas para ter pessoas... (0.4), acho que tá dito (risos).»
	Dimensão social	<p>«[...] temos aqui um grave problema... e quando digo grave tem a ver com a nossa rede viária, não física, mas a rede de transportes! A rede de transportes do interior tá construída no sentido de quem está na periferia poder ter transporte para o grande centro urbano, ou seja, nós temos um carro diário para Beja, para Castro Verde de manhã e no sentido contrário não existe [...]</p> <p>[...] os transportes públicos para os miúdos e ainda por cima à noite ainda é pior. Ou temos transporte próprio ou não temos acesso [...]</p> <p>[...] as vias de acesso são boas, transportes é que não há! Mas vamos considerar uma coisa: não é fácil uma pessoa de Mértola ou de Ourique vir cá diariamente no regime presencial [...]</p>
Potencialidades	Recursos de empregabilidade	<p>«[...] Somincor e de todas as empresas satélite que lá trabalham, e nós estamos a falar em 2500 ou 2700 trabalhadores ali, é de longe, do sul do país, tirando talvez a Autoeuropa, é o maior <u>empregador</u>!</p> <p>[...] vamos tentar com unidades de formação de curta duração (UFCD), que vamos ter... e nós temos neste momento já 6 empresas, com as quais temos estabelecido protocolos e tenho mais dois para analisar já ... em que nos poderão trazer UFCD's para o concelho, aqui para a escola naturalmente ... nós arranjamos (xxx) tanto o acordo é que eles trazem, dentro de um determinado catálogo e dentro de determinadas áreas [...]</p> <p>[...] nós não somos entidade empregadora mas, conseguimos dar pequenos focos de formação, que interessa aos nossos formadores locais ... mais uma vez, volto ao mesmo, eu tenho que zelar para que as pessoas tenham emprego aqui [...]</p>
	Recursos educativos/formativos (ao nível do território, escolas, empresas e instituições...)	<p>«[...] nós temos grandes condições materiais!</p> <p>[...]volto a falar nos nossos excelentes laboratórios de biologia, e de física e química[...]</p> <p>Nós, o abandono escolar aqui é praticamente zero! (...) DADOS, portanto,</p>

		<p>nós até ao 3º ciclo estamos a 0% e ao nível do secundário estamos abaixo dos 5%, portanto são valores melhores que os nacionais. Mas tem a ver com esta questão: Nós fomos buscar muita gente a casa!</p> <p>O curso de comércio vai ser exatamente a mesma coisa, é pá, nós aqui no comércio local com 1/2 pessoas, haverá alguma facilidade em colocar os miúdos a fazer estágio porque também não há quaisquer gastos para quem os recebe!</p> <p>Nós o que temos já neste momento é territórios definidos, portanto, concretamente os CQEP's estão, os NÃO instituto de emprego, estão em Beja, Almodôvar, Mértola, ou seja tá demasiado perto e é outros dos problemas, e o outro é a Rota do Guadiana e Serpa.</p> <p>[...] nós temos muitos alunos a cumprir a escolaridade obrigatória e a concluir o 12º ano.</p> <p>[...] perceberam que há uma série de pessoas, é pá, que querem terminar os seus cursos... é assim, nós temos autorização para o funcionamento em duas áreas: na área de científicos e na área de humanidades, a turma será mista, em regime presencial e não presencial, ou seja, a pessoa pode estudar em casa e vem cá ter determinado apoio e apresenta-se aos ((exames)).</p> <p>[...] o Centro de Novas Oportunidades teve um fator social muito importante, as pessoas habituaram-se a estar determinados dias, determinadas horas juntos para algo.»</p>
	<p>Dimensão política</p>	<p>«Neste momento o CQEP para nós tem ainda uma questão bastante interessante, nós temos estado a trabalhar com a Agência Nacional para a Qualificação (ANQ) e somos neste momento um dos poucos, só há dois, portanto desses cinco CQEP's só dois é que vão ter essa responsabilidade, onde nós vamos ajudar a agência nacional, somos representantes do Baixo Alentejo junto da comunidade intermunicipal [...]</p> <p>[...] representámos a agência nacional nas reuniões de rede para definir todos os cursos profissionais e oferta educativa e adultos nos vários concelhos do Baixo Alentejo na nossa esfera de ação.</p> <p>[...] a agência nacional publicou a::: um índice de empregabilidade e de interesse</p>

<p>Reconhecimento institucional (CQEP)</p>		<p>dos cursos, em que estava com 4 níveis, portanto::: onde o nível 0 é que não tem interesse nem a nível local nem a nível nacional e depois o interesse está graduado em 1,2,3, sendo 3 o maior no sentido de que há alguma falta, há a capacidade de empregabilidade e há a capacidade de formação.</p> <p>[...] somos o único destes 5 CQEP's do Baixo Alentejo que pode trabalhar com a deficiência, que é uma questão que foi de acordo com o mérito e com os resultados que tivemos com o CNO [...]</p> <p>Outra das curiosidades, e nós vamos ser uma das poucas escolas a oferecer isto (ensino recorrente por módulos capitalizáveis), apenas duas escolas do distrito, só nós e Beja!»</p>
	<p>Dimensão técnica</p>	<p>«[...] quase que todas as escolas neste momento oferecem cursos científicos e tem a ver com a questão da variedade saídas e com a variedade de empregabilidade, porque quanto mais saídas mais empregabilidade existe como é óbvio [...]</p> <p>[...] nós conseguimos ser das primeiras escolas do Baixo Alentejo a ter os CEF's, cursos de educação profissional [...]</p> <p>[...] hoje orgulho-me de dizer que tenho alunos eu passaram pelo CEF e pelos cursos profissionais e têm licenciatura e estão bem na vida.</p> <p>[...] nós ao nível dos adultos tivemos, sobretudo, uma das empresas a EPOS que foi nosso parceiro desde a 1ª hora e chegamos a ter cento e muitos adultos trabalhadores da empresa aqui e nós tivemos uma coisa que não é muito vulgar: a minha equipa do CNO começou a trabalhar por turnos! (...) Ou seja, se as pessoas saiam às 8 da manhã a formação era aqui às 9, se saiam às 2 da tarde a formação era às 3 mas se saiam às 8 a formação continuava (xxx) [...]</p> <p>[...] nós conseguimos ir buscar alguns desses adultos e através do CNO voltaram a frequentar essa oferta educativa e, digamos assim, fizeram as pazes com a escola [...]</p> <p>[...] temos um facto completamente paralelo, muito interessante, é que dos 800 ou 900 adultos que passaram pelo CNO, talvez 300 ou 350 fossem encarregados de educação de alunos nossos... e a verdade é que depois de frequentarem as novas</p>

		<p>oportunidades aumentou a participação dos encarregados de educação nas reuniões de pais e encarregados de educação (...) e estimularam os filhos [...]</p> <p>Nós conseguimos que o pessoal deixasse de ver a telenovela, mas claro... sabíamos que num dia de jogo de futebol os homens não iam aparecer, mudávamos a formação (xxx).</p> <p>Nós não trabalhamos com horário fixo eu julgo que o que nós conseguimos da população foi::: algum gosto pela formação [...]</p>
<p>Plano de Ação do CQEP</p>	<p>Atividade operacional</p>	<p>« Nós para 2014/2015 temos, por exemplo, a nível do secundário os cursos de prosseguimento de estudos, conseguimos pela 1ª vez oferecer mais cursos que todos os concelhos limítrofes, mais variedade [...]</p> <p>Nós temos que ter, para manter as escolas com o ensino secundário, temos que tentar oferecer pelo menos um curso de prosseguimento dos estudos e todos nós e a tutela assim o entende também, é que haja oportunidade de escolha! E a oportunidade de escolha neste momento está a ser entre 1 curso de prosseguimentos de estudos e 1 curso profissional...</p> <p>[...] qual é que tem sido a nossa preocupação? Tem sido exatamente em proporcionar um leque de cursos que permita que alguns deles possa ficar em Almodôvar e que quando alguns deles saírem de Almodôvar, e sei que vão sair, que lhes permita ter algum know how que lhes permita arranjar emprego.</p> <p>Nós tivemos turismo, já tivemos serviços jurídicos, já tivemos informática, já tivemos (xxx), temos 3 de ambiental rural, tivemos organização de eventos porque a organização de eventos porque apanhar todo o espetro de associações daqui [...]</p> <p>[...] “especializámos” na área mineira, com toda essa questão, especializámos também na parte de recuperação de toxicodependentes, tivemos um protocolo com uma associação de Castro Verde, temos também um protocolo e certificámos pessoas também ao nível das deficiências com a CERCICOA [...]</p> <p>[...] Aljustrel é que vai ter CQEP. Mas o que vai acontecer é que eles têm dupla certificação: profissional e escolar, aqui na</p>

	<p>escola é só escolar, nós não arriscamos o profissional.</p> <p>[...] nós temos uma franja (0.2) que podemos atingir e que não sabe que tem necessidade de formação e como tal temos que criar essa necessidade.»</p>
Articulação institucional e parcerias	<p>«[...] estou a tentar envolver as duas autarquias (Castro Verde e Almodôvar) [...]</p> <p>[...] ao nível do CQEP vamos manter estas parcerias todas, temos capacidade para elas [...]</p> <p>[...] há um incentivo que a escola não pode dar mas que as empresas formativas às vezes dão, que tem a ver com uma coisa muito simples::: ou uma bolsa de formação em valor financeiro, subsídio, etc. etc.... daí nós queremos ir protocolar com Centro de emprego, mas sobretudo com as empresas porque as empresas normalmente pagam para terminar a bolsa e eu prefiro ter...</p> <p>[...] a nível local:::, nós temos protocolo com quase todas as entidades empregadoras mais pequenas, as pequenas empresas ou empresários em nome individual [...]</p>
Estímulos à fixação de jovens; implementação de empresas; quebrar o desemprego; evitar o abandono escolar, etc.	<p>«[...] tentar potenciar alguns dos nossos cursos e atrair alguns dos algarvios para aqui [...]</p> <p>[...] aos não qualificados vamos tentar dar mais qualificação, aos outros é tentar criar oportunidades para eles ficarem!</p> <p>[...] vamos tentar oferecer dentro da área da HCCP – higiene e segurança no trabalho – portanto, tentar chegar ao pé dos comerciantes, empresários, etc. etc., e oferecer-lhes um produto que eles necessitem ou que o mercado procure. Mas eu até quero antecipar-me ao mercado de procurar... Porque se o mercado vier à procura, de repente eu tanto posso ter 3 ou 4 operadores que não estejam a trabalhar com a escola.»</p>
Ações e projetos futuros	<p>«[...] Nós vamos oferecer, e você lembra-se, há 4 grandes núcleos científicos: a área dos científicos, a parte económica, a parte de línguas e a parte de artes. A parte de artes, ao nível do distrito de Beja só vai existir na capital de distrito e nós conseguimos autorização para abrir aqui todas as outras áreas pela 1ª vez nos últimos anos!</p> <p>[...] nós quanto aos curso profissionais</p>

		<p>temos tido alguma preocupação de, em reunião com os executivos, tentar que haja alguma noção de empregabilidade [...]</p> <p>Neste momento vamos lançar o técnico de comércio, que também é uma área que conseguimos pôr muita gente no mercado[...]</p> <p>[...] indo buscar o exemplo anterior da organização de eventos, (...) É assim, nós não vamos formar uma turma com capacidades de organizar o Optimus Alive como é evidente, a::: mas uma festa temática, um seminário, um campeonato desportivo, uma largada de pombos, um encontro de ranchos, portanto, é nessa base. Eles até podem não seguir essa área, mas se, e dado que há alguma tradição associativa por aqui, ao chegarem às associações julgaremos -- e isto com algum bocadinho de presunção -- que podemos mudar a médio prazo a maneira como as coisas são apresentadas.</p> <p>[...] o técnico de comércio estava exatamente no nível 3 e nós conseguimos convencer o pessoal a entrar por aí. Para esta geração de agora é o que podemos oferecer.</p> <p>[...] nós vamos ter para 2014/2015 duas turmas novas de educação e formação de adultos (EFA), a::: portanto nós ficámos com 60 adultos em espera, vamos conseguir colocar agora em formação cerca de 50 e conseguimos também que fosse autorizado o ensino recorrente por módulos capitalizáveis[...]</p> <p>Se tudo isto que nós temos para 14/15 se proporcionar nós não despedimos ninguém e se calhar vamos buscar mais 5, ou seja, volto a dizer a mesma coisa, nós estamos a trabalhar com 1 dígito, 5 licenciados a trabalhar mais aqui é muito bom:: se fossem locais melhor ainda.</p> <p>Portanto, eu julgo que vou ter cerca de 1200 horas de formação para 14/15 que é bastante bom, já para o próximo ano letivo.</p> <p>Eu gostava de um dia:: reduzir ao máximo possível os números do analfabetismo [...]]»</p>
<p>Identificação ao Projeto</p>	<p>Viabilidade e aplicabilidade</p> <p>Espaço único</p>	<p>«[...] Se calhar, se juntarmos a estrutura mental ao que já existe, a meu ver não será necessário esse espaço físico porque ele já existe em rede, só falta é ligar os pontos de rede.»</p> <p>«[...] Eu não vejo a absoluta necessidade</p>

		física de criar um espaço único. A::: acho que um edifício estrutural é possível de o montar... se ele precisa de estar num espaço físico mesmo, talvez não haja essa necessidade [...]
	Apoio ao projeto	«Há abertura para TUDO!»
Caraterização socioprofissional do entrevistado	Função	Membro da Direção do Agrupamento de Escolas de Almodôvar e Coordenador do CQEP Almodôvar
	Formação	Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Ingleses e Alemães; Pós graduação em Mestrado em curso em Administração Escolar

**GLOSSÁRIO DAS ENTREVISTAS (Flick, 2005)**

**RP: Ricardo da Palma** (entrevistador)

**E (1,2,3,4 e 5):** Entrevistados

**(xxx):** Incompreensão de palavras ou segmentos.

**(hipótese):** do que se ouviu

**MAIÚSCULA:** Entoação enfática

**...:** Qualquer pausa

**((minúscula)):** Comentário gestual

**-- --:** Comentários que quebram a sequência temática do discurso

**[:** Interrupção, sobreposição ou simultaneidade de vozes

**(...):** Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.

**hhh:** Inspirações/expirações audíveis de ar são transcritas como 'hhh' (o número de hs é proporcional à duração da inspiração/expiração)

**(0.2):** pausas em segundos

**A:::** - Sons prolongados: o prolongamento de sons é marcado com dois pontos, em número proporcional à duração do prolongamento.

**palavra sublinhada:** mostra ênfase ou destaque.